

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**FLÁVIO JOSÉ SOARES**

**HISTÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS ALUCINATÓRIAS DE POSIÇÕES  
SUBJETIVAS: INTERAÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE**

**MESTRADO EM LETRAS**

**MANAUS-AM  
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**FLÁVIO JOSÉ SOARES**

**HISTÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS ALUCINATÓRIAS DE POSIÇÕES  
SUBJETIVAS: INTERAÇÕES ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E PSICANÁLISE**

**MESTRADO EM LETRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, Área de Concentração Em Estudos da Linguagem, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza.

MANAUS-AM  
2021

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a)  
autor (a)

S676h Soares, Flávio José  
Histórias de vida e experiências alucinatórias de posições  
subjetivas : interações entre análise do discurso e psicanálise /  
Flávio José Soares . 2021  
198 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Sérgio Augusto Freire de Souza  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Análise do Discurso. 2. Psicanálise. 3. Sujeito. 4. Sonhos. I.  
Souza, Sérgio Augusto Freire de. II. Universidade Federal do  
Amazonas III. Título

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

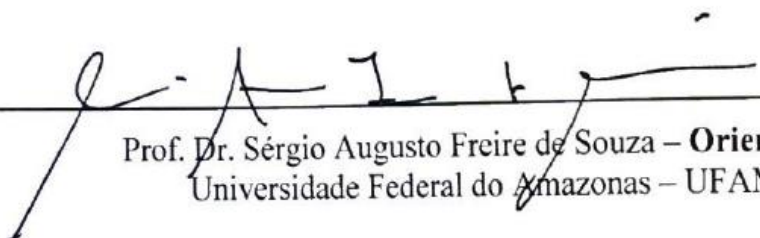
Universidade Federal do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Letras

**Flávio José Soares**

**“Histórias de vida e experiências alucinatórias de posições subjetivas: interações entre análise do discurso e psicanálise”**

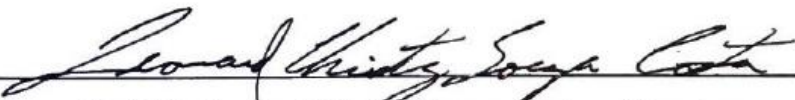
Aprovado em 23 de fevereiro de 2021

Banca examinadora:



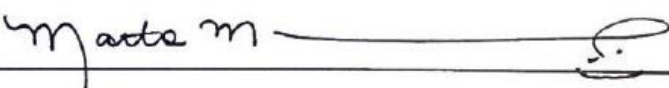
---

Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza – **Orientador**  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



---

Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa – **Membro**  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



---

Profa. Dra. Marta de Faria e Cunha Monteiro – **Membro**  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

## AGRADECIMENTOS

À minha família, fonte de amor, respeito, conflito e esperança.

Aos sujeitos que acreditaram nesta pesquisa e relataram suas histórias de vida e seus sonhos.

À Maria Mangabeira, amiga e gestora da Escola Estadual Professor Reinaldo Thompson, por não medir esforços para me ajudar neste processo de formação.

Ao Prof.º Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, pela maneira perspicaz, sutil e inteligente com que se relaciona com questões sérias inerentes a posição de orientador.

Ao Prof.º Dr. Leonard Christy Souza Costa, coordenador e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, por compartilhar seu discernimento acerca das relações de poder que permeiam as Universidades Brasileiras.

À Prof.ª Dr.ª Marta de Faria e Cunha Monteiro, que com a sua leitura atenta muito contribuiu para o resultado final desta dissertação.

À Francisca Paulina da Silva, gestora da Escola Estadual Padre Luis Ruas, pelo acolhimento e apoio à pesquisa que foi realizada neste colégio.

À Prof.ª Dr. Lídia Ferraz, coordenadora do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Amazonas, por autorizar que a geração dos fatos de linguagem ocorresse nas dependências do CSPA.

À Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas - SEDUC, pela licença que me foi concedida para realizar esta pesquisa.

*“A psicanálise me consola ante a desmedida do real,  
uma vez que,  
mesmo não sendo simbolizado,  
é apreendido pelos meus sonhos”*

## RESUMO

Essa pesquisa estabeleceu como objetivo geral compreender o discurso e a descrição dos sonhos durante o sono de posições subjetivas, isto é, esse trabalho analisa as histórias de vida e os relatos das experiências alucinatórias de dois estudantes do Ensino Médio. Esses estudantes são considerados a partir da noção de sujeito discursivo, um conceito que ocupa uma posição de entremeio entre a estabilidade do assujeitamento ideológico, que busca estabilizar sentidos (identidades) para o sujeito, de modo a mostrar que a pessoa é x no social, com seu nome próprio, sua classe socioeconômica, seu nível educacional, e a indefinição do sujeito psicanalítico, que é o sujeito do inconsciente – pulsional, dividido, representado por um significante que o representa para um outro significante –, ambos apreensíveis na estrutura da linguagem. Assim, essa dissertação se articula ao referencial teórico da Análise do Discurso materialista (ALTHUSSER, 1979; ORLANDI, 1999; 2003; 2004; MUSSALIN, 2001; MALDIDIER, 2003; MARIANI, 2003; 2012; NARZETTI, 2012; 2018; PÊCHEUX, 2012; 2014; 2014<sup>a</sup>; 2014b; 2014c; 2014d; 2014e; SOUZA, 2014; CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2018) e da Psicanálise (FREUD, 2010a; 2010b; 2010c; 2014a; 2014b; 2016; 2018; LACAN, 1998; 1999; 2008; ROUDINESCO, 1994; 1998, 1999; 2011; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017). Os procedimentos metodológicos baseiam-se no paradigma qualitativo (CHIZOTTI, 1991; OLIVEIRA, 2012) e na metodologia do estudo de caso (FONSECA, 2002; JORGE; FERREIRA, 2005; MONTEIRO, 2009). Os instrumentos de geração de fatos linguísticos foram a narrativa da história de vida e a tabela de descrição-interpretação dos sonhos. O contexto de realização da pesquisa foi a Escola Estadual Padre Luis Ruas. No que diz respeito aos resultados, por meio da análise da materialidade discursiva, observou-se que os estudantes se representaram com uma série de significantes que constituem e estabilizam as suas identidades. Além disso, os resultados apontaram os discursos ideológicos responsáveis pelo assujeitamento desses sujeitos, enquanto que as interpretações dos sonhos evidenciam certos aspectos de natureza inconsciente.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Psicanálise. Sujeito. Sonhos.

## ABSTRACT

This research established as a general objective to comprehend the speech and the description of dreams during sleep from subjective positions, so, this work analyzes the life stories and reports of the hallucinatory experiences of two high school students. These students are considered, based on the notion of a discursive subject, a concept that fills an in-between position with the stability of ideological subjection, which seeks to settle meanings (identities) for the subject, in order to show that the person is X in the social, with his own name, his socioeconomic class, his educational level, and the lack of definition of the psychoanalytic subject, who is the subject of the unconscious - pulsional, divided, represented by a signifier that represents him to another signifier -, both apprehensible in the structure of language. Thus, this dissertation is linked to the theoretical framework of materialist Discourse Analysis (ALTHUSSER, 1979; ORLANDI, 1999; 2003; 2004; MUSSALIN, 2001; MALDIDIER, 2003; MARIANI, 2003; 2012; NARZETTI, 2012; 2018; PÊCHEUX, 2012; 2014; 2014<sup>a</sup>; 2014<sup>b</sup>; 2014<sup>c</sup>; 2014<sup>d</sup>; 2014<sup>e</sup>; SOUZA, 2014; CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2018) and Psychoanalysis (FREUD, 2010a; 2010b; 2010c; 2014a; 2014b; 2016; 2018; LACAN, 1998; 1999; 2008; ROUDINESCO, 1994; 1998, 1999; 2011; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017). The Methodological procedures are based on the qualitative research paradigm (CHIZOTTI, 1991; OLIVEIRA, 2012) and the methodology reference chosen is the case study (FONSECA, 2002; JORGE; FERREIRA, 2005; MONTEIRO, 2009). The research instruments for generating linguistic facts were the life story narrative and the dream description-interpretation table. The context of the research was the Padre Luis Ruas State School. With regard to the results, by the analysis of the discursive materiality, it was observed that the students represented themselves with a series of signifiers that constitute and stabilize their identities. In addition, the results indicated the ideological discourses responsible for the subjection of these subjects, while the dream interpretations highlight particular aspects of an unconscious nature.

**Keywords:** Discourse analysis. Psychoanalysis. Subject. Dreams



## **LISTA DE SIGLAS**

CSPA - Centro Social de Psicologia Aplicada

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras

Projeto NURC - Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação

SFP - Sociedade Francesa de Psicanálise

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1</b> Representação do sistema psíquico freudiano.....	42
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA: A DÉCADA DE 60.....	16
1.1.1 Pêcheux: aluno de Althusser.....	17
1.1.2 O projeto pecheutiano: a ideologia.....	20
1.1.3 O Discurso.....	21
1.1.4 A Formação Discursiva: espaço de constituição do sentido (sujeito).....	24
1.1.5 O Sujeito: lugar da interação com a psicanálise.....	29
1.2 A PSICANÁLISE.....	36
1.2.1 Os sonhos: desejo, condensação e deslocamento.....	39
1.2.2 Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem.....	47
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>56</b>
2.1 ESCOLHA DA METODOLOGIA.....	56
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	58
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	59
2.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE FATOS DE LINGUAGEM.....	61
2.5 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE FATOS DE LINGUAGEM.....	62
2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE FATOS DE LINGUAGEM.....	64
<b>3 ANÁLISE DO FATOS DE LINGUAGEM.....</b>	<b>66</b>
3.1 OS SUJEITOS E SUAS POSIÇÕES-REPRESENTAÇÕES À ORDEM SIGNIFICANTE.....	66
3.2 OS DISCURSOS QUE CONSTITUEM E ATRAVESSAM ESSES SUJEITOS.....	72
3.3 A NATUREZA INCONSCIENTE DESSES SUJEITOS.....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA ESTADUAL PADRE LUIS RUAS.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL PADRE LUIS RUAS.....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE C - TCLE.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA DO CSPA.....</b>	<b>115</b>

<b>APÊNDICE E - RELATO DA HISTÓRIA DE VIDA (A1).....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE F - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A1a).....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE G - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A1b).....</b>	<b>158</b>
<b>APÊNDICE H - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A1c).....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE I - RELATO DA HISTÓRIA DE VIDA (A2).....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICE J - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A2a).....</b>	<b>195</b>
<b>APÊNDICE K - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A2b).....</b>	<b>196</b>
<b>APÊNDICE L - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A2c).....</b>	<b>197</b>
<b>ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO.....</b>	<b>198</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge a partir das interações estabelecidas entre a Análise do Discurso e a psicanálise, sobretudo no que diz respeito à noção de sujeito – um conceito que nasce com o advento da ciência moderna, após Descartes, por meio da dúvida metódica, isto é, da ideia de que “[...] ao duvidar de tudo, inclusive do fato de que estou duvidando, continuarei duvidando, e, assim, a única certeza que posso ter é a de que duvido” (ELIA, 2010, p. 12), determinar como princípio do seu pensamento filosófico a famosa proposição “*Cogito, ergo sum*”, a ser traduzida em português como “*Penso, logo sou*”.

A começar do “*Cogito, ergo sum*”, é instituído pela primeira vez na história da filosofia ocidental o discurso do saber que se volta para o próprio sujeito, um sujeito “positivo”, assimilado pela psicologia e pelas ciências sociais, que se caracteriza pela atividade científica, pelo uso da razão, por ser consciente e determinado por suas decisões (MUSSALIM, 2001; ORLANDI, 2004; ELIA, 2010; POSSENTI, 2011; HENRY, 2014).

Avessa a esta visão de sujeito “positivo”, a Análise do Discurso – desenvolvida na França desde a década de 60 por Michel Pêcheux, filósofo de formação e discípulo de Louis Althusser –, ao considerar os processos e as condições do dizer, ao recorrer à linguística, ao materialismo histórico e à teoria do próprio discurso, argumenta que o indivíduo se torna sujeito ao ser interpelado pela ideologia. Assim, para a Análise do Discurso o sujeito se constitui pela linguagem que, devido à sua relação necessária com a história, é ideológica. Além disso, esse sujeito é atravessado pelo inconsciente psicanalítico (ORLANDI, 1999; 2003; 2004; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; PÊCHEUX, 2014c).

A psicanálise, por sua vez, instituída por Sigmund Freud entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ao inaugurar um método particular de psicoterapia que, intrinsecamente, vinculado à fala, busca interpretar o inconsciente por meio da análise dos sonhos – do lapso, do ato falho, do chiste –, da associação livre de ideias e da compreensão dos principais mecanismos inerentes ao funcionamento dessa instância psíquica, como a condensação e o deslocamento – associados por Lacan à metáfora e à metonímia, a partir da noção de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem –, estabeleceu-se como um marco da cultura ocidental ao asseverar que o sujeito já não pode ser considerado o “senhor em sua própria casa” (LACAN, 1998; 1999; FREUD, 2010a; 2014a; 2014b).

Dessa forma, a partir do diálogo entre essas duas teorias, que criticam a tese do sujeito positivo (consciente), desenvolve-se a noção do sujeito discursivo, que se situa no liame entre

o sujeito da ideologia, pela noção de assujeitamento marxista-althusseriano, e o sujeito da psicanálise, pela noção de inconsciente, ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem (FERREIRA, 2010; MARIANI, 2012; PÊCHEUX, 2014c; 2014d. 2014e).

Por conseguinte, assente nessas questões-articulações, o pesquisador selecionou dois sujeitos que, justamente, relataram suas histórias de vida e as suas experiências alucinatórias<sup>1</sup>, em outras palavras, os sujeitos narraram a história do seu desenvolvimento, desde a primeira lembrança até o momento atual, e descreveram seus sonhos durante o sono (pensamento onírico) por uma semana.

Esses sujeitos são estudantes do Ensino Médio matriculados na escola Estadual Padre Luis Ruas. Localizada no bairro Zumbi dos Palmares, zona leste de Manaus. O colégio atende mais de 300 alunos no período noturno, sendo que, mais da metade dos estudantes matriculados, inclusive os participantes da pesquisa, encontram-se em distorção idade-série, ou seja, mais da metade dos discentes reprovaram ou abandonaram os estudos por dois anos ou mais. Ainda que o foco dessa pesquisa não seja a educação, e é importante que isso fique claro, o elevado número de sujeitos que se desligaram da escola em algum momento da vida é um fenômeno social que o pesquisador observa com perplexidade.

O Ensino Médio é a última etapa do processo de ensino-aprendizagem da educação básica no Brasil. Com cerca de 7,5 milhões de estudantes matriculados nessa etapa de ensino, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – 2018, espera-se que aos 17 anos o sujeito conclua seus estudos e seja capaz de exercer sua cidadania, de se adaptar ao mundo em que vive, de se desenvolver enquanto pessoa ética, livre, crítica e autônoma, além de se inserir no mundo do trabalho e de prosseguir com os estudos (BRASIL, 1996).

Contudo, desses 7,5 milhões de estudantes, um percentual de aproximadamente 28% não consegue concluir o Ensino Médio com 17 anos devido ao abandono e à evasão escolar. Muitos alunos que deixam de frequentar a escola, depois de certo tempo, retomam os estudos e passam a ser classificados e contabilizados como alunos em distorção idade-série.

De acordo com Silva Filho e Araújo (2017), que investigaram as possíveis causas para o expressivo número de alunos que abandonaram ou se evadiram da escola no Brasil, é impossível auferir uma definição precisa do problema, sobretudo devido à complexidade e à dinâmica inerente ao fenômeno em questão. Entretanto, os autores destacam que essa

---

<sup>1</sup> Os sonhos durante o sono são considerados uma “experiência alucinatória” não patológica (FREUD, 2014a; RIBEIRO, 2019).

adversidade escolar se perpetua no Brasil, seja em razão da falta de apoio familiar, do uso abusivo de drogas, das sucessivas reprovações, do envolvimento com a prostituição ou devido à organização da própria escola. O fato é que muitos alunos, que deveriam concluir a educação básica com 17 anos, afastam-se dos bancos escolares.

No Amazonas, conforme o Censo da Educação Básica de 2019 – divulgado pelo Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP –, a percentagem de alunos que não conseguem concluir o Ensino Médio com 17 anos é de 42%. Esses dados demonstram que de cada 100 estudantes matriculados na rede pública de ensino do Estado, 42 não conseguem terminar o Ensino Médio na idade apropriada. No caso específico de algumas escolas públicas da capital do Estado, a percentagem de alunos em distorção idade-série no Ensino Médio ultrapassa os 50% (INEP, 2020).

Daí a motivação, ou antes, a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa que, no intuito de se trabalhar com a Análise do Discurso e com a psicanálise, por meio da noção de sujeito discursivo, contou com a participação dos sujeitos do colégio Estadual Padre Luis Ruas. Esta unidade escolar foi escolhida por apresentar um índice de distorção idade-série no Ensino Médio do período noturno superior a 50%. Ademais, é oportuno evidenciar o vínculo e a facilidade de inserção do pesquisador nesta instituição<sup>2</sup> e o apoio e acolhimento ao projeto por parte da gestão escolar e dos estudantes.

Não obstante, cabe destacar que em 2018 o pesquisador concluiu seu segundo curso de nível superior, isto é, colou grau em Psicologia na Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Durante os anos de formação realizou um trabalho de iniciação científica sobre análise dos sonhos de adolescentes que lhe proporcionou uma melhor compreensão sobre os pressupostos da psicanálise, no que diz respeito aos processos inconscientes, e da Análise do Discurso, no tocante à interpretação. Além disso, uma vez registrado no Conselho Regional de Psicologia da 20ª região sob o número 8605, passou a praticar essa profissão em uma clínica particular.

Desta forma, essa pesquisa – *História de vida e experiências alucinatórias de posições subjetivas: interações entre análise do discurso e psicanálise* –, inserida no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL (Estudos da Linguagem), da UFAM, estabeleceu como objetivo principal: compreender o discurso e a descrição dos sonhos de posições subjetivas; e como objetivos específicos: identificar os discursos desses sujeitos por meio do relato de sua

---

<sup>2</sup> O pesquisador trabalha como docente de história no colégio Estadual Padre Luis Ruas.

história de vida; analisar a dinâmica psíquica inconsciente dos sujeitos mediante a narrativa dos sonhos.

Com o propósito de alcançar esses objetivos, as perguntas de pesquisa que o nortearam foram: a) quais os significantes que sustentam as posições-representações desses sujeitos? b) quais os discursos que constituem e atravessam esses sujeitos? c) o que a descrição-interpretação dos sonhos revela sobre a natureza inconsciente desses sujeitos?

Assim, esta dissertação, fundamentada na abordagem qualitativa e no método do estudo de caso (CHIZZOTTI, 1991; FONSECA, 2002; MONTEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2012), visa mobilizar e articular, como já referido, os pressupostos teóricos da Análise do Discurso<sup>3</sup> materialista (NARZETTI, 2018; 2012; ORLANDI, 2004; 2003; 1999; PÊCHEUX, 2014; 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2014e; 2012; SOUZA; 2014) e da psicanálise (FREUD, 2010a; 2010b; 2014a; 2014b; 2016; 2018; LACAN, 1998; 1999; 2008) para depreender a dinâmica subjetiva dos sujeitos que atenderam aos critérios casuísticos a aceitaram participar desta pesquisa.

Quanto à estrutura, esta dissertação tem três capítulos, cada um com suas subdivisões. No Capítulo 1 é discutida a fundamentação teórica, constituído por dois tópicos, o primeiro aborda o surgimento e os principais conceitos da Análise do Discurso, ao passo que o segundo discorre sobre a abordagem psicanalítica do sonho. O Capítulo 2 comporta os procedimentos metodológicos e está organizado em seis subcapítulos: escolha da metodologia, contexto da pesquisa, participantes da pesquisa, instrumentos de geração de fatos de linguagem<sup>4</sup>, procedimentos de geração de fatos de linguagem e procedimentos de análise de fatos de linguagem. No Capítulo 3 é apresentada a análise dos fatos de linguagem, ou seja, é a parte da dissertação na qual o *corpus* é interpretado. Seguem-se as considerações finais, as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

---

<sup>3</sup> A Análise do discurso é uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras/ PPGL.

<sup>4</sup> Optou-se pelo termo fato de linguagem, ao invés de dado, devido às observações de Orlandi (2004, p. 58) “[...] os dados não têm memória, são os fatos que nos condizem à memória linguística. Nos fatos temos a historicidade. Observar os fatos de linguagem vem a ser considerá-los em sua historicidade, enquanto eles representam um lugar de entrada na memória da linguagem, sua sistematicidade, seu modo de funcionamento. Em suma, olharmos o texto como fato, e não como um dado, é observarmos como ele, enquanto objeto simbólico, funciona”.



## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta os princípios da Análise do Discurso francesa e sua interação com a psicanálise, sobretudo no que concerne a noção de sujeito, a compreensão psicanalítica do sonho e as teses lacanianas sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem.

### 1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA: A DÉCADA DE 60

Elaborada na França por Michel Pêcheux a partir da década de 60, a Análise do Discurso materialista nasce, simbolicamente, com o lançamento do livro *Análise Automática do Discurso*, em 1969. Filósofo de formação e discípulo de Louis Althusser, Pêcheux insere-se no quadro de grandes intelectuais franceses, como Jacques Lacan, Michel Foucault, Roland Barthes, Jacques Derrida, etc., que afetados de alguma forma pela ciência da linguagem e pelo deslocamento antropológico efetuado por Claude Lévi-Strauss – que ao frequentar o curso sobre o “som e o sentido” de Roman Jakobson, depois de ter se exilado nos Estados Unidos devido ao avanço nazista em 1939, é profundamente influenciado pela linguística estrutural – buscam recriar, deslocar, ampliar, desconstruir, renovar o êxito estruturalista no campo das ciências humanas e sociais que nos anos 50 e 60 dominaram a *intelligentsia* francesa (DOSSE, 1993; HENRY, 2014; LÉVI-STRAUSS, 1983). Como argumenta Dosse:

[...] as razões desse êxito espetacular dependeram essencialmente do fato de que o estruturalismo apresentou-se como um método rigoroso que podia ocasionar esperanças a respeito de certos progressos decisivos no rumo da ciência; mas também, simultaneamente e de um modo mais fundamental, do fato de que o estruturalismo constituiu um momento particular da história do pensamento sucessível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica (DOSSE, 1993, p. 13).

O estruturalismo se desenvolveu a partir do corte epistemológico efetuado por Ferdinand Saussure, que ao longo dos três *Cursos de Linguística Geral* que ministrou na Universidade de Genebra, entre os anos de 1907 a 1911, dá início à chamada linguística moderna ao instituir como objeto único e verdadeiro da linguística a língua (SAUSSURE, 1975). Como explicam Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2017), para Saussure, a língua, separada da fala, coloca-se no primado de toda manifestação de linguagem, “[...] separa o social do individual; o sistemático, concreto e objetivo do acidental, abstrato e subjetivo; o essencial do secundário, a forma da substância” (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 15).

Na década de 60 a linguística é vista como uma espécie de “ciência continente” (NARZETTI, 2012), “vedete” (SAUSSURE, 1975), “ciência-piloto” (HENRY, 2014; MUSSALIM, 2001) que garante cientificidade às ciências humanas e sociais. Nessa conjuntura, conforme Narzetti (2012), observa-se um empreendimento de retorno – releitura – às obras de Marx, Freud, Nietzsche, além de novas abordagens acerca da epistemologia histórica empreendidas por Bachelard e Canguilhem que tomaram por base a epistemologia estrutural. A releitura das obras clássicas se pautou no confronto dos textos dos próprios autores entre si, procurando, dessa forma, se afastar das interpretações dogmáticas, dos desvios do texto original e se abrir para novas elaborações teóricas (HENRY, 2014; NARZETTI, 2012).

No que diz respeito ao retorno à obra de Marx, a partir de Louis Althusser, como sugere Henry (2014, p. 31-32):

[...] esta releitura de Marx foi conduzida de acordo com um método que Althusser definiu como sendo uma “leitura de sintomas”; isto é, uma leitura centralizada sobre as descontinuidades, os saltos, os pontos de embaraço, as reformulações que aparecem nos textos de Marx.

Essa releitura atenta propiciou a renovação do marxismo no início dos anos 60 dentro da Escola Normal Superior de Paris, por ocasião dos seminários sobre o jovem Marx que tinha como ouvinte, entre outros, Michel Pêcheux. O retorno à Marx efetuado por Althusser estimulou uma geração de jovens intelectuais a repensar a cientificidade do materialismo histórico, além disso, afastou o marxismo de sua rápida decomposição, livrando-o de uma concepção dogmática, economicista e mecânica, herdada de uma interpretação “oficial” pós-stalinista (DOSSE, 1993).

### **1.1.1 Pêcheux: aluno de Althusser**

Althusser lecionou por mais de 30 anos na Escola Normal Superior de Paris até ter um surto psicótico e estrangular, em 1980, sua esposa Hélène e ser internado em uma clínica nos arredores parisienses. Pêcheux foi aluno de Althusser e fortemente influenciado pelo mestre em seu desenvolvimento intelectual (NARZETTI, 2012; DOSSE, 1993).

Para Althusser (1979) o materialismo histórico, a exemplo da linguística estrutural, deve ser considerado uma “ciência continente” que busca analisar os modos de produção. Conforme o seu pensamento, corroborado por Eagleton (1999), Marx elaborou esta teoria

dinâmica do processo histórico para compreender como os modos de produção, tribal, antigo, feudal e capitalista, definidos a partir da junção histórica entre as forças de produção e as relações de produção, se confrontaram e se sucederam através do tempo.

Como destaca Narzetti (2012, p. 39):

[...] o MH [Materialismo histórico] tem por objeto ‘os modos de produção que surgiram e que surgirão na história. Estuda a sua estrutura, a sua constituição e as formas de transição de um modo de produção para outro’. Um modo de produção se caracteriza por ser uma totalidade orgânica, constituída de um conjunto de três instâncias – 1. a infraestrutura orgânica; 2. a superestrutura jurídico-política; 3. a superestrutura ideológica. [...] Althusser caracteriza a superestrutura ideológica como uma instância composta de regiões, como a política, o direito, a arte, a religião, a filosofia.

O modo de produção, objeto do materialismo histórico, é interpretado como um todo orgânico interligado e dividido segundo níveis de importância na qual a ideologia figura como parte da superestrutura que recebeu pouca atenção nos escritos de Marx (NARZETTI, 2012). Althusser (1979) defende que Marx elaborou uma teoria da estrutura – base econômica – e deixou fragmentos sobre a superestrutura “[...] que comporta em si mesma dois níveis ou instâncias: o jurídico-político (o direito e o Estado) e a ideologia (as diferentes ideologias, religiosas, moral, jurídica, políticas, etc.)” (ALTHUSSER, 1979, p. 26).

Essa lacuna, sobretudo no tocante à ideologia, será preenchida pelo eminente filósofo e seu grupo de estudos do qual Pêcheux fazia parte, cada um a seu modo, em suas respectivas obras.

Como defende Narzetti (2012), os primeiros estudos de Althusser acerca da ideologia buscam defini-la de forma geral ao apresentar suas principais características. Vista como uma das instâncias da formação social, conforme a metáfora do edifício, a ideologia tem a função de manter a divisão das sociedades em classes e garantir a reprodução dos meios de produção e das forças produtivas (ALTHUSSER, 1979; 1996). Ademais, a ideologia possui uma base material constituída por regiões que surgem e desaparecem em momentos distintos da história, é formada por diferentes graus de formalização e representa o mundo de forma imaginária conforme as tendências da classe dominante (NARZETTI, 2012).

A classe dominante, como demonstra Althusser (1979; 1996) em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, para assegurar a reprodução das relações de produção vigentes em uma determinada sociedade, para manter a maioria dos seres humanos ajustados a exercer o papel de explorado e se manter no poder, assume o controle das instituições sociais. Dessa

forma, o Estado, a escola, a religião, a família, o sindicato, os meios de comunicação de massa que constituem os “AIE - Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1979; 1996), em conjunto com os “ARE - Aparelhos repressivos de Estado” – polícias, forças armadas, tribunais, prisões – são utilizados para apagar/reprimir as contradições da luta de classes e disseminar/manter as ideias sobre a normalidade do “status quo” da vida em sociedade.

Por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado e dos Aparelhos Repressivos de Estado a classe dominante assegura a reprodução das relações de produção que, na sociedade capitalista, são relações de exploração (ALTHUSSER, 1996). Segundo o autor,

[...] todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam quais forem, contribuem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações capitalistas de exploração. Cada qual contribui para esse resultado único da maneira que lhe é própria. O aparelho político, submetendo os indivíduos à ideologia política do Estado, à ideologia democrática indireta [...] O aparelho da informação, empanturrando cada cidadão com doses diárias de nacionalismo, [...] liberalismo, moralismo etc., através da imprensa, do rádio e da televisão. O mesmo se aplica ao aparelho cultural [...] O aparelho religioso, relembando em seus sermões, e nas outras grandes cerimônias do Nascimento, Casamento e Morte, que o homem são apenas cinzas, a menos que ame seu próximo a ponto de dar a outra face a quem quer que bata primeiro [...] (ALTHUSSER, 1996, p. 121).

Os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam sobretudo por meio da ideologia que se materializa nos gestos e nos discursos, a partir dos rituais religiosos, dos currículos escolares, das notícias veiculadas pela imprensa, ou ainda, pela própria ideia e organização da família. A ideologia “[...] representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1979, p. 77) ao naturalizar uma visão ilusória acerca do “real”. Além disso, a ideologia assegura a dominação da classe dominante sobre a classe dominada e determina, interpela, assujeita indivíduos em sujeitos – essa noção de sujeito será discutida em outra seção desse trabalho – que devem exercer o papel que lhe cabe, conforme sua posição na sociedade capitalista de classes.

De acordo com Henry (2014), Narzetti (2012) e Souza (2014), Pêcheux, influenciado pela teoria de Althusser (1979; 1996) quanto a função da ideologia nas sociedades divididas em classes, buscará compreender, através da Análise do Discurso, como se dá a relação entre ideologia e linguagem, na medida em que “[...] Althusser não estava particularmente interessado pela linguagem, e é aí que chegamos ao âmago daquilo que têm de ver com Pêcheux: as relações entre linguagem e ideologia [...]” (HENRY, 2014, p. 35-36).

### 1.1.2 O projeto pecheutiano: a ideologia

Como apresentado acima, o projeto pecheutiano – a Análise de Discurso (AD) materialista francesa – se desenvolve, sobretudo, a partir da influência do estruturalismo linguístico e dos estudos de Althusser sobre a ideologia, durante a década de 60 na França. Além disso, como sugere Mussalim (2001, p.106) existe “[...] ainda um outro elemento [que] compõe o quadro epistemológico do surgimento da AD: a psicanálise lacaniana”.

A Análise do Discurso é considerada um campo do saber que se constitui no entremeio, uma área do saber que “[...] se faz na contradição da relação entre as outras” (ORLANDI, 2004, p. 23), isto é, uma teoria que ocupa um lugar na contradição das disciplinas estabelecidas como a linguística e as ciências sociais. Como esclarece Orlandi na introdução que faz ao livro de Pêcheux (2012, p. 8):

[...] a Análise de Discurso — quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura — se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade específica do discurso.

Como se observa, a partir dessa proposição, ao se colocar nesse lugar de entremeio, a Análise do Discurso almeja poder observar o discurso, ou seja, a relação entre a língua e a ideologia.

Nesse sentido, a língua, que desde Saussure (1916) era vista como um objeto ideal, uma estrutura sistêmica, abstrata, etc., sofre um deslocamento e passa a ser concebida pela Análise do Discurso enquanto prática social, com a sua materialidade inserida na história, repleta de valores e conceitos (SOUZA, 2014).

Dessa forma, a língua para a Análise do Discurso não é neutra, transparente e portadora de sentido em si, pelo contrário, ela se inscreve no processo histórico-ideológico para poder significar, constitui-se através do equívoco, da elipse, da falta (PÊCHEUX, 2012), sendo o sentido, conforme Possenti (2011, p. 360), “[...] da ordem das formações discursivas (FD), que [...] materializam formações ideológicas, que, por sua vez, são da ordem da história”.

No que se refere à noção de ideologia, ela não é ocultação ou ilusão da realidade, antes, é efeito de evidência e de estabilidade, condição necessária para a constituição dos

sentidos e do sujeito. Um dos pontos fortes da Análise do Discurso, conforme propõe Orlandi (2003; 2004), a ideologia é ressignificada a partir da linguagem. De acordo com a autora:

[...] a ideologia [...] não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” as coisas. Por outro lado, [...] é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (ORLANDI, 2003, p. 48).

A citação acima define discursivamente a ideologia, ou seja, busca mostrar que para a Análise do Discurso o sujeito e o sentido se constituem na relação necessária da língua com a história. Além disso, como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem-pensamento-mundo, é função da ideologia, através dos efeitos do imaginário, fazer com que as palavras “colem as coisas”, produzindo o efeito de evidência no qual se tem a ilusão de que a língua, o sentido e o sujeito são transparentes.

A partir desses deslocamentos operados pela Análise do Discurso acerca da língua e da ideologia, que buscam refletir “[...] sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua (ORLANDI, 2003, p. 16), desenvolve-se o conceito de discurso, ou seja, segundo Orlandi (2003, p. 17) a AD compreende que “[...] a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. Em outros termos, a linguagem materializa a ideologia e a ideologia materializa o discurso através da língua.

### **1.1.3 O Discurso**

A noção de discurso está presente na história ocidental desde a época da filosofia clássica. Constituído através do encadeamento de razões, o conhecimento discursivo estava

bastante próximo ao do *logos* grego, que se opunha ao conhecimento intuitivo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018, p. 168). Etimologicamente, como destaca Orlandi (2003, p. 15), a palavra discurso “[...] tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Na França, desde o final da década de 60 e nos anos subsequentes, época do desenvolvimento teórico da Análise do Discurso, o termo discurso parece ter estado na moda (PLON, 2012). Althusser escreve em 1966 “*Três notas sobre a teoria do discurso*”; em 1967 André Glucksmann publica seu ensaio filosófico “*O discurso da guerra*”; Lacan, em 1969, introduz e desenvolve a teoria dos quatro discursos no seminário “*O avesso da psicanálise*”; ainda em 1969, Pêcheux defende e publica sua tese em psicologia social “Análise automática do discurso” (HENRY, 2014; NARZETTI, 2012); Foucault, em 22 de fevereiro de 1969, desenvolve sua própria noção de discurso na conferência denominada “*O que é um autor*” e, ao mesmo tempo, publica seu livro metodológico de Análise do Discurso “*A arqueologia do saber*” (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017; PLON, 2012; SOUZA, 2014).

No que diz respeito à acepção de discurso em Análise do Discurso, a qual essa pesquisa se filia, faz-se necessário analisar os mecanismos de funcionamento do discurso decorrentes da teoria desenvolvida por Foucault, na medida em que sua obra é vista como imprescindível para se compreender alguns dos conceitos básicos dessa disciplina (SOUZA, 2014). Assim, como discorre Souza (2014):

[...] para Foucault, discursos são práticas de pensamento. Nós não nascemos racistas, de esquerda, de direita, sexistas, progressistas, reacionários. Nós temos aprendido a pensar da forma que pensamos porque praticamos pensar de determinada forma durante nossa vida. Discursos nos habitam e falamos sempre atualizando seus sentidos já postos [...] (SOUZA, 2014, p. 5).

Essa tese demonstra que as práticas de pensamento que caracterizam os discursos, ou seja, o “[...] conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação [...]” (FOUCAULT, 1996 *apud* DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 76) são responsáveis pela elaboração de conceitos que devido a sua origem, acúmulo de comentários e autoridade passam a ser vistos como critérios de verdade que determinam certas formas de reflexão sobre a realidade.

Ademais, ao se pensar sobre a questão do discurso presente na episteme foucaultiana, é fulcral considerar que há uma “ordem do discurso” existente na sociedade que, por meio da interdição da palavra proibida, da segregação da loucura e da vontade de verdade, busca

controlar, selecionar e organizar a dialética histórica entre saber e verdade que tornou possível determinado conhecimento discursivo (COSTA, 2014; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017; FOULCALT, 2009).

Quanto à noção de discurso em Pêcheux (2014), deve ser visto, primeiramente, como um termo que atravessa toda a sua obra, “[...] o lugar teórico onde se intrincam literalmente todas as suas grandes questões sobre a língua, a história e o sujeito [...]” (MALDIDIER, 2003, p. 15). Objeto específico da Análise do Discurso materialista que aparece justamente no contato da língua com a ideologia (SOUZA, 2014), compreendido a partir da determinação histórica dos processos semânticos na produção de sentido (FUCHS; PÊCHEUX, 2014), ou ainda, “[...] objeto social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística (ORLANDI, 2004, p. 27), o discurso é a figura nodal da obra pecheutiana.

Assim, o discurso não deve ser confundido com a fala, enquanto realização da liberdade subjetiva em atos verbais que escapam a estrutura da língua, tampouco como uma parte do sistema da língua negligenciado pelos linguistas (FUCHS; PÊCHEUX, 2014). Uma das evidências da materialidade ideológica, o discurso, como parafraseado acima por Orlandi (2004), “[...] pode ser concebido como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística” (FUCHS; PÊCHEUX, 2014, p. 180).

Por conseguinte, considerado enquanto processo social, o discurso, embora também possa ser visto como uma sequência verbal de tamanho variável oral ou escrita, em geral superior a da frase (FUCHS; PÊCHEUX, 2014), deve ser compreendido a partir das condições de produção que o constitui em sua relação com o que lhe é exterior (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017; PLON, 2012). Como cita Michel Plon (2012):

[...] a noção de discurso em Pêcheux se especifica primeiramente por se apoiar na linguística [...] Ela se constrói, passo a passo, no dispositivo que ele elabora e no qual uma das dimensões chave é constituída pelo conceito de *condições de produção* que é uma maneira de introduzir a dimensão da exterioridade, a constituída pelos dados sócio-econômicos, porém mais sutilmente ainda pelos outros discursos suscetíveis de serem produzidos no contexto das mesmas condições de produção: em outras palavras, o discurso para Pêcheux, não é um texto, não é palavra de um sujeito, aqui entendido no sentido de indivíduo singular, mas uma produção presa nas contradições da língua e remetendo a lugares ou posições, a relações de lugar e de posição em uma formação social dada e, portanto, ao conjunto de discurso possíveis (PLON, 2012, p. 24)



Como expressa Plon (2012), a noção de discurso em Pêcheux se constitui através da materialidade linguística que, por sua vez, é ideológica, devido ao encontro necessário da língua com a história para a formação do sentido (ORLANDI, 2003). Além disso, o discurso é afetado pelas relações de lugar e posição na qual se reconhece o sujeito, relaciona-se com as condições de produção socioeconômicas e é “[...] necessariamente determinado por sua exterioridade, [ou seja], todo discurso remete a um outro discurso, presente nele pela sua ausência necessária [...]” (ORLANDI, 2004, p. 30).

Pêcheux (2012) ainda sustenta a tese fundamental de que todo discurso deve ser considerado a partir da relação entre estrutura e acontecimento (ORLANDI, 2004; SOUZA, 2014). Essa tese é importante em uma análise discursiva por instituir uma espécie de espaço indeterminado que visa conciliar os dois termos – estrutura e acontecimento – para que, justamente, o acontecimento não se perca na estrutura e continue causando efeitos de sentidos (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 121) que, essencialmente, para a Análise do Discurso, se constituem nas Formações Discursivas (FDs).

#### **1.1.4 A Formação Discursiva: espaço de constituição do sentido (sujeito)**

A noção de FD é bastante explorada no campo da Análise do Discurso. Desenvolvida por Foucault e reformulada por Pêcheux. No decurso de seu desenvolvimento teórico, esse conceito, embora controverso, é central/básico na Análise do Discurso materialista (ORLANDI, 2003; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018). Essa centralidade ocorre porque com o estudo da FD é possível “[...] articular uma série de outros conceitos da teoria (discurso, sentido, interdiscurso, ideologia), formando uma rede conceptual relativamente tenaz” (NARZETTI, 2018, p. 647).

Em “Arqueologia do saber” o conceito de FD foucaultiano se caracteriza por se afastar de unidades conceituais como a luta de classes, a ciência, a contradição e a ideologia (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018). Foucault (2004) busca compreender como um conjunto limitado de enunciados, a partir de certas condições de existência (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017) podem se associar e criar um sistema de regras que “[...] ao mesmo tempo, em termos de dispersão, de raridade, de unidade dividida” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018, p.241), revelam as FDs que constituem os discursos historicamente determinados.

Ao se apropriar do termo de FD desenvolvido por Foucault (2004), Pêcheux (2014) busca reformular esse conceito que aparece pela primeira vez em sua obra no limiar da década

de 70, por ocasião da publicação do artigo “Língua, linguagens, discurso” veiculado no jornal comunista *L’Humanité* (NARZETTI, 2018). Nessa reestruturação proposta por Pêcheux (2014), a noção de FD articula-se ao conceito de Formação Ideológica (FI), ou antes, a FD pertence à FI, tal qual essa concepção foi elaborada por Althusser (PÊCHEUX e FUCHS, 2014; SOUZA, 2014; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018). Como propõem Pêcheux e Fuchs (2014, p. 164):

[...] as formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado na forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes [...].

A partir dessa passagem, que é retomada em *Semântica e Discurso* (PÊCHEUX, 2014c, p. 147), compreende-se que as FIs se realizam no interior dos AIE – nas regiões da superestrutura ideológica como a política, a escola, a religião, etc. – a partir de complexas representações e atitudes que “[...] não são “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classe em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE; HENRY, PÊCHEUX, 2007, p. 26), além de comportar uma ou várias FDs e determinar-constituir os sentidos e os sujeitos. Dessa forma, as FIs expressam, por meio da linguagem, a materialidade da ideologia a partir das FDs “[...] em uma conjuntura sócio-histórica dada [que] determina o que se pode e deve ser dito [...]” (ORLANDI, 2003, p. 43).

Ao desenvolver o conceito de Formação Discursiva ao longo de sua obra, Pêcheux efetua uma série de modificações acerca desse termo que, como já mencionado, passa a ser um dispositivo teórico central para a Análise do Discurso materialista, ainda que, em função de um uso pouco restritivo e ao seu caráter mal definido, tenha se deparado com certos limites em seu percurso histórico (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018, p. 242; NARZETTI, 2018).

Essas modificações quanto ao conceito de Formação Discursiva em Pêcheux envolvem questões a respeito da ampliação, da retificação e do refinamento que essa noção

sofreu no decorrer do tempo ao passar a ser relacionada, por exemplo, com a ideia da interpelação dos indivíduos em sujeitos<sup>5</sup>. Como esclarece Narzetti (2018):

[...] a ampliação do conceito se dá quando Pêcheux relaciona a FD não somente à constituição do sentido, mas também à interpelação dos indivíduos em sujeitos e à constituição do sujeito do discurso, a partir de uma articulação com o conceito althusseriano de Aparelhos ideológicos de Estado. A retificação e o refinamento, por sua vez, fazem-se simultaneamente, quando Pêcheux propõe que, na verdade, a FD não seria homogênea, mas heterogênea (NARZETTI, 2018, p. 653).

Observa-se, a partir da citação acima, que no início da formulação do conceito de FD, Pêcheux enfatiza sua relação com a constituição do sentido, uma vez que a Análise do Discurso busca compreender como objetos simbólicos – enunciado, texto, charge, pintura, filme – produzem efeitos de sentido, justamente, a partir das FDs no qual estão inseridos (MUSSALIM, 2001; ORLANDI, 2003). Como lembram Charaudeau e Maingueneau (2018, p. 179) no verbete sobre o “efeito de sentido”, uma coisa é o sentido atribuído às unidades mínimas de significação – morfema –, outra coisa são os efeitos de sentido ligados ao discurso que podem assumir inúmeros significados em função do contexto no qual se inscreve.

Dessa forma, o sentido para a Análise do Discurso não é evidente, transparente, neutro e universal, antes, o sentido é ideológico devido a sua natureza sócio-histórica, articula-se com a ausência, com o não sentido e é atravessado por tendências de classes no interior de certa FD (ORLANDI, 2003; 2004; POSSENTI, 2011; NARZETTI, 2018). Daí a compreensão, de acordo com Orlandi (2003), de que as palavras não têm um sentido em si:

[...] as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dissemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele [...] (ORLANDI, 2003, p. 43).

---

<sup>5</sup> A questão da interpelação do indivíduo em sujeito será discutida na próxima seção desse trabalho.

Depreende-se que o sentido não se encontra na essência das palavras. Tudo que o sujeito pronuncia possui um caráter ideológico que se relaciona com outros elementos ideológicos, ou seja, as palavras têm história, falam com outras palavras ao estabelecer uma relação entre os dizeres, entre o “já dito”, entre aquilo que forma uma FD em conexão com outra FD. Além disso, as palavras mudam de sentido conforme as posições de quem as emprega, isto é, uma mesma palavra pode significar de forma diferente ao passar de uma Formação Discursiva para outra (MUSSALIM, 2001; ORLANDI, 2003; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; SOUZA, 2014; NARZETTI, 2018).

Não obstante, há de se considerar os modos de funcionamento pelos quais o sentido se desloca e indica a possibilidade de ser outro, uma vez que a Análise do Discurso enfatiza, no que concerne à constituição do sentido, a ideia de que palavras ou expressões mais ou menos equivalentes podem ser substituídas por outras. Esses “modos de funcionamento” que viabilizam a apreensão de objetos no mundo segundo uma visão entre outras, atuam por meio do processo metafórico e da noção de paráfrase (ORLANDI, 2003; 2004; POSSENTI, 2011; NARZETTI, 2018).

Para a Análise do Discurso, o processo metafórico envolve o entendimento de que certos termos, sejam eles  $x$  e  $y$ , pertencentes a uma mesma classe de determinada língua possam ser, às vezes, “[...] substituídos um pelo outro sem mudar a interpretação do discurso” (PÊCHEUX, 2014a, p. 94). Segundo a exposição de Possenti (2011, p. 372):

[...] podemos dizer: Este matemático é  $x/y$ , bem como sua demonstração foi  $x/y$ . Ambos são os casos de substituição contextual. As palavras brilhante e notável podem ocorrer em ambos os contextos. Mas não se pode substituir um termo pelo outro em A luz do farol é brilhante. A luz do farol é notável quereria dizer outra coisa, se este fosse um enunciado possível. [...] por sua vez, [...] o caso em que  $x$  e  $y$  são intercambiáveis em qualquer contexto, o que é raro, já que, em princípio, todas as sinonímias são contextuais. Mais claramente: (efeito de) sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica (ou: o sentido de uma palavra é um conjunto de outras palavras que mantém com ela uma certa relação).

Nessa passagem, Possenti (2011) explicita o caráter contextual do processo metafórico em que uma substituição de  $x$  por  $y$  é possível. Ao usar as palavras “brilhante” e “notável” nas frases sobre o matemático, em sua demonstração, exemplo que o próprio Pêcheux (2014a) expõe na ADD, o autor assevera que o sentido nunca reside em uma palavra, mas se encontra na relação metafórica de uma “família de palavras” em que um vocábulo possa ser tomado por outro.

Conforme Pêcheux (1975) *apud* Orlandi (2003):

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. [...] o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2003, p. 44).

Essa proposição corrobora a ideia de que o sentido se constitui nas FDs por meio de substituições/relações metafóricas que se realizam, por exemplo, através do processo parafrástico que é visto como a matriz do sentido pela Análise do Discurso. Como expressam Pêcheux e Fuchs (2014, p. 169), “[...] a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a matriz do sentido”.

O processo parafrástico equivale à substituição de sintagmas de um enunciado e/ou na mudança de sua estrutura sintática (NARZETTI, 2018), sustenta que no campo do dizível sempre existe algo que se mantém, que representa um tipo de retorno aos mesmos espaços do dizer (ORLANDI, 2003). Além de poder ser visto como uma espécie de jogo onde certas explicações de sentido de um discurso se prestam a elucidar sequências anteriores (FUCHS, 1983, p. 134 *apud* POSSENTI, 2011, p. 374).

A essas características que foram discutidas até aqui quanto às transformações do conceito de FD e a formação do sentido – melhor dizendo, a concepção de que os sentidos para a Análise do Discurso não se encontram nas palavras, mas se constituem nas FDs em conexão com outras FDs, a partir de certa posição, através das substituições metafóricas e das relações entre famílias parafrásticas – soma-se o conceito de interdiscurso.

A noção de interdiscurso é introduzida por Pêcheux (2014b) no decorrer da década de 70 para designar que:

[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente invadida por elementos que vem de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos) (PÊCHEUX, 2014b, p. 310).

Com essa noção reelaborada por Pêcheux (2014b), o conceito de FD sofre uma espécie de retificação/refinamento (NARZETTI, 2018), na medida em que passa da concepção

homogênea/fechada, que marcou os primeiros projetos da AD, para a concepção heterogênea/aberta, que concebe as FDs a partir de fronteiras fluídas, atravessadas pela contradição, por relações que podem ser de aliança, subordinação, dominação e em constante associação com outros discursos lhe são externos e anteriores (MUSSALIN, 2001; ORLANDI, 2003; 2004; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018).

Na visão de Orlandi (2003), o interdiscurso é a memória do dizer, um “já dito” precedente e exterior à existência de qualquer enunciação, dotado de uma objetividade material contraditória, objetividade material essa que, “[...] como diz Pêcheux (1988), reside no fato de que algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (ORLANDI, 2003 p. 39). Por isso que a atribuição de sentido a palavras se dá no interior de uma FD que, por sua parte, se desenvolve no interior do interdiscurso, em função dos sentidos de outras FDs (NARZETTI, 2018, p. 656).

Dessa forma, depreende-se que o termo FD, ao ser apropriado e reelaborado por Pêcheux ao longo da sua trajetória intelectual, sofreu uma série de transformações. Seja por estabelecer uma intrínseca relação com a constituição do sentido, seja por integrar o conceito de interdiscurso e passar da concepção de FD homogênea/fechada para a concepção de FD heterogênea/aberta, o fato é que a noção de FD é fundamental para a AD. Não obstante, há ainda um aspecto que diz respeito à sua ampliação que será discutido a partir desse ponto: a importância das FDs no processo de interpelação de indivíduos em sujeitos do discurso (MUSSALIN, 2001; ORLANDI, 2003; 2004; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018).

### **1.1.5 O Sujeito: lugar da interação com a psicanálise**

Assim como os conceitos de ideologia, discurso e FD, a noção de sujeito também atravessa a obra pecheutiana e marca o contato, o encontro, a tensa relação entre a AD e a psicanálise, entre a ideologia e o inconsciente (FERREIRA, 2010; GADET et al., 2014; MALDIDIER, 2003; MARIANI, 2012; MUSSALIN, 2001; ORLANDI, 1999; 2004).

A Análise do Discurso parte da noção de que o indivíduo se torna sujeito ao ser interpelado pela ideologia, e que esse sujeito é o sujeito do inconsciente. Logo, essa disciplina se contrapõe a uma certa visão de sujeito positivo. Presente na psicologia e nas ciências sociais, o sujeito positivo se caracteriza pelo exercício da ciência, pelo uso da razão e pela expressão da liberdade, além do que, por ser consciente e determinado por suas decisões, esse

sujeito não seria afetado pela ideologia e tampouco pelo inconsciente (MUSSALIM, 2001; ORLANDI; 2004; POSSENTI, 2011; HENRY, 2014).

Esse sujeito com o qual a Análise do Discurso busca se articular já aparece, por exemplo, no texto de 1975 “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva”, escrito em conjunto com a linguista Catherine Fuchs (2014). Nesse longo artigo publicado no número 37 da revista *Lagages* (MALDIDIER, 2003), Pêcheux (2014) argumenta que pretende fazer certas “[...] observações, interpretações, críticas ou mesmo deformações [...] visando eliminar certas ambiguidades, retificar certos erros, constatar certas dificuldades não resolvidas [...]” (PÊCHEUX; FULHS, 1975/2014, p. 159) acerca do seu projeto inicial de 1969 – Análise Automática do Discurso.

Logo no início do artigo, os autores anunciam, pela primeira vez, (MALDIDIER, 2003); o quadro epistemológico com o qual a AD se articula:

1. materialismo Histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975/2014, p. 160).

Observa-se que Pêcheux (2014) reafirma a ligação com Althusser (1996) no que diz respeito à teoria das ideologias; vincula-se à linguística através da sintaxe e da enunciação; evoca a própria teoria do discurso como a matriz do sentido; e busca explicar, com certa cautela, que essas áreas são atravessadas pela psicanálise. “[...] convém explicar ainda que essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975/2014, p. 160).

Essa alusão à psicanálise (PÊCHEUX e FUCHS, 2014) reverbera até os dias atuais, espécie de “mantra” que evidencia explicitamente o vínculo entre a AD e a psicanálise, não é raro encontrar essa citação nos livros dedicados à disciplina, como em Maldidier (2003, p. 38), Carvalho (2008, p. 45), Baldini (2012, p. 63), Mariani (2012, p. 53), Plon (2012, p. 24), Dunker, Paulon, Milán-Ramos (2017, p. 21).

Cabe ressaltar que a “natureza psicanalítica” ao qual Pêcheux (2014) se refere é a psicanálise lacaniana, justamente a que anuncia o sujeito sendo um efeito de linguagem a partir do discurso do Outro. Como expõe Gadet et al. (2014, p. 43), o sujeito para Lacan é aquele do inconsciente “[...] que não cessa de advir para se apagar enquanto resíduo remanescente, procede do lugar do simbólico, lugar do Outro, distinto do outro, o da relação

imaginária que diz respeito ao eu, o sujeito da psicologia [...]”. Em suma, o sujeito para Lacan (2008) é um significante.

Sob essas influências, ou seja, da noção ideológica de sujeito, tal como formulada por Althusser no famoso artigo publicado na França em 1970 – *os Aparelhos Ideológicos de Estado* – e da concepção de sujeito lacaniana, Pêcheux (2014) busca uma definição do sujeito discursivo, como asseveram, a título de exemplo, Orlandi (1999; 2003; 2004), Maldidier (2003, p. 49), Carvalho (2008, p. 80), Ferreira (2010, p. 4), Possenti (2011, p. 386), Souza (2014), Henry (2014, p. 31), Narzetti (2018, p. 655).

Essa articulação se desenvolve a partir do referido artigo de 1970, quando Althusser (1996) expõe sua tese de que o indivíduo se torna sujeito ao ser interpelado pela ideologia:

[...] dizemos que a categoria do sujeito é constitutiva de qualquer ideologia, mas, ao mesmo tempo e imediatamente, acrescentamos que a categoria do sujeito só é constitutiva de qualquer ideologia na medida em que toda ideologia tem a função (que a define) de “constituir” indivíduos concretos em sujeitos. É nesse jogo de dupla constituição que toda ideologia funciona [...] (ALTHUSSER, 1996, p. 132).

Essa proposição significa que uma função elementar da ideologia é interpelar indivíduos em sujeitos. Althusser (1996) ilustra esse processo com o exemplo do sujeito (com s minúsculo) assujeitado ao Sujeito (com S maiúsculo) se reportando ao modo de produção feudal. Nesse período a religião era a FI dominante responsável por interpelar os indivíduos em sujeitos que, por sua vez, deveriam ser cristãos, tementes a Deus e determinados a ocupar um “certo” lugar no mundo. Nesse caso Deus representa o Sujeito (com S maiúsculo) responsável por interpelar o indivíduo que se identifica com a FI que o circunscreve para se tornar sujeito (com s minúsculo) (ALTHUSSER, 1996).

Por vezes essa terminologia althusseriana do Sujeito (com S maiúsculo), representante da FI dominante em um dado momento histórico, responsável pela interpelação do indivíduo em sujeito (com s minúsculo) é associada ao Outro (com O maiúsculo) lacaniano (MALDIDIER, 2003; FERREIRA, 2010; PLON, 2012). O próprio Pêcheux (2014) ao considerar que o funcionamento da ideologia em geral é interpelar indivíduos em sujeitos, e que esse sujeito “[...] não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito [...]” (PÊCHEUX, 2014c, p. 149) emprega esses conceitos como equivalentes.

Esse termo lacaniano, o Outro (com O maiúsculo), é utilizado por Lacan, conforme Roudinesco e Plon (1998, p. 558), “[...] para designar um lugar simbólico — o significante à



lei, à linguagem, ao inconsciente, ou, ainda, a Deus — que determina o sujeito”, além disso, de acordo com Mariani (2012, p. 59), o Outro, longe de ser um sujeito, “[...] é um lugar, uma cadeia significante em que o sujeito pode ser representado de um significante para outro significante [...]”. Ou seja, o Outro (com O maiúsculo) é da ordem do simbólico, lugar da linguagem – embora não redutível a ela –, que determina e representa o sujeito à sua revelia.

Assim, para alguns autores há uma certa semelhança entre o “Sujeito” althusseriano e o “Outro” lacaniano, uma vez que as duas noções submetem o sujeito à linguagem, a algo externo e anterior que determina sua constituição identitária. Michel Plon (2012, p. 22), por exemplo, acredita que essas concepções são compatíveis, Maldidier (2003, p. 53) lembra que essa associação expressa “[...] a aproximação que o fascina [Pêcheux] entre o sujeito ideológico e o sujeito do inconsciente”, ao passo que Ferreira (2010, p. 10) alega que essa aproximação é problemática.

Todavia, não faz parte do escopo dessa dissertação aprofundar tais discussões. Primeiramente, cabe apresentar diferentes visões de autores reconhecidos sobre alguns pontos da interface entre a AD e a Psicanálise, local onde certos conceitos circulam e os contornos não são nítidos (FERREIRA, 2010, p. 4), uma relação complexa que incomoda os analistas do discurso (MARIANI, 2012, p. 61) ante ao enorme *impasse* deixado por Pêcheux (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 21) e que merece ter uma ou várias continuações (PLON, 2012, p. 28).

Voltando a questão do sujeito discursivo, Pêcheux (2014c) escreve na parte três de Semântica e Discurso: “[...] podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído em sujeito) [...]” (PÊCHEUX, 2014c, p. 150). Em outros termos, a FD – que expressa por meio da linguagem a materialidade da ideologia de determinada FI em uma conjuntura sócio-histórica dada – constitui ao mesmo tempo a transparência do sentido, conforme analisado na seção anterior desse trabalho, e a identificação do sujeito com a sua unidade imaginária, sendo esse imaginário lacaniano (ORLANDI, 1999; MALDIDIER, 2003; NARZETTI, 2018).

Por conseguinte, ao se constituir a partir da FD que o domina, o sujeito se ilude quanto à noção da transparência do sentido e da evidência de um sujeito autossuficiente. Esse processo ocorre através da associação da FD com a história, com o que vem antes, com a memória do dizer; ou seja, se materializa na relação estabelecida entre a FD e o interdiscurso (ORLANDI, 2004). De acordo com Maldidier (2003, p. 53):

[...] o próprio de toda formação discursiva é de dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material do interdiscurso. O interdiscurso [...] fornece a “cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações “percebidas-aceitas-sofridas. Ele determina o sujeito lhe impondo-dissimulando seu assujeitamento sob a aparência da autonomia.

Como se observa, a noção de interdiscurso é um conceito chave para a Análise do Discurso (MALDIDIER, 2003). Articulado à ideia de FD, é decisivo tanto para a evidência do sujeito, em sua representação simbólica, como para a transparência do sentido. Essas evidências, como demonstra Orlandi (2004, p. 89), implicam em um duplo efeito ilusório sobre o qual o sujeito constrói a noção “[...] de que ele é origem do dizer (e, logo, ele diz o que quer) e a da literalidade, ou seja, a de que há uma relação direta, termo-a-termo entre linguagem, pensamento e mundo (aquilo que ele diz só pode ser aquilo [...])”. Desse modo, por meio desses efeitos de evidência, apaga-se a filiação histórica na qual se inscreve todo ato do dizer e cria-se a ilusão da transparência da linguagem.

Cabe ressaltar que essa concepção do sujeito visto como a origem ou a causa de si, formulada inicialmente por Spinoza (MALDIDIER, 2003; HENRY, 2014), é discutida por Pêcheux (2014c) através do efeito Münchhausen, personagem ficcional “[...] que se eleva nos ares puxando-se pelos próprios cabelos [...]” (PÊCHEUX, 2014c, 144), para demonstrar justamente o efeito ideológico elementar da evidência do sujeito e do sentido.

Dessa forma, através do efeito de evidência à categoria de sujeito – bem como a transparência da linguagem – não apresenta nenhum questionamento quanto ao fato “[...] de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é um problema [...]” (ALTHUSSER, 1996, p. 132). A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história, de modo que, conforme Orlandi (1999, p. 11) “[...] não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua [...]”, de sorte que, a língua pode ser vista como um ponto comum que acolhe as nuances epistemológicas que compõem a Análise do Discurso.

Essas reflexões sobre as evidências subjetivas a respeito da constituição do sujeito e do sentido, que se encontra no cerne do pensamento pecheutiano, evoca mais uma analogia entre a ideologia e o inconsciente, na medida em que ambos os conceitos também se ligam materialmente à língua (ORLANDI, 1999; 2004; MUSSALIN, 2001; MALDIDIER, 2003; FERREIRA, 2010). Como esclarece Maldidier (2003, p. 50)

[...] ideologia e inconsciente tem a capacidade de dissimular sua própria existência no interior de seu funcionamento produzindo um efeito de evidências subjetivas. Tal analogia permite aproximar a evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) e o mecanismo de identificação-interpelação que paradoxalmente produz o assujeitamento mascarando-o.

Conforme a proposição acima, é possível observar que a articulação entre a ideologia e o inconsciente possui em comum o fato de ocultar sua forma de funcionamento ao produzir um conjunto de evidências que faz o sujeito passar ao largo da percepção de que ele já é sujeito, antes mesmo de sê-lo, o sujeito já-lá (MALDIDIER, 2003; ORLANDI, 2004; PÊCHEUX, 2014c).

Não obstante, no texto de 1978, *só há causa naquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, com o objetivo de realizar uma desconstrução disciplinada (MALDIDIER, 2003), Pêcheux (2014d) retoma a análise sobre a questão da interpelação do indivíduo em sujeito para evidenciar que esse assujeitamento está subordinado à falhas e, ao mesmo tempo, que a ideologia e o inconsciente são de ordens diferentes (MALDIDIER, 2003; FERREIRA, 2010; PÊCHEUX, 2014d).

Conforme Maldidier (2003, p. 69):

[...] no Semântica e Discurso, o sujeito funciona bem demais, só encontramos interpelações bem sucedidas, assujeitamentos realizados: “nada falha aí”. Acreditando cercar o sujeito, Michel Pêcheux apreendeu só o eu imaginário; ele, de algum modo, re-produziu a ilusão do “eu-sujeito-pleno”, não clivado. Assim, conclui ele, se encontrou contornado, com toda obstinação filosófica possível, o fato de que o non-sens do inconsciente, em que a interpelação encontra como se enganchar, nunca está inteiramente recoberto nem obturado pela evidência do sujeito-centro-sentido que é o seu produto.

Essa tese expõe que em Semântica e Discurso a interpelação do indivíduo em sujeito tem um êxito admirável, “bem sucedido”, onde nada falha. Para Maldidier (2003), Pêcheux (2014c), tencionando cercar o sujeito, só aludiu ao eu imaginário. Entretanto, evidencia o próprio Pêcheux (2014d, p. 277) em seu trabalho de retificação que “[...] apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como um *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas [...]”. Por isso, o sujeito passa a se mostrar, (a aparecer) na falha, no tropeço, na fenda, na ambiguidade; mais precisamente, a tese da interpelação ideológica permanece (MALDIDIER, 2003), mas não sem a contradição que aparece no sonho, no lapso, no ato falho e no chiste, categorias propriamente psicanalíticas

em sua relação com a linguagem que expressão traços de resistência e revolta frente à ideologia dominante (PÊCHEUX, 2014d; 2014e).

Assim, o sujeito discursivo, como explica Ferreira (2010), apresenta uma peculiaridade ao se constituir “perigosamente” entre o sujeito da ideologia e o sujeito da psicanálise.

[...] o sujeito do discurso vai, então, colocar-se estratégica e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem. Como se vê, a Análise do Discurso ao construir a categoria teórica do sujeito o faz, desde o início, pautando-se por uma singularidade que a torna muito peculiar. O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui (FERREIRA, 2010, p. 11)

Como se vê, a partir da asserção acima, é através da materialidade linguística que se pode pensar a conexão entre o sujeito interpelado ideologicamente e o sujeito do inconsciente, ambos constituídos pela linguagem – sem que um se sobreponha ao outro –, subsidiam o desenvolvimento teórico de Pêcheux (2014c; 2014d. 2014e) acerca do sujeito do discurso.

Ainda sobre essa questão, conforme Mariani (2012, p. 54-55):

[...] nem autônomo, nem origem, nem dono dos seus dizeres, para a Análise de Discurso, o sujeito é constituído pela linguagem, apreensível como posição na textualidade e se encontra sempre resvalando nos efeitos do discurso. Se, do lado do materialismo histórico, a partir de Althusser, Pêcheux articula a ilusão de autonomia do sujeito à submissão da interpelação ideológica que busca fixar (cristalizar, estabilizar) sentidos para o sujeito – “você é x no social, com seu nome, seus documentos, sua classe, seu nível educacional”, ou seja, “você significa x” –, do lado da psicanálise, é com a noção de sujeito dividido que a Análise do Discurso opera, ou seja, um sujeito cujas pegadas do inconsciente são apreensíveis na estrutura da linguagem, e subvertem esse “x” de uma significação ou identidade pretensamente estável.

Entende-se, conforme essa passagem, que Pêcheux (2014c; 2014d) parte da concepção de um sujeito supostamente estabilizado por conta do assujeitamento ideológico e, concomitantemente, atravessado pelo inconsciente, para propor uma noção de sujeito discursivo que ao ser interpelado pelas FDs se mostra, se revolta por meio da série analítica “sonho-lapso-ato falho-Witz” que, sobretudo devido ao retorno efetuado por Lacan – através

de Saussure – a Freud, expressam a forma do inconsciente estruturado como uma linguagem e o quanto este desenvolvimento teórico se entrelaça com a Análise do Discurso (DOSSE, 1993; ROUDINESCO, 1998; 2011; DUNKER; PAULON;; FERREIRA, 2010; MARIANI, 2012; HENRY, 2014; MILÁN-RAMOS, 2017).

Assim, com base no que foi discutido até aqui, sobretudo no tocante à constituição do sujeito, é possível compreender como uma frase escrita por Pêcheux (2014) entre parênteses, uma palavra em meio a tantas outras, um fragmento de texto à deriva, ou ainda, uma inclinação explícita à psicanálise presente em seus escritos reverbera e mobiliza muitos acadêmicos na atualidade a pensar sobre o inconcluso de sua obra. Porém, ao dar fim à própria vida em 1983 (DOSSE, 1993), Pêcheux não conseguiu desenvolver com profundidade essa questão transversa acerca da ligação entre a Análise do Discurso e a psicanálise (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 21). Desde então, não são poucos os autores que pretendem dar continuidade ao legado pecheutiano, como destacam Mariani, Romão e Medeiros (2012, p. 11), a seguir com a aposta “[...] feita por Pêcheux de que ideologia e inconsciente operam se ocultando e se deixa [deixando] afetar pela psicanálise, sobretudo nos desdobramentos que Lacan imprime a partir de Freud [...]”.

## 1.2 A PSICANÁLISE

O jovem Freud (2018), com a colaboração de Josef Breuer – médico vienense que se dedicava ao estudo e ao tratamento da histeria na Áustria mediante a hipnose (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981) –, deu início à sua “cura pela fala” por meio do famoso caso de Berta Pappenheim, que entrou para história da psicanálise com o nome de Anna O. (FREUD, 2016; ROUDINESCO, 1999). Como afirma o próprio Freud (2018) em seu “Resumo da Psicanálise” escrito em 1924:

[...] pela primeira vez, um enigmático caso de neurose foi inteiramente penetrado e todas as suas manifestações patológicas revelaram-se dotadas de sentido. Além do mais, era característica geral dos sintomas que eles haviam surgido em situações envolvendo um impulso para uma ação que não fora levado a efeito, mas suprimido por causa de outros motivos. No lugar dessas ações omitidas apareceram justamente os sintomas. Assim, quanto à etiologia dos sintomas histéricos éramos remetidos à vida emocional (afetividade) e ao jogo das forças psíquicas (dinamismo), e desde então esses dois aspectos nunca foram abandonados (FREUD, 2018, p. 203-204).

Os autores foram capazes de observar, ao analisar o caso de Anna O., que os sintomas histéricos se relacionavam com a vida afetiva da paciente, uma vez que estavam envolvidos em um jogo de forças psíquica entre a consciência e o inconsciente que, por sua vez, revelavam o fato do sintoma se desenvolver devido a um impulso à ação da ordem do egoísmo, da crueldade e do ato sexual proibido que fora reprimido. Essas noções sempre acompanharam a psicanálise (FREUD, 2016; 2018).

Assim, entende-se que a psicanálise, uma, dentre as três feridas narcísicas impostas à humanidade<sup>6</sup>, foi criada por Sigmund Freud no decorrer das primeiras décadas do século XX, após o médico “vienense” perceber que muitas doenças da época, especialmente as crises histéricas de suas pacientes, “[...] aquilo que fazia sofrerem as mulheres que ele atendia, e lhes fazia produzir sintomas inexplicáveis aos olhos dos médicos de seu tempo [...]”, como realça Maurano (2010, p. 13), ao invés de estarem ligadas à alguma lesão física, constituíam-se a partir de fenômenos psíquicos inconscientes, oriundos dos traumas da infância, das vivências de pavor, angústia, vergonha e, sobretudo, devido ao impulso sexual interditado (BRENNER, 1975; DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981; FREUD, 2016).

Investigar “aquilo que fazia sofrerem as mulheres” foi, para Freud, desde o princípio, sua busca racional-científica acerca do entendimento da loucura e da doença psíquica (ROUDINESCO, 1999). Com o intuito de superar a impotência da classe médica no tratamento de tais afecções (FREUD, 2018), o fundador da psicanálise estabeleceu um diálogo fecundo com outras áreas do saber e transformou o conjunto da sua obra em um dos marcos que o século XX deixou para a posteridade (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981). Para isso, de acordo com Roudinesco (1999, p. 18), essa disciplina:

[...] tomou emprestado da psiquiatria o modelo nosográfico, da psicoterapia o modelo de tratamento psíquico, da filosofia uma teoria do sujeito, e da antropologia uma concepção de cultura fundamentada na ideia de uma universalidade do gênero humano que respeita as diferenças.

Dessa forma, nota-se que a psicanálise se constitui por meio da confluência entre as quatro áreas do saber apresentadas acima, ou seja, a partir da descrição de quadros clínicos próprio da psiquiatria, das psicoterapias congêneres de sua época, sejam as de aspiração

---

<sup>6</sup> A esse respeito, Freud relata na Conferência Introdutória à Psicanálise, de 1916, que Copérnico, ao tirar a terra do centro do universo, foi o responsável pela primeira ferida narcísica imposta à humanidade; Darwin instituiu a segunda ao subtrair ao homem a pretensão de ser filho de Deus; a terceira coube à psicanálise, ao descobrir o inconsciente e tirar do homem o domínio sobre sua própria vontade.

científica como hidro, eletro, ou as de orientação moral que tinham por base a direção da consciência e a indicação de repouso em sanatórios, além de absorver uma noção de sujeito que advém da filosofia e valorizar a ideia de cultura antropológica fundamentada no respeito à alteridade.

Assim, a psicanálise, conforme expõem Laplanche e Pontalis (2001), representa:

[...] um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 384-385).

Essa proposição explicita que a psicanálise busca interpretar o inconsciente que se manifesta na palavra, nas ações, nos sonhos, etc., a partir da associação livre de ideias do próprio sujeito para trazer à consciência o material recalcado que incide sobre os sintomas patológicos. Cabe ressaltar que a associação livre, método introduzido por Freud (2018) após o seu descontentamento com a hipnose, em conjunto com a regra fundamental, ou seja, a orientação para o analisando comunicar ao psicanalista tudo que lhe ocorre na mente, inclusive os pensamentos incômodos, absurdos e imperfeitos, também tem o efeito de trazer à consciência o conteúdo esquecido (FREUD, 2018), responsável por certos sintomas que, na atualidade, adquiriram novas formas de expressão por meio do apeço exacerbado ao narcisismo, dos diferentes tipos de compulsão (EDLER, 2017) e da depressão (ROUDINESCO, 1999).

Por conseguinte, para Roudinesco e Plon (1998, p. 603), a psicanálise é um “[...] método particular de psicoterapia (ou tratamento pela fala) proveniente do processo catártico (catarse) de Josef Breuer e pautado na exploração do inconsciente [...]”. Assim, deduz-se que a psicanálise é um método de psicoterapia intrinsecamente vinculado à fala, via de expressão do inconsciente que, desde Lacan, passa a ser estruturado como uma linguagem (DOR, 1989; DOSSE, 1993; ROUDINESCO, 1999, 2011; DUNKER; PAULON; HENRY, 2014; MILÁN-RAMOS, 2017).

Esse interesse da psicanálise pelo inconsciente ocorre porque esta instância psíquica está presente na vida do sujeito desde o início da vida (FREUD, 2010a). Como defende Ribeiro (2019, p. 29), o inconsciente abriga:

[...] a totalidade dos pensamentos possíveis, fruto não apenas de todas as memórias adquiridas ao longo da vida, mas também de todas as suas recombinações possíveis. Foi esse oceano de representações mentais que Freud batizou de inconsciente, identificando o sonho como a via régia para acessá-lo.

Essa tese demonstra que o inconsciente é visto como o lugar onde reside a totalidade das nossas memórias, bem como todas as suas combinações possíveis, além disso, é no inconsciente que se situam os desejos mais íntimos do ser humano que, por razões culturais, na maioria das vezes, são reprimidos, negados, deslocados, racionalizados, sublimados e afastados da mente consciente do sujeito (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981). Uma forma privilegiada de se chegar ao seu conteúdo é através da análise dos sonhos, tal como Freud (2014a) esclareceu em sua *magnun opus*.

### 1.2.1 Os Sonhos: desejo, condensação e deslocamento

“A interpretação dos sonhos”, livro lançado no final de 1889 com a data alterada em seu frontispício para 1900, a pedido do próprio Freud, pelo editor Franz Deuticke, é considerado a obra inaugural da psicanálise (JORGE; FERREIRA, 2005; COSTA, 2006; FREUD, 2018; RIBEIRO, 2019). Nesse livro, ao analisar os próprios sonhos, Freud (2014a) elaborou um minucioso tratado a respeito das imagens oníricas que, passados mais de cem anos desde a sua primeira edição, continuam atuais (RIBEIRO, 2019), na medida em que o sonho ainda representa a fonte de conhecimento para o inconsciente (FREUD, 2014a; JORGE; FERREIRA, 2005).

Partindo da “literatura científica sobre os problemas do sonho<sup>7</sup>”, primeiro capítulo dentre os sete que compõem a obra, Freud (2014a) argumenta, em meio a uma série de questões discutidas pelo autor, que foram deixadas à parte do corpo desse trabalho, tendo em conta o objetivo expresso no subtítulo dessa seção, que os sonhos são constituídos de sentido e representam a realização de desejos inconscientes suscetíveis de interpretação. De acordo com o seu pensamento:

---

<sup>7</sup> Na edição de referência, o livro “A interpretação dos sonhos” é dividido em sete capítulos: I. A literatura científica sobre os problemas do sonho; II. O método de interpretação dos sonhos: a análise de uma amostra onírica; III. O sonho é uma realização de desejo; IV. A distorção onírica; V. O material e as fontes do sonho; VI. O trabalho do sonho; VII. Sobre a psicologia dos processos oníricos.



[...] o sonho não é comparado aos sons desarmônicos de um instrumento musical atingido pelo golpe de uma força externa em vez de ser tocado pela mão do instrumentista, ele não é desprovido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte de nosso patrimônio de representações durma enquanto outra começa a despertar. Ele é um fenômeno psíquico de plena validade – mais precisamente, uma realização de desejo, ele deve ser incluído na cadeia das ações psíquicas compreensíveis da vigília; ele foi construído por uma atividade intelectual altamente complexa (Freud, 2014a, p. 143).

É possível observar, a partir dessa proposição, que Freud (2014a) contesta a ideia de que os sonhos são absurdos e sem sentido, tampouco são provenientes de uma força externa, tal qual representado na antiguidade como um presságio dos Deuses sobre o destino do sonhador (COSTA, 2006; FREUD, 2014a; 2014b; RIBEIRO, 2019). Antes, os sonhos são fenômenos psíquicos de extrema complexidade, uma realização de desejo inconsciente do próprio sujeito que pode ser compreendido.

A propósito do sonho ser representado como um augúrio, é oportuno ressaltar a importância que os povos antigos atribuíam a esse fenômeno psíquico. Como destaca Ribeiro (2019), relatos de sonhos estão presentes em praticamente todas as culturas, seja no livro dos mortos egípcio, na epopeia de Gilgamesh, na *Ilíada* e na *Odisseia*, na Bíblia, no Corão, o fato é que os sonhos sempre foram muito valorizados na antiguidade e isso não passou despercebido por Freud (2014b), conforme a passagem abaixo:

[...] ao realizar suas conquistas, Alexandre, o Grande, levava em seu séquito os mais famosos intérpretes de sonhos. A cidade de Tiro, outrora ainda situada em uma ilha, opôs ao rei resistência tão violenta que ele chegou a pensar em desistir de sitiá-la. Então, uma noite, sonhou com um sátiro que dançava como em triunfo e, ao relatar esse sonho a seus intérpretes, foi informado de que ele anunciava sua vitória sobre a cidade. Ordenou, pois, o ataque e, assim, ocupou Tiro (FREUD, 2014b, p. 92).

Nota-se que Alexandre, o Grande, assim como os povos antigos em geral, valorizava sobremaneira seus sonhos. O conquistador macedônio, ao iniciar sua conquista sobre a importante cidade fenícia localizada na Ásia menor, mantinha por perto uma comitiva de influentes intérpretes, sobretudo porque à época os conteúdos oníricos representavam o canal de comunicação por meio do qual os Deuses transmitiam seus vaticínios sobre o futuro do sonhador (FREUD, 2014a).

Não obstante, o sonho, e a arte de sua interpretação, com o advento da modernidade, entrou em declínio, degenerou pouco a pouco em superstição e perdeu o grande papel que outrora desempenhou (FREUD, 2014b). Descartes (1998), por exemplo, mesmo tendo sonhos

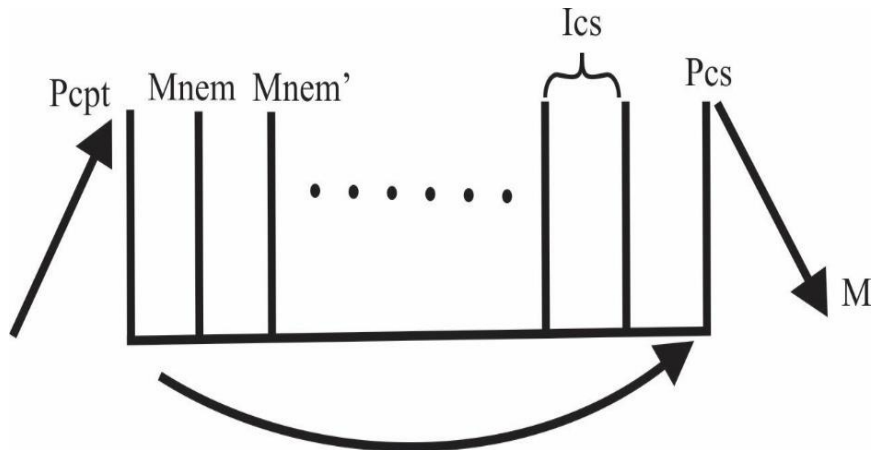
relevantes na juventude que o inspiraram no desenvolvimento teórico da geometria analítica e do método da dúvida sistemática, chegou a definir “[...] o sonho como mero estado de ilusão derivado das impressões da vigília” (DESCARTES, 1998 *apud* RIBEIRO, 2019, p. 81). No limiar do século XX, coube à psicanálise, e mais recentemente à neurociência, reinstaurar o sonho como um objeto científico importante para a compreensão da subjetividade humana (COSTA, 2006; FREUD, 2014a; 2014b; RIBEIRO, 2019).

Quanto à noção de que os sonhos são realizações de desejos inconscientes, é significativo depreender que o desejo para a psicanálise está vinculado ao desenvolvimento do próprio aparelho psíquico, ou seja, é algo mais complexo do que aparenta à primeira vista (COSTA, 2006; FREUD, 2014a). Nesse sentido, é importante analisar como ocorre esse processo, tal qual apresentado no capítulo VII da obra “A Interpretação dos sonhos” – Sobre a psicologia dos processos oníricos –, onde Freud (2014a) desenvolve sua primeira representação das instâncias psíquicas. Assim, para o autor:

[...] toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Assim, atribuímos ao aparelho uma extremidade sensível e uma motora; na extremidade sensível há um sistema que recebe as percepções e na extremidade motora há outro que abre as comportas da motilidade. Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva à extremidade motora [...] (FREUD, 2014a, p. 565).

Conforme essa tese, o aparelho psíquico se constitui por meio do processo reflexo, onde um estímulo (*Pcpt*) interno ou externo provoca, por exemplo, a motilidade (*M*). Entretanto, uma vez que os estímulos que provocam a excitação não conservam nenhuma memória, Freud (2014a) acrescenta, entre a extremidade perceptiva e a extremidade motora, os traços mnêmicos (*Mn*) responsáveis pelas associações, sendo que os traços mnêmicos que são mais significativos e fortes nos sujeitos vinculam-se às experiências da primeira infância que dificilmente se tornam conscientes, ou seja, são inconscientes (*Ics*). Freud (2014a) também insere o pré-consciente (*Pcs*), responsável pela censura e pela ligação entre o inconsciente e a consciência, como é possível observar no esquema representado abaixo (FREUD, 2014a, p. 569):

**Figura 1** - Representação do sistema psíquico freudiano



Fonte: Freud, (2014a).

Uma vez formulada essa primeira representação do aparelho psíquico, Freud (2014a) aduz que o ímpeto para a formação do sonho ocorre justamente no inconsciente, dado que essa instância psíquica não pode oferecer outra coisa que não seja um impulso à realização do desejo durante o sono (FREUD, 2014a). Retomando o que foi discutido no parágrafo anterior, o aparelho psíquico em um primeiro momento tendia a se livrar de tantos estímulos quanto fosse possível, dessa forma se caracterizou por ser um aparelho reflexo, ou seja, conseguia descarregar de imediato qualquer excitação sensível que o atingia de fora. Mas isso não foi suficiente, as grandes necessidades internas (corporais), que podem ser chamadas de “alteração interna” ou “expressão da emoção”, também exigiram uma elaboração por parte desse sistema através de uma vivência de satisfação (COSTA, 2006; DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981; FREUD, 2014a). De acordo Freud (2014a, p. 593),

[...] a criança faminta chorará ou se debaterá desamparadamente. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação proveniente da necessidade interna não corresponde a uma força que percute de maneira momentânea, mas a uma que atua de maneira contínua. Apenas pode ocorrer uma mudança quando, por uma via qualquer – no caso da criança por meio da assistência alheia –, se faz a experiência da *vivência de satisfação*, que elimina o estímulo interno.

Segundo essa proposição, ao eliminar um estímulo interno, no caso a fome, a criança experimenta uma *vivência de satisfação*. Essa vivência de satisfação, por sua vez, cria uma percepção, ou um signo (COSTA, 2006), cuja imagem mnêmica fica associada com a memória da excitação da necessidade. Quando essa excitação reaparece (interna-fome), graças à ligação estabelecida, há um investimento psíquico que busca reviver outra vez a imagem mnêmica da *vivência de satisfação*, isto é o que a psicanálise chama de desejo, e

restabelecer a situação dessa primeira experiência será a realização do desejo (FREUD, 2014a; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Como defende Costa (2006, p. 16):

[...] ao invés de uma predição do futuro, [Freud] refere o sonho a um retorno do desejo constituído na infância. Mas esse infantil que se atualiza não concerne a algo objetivo que tenha acontecido. O que se atualiza diz respeito a um signo representante de uma experiência de satisfação. Freud propõe que esse signo se constrói numa primeira experiência de satisfação do bebê, na qual uma vivência da falta promove a evocação do seio materno, produzindo-se uma satisfação alucinatória. Nesse sentido, o signo da satisfação alucinatória passa a valer pela própria experiência

Dessa forma, o desejo que se busca realizar é algo inalcançável, uma experiência de satisfação que advém da alucinação; logo, não tem correspondência com a realidade material, devendo permanecer indestrutível e irrealizável. Conforme esclarece Freud (2014a, p. 594), “[...] essa primeira atividade psíquica visa uma *identidade perceptiva*, isto é, a repetição daquela repetição que está ligada à satisfação da necessidade [...]”, caracterizando-se por representar um estado primitivo do aparelho psíquico, uma atividade primária<sup>8</sup>, onde o desejar termina num alucinar.

Não obstante, na medida em que a alucinação se mostra ineficaz, desenvolve-se outra instância psíquica – secundária –, que tem por objetivo deter a regressão completa à percepção mnêmica da vivência de satisfação, ou seja, a instância secundária do aparelho psíquico visa se relacionar com o mundo exterior e se afastar do signo que se constrói numa primeira experiência de satisfação do bebê (COSTA, 2006; FREUD; 2014a). Mas, no caso do sonho, por ser uma “força” que provém do inconsciente, conserva a característica da atividade primária, isto é, busca realizar o desejo pelo caminho mais curto e regressivo por meio da alucinação, sem se importar com a realidade. Por isso que Freud (2014a) enfatiza o fato de o sonho ser uma realização do desejo inconsciente.

[...] temos motivos suficientes para nos deter na apreciação do desejo como única força psíquica impulsora do sonho. Aceitamos a explicação de que o sonho sempre é uma realização de desejo por ser uma produção do sistema *Ics* [inconsciente], que não conhece outra meta para o seu trabalho a não ser a realização de desejo [...] (FREUD, 2014a, p. 596).

---

<sup>8</sup> No texto de 1911 “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, inserido no volume 10 da coleção da Editora Companhia das Letras (Sigmund Freud, obras completas em 20 volumes), Freud estabelece dois princípios, o princípio do prazer e o princípio de realidade.

Conforme a citação acima e a discussão desenvolvida até aqui, tendo em vista que o impulso necessário para que haja o sonho advém do desejo inconsciente, que por sua vez é inerente ao processo primário do aparelho psíquico que busca a reprodução alucinatória da *vivência de satisfação*, entende-se que o sonho representa a realização do desejo – embora Freud (2010b), com a publicação em 1920 do artigo “Além do princípio do prazer”, reavalie essa asserção em face da repetição de certos sonhos nos casos da neurose traumática (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; FREUD, 2010b).

No que diz respeito à forma, muitas vezes absurda, sem sentido e lacônica, como o sonho é representado, além da censura exercida pelo pré-consciente, que nessa primeira representação do aparelho psíquico é responsável por mediar o trânsito entre o inconsciente e a consciência, há de se considerar os mecanismos fundamentais pelo qual se realiza o “trabalho do sonho” (FREUD, 2014a), isto é, o modo essencial de funcionamento do próprio inconsciente (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981; ROUDINESCO; PLON, 1998; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Nesse sentido, a condensação e o deslocamento ganham destaque no capítulo VI do livro “A interpretação dos sonhos”, onde Freud (2014a), ao distinguir o conteúdo onírico manifesto, do pensamento onírico latente, busca demonstrar que o sonho em seu processo de constituição passa por transformações que precisam ser investigadas.

Assim, conforme apontam Laplanche e Pontalis (2001, p. 88),

[...] a condensação foi inicialmente descrita por Freud, em *A interpretação de sonhos (Die Traumdeutung, 1900)*, como um dos mecanismos fundamentais por que se realiza o “trabalho dos sonhos”. Ela pode se realizar por diferentes meios: um elemento (tema, pessoa, etc.) é conservado apenas porque está presente por diversas vezes em diferentes pensamentos do sonho (“ponto nodal”); diversos elementos podem ser reunidos numa unidade desarmônica (personagem compósita, por exemplo); ou, ainda, a condensação de diversas imagens pode chagar a atenuar os traços que não coincidem, para manter e reforçar apenas o ou os traços comuns.

Esse excerto demonstra que a condensação é um dos principais mecanismos de funcionamento do inconsciente, em especial do sonho (ROUDINESCO; PLON, 1998). Responsável pelo agrupamento de uma série de imagens – temas, pessoas, ideias – que se formam no inconsciente e aparecem representadas por um único elemento no sonho manifesto, a condensação, embora possa ser vista como um efeito da censura, também é uma forma de escapar dela e, por meio das associações, evidenciar o pensamento latente que a originou (FREUD, 2014a).

Ao analisar o sonho da monografia botânica, por exemplo, Freud (2014a) relata que escreveu “[...] uma monografia sobre uma espécie (indeterminada) de planta. O livro está diante de mim e folheio uma lâmina colorida dobrada [ele diz]. O exemplar é acompanhado por um espécime dessecado de planta” (FREUD, 2014a, p. 304). Após essa breve exposição, o autor demonstra o efeito da condensação no processo de constituição desse sonho, ao associar a “monografia botânica” ao trabalho que escreveu sobre a cocaína, ao laboratório universitário, ao seu amigo – o médico oftalmologista Dr. Königstein. Ademais, Freud (2014a) também demonstra que os termos isolados, isto é, botânica e monografia, também se inserem em uma cadeia particular de associações que se relacionam, cada qual, com uma série de outros temas, inclusive uma cena de infância onde Freud (2014a) teria começado sua relação com os livros. A partir da análise desse sonho, o autor esclarece:

[...] dessa primeira investigação, recebemos a impressão de que os elementos “monografia” e “botânica” foram acolhidos no conteúdo onírico por poderem produzir os mais abundantes contatos com a maioria dos pensamentos oníricos, ou seja, por representarem *pontos nodais* em que se reúnem muitos desses pensamentos; ou ainda, por serem *multívocos* com respeito à interpretação do sonho” (FREUD, 2014a, p. 306).

Essa tese explícita que esses termos, “monografia” e “botânica”, foram acolhidos pelo conteúdo onírico manifesto por serem capazes de representar uma gama de pensamentos oníricos latentes, isto é, uma espécie de ponto nodal capaz de agrupar muitas ideias inconscientes. Portanto, no trabalho do sonho, a condensação é responsável por reunir e concentrar pensamentos dispersos que ganham forma por meio das imagens que compõem o sonho (ROUDINESCO; PLON, 1998; FREUD, 2014a).

Não obstante, assim como a condensação, o termo deslocamento – presente na obra freudiana desde 1894, quando aparece num artigo destinado às neuropsicoses de defesa, bem como no texto “lembranças encobridoras” de 1899, no qual Freud discorre sobre a escolha de determinadas lembranças efetuadas pela memória em face das diversas experiências de vida – também é considerado um dos principais mecanismos de funcionamento do inconsciente (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981; ROUDINESCO; PLON, 1998).

Freud (2014a) diz que o deslocamento é responsável pelo processo que efetua a substituição de elementos importantes do pensamento onírico latente por outros de menor intensidade que assumem o seu lugar no conteúdo onírico manifesto, na medida em que “[...] aquilo que evidentemente é o conteúdo essencial dos pensamentos oníricos não precisa de forma alguma aparecer no sonho” (FREUD, 2014a, p. 328). Além disso, inteiramente ligado à

censura, o deslocamento almeja defender a parte consciente do aparelho psíquico de lembranças demasiada intensas que foram experimentadas, sobretudo na infância (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Assim, conforme defende Freud (2014a, p. 331):

[...] no trabalho do sonho se manifesta uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos dotados de alta valência psíquica de sua intensidade e, por outro lado, pela via da sobredeterminação, cria novas valências a partir de elementos de valência inferior, as quais entram então no conteúdo onírico. Se as coisas se passam dessa maneira, então ocorrem uma transferência e um deslocamento das intensidades psíquicas dos elementos particulares na formação do sonho, o que tem por consequência o surgimento da diferença de texto entre o conteúdo onírico e os pensamentos oníricos. O processo que dessa forma supomos é, decididamente, a parte essencial do trabalho do sonho: ele merece o nome de deslocamento onírico. O deslocamento onírico e a condensação onírica são os dois mestres de obras cuja atividade podemos atribuir essencialmente à configuração do sonho.

Dessa forma, o deslocamento pode ser visto como um processo psíquico inconsciente, desenvolvido por Freud (2014a), sobretudo no contexto da análise do sonho que, como destacam Roudinesco e Plon (1998, p. 148), “[...] por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto”. Na análise do sonho da monografia botânica, do sonho sáfico de seu paciente e no sonho dos besouros-de-maio, por exemplo, Freud (2014a) confirma essa tese ao demonstrar que esses elementos, aparentemente inofensivos e descontextualizados, remetem, respectivamente, a conflitos entre colegas, aos perigos das relações sexuais com pessoas de nível inferior e a ligação entre crueldade e sexualidade.

Por conseguinte, ao identificar a condensação e o deslocamento como elementos essenciais presentes na configuração do sonho, Freud (2014a) evidencia que o desejo inconsciente – o impulso necessário para que haja o sonho – presente no pensamento onírico latente apenas se apresenta no conteúdo manifesto de forma distorcida. Essa concepção acerca do trabalho do sonho será repensada por Jacques Lacan que, ao desenvolver sua teoria sobre o inconsciente, estruturado como uma linguagem, relacionou a condensação à metáfora e o deslocamento à metonímia (DOR, 1989; DOSSE, 1993; ROUDINESCO; PLON, 1998; JORGE; FERREIRA, 2005; COSTA, 2006; HENRY, 2014; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

### 1.2.2 Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem

Lacan morreu em Paris no dia 09 de setembro de 1981, após uma operação para retirar um tumor maligno na clínica Hartmann de Neuilly desencadear um quadro de infecção generalizada que lhe ocasionou dores insuportáveis. Na ocasião, Lacan teria lançado um olhar impetuoso ao médico que, com o consentimento da família, lhe aplicava uma dose letal de morfina e enunciado: “sou obstinado, eu desapareço” (ROUDINESCO, 1994; JORGE; FERREIRA, 2005).

Primogênito de uma tradicional família católica, Jacques-Marie-Émile Lacan nasceu em Paris no dia 13 de abril de 1901. Formado em clínica médica e psiquiatria, próximo do surrealismo, movimento artístico e literário que surgiu na segunda década do século XX, frequentador dos seminários de Alexandre Kojève sobre Hegel, (JORGE; FERREIRA, 2005; SAFATLE, 2007), um dos integrantes da problemática “tríplice aliança” (PÊCHEUX, 2014c), rebelde (DOSSE, 1993), pós-modernista, fenomenologista, hegeliano, heideggeriano, estruturalista e pós-estruturalista, Lacan teve a capacidade, ao longo dos seus oitenta anos de vida, por meio de uma autocrítica permanente, de sempre escapar aos limites dos rótulos associados ao seu nome (ŽIŽEK, 2010). Além disso, como ressalta Roudinesco (2011, p. 13),

[...] Lacan soube anunciar o tempo que veio a ser o nosso, prever a ascensão do racismo e do comunitarismo, a paixão pela ignorância e o ódio ao pensamento, a perda dos privilégios da masculinidade e os excessos de uma feminilidade selvagem, o advento de uma sociedade depressiva, os impasses do iluminismo e da revolução, a luta mortal entre a ciência erigida em religião, a religião erigida em discurso da ciência e o homem reduzido a ser biológico [...].

Após mais de três décadas desde sua morte, as reflexões anunciadas por Lacan a respeito do racismo, da paixão pela ignorância, da relação entre ciência e religião, do ódio ao pensamento, do advento de uma sociedade depressiva, do homem circunscrito à dimensão de ser biológico – como advogam as grandes corporações farmacêuticas – e de uma feminilidade selvagem, todas evidentes nesse limiar do século XX, demonstram o grande intelecto desse pensador que cravou seu nome na história do pensamento ocidental ao tornar-se psicanalista e efetuar um retorno aos textos freudiano amparado, sobretudo, pelo estruturalismo linguístico de Ferdinand Saussure. (DOR, 1989; DOSSE, 1993; ROUDINESCO, 1994; JORGE; FERREIRA, 2005; SAFATLE, 2007; 2011; ŽIŽEK, 2010; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017;).



Desse retorno a Freud efetuado por Lacan, decorre uma espécie de reformulação da psicanálise com o advento de conceitos que, embora implicitamente presente nos textos freudianos, nunca foram empregados pelo gênio criativo de Freud (ŽIŽEK, 2010). É o caso, por exemplo, da noção do inconsciente estruturado como uma linguagem (JORGE; FERREIRA, 2005; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

Essa noção do inconsciente estruturado como uma linguagem é desenvolvida por Lacan principalmente no texto “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” (DOSSE, 1993; FERREIRA, 2002) e no seminário 5 “*As formações do inconsciente*” (ROUDINESCO, 2011). Esses trabalhos, ambos de 1957, buscam articular os textos freudianos a teoria do significante desenvolvida por Lacan a partir da linguística saussuriana – apresentada por Charles Bally e Albert Sechehaye no “*Curso de Linguística Geral*” –, da antropologia de Lévi-Strauss e das teses de Roman Jakobson (JORGE; FERREIRA, 2005; ROUDINESCO, 2011; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Lacan se aproxima da linguística moderna devido a influência de Claude Lévi-Strauss, cuja obra em seu conjunto, conhecida como “antropologia estrutural”, influenciou uma geração de intelectuais no século XX, sobretudo, como foi evidenciado por Descola (2009), por ser

[...] um método de conhecimento original, forjado no tratamento de problemas particulares a uma disciplina, mas cujo objeto é em princípio tão vasto e a fecundidade tão notável que ele rapidamente exerceu uma influência muito além do campo de pesquisa que o viu nascer. [...] Esse modelo [método] apresenta quatro características importantes: abandona o nível dos fenômenos conscientes para privilegiar o estudo de sua infraestrutura inconsciente; dão-se por objeto de análise não os termos, mas as relações que os unem; procura mostrar que essas relações formam sistema; enfim, busca descobrir leis gerais (DESCOLA, 2009, p. 149).

Dessa passagem é possível observar o quanto o método de conhecimento estabelecido por Lévi-Strauss, isto é, a antropologia estrutural, não ficou restrita ao campo etnográfico-etnológico que a viu nascer, uma vez que ao abordar os problemas de parentesco conforme as leis da linguística estabelecidas por Saussure (1975) e privilegiar o inconsciente, suas teses, que buscavam desvelar a diversidade das produções sociais e suas representações culturais no decurso dos séculos e através dos continentes (DESCOLA, 2009), influenciaram outras áreas do conhecimento, como os estudos literários, os da comunicação (cinema, publicidade) e a psicanálise.

No que diz respeito à influência sobre a psicanálise, Dosse (1993) e Roudinesco (2011), afirmam que, nos textos: “*O feiticeiro e sua magia; A eficácia simbólica; e Introdução à obra de Marcel Mauss*”, Lévi-Strauss, ao comparar a cura xamânica ao método psicanalítico, que em síntese buscam a cura por meio da fala, critica a noção de inconsciente articulada por Freud ao defender que o inconsciente equivale ao universo simbólico e, por isso, se caracteriza por ser um lugar estranho aos afetos, ao conteúdo e à história individual-singular do sujeito. Assim, para Lévi-Strauss, o inconsciente equivale à função simbólica, logo se caracteriza por ser um lugar vazio.

De acordo com Dosse (1993, p. 140):

[...] o inconsciente é definido por sua função de troca, é o termo mediador entre o eu e o outro e não o jardim secreto do sujeito. [...] Lévi-Strauss define um caminho pelo qual Lacan enveredará, o da autonomia do simbólico: “Os símbolos são mais reais do que o que eles simbolizam, o significante precede e determina o significado”.

Depreende-se desse excerto que o inconsciente é considerado um lugar vazio devido sua função de troca na relação estabelecida entre o eu e o outro, sendo encontrado na base dos fundamentos que estruturam os sistemas de parentesco, os ritos, as formas da vida econômica, enfim, os sistemas simbólicos. Lacan, conforme Dosse (1993), Roudinesco e Plon (1998) e Roudinesco (2011), seguirá por esse caminho ao afirmar que a noção de inconsciente se encontra na exterioridade do simbólico, onde, se forma uma “cadeia” na qual se constitui o sujeito preso “[...] desde antes de nascer e após sua morte à maneira de um peão, no jogo do significante” (DOSSE, 1993, p. 143). A partir desse encontro com o rigor científico das questões linguísticas, Lacan recorrerá à Saussure (1975) para aprofundar a tese de que o significante precede e determina o significado.

Assim, no “*Curso de Linguística Geral*” Saussure (1916/1975), considerado o “pai da linguística moderna” (FARACO, 2011; ILARI, 2011), defende que o signo linguístico, constituído pelo significado e pelo significante, “[...] une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica [...]” (SAUSSURE, 1975, p. 80). Isto é, o signo linguístico saussuriano se caracteriza por ser uma unidade psíquica de dupla face, formado pela associação entre o significado e o significante, sendo que o significado retrata o conceito que se tem de algo e o significante representa a imagem acústica que se liga a esse conceito.

Saussure (1975) buscará demonstrar as leis que garantem a reciprocidade biunívoca entre o significante e o significado (FERREIRA; 2002; JORGE; FERREIRA, 2005). Mas, à

medida que nada encontra, o autor estabelece a arbitrariedade como um dos princípios que alicerça o signo linguístico ao expressar, como exemplo, que:

[...] a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes [...] (SAUSSURE, 1975, p. 81-82)

Dessa forma, para Saussure (1975), o princípio da arbitrariedade do signo linguístico evidencia que a língua se assemelha a uma “carta forçada”, onde “[...] uma das funções da língua é “forçar” a ligação de uma imagem acústica (massa sonora constituída por fonemas) a uma imagem mental (significado)” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 48), de modo que, por exemplo, uma palavra, ao designar um objeto, uma ação, uma qualidade, ou mesmo um sujeito, revele uma operação muito simples entre o vínculo que une um nome a uma coisa, “[...] o que está bem longe da verdade [...]” (SAUSSURE, 1975, p. 79).

Lacan, conforme Ferreira (2002), se apropria da concepção de signo linguístico desenvolvida por Saussure (1975) e, a partir da noção do valor linguístico, que privilegia a relação de contraste que um signo estabelece com todos os demais dentro da estrutura linguística (ILARI, 2011), conclui que não a correspondência entre o significante e o significado, uma vez que o significante não é fônico – é incorpóreo – e só existe pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras do sistema (SAUSSURE, 1975).

Por conseguinte, Ferreira (2002, p. 115) defende que

[...] Lacan descarta a concepção saussuriana de signo e elabora uma teoria do significante, que tem como ponto de partida o seguinte algoritmo: S/s. O próprio Lacan indica a leitura que deve ser feita do seu algoritmo: “significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas” [...]. Levar em conta esse traço, dando-lhe valor de barra, implica privilegiar a pura função do significante em detrimento da ordem do significado.

Essa proposição demonstra que Lacan (1998), que inclusive é citado pela autora nessa passagem, subverte a lógica estabelecida por Saussure (1975) ao criar um novo algoritmo no qual o significante está sobre o significado. Separados por uma barra que divide e opõe os dois termos, a concepção lacaniana privilegia a função do significante em detrimento da norma do significado. Assim, a partir dessa reelaboração efetuada por Lacan (1998; 1999)

acerca do significante, pode-se dizer que esse termo passa a ocupar um lugar privilegiado no seu desenvolvimento teórico, tendo em vista que, como esclarece o próprio Lacan (1998), o significante determina o sujeito “[...] em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte [...]” (LACAN, 1998, p. 33), além de sobredeterminar e representar o sujeito na demanda, na fantasia, na identificação e na transferência (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

Não obstante, Ferreira (2002) atesta, ao listar oito consequências decorrente dessa primazia do significante, que esse conceito se afasta da sua origem saussuriana para se inscrever de forma original na psicanálise lacaniana. Dentre essas consequências, cabe destacar que a “[...] organização dos significantes se faz através de duas operações, que são as mesmas da linguagem: condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*), cujos efeitos são a metáfora e a metonímia [...]” (FERREIRA, 2002, p. 117). Essa relação entre a organização dos significantes com as figuras retóricas utilizadas por Jakobson (2010), metáfora e metonímia, associadas à condensação e ao deslocamento, os dois principais mecanismos de funcionamento do inconsciente estabelecidos por Freud (2014a), são fundamentais para compreender como o inconsciente se estrutura por meio da linguagem.

Jakobson (2010), eminente linguista vinculado ao Formalismo Russo, no texto “*Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*”, defende que a linguagem possui uma estrutura bipolar que se caracteriza por dois tipos de atividade. Como discutem Roudinesco e Plon (1998, p. 710), “[...] uma está relacionada com a similaridade e concerne à seleção dos paradigmas ou “unidades de língua”, enquanto a outra remete à contiguidade e refere-se à combinação sintagmática dessas mesmas unidades[...]”. Em outras palavras, no ato da fala o sujeito não é totalmente livre, já que está limitado a selecionar as palavras a partir do conjunto lexical existente em determinada língua natural, enquanto que, no caso da combinação, ocorre uma relação entre duas palavras que formam uma unidade.

À vista disso, Jakobson (2010) assevera que nas alterações de linguagem decorrentes de uma afasia, o sujeito ora é privado da capacidade de seleção, ora é privado da capacidade de combinação. Posteriormente, o autor associa a atividade de seleção da linguagem à função metafórica e a atividade de combinação ao processo metonímico. Ademais, já no final do texto mencionado, Jakobson (2010) argumenta que essas noções, metáfora e metonímia, encontram-se presentes em todos os processos simbólicos, inclusive no funcionamento do inconsciente, uma vez que, conforme o autor, na estrutura dos sonhos apresentada por Freud (2014a) uma questão importante é saber se “[...] os símbolos e as sequências temporais usadas se baseiam na contiguidade (“transferência” metonímica e “condensação” sinedócica de

Freud) ou na similaridade (“identificação” e “simbolismo freudianos”)” (JAKOBSON, 2010, p. 76).

Dessa forma, Jakobson (2010) coaduna o simbolismo com a função metafórica, ou seja, com a atividade de seleção (similaridade) implícita na atividade da linguagem, enquanto o deslocamento e a condensação associam-se ao processo metonímico, isto é, a atividade de combinação (contiguidade) inerentes a todo ato de fala. Embora não seja um processo simples de apreender, resumidamente, é possível deduzir que uma importante característica da linguagem reside no fato dela se constituir por meio da metáfora e da metonímia que são responsáveis pela atividade de seleção paradigmática e pela atividade de combinação sintagmática.

Lacan (1998) parte dessas asserções para reafirmar o caráter crucial do significante, mas assim como ele se apropria e subverte a noção de signo linguístico saussuriano, o mesmo ocorre com as associações entre a estrutura da linguagem e os aspectos do sonho elaboradas por Jakobson (2010), visto que, no seu entender, a condensação freudiana corresponde à metáfora, enquanto que o deslocamento se vincula à metonímia.

A metáfora, na fórmula discutida por Lacan (1998), caracteriza-se pela substituição de um significante por outro significante. Dor (1989, p. 43) demonstra como ocorre esse processo, que resulta na emancipação do significante em relação ao significado, por meio de uma sequência de equações a partir do caso em que a utilização metafórica do termo “peste” passa a designar a psicanálise:

$\frac{S1}{s1}$  – S1- imagem acústica: psicanálise / s1- conceito de psicanálise

$\frac{S2}{s2}$  – S2 - imagem acústica: a peste / s2 - conceito de peste (doença)

Quando a função metafórica é introduzida, há a substituição do significante S1 por S2, de modo que a equação passa a ser representada da seguinte forma:

$\frac{S2}{\frac{S1}{s1}}$

Como destaca Dor (1989, p. 45):

[...] a substituição de S1 por S2 faz S1/s1 passar para debaixo da barra de significação. Tudo se passa, então, como se o signo S1/s1 se tornasse o novo significado de S2. De fato, é a significação que resulta da associação originária de S1 à s1 que serve de significado ao término da construção metafórica [...].

Assim, conforme o que foi exposto, é possível inferir que a substituição significativa é o principal atributo de uma metáfora, à medida que o significante “peste” (S2), ao passar pelo processo metafórico que o coloca acima do signo S1/s1, assume o significado de psicanálise, sendo que, o significado s2 (doença), embora possa ser encontrado por meio da associação, desaparece da equação. Esse mesmo exemplo é utilizado por Dosse (1993) para evidenciar uma propriedade importante da linguagem, que diz respeito ao fato do conjunto dos significados obedecerem à ordem da cadeia dos significantes, ou seja, a articulação entre os significantes, que forma uma cadeia, é responsável pelo processo de significação, sendo que a menor cadeia significativa deve ser necessariamente formada por no mínimo uma díade para que se realize a formação do sentido.

Ao relacionar essa função metafórica à teoria do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan (1998) identifica esse mesmo processo na condensação. No sonho da monografia botânica, por exemplo, os termos manifestos que aparecem no conteúdo onírico – monografia e botânica (S3/s3) – substituíram o pensamento latente do sonho, de modo que, assim como o significante peste assumiu o significado de psicanálise, os significantes monografia e botânica passaram a significar o trabalho que Freud escreveu sobre a cocaína (S1/s1), ou o preço elevado de suas fantasias (S2/s2). Embora na linguagem a metáfora se realize, na maioria das vezes, mediante uma similaridade semântica ou homofônica e no processo inconsciente essa analogia não seja muito aparente, como explica Dor (1989), não há dúvida de

[...] que no trabalho do sonho os processos de condensação desenvolvem-se de maneira análoga aos processos metafóricos da linguagem. É possível estabelecer, de maneira também pertinente, uma analogia da mesma ordem entre o mecanismo de deslocamento e o processo metonímico” (DOR, 1989, p. 55).

Observa-se, a partir do excerto acima, o quanto o inconsciente pode ser compreendido a partir da linguagem, já que o trabalho da condensação, conforme foi demonstrado, passa pelo mesmo processo que a metáfora, isto é, a substituição significativa. Não obstante, o mecanismo de deslocamento associado à contiguidade metonímica, a princípio, completa essa elaboração basilar quanto à noção lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

A palavra metonímia, etimologicamente, significa mudança de nome e, conforme Lacan (1998), está associada ao deslocamento freudiano. Essa mudança de nome, ou a substituição de um termo que ordinariamente designa algo por um termo pouco usual, pode se

realizar, desde que existam certas condições específicas, como, por exemplo, a relação entre a parte e o todo.

Segundo o exemplo apresentado por Dor (1989, p. 47), que também foi retomado por Dosse (1993, p. 134), é possível observar, por meio da relação de contiguidade exposto nas equações abaixo, como o processo metonímico ocorre na expressão “estar num divã” para significar “estar em análise”:

$\frac{S1}{s1}$  – S1- imagem acústica: análise / s1- ideia de estar em análise

$\frac{S2}{s2}$  – S2 - imagem acústica: divã / s2 - ideia de divã

O processo metonímico efetua uma substituição significativa que consiste em alterar S1 (análise) por S2 (divã), de modo que a equação resultante desse processo pode ser apresentada da seguinte forma:

$\frac{S2 \quad (.. \quad .. \quad .. \quad S1)}{s1}$

Esse conjunto de equações exprime, como na função metafórica, a substituição de S1 por S2, mas aqui, no processo metonímico, S1 (análise) se mantém acima da barra e estabelece uma relação de contiguidade automática com S2 (divã). Ambos se coadunam com o significado s1 (estar em análise), sendo que, s2 (ideia de divã) é colocado momentaneamente para fora da equação. Assim, a parte (o divã) é associado ao todo (a análise) e, embora o todo esteja eludido, em razão da relação de contiguidade, a significação (estar em análise) não deixa de aparecer. Não obstante, é oportuno observar que uma operação de pensamento é necessária para apreender o sentido de uma expressão metonímica, que implica em recompor a ligação entre S1 e S2, já que a significação se apresenta como um não-sentido aparente, pois “estar num divã” não é a mesma coisa que fazer análise sobre um divã.

Nos sonhos, o trabalho de deslocamento, que afasta os elementos importantes dos pensamentos oníricos latentes para em seu lugar colocar outros de menor intensidade, também obedecem ao processo metonímico. Segundo Dor (1989, p. 56):

[...] nos sonhos [...], o deslocamento do valor é, na maioria das vezes, total, e o essencial do material latente torna-se perfeitamente acessório no nível manifesto. Nestas condições, identifica-se nesse mecanismo a própria configuração do processo metonímico. Com efeito, representar o essencial pelo acessório é, de certa maneira, representar o todo pela parte. [...] ou seja, [...] um significante pode exprimir outro, com o qual está numa relação de contiguidade.

Dessa proposição se infere como o processo metonímico, que consiste na substituição de um significante por outro significante, com o qual se mantém uma relação de contiguidade, se associa ao deslocamento proposto por Freud (2014a); na medida em que o pensamento latente do sonho, ao passar pelo mecanismo metonímico, é substituído pelo conteúdo manifesto que, de certa forma, mesmo sendo representado por um não-sentido aparente, exprime algum tipo de ligação com o significante deslocado que pode ser recuperado por meio das associações.

Portanto, é dessa forma que Lacan (1988; 1998; 1999; 2008) concebe o inconsciente “[...] estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem [simbólico]. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental [...]” (LACAN, 1988, p. 139). Influenciado pelos trabalhos de Lévi-Strauss, Saussure (1975) e Jakobson (2010), ao estabelecer as noções da metáfora e da metonímia, associadas à condensação e o deslocamento, os dois principais mecanismos de funcionamento do inconsciente estabelecido por Freud (2014a), o notável psicanalista francês lança as bases fundamentais que sustentam o seu grande edifício teórico. Em vista disso, o inconsciente, constituído pela cadeia dos significantes que se sobrepõe ao significado, ao invés de representar algo secreto e misterioso, essencialmente vinculado aos traumas da primeira infância, comparece ali mesmo na fala como um resto que escapa à própria intenção do dizer (FERREIRA, 2002).

Assim, conclui-se essa discussão a respeito da fundamentação teórica que, ao longo das subdivisões apresentadas acima, buscou refletir sobre a conjuntura em que se insere a Análise do Discurso na década de 60, sobre os seus desdobramentos – principais conceitos – nas décadas posteriores e sobre o seu vínculo com a psicanálise, sobretudo a partir das teses estabelecidas acerca do sujeito, dos sonhos, do inconsciente e do retorno efetuado por Lacan, nos seus escritos e seminários, a Freud. A propósito, para se avançar no problema, no próximo capítulo será exposto os procedimentos metodológicos que sistematizam essa dissertação.



## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos e as etapas da pesquisa. Dividido em seis subtítulos, compreende a escolha da abordagem, a metodologia, o contexto e os participantes da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos de geração de fatos de linguagem, além da forma como os fatos de linguagem foram analisados.

### 2.1 ESCOLHA DA METODOLOGIA

A abordagem que melhor acolhe esta pesquisa é o paradigma qualitativo. Primeiro pelo fato desta pesquisa ser da área de humanas e estar inserida na linha de Estudos da Linguagem. Segundo, por se tratar de uma pesquisa essencialmente subjetiva que busca ampliar a visão que se tem de sujeitos que estão matriculados no Ensino Médio em situação de distorção idade-série. Terceiro, porque o modelo de pesquisa qualitativa envolve um processo de reflexão e análise acerca da realidade por meio de uma série de métodos e técnicas próprios dessa abordagem que vão ao encontro dos objetivos do projeto.

De acordo com Chizzotti (1991), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa, pelo reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas e por considerar os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado. Não obstante, a pesquisa qualitativa defende a aceitação de todos os fenômenos como igualmente importantes e preciosos, valoriza a constância e a ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e os ocultamentos, a continuidade e a ruptura, o significativo manifesto e o significado que permanece latente.

Como ressalta Oliveira (2012, p. 11),

[...] entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

Desta forma, a pesquisa qualitativa, por meio de seus métodos e técnicas, permite a compreensão de fenômenos sociais complexos como, por exemplo, a análise da história de

vida dos estudantes matriculados no Ensino Médio da escola Estadual Padre Luis Ruas que se encontram em situação de distorção idade-série.

Quanto ao método utilizado nessa pesquisa, optou-se pelo estudo de caso. Isso porque, segundo Fonseca (2002), o estudo de caso permite a investigação de uma entidade bem definida, como, por exemplo, uma instituição de ensino ou um sujeito. Além disso, o estudo de caso

[...] visa conhecer [...] o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Essa ideia explicita que o estudo de caso é apropriado quando o pesquisador busca entender o “mundo” a partir de uma perspectiva interpretativa que considera a visão dos participantes como a parte essencial a ser revelada sobre determinada representação da realidade. Esse tipo de estudo é bastante utilizado na descrição-interpretação de casos clínicos, sobretudo pela psicanálise, à medida que, como ressaltam Jorge e Ferreira (2005) ao lembrar que Freud certa vez resumiu o método da psicanálise dizendo “[...] preocupo-me com o fato isolado e espero que dele jorre, por si mesmo, o universal [...]” (JORGE; FERREIRA, 2005, p. 23).

Não obstante, como destaca Stake (1998) *apud* Monteiro (2009, p. 41), “[...] uma vez que diferentes pesquisas têm diferentes propósitos, podem ser identificados três tipos de estudo de caso: intrínseco, instrumental e coletivo [...]”. O estudo de caso intrínseco envolve um interesse particular do pesquisador que busca compreender melhor algo que lhe inquieta sem ter a pretensão de se criar uma nova teoria sobre o tema. O estudo de caso instrumental ajuda a analisar o contexto em profundidade e é recomendado quando se almeja o refinamento de uma teoria. Por fim, quanto ao estudo de caso coletivo, geralmente este instrumento metodológico é estendido a vários casos, que podem ser ou não similares, para se compreender e analisar vários casos e fenômenos complexos (MONTEIRO, 2009).

No que diz respeito a esta pesquisa, o estudo de caso intrínseco é o que mais se aproxima das características e dos objetivos do projeto, na medida em que se pretende analisar as histórias de vidas e os relatos de sonhos de dois sujeitos.

Complementando, recorro a Chizzotti (1991), para quem o estudo de caso pode ser

[...] tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento fidedigno quanto [para] propor uma intervenção. É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais [...]. (CHIZZOTTI, 1991. p. 102)

Dessa forma, por meio da abordagem qualitativa e do método de estudo de caso esta pesquisa pretende fornecer informações válidas acerca dos sujeitos matriculados na Escola Estadual Padre Luis Ruas que em algum momento da vida interromperam o fluxo “normal” de suas atividades estudantis.

## 2.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Padre Luis Ruas. Localizada na zona leste de Manaus, bairro Zumbi dos Palmares, essa escola foi escolhida devido à facilidade de inserção do pesquisador nessa unidade de ensino e, também, por causa do apoio e receptividade ao projeto por parte da gestão escolar e dos discentes. Esse colégio atende mais de mil alunos que moram no próprio bairro e nas imediações nos turnos matutino, vespertino e noturno.

O bairro Zumbi dos Palmares se formou no decorrer da segunda década do século XX, quando um grupo de famílias oriundas dos bairros Aleixo e São José Operário, que não tinha onde morar, invadiu o local e começou a construir suas casas. Ao longo de uma década, após as primeiras ocupações, outros fluxos de famílias da comunidade São Sebastião e do Morro da Liberdade também se instalaram na região dando origem aos bairros Zumbi II e Zumbi III.

Conforme o último censo realizado pelo IBGE (2010), no bairro Zumbi dos Palmares residem aproximadamente 35.000 habitantes. Ainda hoje essa comunidade convive, como a maioria dos moradores de bairros periféricos da cidade de Manaus, com a falta de saneamento básico, com a violência, a insegurança, o tráfico de drogas, os problemas de infraestrutura, a prostituição e a desigualdade social.

Localizado dentro dessa comunidade, a Escola Estadual Padre Luis Ruas possui 17 salas de aulas, sala dos professores, sala do diretor, sala do pedagogo, secretaria, biblioteca, laboratório de informática, refeitório, cozinha, quadras poliesportivas cobertas, banheiro

adequado para alunos com deficiência e mais de 50 funcionários que se revezam para atender a comunidade nos três turnos de funcionamento da escola.

A média do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica –, que é calculado a partir da taxa de aprovação e do desempenho dos alunos em avaliações de larga escala de português e matemática é de 4.6, conforme os dados do último levantamento efetuado em 2017. Embora a escola demonstre certa evolução na qualidade do ensino, ainda se encontra distante de alcançar a meta estipulada para 2021 que é de 6 pontos. Aliás, previsões do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – indicam que a maioria das escolas do Ensino Médio brasileiras deverá atingir essa meta apenas em 2028.

O turno noturno da Escola Estadual Padre Luis Ruas atualmente funciona com 8 salas de aula, sendo 4 turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º ano e 2 turmas de 3º ano. A maioria dos estudantes são adultos e se encontram em situação de distorção idade-série, por isso, optou-se por selecionar os participantes da pesquisa nesta etapa e neste período do processo de ensino-aprendizagem.

### 2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Ao todo foram selecionados dois alunos, entre os quinze estudantes que manifestaram interesse em participar da pesquisa. Os alunos foram escolhidos por atenderem aos critérios casuísticos<sup>9</sup> e, sobretudo, devido ao comprometimento demonstrado nos sucessivos encontros que ocorreram até o momento da coleta de fatos.

Para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos nesse processo colaborativo de pesquisa, característico da abordagem qualitativa, seus nomes foram substituídos por A1 e A2. A1, que relatou sua história de vida no dia 07/11/2019, nasceu na cidade de Manaus e tem 46 anos. Segunda filha de uma família composta por sete irmãos, casada e mãe de dois filhos, ela falou que teve uma infância difícil, à medida que ainda na primeira década da vida começou a trabalhar para ajudar sua mãe na criação dos irmãos. Disse que não costumava brincar muito, sobretudo porque tinha que trabalhar, e que apanhava bastante, tanto da sua mãe, como do seu padrasto.

---

<sup>9</sup> Os critérios casuísticos são detalhados na seção 2.5 – Procedimentos de geração de fatos.

Com relação à escola, A1 expôs que começou a frequentar o colégio aos doze anos de idade quando, por sua própria iniciativa, matriculou-se no Projeto Tempo de Acelerar e, mesmo com algumas dificuldades, conseguiu se alfabetizar ao concluir a antiga quinta série. Porém, ao começar a trabalhar e a morar na casa de uma Sra. no bairro do Parque Dez, teve que se afastar da escola devido a incompatibilidade de horários, visto que sua patroa retornava para casa muito tarde.

Por conseguinte, literalmente, A1 “fugiu” desse emprego que, segundo ela conta, não era a sua vida, não lhe oferecia a perspectiva de um futuro promissor. Ao retornar à casa da sua mãe, na fase da adolescência, foi persuadida a morar sozinha, na medida em que sua mãe, que teve muitos maridos ao longo do tempo, demonstrou sentir ciúmes dela.

A1 alugou um quarto e foi morar sozinha, conheceu um homem com quem estabeleceu matrimônio que perdurou por cinco anos. Entretanto, essa relação chegou ao fim quando seu companheiro passou a consumir bebida alcoólica em excesso, expressar um ciúme doentio e a agredir. Segundo seu relato, ela decidiu se afastar por não querer repetir a história da sua mãe que frequentemente era agredida pelos homens com os quais se relacionava.

Passado algum tempo, A1 conheceu seu atual marido com quem teve seus dois filhos. O casal, que vive junto há mais de vinte anos, embora tenha se separado por um curto espaço de tempo, estabeleceu-se no bairro do Zumbi dos Palmares e, após os seus filhos se tornarem mais independentes, decidiu retomar os estudos. Atualmente ela está matriculada no 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Padre Luis Ruas.

No que diz respeito a A2, o outro sujeito que atendeu aos critérios de seleção dos sujeitos, aceitou participar desta pesquisa e teve sua história de vida gravada no CSPA no dia 13/11/2019, destaca-se que ele também é natural de Manaus e tem 51 anos. Proveniente de uma família constituída por pai, mãe e cinco irmãos, sendo ele o segundo da prole, A2 foi casado e é, assim como seu pai, progenitor de cinco filhos.

A2 pontuou em sua narrativa que começou a estudar aos nove anos de idade e que concluiu apenas até 3ª série do antigo ensino primário. Essa interrupção nos estudos ocorreu em razão de um problema no coração que dificultava sua capacidade de respirar e, sobretudo, devido à perda repentina da memória que, segundo suas palavras, o deixou completamente sem noção das coisas, isto é, sem a capacidade de se lembrar do que já havia aprendido e tampouco de assimilar novos conteúdos. Seu coração foi curado pela obra de Deus, posto que A2 é evangélico e acredita em milagres, ao passo que a sua memória nunca mais voltou a ser como era. A2 ficou mais de trinta anos longe dos bancos escolares.

Aos 20 anos de idade A2 se casou e após conviver por mais de duas décadas ao lado da sua companheira ficou viúvo. Os médicos, ao identificarem que sua esposa tinha pedras nos rins, cisto no ovário e anemia, propuseram uma intervenção cirúrgica para aliviar as dores da paciente que resultou em sua morte. Esse fato que ocorreu em 2013, há seis anos, e foi muito significativo para A2, à medida que esta história irrompe constantemente em seu relato.

A2 lembrou que era muito inteligente antes do desaparecimento da sua memória. Disse que tirava boas notas na escola e que sonhava em se tornar administrador de empresas ou Juiz de Direito. Entretanto, em sua labuta pela sobrevivência, trabalhou com serviços gerais – onde fazia limpeza, capinava, lavava calçada, podava árvore – e como almoxarife. Atualmente está desempregado e cursa o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Padre Luis Ruas.

#### 2.4 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE FATOS DE LINGUAGEM

Foram utilizados para geração dos fatos de linguagem o relato da história de vida e a tabela de descrição e interpretação dos sonhos. Com a gravação do relato da história de vida os participantes discorreram livremente sobre o seu desenvolvimento, revelando fatos e experiências sobre a sua trajetória compreendida do nascimento ao momento presente.

De acordo com Silva et al. (2007, p. 32), no relato da história de vida,

[...] alguns pontos são importantes destacar [...], como o vínculo entre pesquisador e sujeito, a questão da relação estabelecida, o sentido que o sujeito dá para sua história, e sua resignificação e condição do discurso ser uma ponte entre o social e o individual. [...] a importância do vínculo de confiança – e até amizade – que o pesquisador acaba por estabelecer com quem narra sua história, com quem, ali, cria um percurso biográfico.

Mediante essa proposição, pode-se inferir que essa técnica, o relato da história de vida, se caracteriza, sobretudo, pela necessidade de se estabelecer um vínculo entre os sujeitos – pesquisador e pesquisado – envolvidos na pesquisa, de perceber a produção de sentido atribuída à narrativa por parte do sujeito participante e de criar uma ligação entre a história individual e a história social.

Ademais, a história de vida permite ao pesquisador ter acesso à uma realidade subjetiva que ultrapassa o sujeito, pois, ao se estabelecer conexões entre o individual e o social, esse relato denota uma maneira particular de ser e estar no mundo ao mesmo tempo em que os eventos sociais e históricos acontecem. A escuta da história de vida deve ser

comprometida, engajada e ética, o pesquisador deve se dar conta do quanto é afetado por essa história e construir no decorrer do processo, em conjunto com o sujeito pesquisado, os significados para o relato que se apresenta.

O conhecimento produzido pode ter vários sentidos e, embora não corresponda necessariamente ao real, uma vez que o importante desse tipo de instrumento é a produção de sentido que o sujeito estabeleceu ao longo da sua vida, é extremamente rico por revelar aspectos morais, éticos, religiosos, econômicos, culturais, ou seja, ideológicos e inconscientes de quem conta sua história.

No que diz respeito ao outro instrumento, foi utilizado a tabela de descrição e interpretação dos sonhos. Desenvolvida a partir da leitura da obra de Freud (2014a) – *A interpretação dos sonhos* – e utilizada em outro trabalho acadêmico de iniciação científica (PIBIC-2014/UFAM), esse instrumento foi reformulado para os objetivos desta pesquisa e buscou estruturar o relato dos pensamentos oníricos que foram escritos pelos sujeitos participantes.

A tabela de descrição e interpretação dos sonhos, instrumento que consta como apêndice desta dissertação, é composta pelos seguintes campos de preenchimento: Você teve uma “boa” noite de sono? Você sonhou? Você se lembra do conteúdo desse sonho? Havia pessoas conhecidas no sonho? Você reconhece os lugares onde esteve no sonho? Você já sonhou com esse conteúdo outras vezes? Existe algo nesse sonho que você não consegue lembrar? Esse sonho pode ser associado a algum acontecimento da sua vida?

Todas essas oito perguntas foram dispostas verticalmente na tabela, sendo que, na horizontal, ou seja, na “frente” de cada questão, há um espaço destinado às observações que o sujeito pode utilizar para anotar pontos essenciais do sonho. Além disso, para a elaboração mnêmica do relato do sonho propriamente dito, a tabela está integrada à duas partes de nove linhas cada, que são destinadas à descrição e à interpretação do sonho.

Acredita-se que esses instrumentos – relato da história de vida e a tabela de descrição e interpretação dos sonhos – foram capazes de gerar fatos de linguagem suficientes para a compreensão da subjetividade dos sujeitos que aceitaram participar desta pesquisa, de modo que foi possível realizar as análises concatenadas com os objetivos do projeto.

## 2.5 PROCEDIMENTOS DE GERAÇÃO DE FATOS DE LINGUAGEM

Os procedimentos para geração de fatos de linguagem seguiram a seguinte sequência. O primeiro momento consistiu na apresentação da pesquisa à gestão escolar da Escola Estadual Padre Luis Ruas e na assinatura do termo de anuência.

Cumprido esse trâmite, o pesquisador se identificou e apresentou o projeto aos alunos do turno noturno da Escola Estadual Padre Luis Ruas. Na ocasião foi explicado aos discentes os objetivos, as etapas e os procedimentos da pesquisa, além dos devidos cuidados éticos que o Conselho Nacional de Saúde, por meio da resolução 466/12, determina que sejam seguidos por todos aqueles que desenvolvem pesquisas com seres humanos.

Após a apresentação, que foi realizada na própria sala de aula, o pesquisador anotou na lousa seu e-mail e telefone para os alunos que demonstraram interesse em participar da pesquisa pudessem estabelecer contato.

Os alunos interessados também tiveram que atender os parâmetros casuísticos estabelecidos neste projeto. A saber, os critérios de inclusão considerados nesta pesquisa foram: a) ser estudante matriculado em escola pública da cidade de Manaus; b) aceitar participar voluntariamente da pesquisa; c) concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE; d) ir ao CSPA e contar sua história de vida; e) conseguir escrever o conteúdo de seus sonhos. Sobre os critérios de exclusão dessa pesquisa se considera: a) não preencher um dos critérios de inclusão.

Uma vez selecionado os participantes, uma aluna do 1º ano e um aluno do 3º ano do Ensino Médio, e o TCLE devidamente assinado, iniciou-se a coleta de fatos de linguagem. Os fatos de linguagem foram coletados no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada (CSPA) da Faculdade de Psicologia (FAPSI-UFAM), após o pesquisador apresentar seu projeto para a coordenadora, Profª Dra. Lídia Rochedo Ferraz, e obter o termo de anuência concedido pela instituição. Esse espaço, localizado no mini campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por ser destinado ao atendimento psicológico gratuito da comunidade acadêmica e da população em geral, tem instalações adequadas para que o sujeito se sinta seguro e confortável ao relatar sua história de vida.

Acertado o dia e horário, conforme a agenda do CSPA e a disponibilidade dos sujeitos, cada participante foi ouvido individualmente em média por 55 minutos. Essa escuta foi gravada e ao término, o pesquisador entregou um encarte com as tabelas de descrição e interpretação dos sonhos para que os sujeitos transcrevessem e analisassem, durante uma semana, suas manifestações oníricas. Passado uma semana, pesquisador e pesquisado se encontraram novamente no CSPA, ocasião na qual o sujeito entregou as tabelas de descrição e interpretação dos sonhos com os seus registros, relatou sua experiência quanto à atenção aos



sonhos e complementou alguns detalhes importantes sobre sua história de vida que também foram gravados.

## 2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE FATOS DE LINGUAGEM

A análise dos fatos se iniciou<sup>10</sup> com a transcrição das histórias de vida dos dois sujeitos que participaram da pesquisa a fim de se organizar o *corpus* da pesquisa. Com o propósito de instituir um texto inteligível, sem exageros de caracteres e de aproximar ao máximo a transcrição do que foi realmente gravado no relato da história de vida, considerou-se, nesse primeiro procedimento, a metodologia proposta pela análise da conversação. Isto porque, ao seguir as Normas para Transcrição do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC), a análise da conversação circunscreve uma série de elementos para o tratamento dos “fatos” orais<sup>11</sup> que viabiliza o reconhecimento da ocorrência das pausas, das ênfases, do alongamento de vogal, do desvio sintático, etc., que são importantes para a apreensão dos sentidos (DIONÍSIO, 2001). A transcrição dos sonhos, parte textual que também compõe o *corpus* da análise, respeitou a ortografia original do que foi escrito pelos sujeitos participantes, não havendo edição do texto.

Por conseguinte, fez-se a leitura e a releitura do corpus, ou ainda, encetou-se a leitura flutuante (SOUZA, 2014), para paulatinamente, por meio de um processo em espiral que engloba a teoria, consulta ao corpus e a análise, observar as marcas textuais, lidar com a tensa relação entre descrever-interpretar (PÊCHEUX, 2012) e passar da superfície linguística, ou seja, do texto em estado bruto, para o objeto discursivo – quando se observa o funcionamento do discurso e sua conexão com as formações discursivas – e deste para o processo discursivo, onde é possível identificar a formação ideológica com a qual o discurso se filia (ORLANDI, 2003, SOUZA, 2014).

Nesse processo de análise em espiral, inerente à Análise do Discurso que, como destaca Orlandi (2004, p. 60), objetiva “[...] a) remeter o texto ao discurso; b) esclarecer as relações deste com as FD, pensando as relações destas com a ideologia [...]”, se considerou os objetivos e a fundamentação teórica da pesquisa, para extrair da materialidade do corpus

---

<sup>10</sup> É importante observar que para a Análise do Discurso a definição do corpus já é um procedimento de análise (SOUZA, 2014).

<sup>11</sup> Os elementos circunscritos para o tratamento dos fatos orais se encontram na seção destinada aos anexos dessa dissertação.

certos fragmentos (recortes) que foram utilizados para responder as três perguntas que nortearam essa dissertação.

Não obstante, Para a psicanálise, o processo de interpretação, que busca “[...] fazer um sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos ou de seu discurso, quer esses se manifestem através de um dito, um lapso, um sonho, um ato falho [...]” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 388), deve considerar o discurso manifesto e latente (FREUD, 2014a), a história de vida do sujeito, o dito e o não-dito, o silêncio, a afirmação e a negação. Além disso, a psicanálise também avalia a produção do sentido pela sua negatividade, quer dizer, pelo não sentido no nível da letra, da impressão ou da escrita; pelo não sentido causado pelo desencontro das próprias interpretações; pelo não sentido lembrado pelas ações lógicas da contradição, da indeterminação e da indiscernibilidade presentes nas variações do enunciado em face à fictícia singularidade e constância da enunciação (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

Assim, a psicanálise defende que a interpretação do discurso deve ir além da intenção consciente da palavra e traduzir os significados possíveis de uma trama complexa de idos e vindos. Conforme argumenta Castro (2010, p. 77):

[...] para a psicanálise, os discursos proferidos são tramas complexas, cheias de significados, atravessadas por outros discursos que se complementam e contradizem e cabe ao analista desamararr, esclarecer por intermédio da interpretação. O ato de interpretar do analista [pesquisador] consiste no levantamento das linhas de significados possíveis no discurso do paciente, indo para além da exposição consciente da palavra, buscando as conotações que não se encontravam na intenção do dizer.

Como se vê, no que concerne aos procedimentos de análise, não são poucos os pontos que aproximam a Análise do Discurso e a psicanálise, de modo que neste trabalho, a interpretação do corpus considerou os métodos e os pressupostos das referidas teorias para estabelecer as três seções do próximo capítulo, sendo a primeira voltada para as representações imaginárias, a segunda para as formações discursivas (ideológica) e a terceira para as formações do inconsciente. Dessa forma, nesta dissertação se analisou os significantes com os quais os sujeitos se representam, os discursos que os constitui e a descrição- interpretação dos seus sonhos.

### 3 ANÁLISE DE FATOS DE LINGUAGEM

Este capítulo, destinado à análise dos fatos de linguagem, busca responder, considerando-se a materialidade linguística do corpus, a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos, às três perguntas de pesquisa apresentadas na introdução desse trabalho e aqui retomadas: a) quais os significantes que sustentam as posições-representações desses sujeitos? b) quais os discursos que constituem e atravessam esses sujeitos? c) o que a descrição-interpretação dos sonhos revelam sobre a natureza inconsciente desses sujeitos?

#### 3.1 OS SUJEITOS E SUAS POSIÇÕES-REPRESENTAÇÕES À ORDEM SIGNIFICANTE

Com o objetivo de responder a primeira pergunta de pesquisa, isto é, quais os significantes que sustentam as posições-representações desses sujeitos, esse subcapítulo busca analisar a superfície linguística do corpus que, conforme exposto anteriormente, é formado pelos relatos das histórias de vida e pelas descrições-interpretações dos sonhos dos sujeitos que atenderam os critérios casuísticos e aceitaram participar desse projeto.

Relembrando, A1 e A2 são estudantes do Ensino Médio, matriculados na Escola Estadual Padre Luis Ruas, que passaram mais de dois anos afastados do colégio e não concluíram a última etapa da educação básica aos 17 anos, ou seja, ambos se encontram em distorção idade-série. Estes sujeitos relataram a primeira e a segunda parte das suas respectivas histórias de vida entre os dias 07 e 21 de novembro de 2019, nas dependências do CSPA-UFAM. A narrativa gravada e transcrita de “A1” abrange 2h09min, ao passo que o discurso, também gravado e transcrito, de “A2”, tem 2h08min. No que diz respeito aos sonhos, que em tese foram observados durante uma semana, A1 descreveu e interpretou três sonhos, enquanto que A2, embora também tenha descrito três sonhos, interpretou apenas um.

Ao longo desse processo de construção do corpus, não foram poucos os significantes empregados por A1 e A2 para representar a si próprios como sujeitos que, conforme discutido na fundamentação teórica, são constituídos pela linguagem, concebível enquanto posição, submetidos à interpelação ideológica e atravessados pelo inconsciente. Como ressalta Ferreira (2010, p. 8), o sujeito é compreendido como “[...] efeito de linguagem, assujeitado e desejante [...], nosso objeto de investigação em toda sua complexidade e heterogeneidade, unido de modo indissolúvel na topologia do nó borromeano à linguagem, à ideologia e ao inconsciente [...]”.

Esta é a noção de sujeito com a qual a Análise do Discurso se articula, uma noção que ao aproximar o materialismo histórico, consoante à releitura de Althusser, com a psicanálise lacaniana, expõe a ligação entre a ideologia e o inconsciente, estruturas que funcionam para produzir as evidências subjetivas que faz com que todo indivíduo seja sempre-já-sujeito e se considere singular, insubstituível e idêntico a si mesmo, além de responder de forma absurda e natural: “Sou eu” (Pêcheux, 2014c, p. 141).

Este “sou eu”, concebido como a unidade imaginária do sujeito – o “Ego-imaginário” – é característico do processo de interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso efetuado pela formação discursiva<sup>12</sup> que o domina e determina sua identificação (Pêcheux, 2014c). Não obstante, como já mencionado no corpo dessa dissertação, este imaginário ao qual Pêcheux (2014c) se refere é uma categoria lacaniana, que em simbiose com os outros dois registros heterogêneos do nó borromeano, o real e o simbólico, formam o R.S.I., isto é, a estrutura do aparelho psíquico que atravessa a subjetividade da experiência humana (DOSSE, 1993; JORGE, FERREIRA; 2005; FERREIRA, 2010).

O imaginário, como destacam Roudinesco e Plon (1998), presente na obra lacaniana desde 1936, “[...] é correlato da expressão estádio do espelho e designa uma relação dual com a imagem do semelhante [...], o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 371). Por conseguinte, controvérsia à parte<sup>13</sup> – uma vez que, segundo Quinet (2012, p. 17) “[...] o Outro do discurso do inconsciente jamais está ausente na relação do sujeito com o outro, seu semelhante” –, é no registro simbólico, o campo da linguagem, lugar no qual o inconsciente se estrutura através do discurso do “Outro”, que o sujeito se constitui a partir do que lhe é externo e anterior. Conforme defende Lacan (2008, p. 193-194):

[...] no mundo [...] do eu, do conhecimento, tudo pode existir como agora, inclusive vocês e a consciência, sem que haja para isto, o que quer que pensemos, o mínimo sujeito. Se o sujeito é o que lhe ensino, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante.

Ora, o que é um significante? Eu o matraqueio há muito tempo para vocês [...], um significante é aquilo que representa um sujeito, para quem? – não

---

<sup>12</sup> As Formações Discursivas nas quais os discursos dos sujeitos ganham sentido serão analisadas na próxima seção.

<sup>13</sup> Refiro-me às questões suscitadas por Maldidier (2003), Mariani (2003), Silva (2010) e Gadet *et al.* (2014) sobre a falta de distinção, ao menos nas primeiras obras de Pêcheux, entre o eu (*moi*) e o eu (*je*) estabelecidos por Lacan.

para um outro sujeito, mas para um outro significante. [...] O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante.

Como se pode ler nesta citação, para a psicanálise lacaniana, evocada inúmeras vezes por Pêcheux (2014c; 2014d), o homem, antes de nascer, é determinado pela cadeia simbólica e marcado por um discurso que o define e sustenta sua identificação. Dessa forma, compreende-se que o sujeito se define pela linguagem, por meio da palavra do Outro – do inconsciente – que o representa como um significante para um outro significante (DOR, 1992; FINK, 1998; ROUDINESCO; PLON; 1998; ORLANDI, 1999; MUSSALIN, 2001; FERREIRA, 2002; MARIANI, 2003; 2012; JORGE; FERREIRA, 2005; ELIA, 2010; FERREIRA, 2010; ŽIŽEK, 2010; ROUDINESCO; 2011; QUINET, 2012; GADET et al., 2014; JORGE; PÊCHEUX, 2014c; SOUZA, 2014; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017).

Destarte, no relato de sua história de vida, A1 recorre a uma série de significantes, com os quais se identifica, para se significar enquanto sujeito do seu discurso e enunciar a imagem que, a partir do Outro, tem de si. Dentre estes significantes, A1 expressa, na linha 25 e nas linhas 792-793, que ficou conhecida no bairro onde nasceu e passou sua infância como “restinho da feira” e “resto de aniversário”:

[...] A1- ela fazia salgados ( ) bastante coisa assim chamavam de restinho da feira; (L. 25)

[...] A1 - eu vendia resto de aniversário porque tinha de tudo; (L. 792-793)

Essas identificações, “restinho da feira” e “resto de aniversário”, aludem para o fato de A1 ter trabalhado durante a infância com a venda de muitos itens, sobretudo salgados, que eram feitos por sua mãe e dispostos em uma bacia sobre sua cabeça. A1 recorda que à época ainda estava na primeira década da vida, que esse trabalho era importante para a subsistência da sua família, uma vez que ela tem cinco irmãos mais novos, e que só podia voltar para casa quando tivesse vendido tudo.

Em outras passagens de sua narrativa, como na linha 771 e nas linhas 779-780, A1 se representa com os significantes “burrona” e “cavalona”, respectivamente:

[...] A1- me chamavam de burrona né porque eu não sabia escrever nem um A; (L. 771)

[...] A1- uma cavalona no meio de um monte de menino, de criançinha; (L. 779-780)

Pelo fato de ter começado a trabalhar precocemente, conforme assinalado acima, A1 se manteve longe dos bancos escolares durante a infância. Quando, na adolescência, aos 13 anos, por iniciativa própria, pois sua mãe nunca a matriculou, ela passou a frequentar o colégio, foi chamada de “burrona”, por não ser alfabetizada, e de “cavalona”, devido à sua estrutura física – significantes que a representaram (representam) para outros significantes.

No caso de A2, uma vez que a questão religiosa compõe a materialidade linguística que se sobressai em seu discurso – e que será analisada na próxima seção –, a palavra “evangélico” é um dos significantes que esse sujeito escolheu para se representar.

[...] A2 - como a gente é evangélico eu e minha esposa; (L. 132-133)

A2 relata que, por intermédio de sua cunhada, em face de uma enfermidade que comprometeu a vida do seu terceiro filho, sua esposa e ele passaram a frequentar a Igreja Universal do Reino de Deus e, posteriormente, a Igreja Internacional da Graça de Deus. Desde o primeiro contato com a religião até o tempo presente<sup>14</sup>, já se passaram mais de trinta anos. Por isso, o significante “evangélico” é empregado por A2 para se autorrepresentar.

Como defende Pêcheux (2014c, p. 143), no que concerne à sua filiação à psicanálise lacaniana, o sujeito resulta de um processo no qual um significante representa o sujeito para um outro significante. Porém, o sujeito não está no lugar onde é representado, o sujeito encontra-se ausente, à medida que o significante está desvinculado do significado e devido à sua natureza intervalar. De acordo com Ferreira (2002, p. 124):

[...] quando nasce uma criança, se houver a inscrição do simbólico no seu corpo (campo do Outro como lugar dos significantes), produzir-se-á o surgimento de um sujeito e de sua dependência (alienação) à ordem do significante, inaugurando o desejo do homem como desejo do desejo do Outro. Significante então passa a ser definido como o que representa um sujeito, enquanto diferença, para outros significantes. E sujeito deve ser compreendido como o lugar que se produz no intervalo entre o significante Um (S1), que é aquele que marca um sujeito, constituindo sua singularidade, e os outros significantes (S2), que têm como função representá-lo para outros significantes.

---

<sup>14</sup> A2 relatou sua história de vida no Centro Social de Psicologia Aplicada (CSPA) no dia 13 de novembro de 2019.

Depreende-se desta citação que o sujeito é dependente da cadeia de significantes que causam a sua alienação ante a uma série de representações onde ele é, ao mesmo tempo, muitos e nenhum significante – e isto, devido à sua natureza intervalar –, uma vez que o significante S1, o que constitui sua singularidade, lhe é inacessível, sendo S2, o significante que cumpre a função de representar o sujeito para os outros significantes.

Assim, voltando ao significante “burrone”, enunciado por A1, e considerando, o que foi discutido na fundamentação teórica, a ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, segundo os processos metafóricos e metonímicos, é possível observar – na equação abaixo – como o sujeito, se identifica com o (s) significante (s) que o representa, o determina e causa a sua alienação.

$$\frac{S1}{s1} - X$$

$$\frac{S2}{s2} - S2 - \text{imagem acústica: burrone} / s2 - \text{conceito de burrone (adolescente não alfabetizada)}$$

Com a introdução da função metafórica, devido à impossibilidade de o sujeito ter acesso ao significante que lhe deu origem, uma vez que o sujeito não é uma coisa nem outra, mas um lugar vazio, um furo no conjunto da linguagem que desliza entre as cadeias significantes (DOR, 1992; DOSSE, 1993; FERREIRA, 2002; QUINET, 2012), há a substituição do significante S1, pelo significante S2, de modo que a equação passa a ser representada da seguinte forma:

$$\frac{S2}{\frac{S1}{s1}}$$

Observa-se que o significante S2, passa para a parte superior da barra, enquanto que o signo S1/s1, se desloca para a parte inferior, assumindo a função de significado da construção metafórica, mas um significado cujo sentido advém do Outro (Lacan, 2008), ou seja, o sujeito do inconsciente que se constitui por um não saber, representado com o valor de X, passa a se definir, a se identificar, de acordo com o exemplo em questão, com o significante S2 – burrone – que, por sua vez, se desloca do contexto da sua significação (adolescente não alfabetizada) e passa a representar o sujeito. Essa mesma função metafórica, conforme o exemplo utilizado por Dor (1992) e retomado aqui, pode ser utilizada para explicar os outros termos utilizados por A1 e A2 para se representarem.

Dessa forma, observa-se que o sujeito por definição é indefinível. Como corrobora Quinet (2012, p. 16),

[...] não se define o sujeito, ao contrário, por definição ele é indefinido, indefinível. Ele é, por exemplo, homem, médico, flamenguista, paulista, de esquerda etc., sendo que cada um desses significantes o representa para outro ou outros significantes: ele é homem em relação à mulher, ou em relação a uma criança, ou em relação a um marciano; ele é médico em relação a um engenheiro ou em relação ao paciente; ele é flamenguista em relação a um fluminense ou a todos os times de futebol etc. Assim o sujeito vai deslizando de significante em significante pelo conjunto da linguagem que compõe o Outro.

Esta passagem explicita como o sujeito, impossibilitado de ter acesso ao significante que lhe constituiu, é submetido ao simbólico, ao conjunto da linguagem, ao Outro do inconsciente que o impele a ocupar inúmeras posições, tais como homem, médico, flamenguista, mulher, etc. O sujeito é um conjunto vazio dentro da ordem simbólica, onde até mesmo o seu nome próprio, na maioria das vezes escolhido antes do nascimento da criança e que com o tempo se torna inextricavelmente conectado à sua subjetividade, segundo Fink (1998, p. 75) “[...] se tornará o significante da sua própria ausência enquanto sujeito, substituindo-o”.

Assim, no que se refere às análises das histórias de vida de A1 e A2, que nessa seção teve por objetivo responder a primeira questão da pesquisa<sup>15</sup>, depreende-se que esses sujeitos foram persuadidos a se identificarem com um conjunto de significantes provenientes do Outro, como restinho da feira, resto de aniversário, burrona, cavalona<sup>16</sup> e evangélico<sup>17</sup>, que marcam e determinam as suas histórias, os seus pensamentos, os seus desejos, segundo um lugar-posição no qual eles supõem estar, mas que em verdade, não estão, justamente pelo fato do sujeito ser, por definição, indefinido.

Como lembra Lacan (2008, p. 204), “[...] a característica do sujeito do inconsciente é de estar, sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar indeterminado”, onde os sentidos desses mesmos significantes, agora conforme Pêcheux (2014c) – que comenta o seminário 11 de Lacan, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” –, distantes do jogo simbólico eterno que os determinaria, se estabelece conforme as formações discursivas nas quais eles se inscrevem (Pêcheux, 2014c, p. 164).

---

<sup>15</sup> Primeira pergunta da pesquisa: quais os significantes que sustentam as posições-representações desses sujeitos?

<sup>16</sup> A1 também se identificou com outros significantes: gata sem vergonha, nada, honesta, bonitinha, Uber, velha, psicóloga, feliz, velhinha, feinha, comerciante, anestesiada, patinho feio, mãe.

<sup>17</sup> A2 também se identificou com outros significantes: administrador, juiz de direito, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de estoque.



### 3.2 OS DISCURSOS QUE CONSTITUEM E ATRAVESSAM ESSES SUJEITOS

Com o intuito de responder à segunda pergunta que orientou esse trabalho – quais os discursos que constituem e atravessam esses sujeitos –, este subcapítulo discorre sobre os efeitos de sentidos dos significantes utilizados por A1 e A2 para se representar, segundo o discurso do Outro<sup>18</sup> e, além disso, se discute a interpretação<sup>19</sup> desses sujeitos acerca das vicissitudes do processo de escolarização, buscando descrever-interpretar o lugar que a educação ocupa na história de vida de cada um dos participantes. O percurso dessa descrição- interpretação acolhe os conceitos estabelecidos pela Análise do Discurso e pela psicanálise.

No que concerne à Análise do Discurso, as palavras, conforme discutido na fundamentação teórica, espelham sentidos de discurso já realizados, imaginados ou possíveis, à medida que, como esclarece Orlandi (2004, p. 71), para que uma palavra faça sentido

[...] é preciso que ela já tenha sentido. Essa noção do significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, “mas esquecidas”, e que vão construindo uma história dos sentidos. Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do anonimato e da universalidade. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. Esse é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível. Dessa ilusão resulta o movimento da identidade e o movimento dos sentidos: eles não retornam apenas, eles se transformam, eles deslocam seu lugar na rede de filiações históricas, eles se projetam em novos sentidos”.

Conforme essa proposição, para a Análise do Discurso, as palavras que constituem os textos, são tomadas como discursos – definidos como efeito de sentidos entre locutores, cuja especificidade consiste em que sua materialidade seja linguística – que organizam a relação da língua com a história, isto é, com o interdiscurso, com o já dito, mas esquecido. Assim, toda fala se sustenta em uma relação de paráfrase que, por sua vez, é apagada. Esse apagamento, próprio do mecanismo da enunciação, que é atravessado pelo esquecimento número dois, é necessário para que o sujeito constitua sua posição, “o lugar do seu dizer possível”, e

---

<sup>18</sup> Esses significantes já foram submetidos a um processo de análise na seção anterior.

<sup>19</sup> Orlandi (2003, p. 60) distingue dois momentos em que a interpretação aparece na análise: 1. a autora considera que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta, cabendo ao analista procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise; 2. Não há descrição sem interpretação.

estabeleça as ilusões quanto à noção de que o sentido nasce ali, no instante em que as palavras são pronunciadas, de que ele sabe e controla o que diz e de que o que foi dito só poderia ser dito daquela forma (MUSSALIM, 2001; MALDIDIER, 2003; ORLANDI, 2003; 2004; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; PÊCHEUX, 2014c; SOUZA, 2014).

Ainda sobre o esquecimento n. 2, consoante aos princípios da AD, compreende-se que alguns enunciados são selecionados, enquanto outros são rejeitados, pelo sujeito a partir do interior da formação discursiva que o domina, ou seja, como corrobora Pêcheux (2014c, p. 161), “[...] no sistema de enunciados, formas e sequências que nela [na FD] se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*”.

Dessa forma, essa análise procurará remeter os enunciados de A1 e A2, isto é, o texto heterogêneo do corpus aos discursos e esclarecer as relações dos discursos com as formações discursivas refletindo, no que lhe toca, as ligações das formações discursivas com as formações ideológicas (MUSSALIM, 2001; ORLANDI, 2003; 2004; PÊCHEUX, 2014c; SOUZA, 2014).

Não obstante, por uma questão de método, preliminarmente o corpus foi submetido ao processo de de-superficialização da materialidade linguística, onde o analista observou, sobretudo, como o discurso que se pesquisa se textualiza diante de diferentes superfícies linguísticas que, por sua vez, se interligam ao mesmo processo discursivo (ORLANDI, 2003; PÊCHEUX; FUCHS, 2014).

Isso posto, por meio do processo exposto acima e dos recortes do corpus, foi possível inferir que A1 – que se representou com os significantes “resto”, de feira e de aniversário, burrona e cavalona, e relacionou o primeiro destes termos ao trabalho que exerceu durante a infância com o comércio de salgados para ajudar no sustento familiar, enquanto que o segundo e o terceiro denotam o jeito que ela foi chamada pelos seus pares ante a inserção, já na adolescência, no ambiente escolar – se constitui e é atravessada por discursos que indicam o valor que ela atribui à sua dedicação individual, ao seu trabalho, à sua perseverança, enfim, ao seu “mérito”.

Esses discursos aparecem, por exemplo, nas linhas 781-782 e 1104-1105:

[...] A1 - a gente quando quer conquistar alguma coisa... a gente necessita de vencer qualquer obstáculo; (L. 781-782)

[...] A1 - tudo foi com meu esforço... tudo que eu tenho hoje foi eu que corri atrás; (L.1104-1105)

Compreende-se, a partir dessas citações, o quanto A1 enaltece o esforço individual do sujeito que<sup>20</sup>, para “conquistar alguma coisa”, “necessita vencer qualquer obstáculo” e “correr atrás” daquilo que deseja com toda a dedicação, energia e diligência. A situação concreta do primeiro enunciado refere-se às barreiras que ela ultrapassou para continuar na escola, uma vez que, como já mencionado, por não ter sido alfabetizada na infância e ter ingressado no colégio durante a adolescência, A1 foi representada com os significantes “burrona” e “cavalona”. A situação concreta do segundo enunciado vincula-se ao significante “resto”, que, por sua vez, relaciona-se com o fato de A1 ter começado a trabalhar ainda na primeira década da vida. Além disso, os dizeres das linhas 1104-1105 evidenciam as dificuldades e privações que A1 passou no decurso do seu desenvolvimento e, não menos importante, os bens que, “por ter corrido atrás”, ela possui hoje.

Esses discursos convergem para uma formação discursiva meritocrática que lhe assegura a possibilidade de significação, porquanto, as palavras – justamente por espelharem sentidos de discurso já realizados, imaginados ou possíveis – não possuem um sentido intrínseco, que lhe seja próprio ou preso à sua literalidade (POSSENTI, 2001; ORLANDI, 2003; 2004; PÊCHEUX, 2014c; SOUZA; 2014; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017; NARZETTI, 2018). Os sentidos, como ratifica Orlandi (2004, p. 21),

[...] só existem nas relações de metáfora das quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem. A formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas.

Essa tese explícita que os sentidos são determinados pelas formações discursivas que se caracterizam por representar a matriz do sentido, por estipular o que se pode e o que não se pode dizer a partir de uma posição numa determinada conjuntura, por ser atravessada por outras formações discursivas com as quais estabelece relações de aliança, dominação e subordinação, além de se constituir na relação com o interdiscurso que representa a materialidade linguística de certa formação ideológica (MALDIDIER, 2003; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; PÊCHEUX, 2014c; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018; NARZETTI, 2018).

---

<sup>20</sup> O sujeito é indicado nas citações pela locução pronominal “a gente” e pelo pronome pessoal “eu”.

Assim, quando se analisa os discursos que aparecem no texto da história de vida de A1, notoriamente os recortes discutidos nesta seção, onde ela afirma que tudo que conseguiu foi decorrente da sua obstinação em vencer qualquer obstáculo, por meio do seu trabalho e do seu esforço individual, entende-se que os sentidos desses discursos se coadunam com a formação discursiva meritocrática, pois a ideia de meritocracia, sobretudo a difundida na instância do imaginário<sup>21</sup>, é a noção de que o sujeito que trabalha, se esforça e não desiste dos seus ideais irá “vencer” na vida.

A meritocracia, de acordo com Johnson (1997, p. 146), “[...] é um sistema social no qual o sucesso do indivíduo depende principalmente do seu mérito – de seus talentos, habilidades e esforço”. Com base nesta asserção, a desigualdade social, por exemplo, resulta da falta de mérito – trabalho, esforço, inteligência – do sujeito, e não de preconceito, discriminação e séculos de opressão de uma classe social sobre a outra (JOHNSON, 1997).

No dicionário de política publicado pela Editora da Universidade de Brasília, Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 747), arrazoam que a meritocracia surge com as sociedades industriais e se baseiam no poder da inteligência.

[...] em geral, entende-se por meritocracia o poder da inteligência que, nas sociedades industriais, estaria substituindo o poder baseado no nascimento ou na riqueza, em virtude da função exercida pela escola. De acordo com esta definição, os méritos dos indivíduos, decorrentes principalmente das aptidões intelectivas que são confirmadas no sistema escolar mediante diplomas e títulos, viriam a constituir a base indispensável, conquanto nem sempre suficiente, do poder das novas classes dirigentes, obrigando também os tradicionais grupos dominantes a amoldarem-se. Postula-se, dessa forma, o progressivo desaparecimento do princípio da ascription (pelo qual as posições sociais são atribuídas por privilégio de nascimento) e a substituição deste pelo princípio do achievement (pelo qual as posições sociais são, ao invés, adquiridas graças à capacidade individual).

Depreende-se dessa proposição que a meritocracia é entendida como facilitadora do progressivo desaparecimento de uma sociedade na qual as posições sociais eram atribuídas por privilégio de nascimento, como no caso das sociedades europeias do antigo regime, e a substituição deste princípio por uma sociedade – burguesa-industrial – na qual as posições sociais são adquiridas graças à capacidade individual, isto é, por meio da capacidade

---

<sup>21</sup> Na instância do imaginário, regida pela força da unidade, da completude, da coerência, do claro e do distinto, da não contradição, se estabelece uma relação de dominância de um Formação Discursiva com as outras (ORLANDI, 2003).

intelectiva que é confirmada mediante a posse de diplomas e de títulos expedidos por instituições oficiais de ensino (FLORENZANO, 1981; ARRUDA, 1988; CHAÚÍ, 1997;).

Além disto, a tese discernida por Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), ao precisar a época e a formação social em que a meritocracia se desenvolve, melhor dizendo, ao associar este termo às revoluções burguesas dos séculos XVIII e XIX, indica a memória discursiva da meritocracia e estabelece o nexos entre esta formação discursiva e o interdiscurso. Como ressalta Pêcheux (2014c, p. 149), “[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal”. Assim, o sentido da formação discursiva meritocrática é determinado pela objetividade material do interdiscurso que evidencia aquilo que “fala sempre antes”, em outro local e independentemente, ou seja, algo que fala ao abrigo da dominação dos complexos das formações ideológicas que, neste caso particular, corresponde à ideologia liberal<sup>22</sup> que sustenta a ideia da “igualdade de possibilidades” que seria assegurada por meio do processo educacional (CHAÚÍ, 1997; BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998; MALDIDIER, 2003; ORLANDI, 2004; PÊCHEUX, 2014c).

Dessa forma, o interdiscurso, caracterizado pela formação ideológica liberal, que determina o sentido da formação discursiva meritocrática, é responsável, de modo geral, pela interpelação de A1 em sujeito e, especialmente, em sujeito de seu discurso, uma vez que o interdiscurso “[...] fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas” (PÊCHEUX, 2014c, p. 149). Além disso, o interdiscurso determina o sujeito forçando-dissimulando seu assujeitamento sob a aparência da autonomia, de modo que os traços do discurso que determina a A1, estão reinscritos no seu próprio discurso (MALDIDIER, 2003; ORLANDI, 2003; 2004; PÊCHEUX, 2014c).

Essa reinscrição do discurso meritocrático, que determina e constitui A1, pode ser novamente observada, por exemplo, nos recortes das linhas 195-196 e 1023.

---

<sup>22</sup> A ideologia liberal – que se atualiza no discurso neoliberal – se desenvolveu de forma adjacente às aspirações políticas da burguesia. Essa classe social, em contraste com a legitimidade hereditária e sanguínea reservada à nobreza, através da teoria do direito natural, sistematizada pelo filósofo inglês John Locke, defende o direito à vida, à liberdade e à “propriedade privada” – propriedade conseguida por meio do trabalho. Esses direitos, sobretudo a posse da propriedade privada, seria a prova incontestada da legitimidade (e superioridade) da burguesia frente aos nobres (parasitas da sociedade) e aos pobres (os não proprietários) (CHAÚÍ, 1997; SILVA; SILVA, 2009).

[...] A1 - eu sempre botei na minha cabeça que a gente não é nada sem estudo; (L. 195-196)

[...] A1 - eu queria estudar pra mim ter um estudo, ter uma profissão... ser alguém na vida; (L. 1023)

A1, ao reputar o sentido da sua existência à escolarização, ou melhor, ao julgar que o sujeito – ela própria – “não é nada sem estudo”, ou ainda, que é necessário ter estudo para “ser alguém na vida”, atribui à educação formal um papel essencial no seu desenvolvimento.

Essa formação discursiva meritocrática e a formação ideológica ao qual ela está subordinada, mormente em seus deslizos sobre o efeito de sentido da educação, que interpela A1, embora não seja a dominante, também determina e constitui A2<sup>23</sup>, como é possível observar no recorte da linha 318:

[...] A2 - mais ele foi um vencedor que ele conseguiu; (L. 318)

No discurso de A2, a educação faz com que o sujeito se identifique e seja reconhecido como um “vencedor”. Ao se referir a um dentre os seus cinco filhos que mesmo desempregado e, por isso, com pouco recurso financeiro, tendo que executar todos os trabalhos com o auxílio de um celular, pois a família não possuía computador, se esmerou e “conseguiu” concluir o ensino superior em pedagogia, A2, a exemplo de A1, reproduz o discurso meritocrático que enaltece o esforço individual e o valor da escolarização.

Embora a educação seja um conceito abrangente<sup>24</sup>, justamente por envolver um processo de desenvolvimento individual-social (GADOTTI, 2000), definido pelo estágio atual da luta de classes na qual o sujeito está inserido, que implica, segundo Libâneo (2001, p. 23), “[...] uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática”, compreende-se que A1 e A2 – ainda que resguardadas suas singularidades – são assujeitados pelo discurso meritocrático, isto é, pela ideologia liberal (neoliberal) que defende a propagada “igualdade de possibilidades” que seria garantida pela escola.

A escola, por sua vez, em conformidade com a asserção liberal, seria capaz de diminuir os privilégios típicos das sociedades tradicionais, o atraso econômico, o autoritarismo e construir uma sociedade moderna – centrada na razão e nos conhecimentos

---

<sup>23</sup> Conforme analisado na seção 4.1, a palavra “evangélico” foi um dos significantes que A2 escolheu para se representar.

<sup>24</sup> O conceito de Educação, devido à sua complexidade e aos objetivos dessa pesquisa, não foi pormenorizado.

científicos –, justa (meritocrática) e democrática (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Entretanto, segundo Bourdieu (1998, p. 41), ao invés de cumprir este papel e funcionar como um fator de mobilidade social ao garantir a “igualdade de possibilidades”, a escola atua ideologicamente para reproduzir e justificar a permanência das desigualdades, tornando-as aceitáveis a todos.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2002), a sociologia da educação de Pierre Bourdieu inverteu a perspectiva otimista da escola, à medida que

[...] onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Assente nesta proposição, o processo de escolarização, ao invés de garantir a igualdade de possibilidades, somar esforços para desenvolver uma sociedade isonômica, justa e democrática, na qual o trabalho, o esforço e a perseverança, enfim, onde o estudo, o intelecto e, de fato, o “mérito” possibilite aos sujeitos, como A1 e A2, “serem alguém na vida”, “vencedor”, cumpre a dupla função ideológica ao reproduzir e justificar a permanência das desigualdades.

Isso porque, em uma sociedade dividida em classes, a concepção de “igualdade de possibilidades” não passa de uma fantasia (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998). O sucesso ou o fracasso escolar, longe de ser um atributo inerente aos “esforços” do sujeito, está relacionado ao seu processo inicial de socialização, ou seja, ao capital cultural, social e econômico herdado, que coloca os sujeitos em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares (BOURDIEU, 1998). Ao negar esse mecanismo, quer dizer, esta bagagem herdada, que favorece o sucesso escolar dos alunos da classe dominante, à medida que as crenças, os costumes, as posturas, os conhecimentos – linguísticos, históricos, “culturais” – e os valores exigidos representam os ideais deste grupo, dissimulados como sendo ideais universais, a escola, além de reproduzir as desigualdades, exerceria o papel primordial “[...] de legitimação dessas desigualdades, ao dissimular as bases sociais destas, convertendo-as em diferenças acadêmicas e cognitivas, relacionadas aos méritos e dons individuais” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Convergente à visão de Bourdieu (1998), Althusser (1996) ressalta que as escolas nas sociedades contemporâneas ensinam as “habilidades” que garantem a resignação à ideologia dominante. Segundo o seu raciocínio, “[...] a Igreja foi hoje substituída, *em seu papel de AIE dominante*, pela escola. [...] a escola [...] constitui o AIE dominante, o aparelho que desempenha um papel decisivo na reprodução das relações de produção” (ALTHUSSER, 1996, p. 123). De acordo com este excerto, ao ocupar o lugar exercido pela igreja na idade média, a escola se tornou o principal Aparelho Ideológico do Estado à serviço da ideologia da classe dominante. Responsável pela reprodução das relações de produção, que nas sociedades capitalistas são relações de exploração (EAGLETON, 1999; MARX; ENGELS, 2005), ou antes, contraditória e simultaneamente, responsável pela transformação das relações de produção (PÊCHEUX; FUCHS, 2014; PÊCHEUX, 2014c), os AIE em geral, e a escola em particular, por meio da ideologia que se materializa nos gestos e nos discursos, além de buscarem reprimir-apagar as contradições entre as classes para manter o *status quo* de determinada formação social, representam o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes.

No que se refere ao papel desempenhado pela Igreja – a despeito da sua substituição, como “AIE dominante” nas sociedades capitalistas –, ao se deslocar o foco da análise, que até aqui priorizou a narrativa de A1, para a história de vida de A2, que se representou com o significante “evangélico”, é possível observar, conforme os recortes das linhas 12-13 e 464 a 467, o quanto a ideologia religiosa ainda está presente e é responsável pelo processo de interpelação deste indivíduo em sujeito.

[...] A2 - que Deus me curou/ eu tive uma cura instantânea... só Deus me curou que eu tinha um problema de coração grande eu não podia respirar que eu tinha uma asma; (L. 12-13)

[...] A2 - eu não deixo Jesus por nada/ ele já fez muita glória ( ) naquele tempo Jesus fazia: milagre/ a questão aí é a fé:/ A FÉ/ SE VOCÊ tem fé: você: tem um milagre instantâneo até mesmo se for na hora Deus opera um milagre e ele te cura; (L. 464 a 467)

Esses recortes notabilizam o contumaz discurso religioso expressado na fala de A2. Pois ao atribuir a Deus “uma cura instantânea” do problema de “coração grande” que dificultava a sua respiração, esclarecer que “não deixa Jesus por nada” e afirmar que quando se tem fé “Deus opera um milagre e ele te cura”, A2 demonstra, ao reinscrever amiúde “Deus” no seu discurso, o quanto a formação discursiva cristã, em sua ligação com a formação ideológica religiosa, é determinante em seu processo de assujeitamento ao Outro, ou ao Sujeito, que o torna interpassivo, livre, autor e responsável, garante que tudo é assim e



ficará bem, além de salvá-lo de inúmeras afecções (ALTHUSSER, 1996; MALDIDIER, 2003; FERREIRA, 2010; ŽIŽEK, 2010; MARIANI, 2012; PLON, 2012; PÊCHEUX; FUCHS, 2014; PÊCHEUX, 2014c).

Ademais, pelo fato do sujeito discursivo se constituir<sup>25</sup>, não apenas a partir da ideologia, pela noção de assujeitamento, mas também a partir da psicanálise, pela noção do inconsciente, estruturas que se articulam por meio da linguagem, e ser apreensível enquanto posição que se resvala nos efeitos do discurso (FERREIRA, 2010; MARIANI, 2012; PÊCHE, 2014c; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017), os recortes da fala de A2 destacados acima evidenciam os problemas de saúde e a íntima relação com “Deus” que atravessam a história de vida deste sujeito e da sua família. Em razão disso, nas linhas 175 a 177, 424 a 428, 455 a 457 e 590 a 598, por exemplo, é possível constatar o quanto as afecções e os milagres operados por Deus não se restringem à cura instantânea do coração grande que o impedia de respirar.

[...] A2 - fizeram exame [sua esposa] tudinho de novo e deu a pedra nos rins e também o: cisto no ovário né/ pedra nos rins e cisto no ovário e essa anemia; (L. 175 a 177)

[...] A2- foi através desse suco eu peguei o uma doença que é... que é igual o mal de ( ) aí fura minha gengiva/ eu sentia muita dor... mas só que no... não aparecia assim/ mas o buraco... aí eu fiquei em casa nesse tempo/ perdi o emprego também por isso que era muita dor de dente inflamado... aqui ficava cheio de buraco ( ) de um lado pro outro, de um lado pro outro; (L. 424 a 428)

[...] A2 - o corpo de cristo sangue né... então foi instantâneo isso aí... eu curei/ com fé eu fui curado... aí voltou tudo ao normal minha/ meus dentes, sumiu o buraco fundo: mas buraco feio mesmo ( ) e eu agradeço a Deus por isso; (L. 455 a 457)

[...] A2 - aí bateu a cabeça dele e fez um corte muito grande... então ele veio a óbito também... aí Deus operou do lado também da vida dele... trouxe ele de vida depois que: tá dentro do caixão:: Deus operou um milagre também na vida dele [P - Mas ele chegou a ir pra dentro de um caixão/ não?] Chegou porque naquele tempo os caixão eram roxo né... a gente tava lá já em casa lá tudinho era meia noite... só que aí a mãe dele se desesperou e começou a orar... pediu pra Deus pra devolver a alma dele de volta... e Deus operou o milagre... aí ele se levantou com fome... aí demo água pra ele/ comida... hoje em dia ele está dentro da faculdade; (L. 590 a 598)

---

<sup>25</sup> Essa noção é defendida repetidas vezes no corpo desse trabalho.

Como se observa, a esposa de A2, que já havia se curado de um câncer depois que um “bisco voador”<sup>26</sup> sobrevoou Manaus, foi diagnosticada com “pedra nos rins”, “cisto no ovário” e “anemia”. Estas doenças, mesmo passíveis de intervenção cirúrgica e tratamento, ocasionaram a viuvez de A2 que responsabilizou os médicos pelo ocorrido. A2 também foi acometido por uma doença que “fura” sua gengiva, passa para os “dentes” e o deixa “cheio de buraco”, um “buraco fundo”, um “buraco feio mesmo” que desapareceu, mais uma vez, por intervenção instantânea de Deus. Por fim, após um dos seus filhos morrer por efeito de ter “batido a cabeça e se cortado”, Deus, literalmente, ressuscitou esse rapaz que hoje é um “vencedor”, pois está na “faculdade”.

Fundamentando-se nos fragmentos expostos acima e na noção de que todo discurso, além de ser afetado pelas relações de lugar e posição, possibilita ao sujeito, como defende Lacan (1986, p. 322), desenvolver o que é sua verdade, sua integração, sua história, ainda que com buracos, compreende-se que A2 ocupa uma posição hipocondríaca na qual ele se reconhece como sujeito (ORLANDI, 2003, FERREIRA, 2010; MARIANI, 2012; PLON, 2012; FUCHS; PÊCHEUX, 2014; SOUZA, 2014; DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017). Não obstante, à medida que todo discurso se comunica com outro discurso, presente nele pela sua ausência necessária (ORLANDI, 2004), a posição hipocondríaca de A2 desliza para uma posição paranoica, ou antes, revela sua estrutura de personalidade psicótica, porquanto, sabe-se que a entrada na paranoia pode-se dar pela hipocondria (QUINET, 2010; FREUD, 2010a; 2010c; 2016).

Incluída inicialmente no quadro das neuroses atuais<sup>27</sup>, cuja origem não deve ser buscada nos conflitos infantis, mas no presente, uma vez que os sintomas resultam da carência ou da inadequação sexual, além da repressão à agressividade (KAUFMANN, 1996; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; FREUD, 2016; 2010c), a hipocondria está ligada à paranoia, como argumenta Freud (2010a) em seu estudo do caso *Schreber*: “[...] não quero omitir a observação de que, para mim, apenas será digna de confiança uma teoria da paranoia

---

<sup>26</sup> A2 - Foi da minha esposa... ela teve câncer/ nesse tempo lá na Colônia né... ela secou ficou só pele e osso não podia nem levantar... e eu trabalhava/ os dois terrenos ainda eram ( ) até que chegou uma vizinha do lado que ajudava/ dava comida pra ela que ela era cardíaca/ e eu tinha que trabalhar, eu não estava ao lado mais eu ia na igreja... pegava óleo ungido, pegava alguma roupa dela pra levar pra Deus né... aí um dia/ ela tinha muita fé em Deus/ aí um dia ela “passou um bisco aí” eu não vi nenhum avião... aí eu:: eu comprei um radinho né... um radinho pra ela ficar escutando/ sempre tem uns testemunhos, tem uns milagres... pra ficar escutando lá: os louvor... aí ela escutando ela disse que:: tinha um bisco que vinha/ que tinha acontecido um problema no avião lá que ele tinha que pousar aqui em Manaus... era pra ele/ pra abastecer o avião e ele ir na catedral... aí nesse dia ela disse que orou lá em casa mesmo e Deus operou ela... instantâneo/ é a fé pro Sr. vê... (L. 488 a 499)

<sup>27</sup> No quadro das neuroses atuais estão incluídas a neurose de angústia, a neurastenia e a hipocondria. Diferem-se das psiconeuroses de transferência e narcísicas;

que consiga integrar os sintomas *hipocondríacos* que quase sempre acompanham a doença” (FREUD, 2010a, p. 75).

Freud (2010a) conclui seu raciocínio, ao menos no estudo do caso *Schreber*, alegando que a hipocondria está em relação a paranoia na mesma proporção em que a neurose de angústia se liga à histeria. Lacan (1988), ao analisar o mesmo caso, afirma que a doença do eminente Presidente do Tribunal de Apelação na cidade de Leipzig, “[...] desde o início são [apresenta] sintomas, primeiramente hipocondríacos, que são sintomas psicóticos” (LACAN, 1988, p. 352).

Dessa forma, a hipocondria, ao ser identificada por Freud (2010a) como uma das formas da paranoia, como ressalta Quinet (2010, p. 141), “[...] ao lado da paranoia de reivindicação, da paranoia de perseguição, do delírio de ciúme e do delírio da erotomania”, insere-se no quadro das psicoses (LACAN, 1988), onde a angústia em relação ao corpo, ou ao estilçamento da imagem especular do corpo (JORGE; FERREIRA, 2005), ainda que seja mais nítida na esquizofrenia, também está presente.

Reavendo o episódio que encerra a vida da esposa de A2, é possível presumir que ele desenvolve um delírio de reinvidicação, visto que, à semelhança do caso do *Homem dos Lobos*<sup>28</sup>, que após arrancar todos os dentes e passar por uma cirurgia para retirar uma espinha do nariz, potencializa seu delírio de perseguição-reinvidicação ao ter a convicção de ser vítima de uma mutilação causada pelo Dr. Ermann (QUINET, 2010), A2 acusa os médicos de serem os responsáveis pela morte da sua companheira e conjectura a possibilidade de impetrar uma ação “reivindicadora” contra o hospital, o médico e o Estado<sup>29</sup>.

A intervenção cirúrgica do “Homem dos Lobos”, responsável pela instalação do delírio hipocondríaco, por ter deixado um buraco imperceptível em seu nariz, órgão que classicamente representa o pênis (QUINET, 2010; FREUD, 2014a), aponta à angústia em relação ao corpo, presente nos estados psicóticos, como bem notou Freud (2010c) ao afirmar, a partir da teoria das pulsões<sup>30</sup> em “Introdução ao Narcisismo”, “[...] que a hipocondria tenha com a parafrenia uma relação similar à das outras neuroses “atuais” com a histeria e a neurose

---

<sup>28</sup> A referência a este caso se dá por meio da análise realizada, devido ao encaminhamento do próprio Freud, por Ruth Mack Brunswick.

<sup>29</sup> A2 - não tinha que fazer uma operação... então a outra Dra. disse que não ia operar ela mas os médicos foram fazer a operação assim mesmo e mataram a minha esposa, tiraram o pâncreas, furaram o intestino... ( ) entrar com::: na delegacia... fazer o: B/ B.O. e: e processar o hospital e o médico: e o Estado e o médico... por causa disso... porque não era pra ter acontecido isso... mas aí eu já tinha enterrado né... falei com meus filhos meus filhos conhecem ele... entrega na mão de Deus porque Deus é maior né; (L. 214 a 220)

<sup>30</sup> À época, a teoria das pulsões de Freud correspondia às “pulsões do eu” e às “pulsões do objeto”.

obsessiva” (FREUD, 2010c, p. 20). Essa angústia que se manifesta no corpo é perceptível no relato da história de vida de A2, uma vez que não são poucas as doenças que circunscrevem essa narrativa<sup>31</sup>, sendo que, dos recortes selecionados, a parte em que ele fala sobre o buraco que surgiu na sua gengiva – um buraco fundo, um buraco feio mesmo – e passou para os dentes, tendo voltado ao normal pela graça de Deus, impressiona pela similitude com o caso do Homem dos Lobos.

É importante lembrar que para a psicanálise o sujeito hipocondríaco-paranoico tem “buraco”, isto é, a sensação Real de que pode se “despedaçar”, por demonstrar todo o seu complexo de castração<sup>32</sup> ao nível da pele (FREUD, 2010c). Segundo Quinet (2010, p. 142), ao se referir ao texto freudiano “o Inconsciente”,

[...] em 1915, no artigo “o Inconsciente”, encontramos a relação entre a hipocondria e a esquizofrenia, e Freud aí evoca um caso, que pode ser o do Homem dos Lobos, em que um sujeito afirma que os poros e os cravos são furos profundos que se assemelham à vagina e que todos o olham. A análise demonstra que ele desempenha todo seu complexo de castração no nível da pele. A castração, em vez de ser uma operação no Simbólico, aparece aqui imaginando o Real no corpo, e o sujeito se questiona se aquele furo é ou não uma vagina.

De acordo com a citação em questão, a castração, pelo fato de não ter sido simbolizada, ou seja, conforme a terminologia lacaniana, pelo efeito da “forclusão do Nome-do-Pai”, é vivenciada como um furo (buraco) Real no corpo. O Real, um dos três registros do aparelho psíquico que forma o nó borromeano, é da ordem do furo, do buraco, justamente por causa da sua impossibilidade de simbolização, uma vez que esta instância se situa antes do aparecimento de toda a vida. Entretanto, na medida em que o Real é submetido ao recalque originário, isto é, ao Nome-do-Pai que representa o “não”, a lei, ele comparece no simbólico e no imaginário – sob a forma de falta de um significante no primeiro, e por meio da ausência de um saber sobre a espécie, na forma de um furo real no imaginário no segundo – e possibilita a entrada do sujeito na linguagem sob a epígrafe de um significante (LAPANCHE; PONTALIS, 2001; JORGE; FERREIRA, 2005; QUINET, 2010).

Em síntese, ao contrário do sujeito neurótico, como A1, por exemplo, que no lugar do Real – deste nada primordial – colocou alguma coisa, como o “não” representado pelo Nome-

---

<sup>31</sup> Coração grande, asma, pedras nos rins, cisto no ovário, anemia, furo na gengiva, dente inflamado, buraco fundo, morte e ressurreição.

<sup>32</sup> Nesse ponto a castração está relacionada à cena primitiva, ou seja, ao momento da primeira experiência traumática na qual o sujeito é incapaz de elaborar a ausência de pênis na mãe.

do-Pai dado pela unidade do eu ao corpo despedaçado, na psicose, como no caso de A2, esse “não” é dado ao Nome-do-Pai de forma radical, de modo a não consentir a simbolização do Real. Como enfatiza Jorge e Ferreira (2005, p. 34), “[...] o não do recalque originário é um não que tem um sim [...] que lhe é correlativo; já a forclusão é um não que não tem um sim correlativo a ele. O não do recalque é secundário, ao passo que o não da forclusão é primário”.

Assim, conclui-se que A1, devido ao recalque originário<sup>33</sup>, se “estabiliza” por meio da sua inserção no simbólico, ou seja, este sujeito se constitui por meio da linguagem a partir da identificação com os significantes resto, burrona e cavalona, cujo sentido é determinado pela formação discursiva meritocrática. Por conseguinte, A2, que se identificou com o significante evangélico, vive a castração no nível da pele, por efeito da forclusão do Nome-do-Pai, que se manifesta no corpo através dos fenômenos hipocondríacos, determina o seu discurso e a sua posição enquanto sujeito, além de favorecer os seus delírios religiosos acerca dos milagres de Deus (DALGALARRONDO, 2008).

Ainda sobre esse corpo hipocondríaco, despedaçado, pulsional, próprio dos estados psicóticos, é alusivo um dos sonhos de A2 no qual ele descreve a reforma da sua casa. Como será analisado em detalhes na próxima seção, que visa compreender as formações do inconsciente, em especial a descrição-interpretação dos sonhos de A1 e A2, esse sonho com a reestruturação da casa permite antever o desejo desse sujeito quanto à unificação da sua imagem especular, à medida que, desde Freud (2014a; 2014b), sabe-se que o corpo nas manifestações oníricas é simbolizado, justamente, pela casa.

### 3.3 A NATUREZA INCONSCIENTE DESSES SUJEITOS

A análise desse subcapítulo, que busca responder a terceira pergunta que norteia esta pesquisa, “o que a descrição-interpretação dos sonhos revela sobre a natureza inconsciente desses sujeitos?”, privilegiará a materialidade linguística do corpus estabelecida a partir da tabela de descrição-interpretação dos sonhos. Conforme o que foi exposto acerca dos procedimentos de geração dos fatos linguísticos, ao término da primeira parte da gravação da história de vida, que intercorreu no CSPA da UFAM, foi entregue aos sujeitos as referidas tabelas e solicitado a eles que observassem seus sonhos durante uma semana. Assim, A1

---

<sup>33</sup> Há de se considerar que esse sujeito ainda é atravessado por uma falta estrutural.

descreveu e interpretou três sonhos, enquanto que A2, ainda que também tenha descrito três sonhos, interpretou apenas um.

O sonho, designado mais de uma vez como a *via régia* para o inconsciente, visto como um ato psíquico pleno de sentido, cujo principal atributo é a realização disfarçada de um desejo, constitui uma importante fonte de compreensão da subjetividade humana, de modo que o fundador da psicanálise chega a propor em um artigo de 1911, “*O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*”, que a interpretação completa de um único fenômeno onírico pode coincidir com a realização de toda a análise (FREUD, 2010a; 2010b; 2014a; 2014b; 2018).

Local onde o sujeito está em “casa”, conforme a aceção de Lacan<sup>34</sup> (2008), que sublinha o fato da imagem onírica se inserir na estrutura da linguagem, à medida que o “[...] sonho fica sujeito às modalidades e às transformações do significante, às estruturas da metáfora e da metonímia, da condensação e do deslocamento” (LACAN, 1999, p. 282).

Como se vê, para o psicanalista francês, o sonho tem valor de significante e é capaz de desvendar os processos psíquicos mais profundos, digo, o processo primevo do que se passou em torno do desejo infantil, do desejo fundamental, que é o desejo do desejo do Outro, ou o desejo de ser desejado (LACAN, 1999). Além do mais, Freud (2014a) ressalta que o sonho permite o acesso à aurora filogenética do gênero humano, isto é, “[...] as fases mais antigas e mais obscuras dos primórdios da humanidade” (FREUD, 2014a, p. 577).

Não é por acaso que atualmente uma esfera da neurociência, com o uso de tecnologias capazes de inspirar filmes de ficção científica, ou seja, com o uso de ferramentas cada vez mais sofisticadas, como a *Ressonância Magnética Funcional*, que permite mapear as diferentes estruturas do cérebro conforme o fluxo de sangue que aumenta ou diminui e reconstruir uma imagem do que o sujeito estava vendo (MLODINOW, 2018), voltam-se à psicanálise, até então negligenciada, para justamente corroborar a ideia de que o estudo dos sonhos, além de proporcionar uma análise profunda da psique do sonhador, pode ajudar a compreender a evolução do próprio cérebro da espécie humana (RIBEIRO, 2019).

Nesse sentido, são significativas as excorgitações que buscam entender o desenvolvimento da mente humana por meio das transformações que ocorrem no sonho do bebê ao idoso – passando pela criança, pelo adolescente e pelo adulto –, uma vez que, assim

---

<sup>34</sup> “[...] aqui, no campo do sonho, estás em casa” (LACAN, 2008, p. 50).

como o cérebro sofre muitas alterações<sup>35</sup>, “[...] os enredos oníricos se desenvolvem com o tempo, conforme amadurecem a percepção, a motricidade, a linguagem e a socialização” (RIBEIRO, 2019, p. 104).

Uma pesquisa longitudinal realizada pelo psicólogo norte-americano David Foulkes (1985) *apud* Ribeiro (2019) com dezenas de pessoas entre três e quinze anos revelou, a título de exemplo, que os sonhos das crianças entre cinco e sete anos, por mais que se assemelhem ao sonho do adulto, porquanto rompem com a pobreza verbal e estabelecem o sonho como narrativa – marcada pela multiplicidade de pessoas, objetos e relações com o mundo real –, ainda não consegue representar nitidamente o “eu” sonhador. Somente depois dessa fase as crianças adquirem a plena competência onírica, quer dizer, crianças entre sete e nove anos conseguem representar o “eu” sonhador com a prevalência dos pensamentos oníricos em primeira pessoa, relatam narrativas mais complexas e apresentam afetos específicos.

No fim da pré-adolescência, entre onze e treze anos, os sonhos passam pelo seu segundo grande amadurecimento. Nesse período a capacidade de se lembrar dos sonhos e a sua prevalência no sono REM<sup>36</sup> atingem níveis comparáveis aos dos adultos. A autorrepresentação do “eu” sonhador e os objetos do mundo dos sonhos aparecem mais equilibrados. Os pensamentos oníricos tornam-se mais ricos e as diferenças individuais de caráter, repertório intelectual e habilidades sociais mais nítidas. Há uma maior equivalência nas emoções, no que diz respeito aos afetos positivos e negativos, o sonho passa a ser menos centrado nos parentes e as diferenças entre os sonhos de meninos e meninas, conforme o papel social de cada um, tornam-se mais evidentes. As meninas sonham mais com meninas e os meninos sonham mais com meninos. Além disso, os meninos tendem a ter mais reações sensoriais e sonhos conflituosos com desfechos desfavoráveis (FOULKES, 1985).

O experimento de Foulkes (1985) sugere que o desenvolvimento do cérebro na vigília é acompanhado da maturação psicológica do sonho que, da infância à idade adulta, por sofrer muitas transformações, exprime sonhos que podem ser passivos e estáticos, com pouca fluência verbal, típicos da criança de quatro anos, como também apresentam sonhos complexos e cinematográficos, característico do sonho adolescente-adulto. Em suma, o

---

<sup>35</sup> No início do seu desenvolvimento o cérebro, que a partir da trigésima semana de gestação já se encontra praticamente formado, é dominado pela proliferação de neurônios e sinapses, ao passo que no decurso da infância para a adolescência predomina a morte neural e a supressão sináptica.

<sup>36</sup> Sono REM (rapid eye movement), ou movimento rápido dos olhos, é a parte do sono onde há grande atividade cerebral, capaz de reverberar memórias com muita intensidade.

aparelho psíquico que sonha é o mesmo que vive a vigília. Isto posto, quanto mais desenvolvido for o tecido neural, mais elaborado será o sonho.

Não obstante, Ribeiro (2019) evidencia que embora poucas pessoas se lembrem do seu primeiro sonho, ele deve ter ocorrido depois dos três anos de idade, sob o umbral do uso da gramática e da sintaxe. Isso porque, ao pressupor a sua narrativa, o estudo do sonho só é acessível pela linguagem. Ainda como assinala Ribeiro (2019), a ligação do sonho com o seu relato, ou seja, com a linguagem,

[...] apresenta com nitidez o problema da elaboração secundária, isto é, o fato de que nunca temos acesso ao sonho propriamente dito, a experiência primária que efetivamente ocorreu na mente de quem sonhou, mas sempre e apenas à uma elaboração subjetiva do que teria sido a experiência segundo quem afirma ter sonhado (RIBEIRO, 2019, p. 22).

Depreende-se, a partir dessa passagem, que na época atual a neurociência reforça algumas ideias elaboradas por Freud (2014a; 2014b) no início do século XX, como a premissa do sonho representar um canal privilegiado para se acessar o inconsciente do sonhador, estar vinculado à infância do desenvolvimento, seja do próprio sujeito ou da humanidade, e o fato do sonho ser inteligível apenas pela mediação da linguagem, isto é, por meio da elaboração secundária.

Freud (2014a) destaca que a elaboração secundária, vinculada à tendência condensadora, ao deslocamento e à consideração pela figuralidade, compõe o quarto fator envolvido na formação do sonho que, por estar ligada ao sistema pré-consciente, do ponto de vista tópico, e ao princípio de realidade, do ponto de vista econômico-dinâmico (DAVIS; FIORI; RAPPAPORT, 1981; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), atua como uma espécie de primeira intérprete<sup>37</sup> dos sonhos, ou melhor, “[...] ela tapa as lacunas na estrutura do sonho. O resultado de seus esforços é que o sonho perde a sua aparência de absurdo e de incoerência e se aproxima do modelo de uma experiência compreensível” (FREUD, 2014a, p. 516).

Ao aproximar o sonho incoerente e absurdo “do modelo de uma experiência compreensível”, ou ainda, ao sustentar que a elaboração secundária cumpre a função de “[...] traduzir sua linguagem simbólica para a linguagem de nosso pensamento em estado de

---

<sup>37</sup> Essa concepção da elaboração secundária, quanto ao papel que essa instância desempenha na interpretação do sonho, se aproxima da concepção defendida por Orlandi (2003, p. 60), a respeito do primeiro momento em que a interpretação aparece na análise, ou seja, a ideia de que o sujeito que fala interpreta, cabendo ao analista procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise.



vigília” (FREUD, 2014b, p. 185), o fundador da psicanálise submete o sonho – como já aludido – ao domínio da linguagem, de modo que os pensamentos oníricos passam a ser abordados, sobretudo depois de Lacan (1986; 1989; 1999), como um texto que abrange em si os mesmos *modus operandi* de que a linguagem se utiliza, isto é, o sonho passa a ter valor de significante (JORGE; FERREIRA, 2005; COSTA, 2006).

Dessa forma, a partir das proposições destacadas acima, cumpre-se a análise dos pensamentos oníricos de A2 que, ao se representar com o significante evangélico e ser associado à posição hipocondríaco-paranoico, relatou o seguinte sonho:

[...] A2 - esse sonho: a um projeto de vida nesse sonho qui eu sonhem eu pedia a Deus qui ele mindece condisões pra mim poder construir a minha casa é qui esse sonho vinhesi sirealizar 2018, só agora vai ser realizar naminha vida em 2019 U meu filho: Deus abriu uma porta de emprego pra ele toda vez qui ele recebe ele ajuntava udinhero guardava no cofri ele ta com cinco mese empregado foi quando eli mindeu o dinheiro nas minha mão eu comprei tijôlo, areia, xeixo, e cimento eu fiquei tão feliz qui eu já comecei a construir a minha casa em nome Du Senhor Jesus esse sonho ser rellizou na minha vida; (apêndice L)

A melhor forma de se interpretar essa narrativa seria por meio das associações livres do próprio A2, uma vez que, a psicanálise busca, sempre que possível, receber do próprio sonhador as inferências sobre o significado dos seus sonhos. Entretanto, visto que A2, a princípio, não conseguiu se livrar da censura e estabelecer as conexões necessárias ao procedimento da análise, relatando tudo que lhe proveio à mente com o preenchimento do campo da tabela de descrição-interpretação destinado a esse propósito, recorre-se à interpretação simbólica, conforme os termos defendidos por Freud (2010a; 2014a, 2014b), dos fragmentos<sup>38</sup> do pensamento onírico relatado acima.

A interpretação simbólica dos sonhos se disseminou por diferentes culturas ao longo do tempo, como no budismo – a propósito dos cinco sonhos com montanhas de excrementos do príncipe Siddhartha Gautama, que representavam os objetos, as roupas e as relações que o Buda havia deixado para trás –, no islamismo, por ocasião do sonho com ovelhas brancas e ovelhas negras de Maomé, cuja interpretação profetizava que o islã iria se propagar para além

---

<sup>38</sup> Como a interação da AD com a psicanálise ainda é uma área do conhecimento em construção, é importante destacar algumas similaridades, por mais evidentes que sejam, como o fato da AD proceder suas interpretações com “recortes” do corpus e a psicanálise interpretar fragmentos dos sonhos. Além disso, ambas as epistemologias compreendem que o *corpus-sonho* pode ter mais de uma interpretação, pois o trabalho do analista é incompleto, fracionado, etc., de modo que o caminho para novos entendimentos acerca do mesmo conteúdo permanece aberto. Ainda sobre essa questão da incompletude, Lacan (1987; 1988) lembra que Freud recorre ao termo “umbigo” para dizer que há sempre um ponto não apreensível no sonho.

dos árabes, e no próprio cristianismo, por conta dos sonhos do faraó com sete vacas e sete espigas que, conforme a interpretação de José, significavam que o Egito teria sete anos de abundância e sete anos de privação (RIBEIRO, 2019; FREUD, 2014a). Por conseguinte, segundo o autor supracitado, a ideia de que a interpretação dos sonhos se torna impraticável quando não se dispõe das associações do sonhador, “[...] exige o complemento de que há um caso em que nosso trabalho interpretativo é independente dessas associações, a saber, quando ela empregou elementos *simbólicos* no conteúdo onírico” (FREUD, 2014a, p. 263).

Esse método de compreensão do sonho, contanto que se conheça os símbolos mais usuais, a história de vida do sonhador, as condições em que ele vive e as impressões anteriores ao sonho, possibilitam a interpretação do pensamento onírico sem inquirir o sonhador<sup>39</sup> (FREUD, 2014b). Em vista disso, no caso do sonho de A2, onde ele narra a ajuda que recebeu do seu filho para iniciar uma construção, o fragmento simbólico que merece destaque são as duas menções à “casa”, ou antes, as passagens em que A2 menciona que irá “construir a minha [sua] casa”.

A importância atribuída a esse significante se justifica pelo fato da casa ser “[...] a única representação da pessoa humana como um todo que é típica, ou seja, que se encontra com regularidade” (FREUD, 2014b, p. 167). Freud (2014a, p. 246) já havia estabelecido essa relação, a partir dos estudos de Scherner (1861), quando observou que “[...] o corpo humano em seu todo é representado na imaginação onírica como uma casa [...]”, ao passo que Jung (2008, p. 78) lembra que quando um médico aborda uma doença, “[...] ele emprega conceitos racionais, como “infecção” ou “febre”. O sonho é mais poético: ele apresenta o corpo doente do homem como se fosse a sua casa [...]”.

Dessa forma, conforme discutido na seção anterior, uma vez que A2 ocupa uma posição hipocondríaca que revela sua estrutura de personalidade psicótica, ele não conseguiu organizar sua imagem especular, de forma que a ameaça de fragmentação e estilhaçamento é sentida no nível da pele, quer dizer, do corpo (LACAN, 1998; JORGE; FERREIRA, 2005; QUINET, 2010). Por isso, depreende-se que o significante “casa”, no sonho de A2, representa o conteúdo manifesto que substituiu o pensamento onírico latente “corpo”, de modo que, quando ele relata que “já começou a construir a sua casa”, em verdade o que A2 está expressando – e sua história de vida ratifica esse sentido – é o desejo de re-construir o seu corpo.

---

<sup>39</sup> Embora a interpretação simbólica dos sonhos tenha o seu valor, essa técnica não substitui a associação livre de ideias, antes, deve ser vista como um método auxiliar (FREUD, 2014a; 2014b).

Esse desejo inconsciente de construir-unificar sua casa-corpo aparece no próprio sonho, nos trechos em que A2 diz que “fiquei tão feliz qui [...] esse sonho ser rellizou na minha vida”. Às vezes, como ressalta Freud (2014b, p. 129), na

[...] construção psíquica amalgamada nos pensamentos oníricos inconscientes, um pedacinho também alcança o sonho manifesto sob a forma de fragmento ou, em outros casos, de uma alusão, como uma rubrica, uma abreviação em estilo telegráfico. O trabalho interpretativo precisa reconstituir o todo a partir desse pedaço ou alusão [...]. Um dos tipos de deformação em que consiste o trabalho do sonho é, pois, a substituição por um fragmento ou alusão.

O pedacinho dos pensamentos oníricos inconscientes aludidos na citação acima que alcança o sonho manifesto de A2, é justamente a principal tese da psicanálise sobre o papel do sonho no psiquismo humano, isto é, o fato do sonho representar a realização de um desejo. Freud (2014b) também demonstra a deformação em que consiste o trabalho do sonho ao se referir à substituição de um fragmento por outro. Nessa observação divisasse a noção lacaniana a respeito do inconsciente ser estruturado como uma linguagem, sobretudo no que se refere ao efeito metafórico – análogo à condensação no trabalho do sonho – que consiste na substituição de um significante por outro significante (DOR, 1989; LACAN, 1998; 1999).

Com efeito, a partir das equações formuladas por Dor (1989), entende-se que o significante casa  $S2/s2$ , que aparece no conteúdo onírico manifesto de A2 – conforme a ideia de que a casa na maioria das vezes representa simbolicamente o corpo nos sonhos –, por meio do processo metafórico substituiu o pensamento latente corpo ( $S1/s1$ ).

$\frac{S2}{s2}$  – Conteúdo manifesto: casa

$\frac{S1}{s1}$  – Pensamento latente: corpo

Assim, no sonho de que se trata, a partir do processo metafórico, que por sua vez é inerente à noção de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, A2 realizou um desejo, literalmente redigido por ele, que afirma “estar se sentindo feliz porque esse sonho realizou um desejo na sua vida”, a saber, o desejo de se livrar da angústia em relação ao corpo estilhaçado e de unificar sua imagem especular.

Em outra experiência alucinatória, A2 conta que ficou revoltado com a sua vizinha e o filho dela após eles entrarem na sua casa.

[...] A2 - Eu sonhei com a minha vizinha nesse sonho ela entrava na minha casa quando eu vi ela eu perguntei uque tuta fazendo aqui dentro da minha casa ela não falou nada eu fiquei tão revoltado com ela que eu comecei a xingar ela qui eu não desse duas vezes passei a mão nu picarete aí apareceu u filho dela quie um drogado eu parti pra cima dele peguei u picarete taquié nele de depois nela foi quando eu acordei assustado; (apêndice K)

Nessa narrativa A2 expressa a sua surpresa, o seu sentimento de revolta – ante a invasão que a sua casa-corpo sofreu por parte da sua vizinha e do filho dela – e a sua reação que, por ele não ter pensado duas vezes, exterioriza-se de forma violenta, ou seja, A2 alcança uma picareta e parte para cima dos invasores, acordando, por conseguinte, assustado.

Conforme estabelecido por Freud (2014a; 2014b), esse relato pode ser visto como um sonho de angústia. Os sonhos com sentimentos de angústia, ainda que aparentemente contrários à principal tese da psicanálise, também expressam a realização de um desejo. Esses sonhos desprazerosos acontecem porque o sistema psíquico, de acordo com o que foi exposto na fundamentação teórica, é dividido entre o inconsciente e o pré-consciente, de modo que o desejo do primeiro (Ics), é reprimido pelo segundo (Pcs). Desse jeito, quando o sistema pré-consciente (Pcs), responsável pela censura e pela distorção do sonho falha, total ou parcialmente, e o desejo recalçado, próprio do sistema inconsciente (Ics) consegue chegar ao conteúdo manifesto, geralmente ocorre o despertar do sonhador devido à produção de angústia que o sonho suscita.

No caso do sonho referenciado acima, visto que A2 também não estabeleceu nenhuma associação, compreende-se, sobretudo a partir do desfecho violento que causa angústia e faz com ele acorde assustado, que a realização do desejo inconsciente nesse relato vincula-se à presença da pulsão de morte no conteúdo manifesto.

Inserida no quadro da teoria das pulsões<sup>40</sup> a partir de 1920, onde Freud (2010b) menciona que o *objetivo de toda vida é a morte*<sup>41</sup>, a pulsão de morte se caracteriza por aspirar se livrar de todas as tensões por meio do regresso da vida ao estado anorgânico. Inerente a todo ser vivo e voltada para o interior do sujeito, a pulsão de morte busca primariamente a autodestruição, sendo que, o retorno ao inorgânico tem que ocorrer de forma imanente, isto é,

<sup>40</sup> A pulsão é um conceito único e complexo discutido por Freud a partir do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e presente em praticamente toda a sua obra. Teorizada primeiramente sobre o dualismo entre as “pulsões sexuais” e as “pulsões de autoconservação”, a partir do texto “Além do princípio do prazer”, Freud introduz as noções “pulsões de vida” e pulsões de morte” (ROUDINESCO; PLON, 1998; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; JORGE; FERREIRA, 2005; FREUD, 2010b).

<sup>41</sup> Nisso Freud foi seguido de perto pelo célebre psicanalista francês, pois, como assegura Roudinesco (2011, p. 22), Lacan “[...] não cessou de se confrontar tragicamente com a questão da morte. [...] dizia com frequência [...]: A vida sonha apenas repousar o máximo possível esperando a morte. A vida sonha apenas morrer”.

a pulsão de morte que visa retornar a um estado anterior à vida não admite interferências externas, de modo que “[...] surge então o paradoxo de que o organismo vivo se rebela fortemente contra influências (perigos) que poderiam ajudá-lo a alcançar sua meta de vida por um caminho curto” (FREUD, 2010b, p. 150).

Fundamentando-se no paradoxo exposto por Freud (2010b) na passagem acima, a pulsão de morte desloca-se da própria pessoa devido ao investimento da libido narcísica<sup>42</sup> – peculiar à posição hipocondríaca-paranoica – e volta-se para o mundo exterior, manifestando-se por meio da musculatura “[...] como pulsão de *destruição*, dirigida contra o mundo e contra outros seres vivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 398).

Dessa forma, ainda que se admita que essa interpretação é parcial e que há algo de indecifrável nesse sonho, uma vez que o sonhador nada acrescentou a seu respeito, é possível vislumbrar o quanto A2 regride a um princípio fundante do funcionamento psíquico e realiza um desejo ao expressar no conteúdo onírico manifesto a pulsão de morte-agressiva direcionada aos objetos externos (seus vizinhos) que buscam desviar o investimento narcisista que A2 deposita no seu próprio corpo.

Ademais, à luz da neurociência, que de certa forma dialoga com a psicanálise e com os fenômenos da linguagem, é possível corroborar a interpretação de que A2 pertence à estrutura de personalidade psicótica, dado que este campo epistemológico reafirma a noção de que os sonhos são capazes de retroceder aos primórdios da psique humana e que a compreensão da sua evolução pode revelar como que se desenvolve o próprio cérebro. Além disso, a neurociência conjectura que o psicótico de hoje representa uma mentalidade arcaica e, assim como Freud (2014a) e os fundadores da psiquiatria moderna<sup>43</sup>, considera o sonho um momento de desatino não patológico experimentado por todas as pessoas, inclusive pelas pessoas “normais”, (FREUD, 2014a; RIBEIRO, 2019).

Porquanto, segundo Ribeiro (2019), que parte das considerações do psicólogo americano Julian Jaynes (1920-1977) – que por sua parte se baseou nas noções de Freud e Jung que associaram as doenças psiquiátricas ao funcionamento mental das crianças, de povos caçadores coletores da atualidade, ou de nossos ancestrais –, traços linguísticos encontrados

---

<sup>42</sup> Freud retomou o termo libido “[...] numa acepção inteiramente distinta, para designar a manifestação da pulsão sexual na vida psíquica e, por extensão, a sexualidade humana em geral e a infantil em particular, entendida como causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor-próprio (narcisismo) e sublimação” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 471). No caso da “libido Narcísica”, seu estabelecimento ocorre quando o sujeito toma a si próprio como objeto (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 267).

<sup>43</sup> Emil Kraepelin (1856-1926) e Eugen Bleuler (1857-1939).

no relato de sonhos de psicóticos, de crianças e de textos que foram escritos há mais de quatro mil anos, apresentam em comum um caráter psicológico primitivo.

Com base nessas ideias e auxiliado por um programa de computador capaz de gerar um grafo a partir dos conteúdos oníricos, Ribeiro (2019, p. 163) analisou matematicamente textos dos povos antigos – babilônicos, sumérios, egípcios –, relatos de sonhos de crianças saudáveis e narrativas de sonhos de pessoas diagnosticadas com algum tipo de psicose. Ao comparar estruturalmente esse material, “[...] a similaridade foi evidente: baixa diversidade lexical, pequeno tamanho da rede de palavras, muitas repetições de curto alcance e repetições de longo alcance bem limitadas [...]”.

Ao reexaminar a estrutura linguística das descrições dos dois sonhos de A2, mesmo sem utilizar o *SpeechGraphs*, o programa computacional desenvolvido no Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para esse fim, nota-se o quanto as evidências assinaladas acima estão presentes no seu relato, sobretudo a baixa diversidade lexical e as muitas repetições de curto alcance. Dessa forma, o relato dos sonhos, de modo particular, ratifica a interpretação sustentada nessa dissertação de que A2 tem uma personalidade psicótica e, de modo geral, mostra-se altamente informativa do estado psiquiátrico (subjetivo) dos sujeitos, uma vez que o estudo das estruturas linguísticas das narrativas oníricas permite diagnosticar de forma rápida, barata e não invasiva a psicose (RIBEIRO, 2019).

A discussão apresentada no parágrafo acima demonstra o quanto algumas pesquisas contemporâneas no campo da neurociência põem em prática a noção de que os sonhos são clinicamente úteis, e isso acontece porque os pensamentos oníricos, ainda que os relatos sejam na maioria das vezes absurdos, sem “sentido” e lacônico, podem, como mais de uma vez defendeu Freud (2010a; 2014a; 2014b) na sua extensa bibliografia, “revelar” conteúdos inconscientes – desejo, sintoma, estrutura de personalidade – daquele que sonha, ou seja, “[...] o sonho é efetivamente uma via régia para acessar as estruturas profundas da mente” (RIBEIRO, 2019, p. 163).

Ao se analisar mais um sonho descrito-interpretado, desta vez por A1, que, como já aludido, representou-se com o significante “resto”, constituiu-se a partir do discurso “meritocrático” e pertence à estrutura de personalidade “neurótica”, é possível reiterar o papel do sonho quanto à capacidade de acessar conteúdos inconscientes – as estruturas profundas da mente – do sujeito (sonhador). Dessa forma, A1 narra que estava na escola conversando com um amigo sobre a prova do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

[...] A1 - Eu estava na escola conversando com meu amigo que tinha feito a prova do Enem, e havia perdido seu gabarito. Ele queria fazer a recuperação da prova do Enem, no final, nós queríamos organizar uma pescaria com o pessoal da sala, nisso, o professor de química nos cumprimentou desejando boa sorte para a 2ª prova; (apêndice H)

Ao contrário de A2, que não interpretou os próprios sonhos, A1 associou<sup>44</sup> esse pensamento onírico a segunda etapa do ENEM e a um trabalho de química que ela não conseguiu entregar no dia certo, ou seja, ao refletir sobre o que lhe ocorreu em relação a esse sonho, ela estabelece uma ligação com os acontecimentos da véspera, confirma a descrição do conteúdo manifesto e ressalta uma falta – o fato de não ter entregue o trabalho de química na data exata.

De acordo com Freud (2014a, p. 296), que insere os pensamentos oníricos com exames (provas escolares) no campo dos sonhos típicos, o material de associações do sonhador – nesses casos – geralmente não é suficiente para a sua interpretação, de modo que se faz necessário recorrer a um grande número de exemplos para se efetuar sua análise. O autor sobredito argumenta que os sonhos com exames estão associados aos desvios de conduta da infância e ao conseqüente castigo a ele vinculado, ao passo que no adulto neurótico, os exames representam a punição por não ter feito algo direito, pelo fracasso e por não ter suportado a pressão da vida.

O relato da história de vida de A1 é repleto de “transgressões” incorridas por ela na infância, se assim se pode nomear, às vezes em que ela foi punida por não atender as expectativas, seja de sua mãe, como na vez em que desmaiou de tanto apanhar no jirau<sup>45</sup>, seja de seu padrasto<sup>46</sup>, por se opor aos assédios<sup>47</sup> dele, de forma que é admissível supor que os fragmentos do seu sonho em que aparecem o ENEM e o professor de química, podem estar

---

<sup>44</sup> As associações estabelecidas por A1: “[...] A “recuperação” do enem pode estar ligada à 2ª prova do enem, a prova de exatas. O professor de química me remete a um trabalho que não entreguei no dia certo”.

<sup>45</sup> A1 - “[...] a gente apanhava muito... a gente era muito maltratado/ eu apanhei muito, apanhava demais... chegou uma vez que a mamãe me bateu tanto que eu desmaiei no colo do sofá/ a gente morava numa casinha de madeira... e tinha um jirau: ela começou a me bater eu sei que eu caí... que eu nem consegui andar... eu sei que: eu sei que foi umas luta bem difícil”; (L. 795 a 799)

<sup>46</sup> A1- eu apanhava DEMAIS/ ele [padrasto] tinha um anel grande no dedo/ que me dava uns cascudos que minha cabeça vivia cheia de ( ) eu apanhava muito... então:: era peia”; (L. 1255 a 1257)

<sup>47</sup> A1- ele fazia que estava jogando detefon/ aí eu... eu dormindo senti a mão na minha calcinha... aí eu apavorada né me virei prum lado e pro outro e depois eu: tipo assim eu tinha era medo dele... pra falar a verdade/ porque apanhava muito né/ tinha medo dele/ porque eu não podia reagir né/ fazer nada/ virava de um lado pro outro... pra disfarçar/ aí ele fazia que estava jogando detefon né/ depois que eu dei uma mexida boa assim ele saiu... só foi isso; (L. 1244 a 1249)

associados aos “desvios de conduta da infância” e aos consequentes castigos a eles vinculados.

Por conseguinte, cabe destacar os acréscimos à teoria estabelecidos por Freud (2014a) que, a partir de discussões científicas, discerniu que os sonhos com exames escolares em geral expressam uma preocupação infundada, posto que ocorrem com pessoas que fizeram e foram aprovadas nele, jamais com pessoas que tenham fracassado. Dessa forma, o sonho com exame expressa um consolo, pois ocorre quando se espera um resultado que envolve responsabilidade e acaba com a possibilidade de um insucesso (FREUD, 2014a). Ao se ter notícia de que A1 atualmente está no terceiro ano do Ensino Médio<sup>48</sup>, conclui-se que a sua preocupação-punição com a entrega do trabalho de química não a prejudicou, enquanto que a prova do ENEM, provavelmente ela fez apenas para testar seus conhecimentos.

Além disso, os sonhos com exames também podem indicar uma censura, uma espécie de autocrítica direcionada ao sonhador. Como argumenta Freud (2014a, p. 298):

[...] ela [censura] seria a seguinte: com essa idade, com essa experiência de vida, e tu ainda fazes essas bobagens, essas criancices. Essa mistura de autocrítica e consolo corresponderia ao conteúdo latente dos sonhos com exames. Não seria estranho se as censuras por causa das “bobagens” e “criancices” se relacionassem, [...], à repetição de atos sexuais repreensíveis.

Depreende-se desse excerto, que evidencia o conteúdo latente dos sonhos com exames, ou seja, o fato desses sonhos representarem uma mistura de consolo e autocrítica, o quanto o pensamento onírico de A1 se alinha à essa proposição, à medida que seu sonho a consola, afinal sabe-se que ela está prestes a concluir a última etapa da educação básica, e delinea uma autocrítica, no sentido de que A1 é censurada devido às “bobagens e criancices” – preocupação com o ENEM, entrega atrasada de trabalho escolar – que, com essa idade<sup>49</sup>, ela ainda não foi capaz de superar.

Quanto à repetição de atos sexuais repreensíveis a que essas “bobagens e criancices” podem estar relacionadas, compreende-se que faltam materiais associativos da sonhadora – A1 –, de modo que seria contraproducente prosseguir com a análise. Assim, levando em consideração as interpretações sobre o sonho de A1 que foram feitas até aqui, a interpretação dos dois sonhos precedentes a esse, nos quais foi possível corroborar a ideia de que A2 possui uma estrutura de personalidade psicótica e a ideia de que a análise de um fragmento de sonho

---

<sup>48</sup> Quando A1 relatou esse sonho, no ano de 2019, ela estava no primeiro ano do ensino médio.

<sup>49</sup> À época do relato desse sonho A1 tinha 46 anos.



é sempre incompleta, conclui-se esse subcapítulo, que buscou responder a terceira pergunta da pesquisa – o que a descrição-interpretação dos sonhos revela sobre a natureza inconsciente desses sujeitos? –, para, no próximo seguimento destinado às considerações finais, se refletir sobre o conjunto, isto é, sobre o objetivo geral, sobre os alcances e limites dessa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito investigar a interação entre a Análise do Discurso e a psicanálise, especialmente no que concerne à noção de sujeito discursivo, um conceito que ocupa uma posição de entremeio entre a estabilidade do assujeitamento ideológico, que busca estabilizar sentidos (identidades) para o sujeito, de modo a mostrar que a pessoa é x no social, com seu nome próprio, seus documentos, sua classe, sua família, seu nível educacional, e a indefinição do sujeito psicanalítico, que é o sujeito do inconsciente – pulsional, dividido, representado por um significante que o representa para um outro significante –, ambos apreensíveis na estrutura da linguagem.

Para se atingir o propósito designado acima, foi estabelecido como objetivo geral dessa pesquisa: “compreender o discurso e a descrição dos sonhos de posições subjetivas”; e como objetivos específicos: “identificar os discursos desses sujeitos por meio do relato de sua história de vida” e “analisar a dinâmica psíquica inconsciente dos sujeitos mediante a narrativa dos sonhos”. Além disso, para alcançar esses objetivos, foram estipuladas três perguntas de pesquisa que são aqui recuperadas: a) quais os significantes que sustentam as posições-representações desses sujeitos? b) quais os discursos que constituem e atravessam esses sujeitos? c) o que a descrição-interpretação dos sonhos revela sobre a natureza inconsciente desses sujeitos?

Este estudo contou com a participação de dois sujeitos que atenderam aos critérios casuísticos e que foram representados ao longo do texto como A1 e A2. Esses sujeitos – estudantes do Ensino Médio matriculados na Escola Estadual Padre Luis Ruas –, por meio da narrativa das suas histórias de vida, que foram gravadas nas dependências do CSPA da UFAM, e da descrição-interpretação de suas experiências alucinatórias, isto é, por meio dos relatos dos seus sonhos durante o sono, consolidaram a materialidade linguística do *corpus* da análise.

Ainda que esta dissertação não tenha se aprofundado na discussão sobre a educação, é oportuno lembrar que A1 e A2 eram estudantes que se matricularam tardiamente na escola, ou seja, após os quatro anos de idade (Brasil, 1996), além de terem interrompido seus estudos no decorrer do processo educacional, de modo que ambos ficaram mais de dois anos afastados

da escola e, por isso, são classificados atualmente pelo poder público<sup>50</sup> como alunos em distorção idade-série.

Ressalta-se também o fato desta pesquisa ter optado pela abordagem qualitativa que, como assinalado na seção sobre os procedimentos metodológicos, atende aos objetivos dessa dissertação por se caracterizar, *ipsis litteris*, pela imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa, pelo reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas e por considerar os resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado. Além disso, a pesquisa qualitativa valoriza a fala e o silêncio, a continuidade e a ruptura, o significante manifesto e o significado que permanece latente – muitas vezes inacessível.

Quanto à primeira parte da análise, que buscou responder, justamente, a primeira pergunta da pesquisa, compreende-se que A1 e A2 se representaram (foram representados) com uma série de significantes – significantes estes que foram utilizados na análise –, como “resto”, “burrona”, “cavalona”, no caso de A1, e “evangélico”, no caso de A2, que de certa forma constituem e estabilizam as suas identidades, ou seja, são com esses termos que eles ocupam determinadas posições no convívio social. Mesmo que, sobretudo a partir das teses lacanianas que se apropria da noção de signo linguístico saussuriana para subverter a sua ordem e dizer que o significante precede e determina o significado, ou ainda, que significante e significado, devido ao princípio da arbitrariedade, não possuem correspondência entre si, o que se observa é que A1 e A2 narraram suas histórias de vida com a certeza de serem exatamente esses sujeitos-significantes.

Dessa forma, a partir da insuspeita de A1 e A2 em relação às suas constituições pela linguagem, ao fato de serem submetidos aos significantes que sustentam suas posições, entende-se que a noção de sujeito discursivo desenvolvida pela Análise do Discurso é assertiva ao sustentar que a ideologia e o inconsciente são estruturas interligadas que atuam para produzir as “evidências subjetivas” que, por sua vez, forjam a ideia de que todo indivíduo é sempre-já-sujeito e se considere singular, substancial, insubstituível e idêntico a si mesmo. Ademais, posto que o sujeito é um lugar vazio, um furo no conjunto da linguagem que desliza entre as cadeias significantes, conclui-se que A1 e A2 foram representados e se identificaram com uma série de significantes – resto, burrona, cavalona e evangélico – que, como já aludido, marcam e determinam as suas histórias, os seus pensamentos, os seus

---

<sup>50</sup> Ministério da Educação; Secretarias Estaduais de Educação; Secretarias Municipais de Educação.

sintomas, os seus desejos, segundo uma posição na qual eles supõem estar, mas que em verdade, não estão, justamente por ocupar o sujeito um lugar indeterminado.

Com relação à segunda pergunta da pesquisa, que procurou analisar quais discursos que constituem e atravessam esses sujeitos, depreendeu-se que o discurso de A1 ganha sentido ao ser associado à formação discursiva meritocrática, pois, conforme foi possível demonstrar com os recortes do corpus, ela atribui à si própria, isto é, à sua capacidade, à sua obstinação em vencer qualquer obstáculo, ao seu trabalho e ao seu esforço individual, o fato dela ter conseguido chegar onde ela se encontra “hoje”.

Como foi discutido no subcapítulo que trata desse tema, a formação discursiva meritocrática defende que o sucesso do sujeito na sociedade “burguesa” depende do seu mérito, em outras palavras, do seu labor, do seu empenho e da sua inteligência. Determinada pela objetividade material contraditória do interdiscurso – aquilo que “fala sempre antes”, em outro local e independentemente –, que nesse caso concerne à formação ideológica liberal, o discurso meritocrático constitui e atravessa A1, ou seja, a formação discursiva meritocrática é responsável pela sua interpelação em sujeito.

Além do mais, como o discurso que determina o sujeito reaparece no seu próprio discurso, ao ajuizar que sua existência é dependente da escolarização<sup>51</sup>, A1 reafirmou sua interpelação à formação discursiva meritocrática, à medida que, o discurso meritocrático legitima o poder da inteligência que é confirmado, principalmente, mediante à posse de diplomas e de títulos validados por instituições oficiais de ensino. Ainda de acordo com a perspectiva do discurso meritocrático, é função da escola assegurar a “igualdade de possibilidades” para todos os sujeitos, de modo que, aqueles que mais desenvolverem suas aptidões intelectivas, “naturalmente”, serão os que mais se destacarão no convívio social.

Entretanto, por meio do processo de análise se “desnaturalizou” a evidência desse discurso ao apontar que a escola<sup>52</sup>, ao invés de garantir a “igualdade de possibilidades” e funcionar como um fator de mobilidade social, antes, é responsável pela reprodução das relações de produção, que nas sociedades capitalistas são relações de exploração, além de justificar a permanência das desigualdades, tornando-as aceitáveis a todos.

---

<sup>51</sup> A1 - eu sempre botei na minha cabeça que a gente não é nada sem estudo; (L. 195-196); [...] eu queria estudar pra mim ter um estudo, ter uma profissão... ser alguém na vida;(L. 1023)

<sup>52</sup> Não se pretende com essa compreensão desqualificar as benesses que a educação pode propiciar ao sujeito, todavia, seria ingênuo olhar para as instituições de ensino sem considerar as reflexões de Althusser (1996) e Bourdieu (1998), ainda que as ponderações desses autores sejam passíveis de críticas.

No que diz respeito aos discursos que constituem e atravessam A2, concluiu-se que a formação discursiva cristã, em sua ligação com a formação ideológica religiosa, é determinante em seu processo de assujeitamento. Contudo, ao se considerar que o sujeito discursivo, além de ser assujeitado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, estruturas que se articulam por meio da linguagem, é apreensível enquanto posição que se resvala nos efeitos do discurso, o que mais se destacou na análise de A2 foi a posição hipocondríaca em que ele se situa.

Ao relatar em sua história de vida inúmeros problemas de saúde, inclusive algumas infecções que o deixaram com “buracos”, “furos”, foi possível estabelecer, a partir do “deslize” da posição hipocondríaca para a posição paranoica, que A2 possui uma estrutura de personalidade psicótica, onde a angústia relacionada ao corpo, ao estilhaçamento da imagem especular da sua compleição física, determina o seu discurso e a sua posição enquanto sujeito.

A terceira parte da análise, que teve como imperativo o mote, “o que a descrição- interpretação dos sonhos revela sobre a natureza inconsciente desses sujeitos”, corrobora a interpretação sobre a estrutura de personalidade psicótica de A2. Porquanto, ao expressar no conteúdo manifesto do sonho – a *via régia* para o inconsciente – a vontade de construir sua casa, tendo em vista que a casa é “a única representação da pessoa humana como um todo que é típica”, além de que a “experiência alucinatória” (sonho) está sujeita às modalidades e às transformações do significante, às estruturas da metáfora e da metonímia, da condensação e do deslocamento, depreendeu-se que A2 realizou o desejo de re-constituir o seu corpo-casa despedaçado.

Não obstante, a partir da noção de que os sonhos, muitas vezes, estão vinculados à infância do desenvolvimento, seja do próprio sujeito ou da humanidade, e do diálogo entre a neurociência e a psicanálise, no que converge aos pensamentos oníricos e aos fenômenos da linguagem, compreendeu-se que as narrativas de sonhos de pessoas diagnosticadas com algum tipo de psicose, os relatos de sonhos de crianças saudáveis e os textos da antiguidade<sup>53</sup> – Babilônia, Suméria e Egito – possuem em comum algumas similaridades, como a baixa diversidade lexical e as muitas repetições de curto alcance.

Essas características – baixa diversidade lexical e as muitas repetições de curto alcance – puderam ser observadas nos relatos dos sonhos de A2, de modo que a ideia defendida nesta dissertação, quanto a A2 possuir uma personalidade psicótica, foi outra vez legitimada. Por

---

<sup>53</sup> Período em que a humanidade começava a estruturar a linguagem.

consequente, também se verificou que o estudo das estruturas linguísticas das narrativas oníricas se mostra altamente informativa do estado psiquiátrico dos sujeitos, na medida em que, atualmente, são utilizadas para se diagnosticar de forma rápida, barata e não invasiva a psicose.

Ademais, o sonho com o ENEM descrito-interpretado por A1 revelou certos aspectos relacionados à sua infância e à sua estrutura de personalidade neurótica. De acordo com o que foi discutido, os sonhos com exames escolares são associados aos descaminhos de comportamento da infância, ao consequente castigo a ele vinculado e à uma espécie de consolo e autocrítica direcionados ao sonhador. Assim, inferiu-se, sobretudo a contar da profusa narrativa sobre os castigos físicos que A1 sofreu na infância, que esse sonho de fato está relacionado à essa fase do seu desenvolvimento. Além disso, esse relato foi consolador porque a preocupação com o ENEM se mostrou infundada e, por fim, a autocrítica presente no pensamento latente desses relatos demonstra que A1 se martiriza por, “com a sua idade”, se permitir não entregar um trabalho na data correta.

Em síntese, após se analisar os aspectos mais significativos do discurso e a descrição dos sonhos de A1 e A2, isto é, das posições subjetivas que participaram desta pesquisa, cujos resultados foram resumidamente rerepresentados nessa seção, acredita-se ter conseguido alcançar os objetivos estabelecidos nesse projeto. Ainda que algumas questões que poderiam enriquecer essa discussão, a respeito do sujeito discursivo, tenham sido negligenciadas, como os atos falhos e os lapsos – formações do inconsciente que se relacionam com o real da língua – enunciados por A1 e A2, compreende-se que com a devolutiva<sup>54</sup> que será feita aos sujeitos, essa pesquisa cumpre com seu propósito ético, acadêmico-institucional e social, ao possibilitar aos sujeitos (A1 e A2) um saber sobre si mesmo, um saber que eles sabem, mas que não sabem que sabem.

Quanto à possibilidade de explorar futuramente esse tema, presume-se haja muitas possibilidades, como por exemplo, empreender um estudo de larga escala sobre a história de vida e o relato dos sonhos, nos moldes de algumas pesquisas<sup>55</sup> em andamento no Brasil atual,

---

<sup>54</sup> Espera-se que com a vacinação em massa da população brasileira e o eventual controle da pandemia de covid-19, que já ceifou mais de 190 mil vidas no Brasil, A1 e A2 possam ir novamente ao CSPA para receberem a devolutiva dessa pesquisa.

<sup>55</sup> Referência ao projeto “Sonhos, Psicanálise e Política: a oniropolítica em construção”. Desenvolvido pelas Universidade de São Paulo – USP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, esse estudo busca, por meio do relato substancial de pensamentos oníricos, refletir sobre a função coletiva do sonho e do sonhar, “[...] em uma época que superlativa a consciência e o

para se refletir ainda mais sobre os sonhos, o inconsciente, a ideologia e a linguagem. Para se pensar no impacto, em algumas respostas, ou antes, em novas perguntas, que um estudo abrangente sobre esse tema pode exercer na vida dos sujeitos que poderão ser estudantes em distorção idade-série, adolescentes, mulheres encarceradas, pessoas enlutadas, etc. Enfim, futuras pesquisas com essa temática podem contribuir, como já mencionado, com o debate acerca da interação entre a Análise do Discurso e a Psicanálise, local onde certos conceitos circulam e os contornos não são nítidos (FERREIRA, 2010, p. 4), onde existe uma relação complexa que incomoda os analistas do discurso (MARIANI, 2012, p. 61) ante ao enorme impasse deixado por Pêcheux (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2017, p. 21) e que merece ter uma ou várias continuações (PLON, 2012, p. 28).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença Editorial, 1979.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.105-142.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BALDINI, Lauro Siqueira. Lalíngua inatingível. In: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise (orgs.). **Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 63-73.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar – 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>>. Acesso em: 22/06/2020.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 14 set. 2019.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise**: introdução à psicologia psicanalítica. 3. ed. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. **O sujeito no discurso**: Pêcheux e Lacan. 2008. 265 f. Tese (Doutorado em linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CASTRO, Raquel Almeida de. **A transmissão intergeracional na perspectiva de famílias sociais de uma instituição de abrigo**. 2010. 167 f. Tese (Doutorado em psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COSTA, Ana. **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

COSTA, Leonard Christy Souza. **Saussure**: entre o poder acadêmico e o saber científico. 2014. 208 f. Tese (Doutorado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, PPGL, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.



CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIS, Cláudia; FIORI, Wagner da Rocha; RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicologia do desenvolvimento, vol 1: teoria do desenvolvimento, conceitos fundamentais**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1981.

DESCOLA, Philippe. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 23, n. 67, p. 147-160, 2009.

DEBIEUX, Miriam R. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 69-99.

DISTORÇÃO idade-série: QEdU academia. Disponível em: <<https://academia.qedu.org.br/censo-escolar/distorcao-idade-serie/>>. Acesso em : 06 set. 2019.

DISTORÇÃO idade-série Amazonas: QEdU academia. Disponível em: <[https://www.qedu.org.br/estado/104-amazonas/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial\\_years&year=2017](https://www.qedu.org.br/estado/104-amazonas/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageId=initial_years&year=2017)>. Acesso em: 14 set. 2019.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**. Minas Gerais, vol. 41, n. 144, p. 772-789, set./dez. 2011.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**, v. 1: o campo do signo - 1945/1966. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

DUNKER, Christian Ingo Lens; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, José Guillermo. **Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas**. 2 ed. Estação das Letras e Cores: São Paulo, 2017.

EAGLETON, Terry. **Marx e a liberdade**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

EDLER, Sandra. **Tempos compulsivos: a busca desenfreada pelo prazer**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ESCOLA Estadual Padre Luis Ruas. Escol.as. Disponível em: <<https://www.escol.as/9228-escola-estadual-padre-luis-ruas>>. Acesso em: 06 set. 2019.

FARRACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-52.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. Rio Grande do Sul, v. 24, n. 48, 2010.

FERREIRA, Nádia Paulo. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 113-132, jan./jun. 2002.

FLORENZANO, Modesto. **As revoluções burguesas**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOULKES, D. **Children's dreams: longitudinal studies**. Nova York: Wiley, 1982.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. **Estudos sobre a histeria (1883-1895)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obras completas, v. 2).

FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Obras completas, v. 10).

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (Obras completas, v. 14).

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. (Obras completas, v. 12).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. (Obras completas, v. 18).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2014a.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. (Obras completas, v. 13).

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, “autobiografia e outros textos”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras completas, 16).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no *Collège de France* pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 1996/2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FUCHS, Catherine. A paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de estudos linguísticos.** Campinas, vol. 8, p. 129-134, 1983.

GADET, Françoise, et al. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, v. 14, n. 2, 2000.

HAROCHE, Cl; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARRONAS, R. L. (org.). **Análise do Discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 13-32.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução a obra de Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 53-92.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação.** 22. ed. São Paulo. Cultrix, 2010.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia:** guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nádia Paulo. **Lacan, o grande freudiano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1:** os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente** (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. **O olhar distanciado**. Porto: Edições 70, 1983.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Ponte, 2003.

MARIANI, Bethania. “Larissas”: ou quando a falta de sentido faz sentido outro. *In*: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise (orgs.). **Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 53-62.

MARIANI, Bethania. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 3, Número Especial, p. 55-72, 2003.

MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 13. ed. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

METAS do IDEB. QEdU Academia. Disponível em: <https://academia.qedu.org.br/ideb/metas-do-ideb/>. Acesso em: 06 set. 2019.

MLODINOW, Leonard. **Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MONTEIRO, M. F. C. **Representações de professores de inglês em serviço sobre a Abordagem Instrumental: um estudo de caso**. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Departamento de Linguística, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.

NARZETTI, Claudiana. **O projeto teórico de Michel Pêcheux**: de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso. São Paulo: Annablume, 2012.

NARZETTI, Claudiana. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD. Tubarão, SC, vol. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Campinas, SP, ano, XXIII, n. 78, p. 15-36, abril. 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do Sujeito na História e no Simbólico. *In*: **Escritos**, Labeurb, Campinas, SP: Unicamp, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PADRE Luis Ruas. QEdU Academia. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/4111-ee-padre-luis-ruas/ideb>>. Acesso em: 06 set. 2019.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. p. 307-315.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. **Décalages**. OxyScholar, vol. 1, n. 4, p. 1-22, 2014e.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014d.

PLON, Michel. Lacan-Pêcheux, de um discurso outro, o impossível encontro. *In*: MARIANI, Bethania; ROMÃO, Lucília Maria Sousa; MEDEIROS, Vanise (orgs.). **Dois campos em (des)enlaces**: discursos em Pêcheux e Lacan. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 15-29.

POPULAÇÃO Zumbi dos Palmares – Manaus. População. Disponível em: <[http://populacao.net.br/populacao-zumbi-dos-palmares\\_manaus\\_am.html](http://populacao.net.br/populacao-zumbi-dos-palmares_manaus_am.html)>. Acesso em: 06 set. 2019.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011. p. 352-391.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHERNER, K. A. **Das Leben des traumes [a vida dos sonhos]**. Berlim, 1861.

SIDARTA, Ribeiro. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Aline Pacheco, et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico**: estudos em Psicanálise. Minas Gerais, vol. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA FILHO; Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de; SILVA, Eurides Brito da. **Como entender e aplicar a nova LDB (Lei N° 9.394/96)**. São Paulo: Editora Pioneira, 1997.

SILVA, Renata Silveira da. **O tempo discursivo na construção do imaginário do trabalhador no discurso da CUT**. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2010.

SOUZA, Sérgio Freire de. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Census, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZUMBI dos Palmares (Manaus). Wikipédia: a enciclopédia virtual. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi\\_dos\\_Palmares\\_\(Manaus\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Zumbi_dos_Palmares_(Manaus))>. Acesso em: 06 set. 2019.

## APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA ESTADUAL PADRE LUIS RUAS



Poder Executivo  
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras



Do: Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

À  
ESCOLA ESTADUAL PADRE LUIS RUAS

Vimos a V.S.<sup>a</sup> apresentar o mestrando **FLÁVIO JOSÉ SOARES**, matrícula nº 2190176, discente regular do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, na Área de Estudos da Linguagem, a fim de que o referido mestrando seja autorizado a colher documentos concernente à pesquisa, apresentar o projeto aos alunos, realizar questionários, entrevistas e observações no contexto do Ensino Médio quanto ao estudo de Análise de Discurso, tendo em vista a exigência do seu trabalho de dissertação intitulado “**Análise de discurso de posições subjetivas em relatos de sonhos de estudantes do Ensino Médio em distorção idade-série matriculados nas escolas públicas da cidade de Manaus**”.

Agradecemos desde já a colaboração de vossa senhoria

Atenciosamente,

Manaus, 13 de agosto de 2019.

Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras



## APÊNDICE B – TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL PADRE LUIS RUAS



E. E. Padre Luís Ruas

### TERMO DE ANUÊNCIA



Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado “**Análise de discurso de posições subjetivas em relatos de sonhos de estudantes de Ensino Médio em distorção idade-série matriculados nas escolas públicas da cidade de Manaus**”, sob a coordenação e a responsabilidade do mestrando Flávio José Soares e do Prof. Dr. Luiz Claros Martins de Souza do Departamento Letras da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

Manaus, 12 de setembro de 2019.

*Francisca Paulina da Silva*  
 Francisca Paulina da Silva  
 Gestor (a)

E. E. Padre Luis Ruas  
 Rua Bom Jesus, 7630  
 Fone: 3216-1638  
 Email: eepluisruas@educ.net

Secretaria de  
**Educação**



**APÊNDICE C - TCLE****UFAM****UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Análise de Discurso de posições subjetivas em relatos de sonhos de estudantes do ensino médio em distorção idade-série matriculados nas escolas públicas da cidade de Manaus”, sob a responsabilidade do pesquisador Flávio José Soares, portador do RG 3323812-0 e do CPF 220.756.528-99, telefone celular (92) 99317-8314, e-mail [fllaavviiioossooaarrees@hotmail.com](mailto:fllaavviiioossooaarrees@hotmail.com), orientado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza, portador do RG 766539-3 e do e do CPF 284.506.042-49, telefone celular (92) 98119-8985, e-mail [lukamartins@gmail.com](mailto:lukamartins@gmail.com), cujos endereços institucionais localizam-se no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), localizado no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da UFAM, no endereço Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, CEP 69077-000, telefone fixo 3305-1181, ramal 2113.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso de posições subjetivas de sujeitos em situação de distorção idade-série matriculados no ensino médio. Os objetivos específicos são: analisar o discurso desses sujeitos por meio do relato de sua história de vida; compreender a dinâmica psíquica inconsciente dos sujeitos através da análise dos sonhos e ampliar a compreensão sobre as causas da distorção idade-série na educação básica brasileira. Para alcançar estes objetivos foram elaboradas três perguntas de pesquisa: 1- como se fará a articulação entre linguística (fala), história (ideologia) e psicanálise (inconsciente) na prática da pesquisa; 2- quais aspectos inconscientes expressos através da fala podem estar relacionados com o número expressivo de sujeitos em distorção idade-série; 3- como interpretar o real discurso desses sujeitos.

Para conseguirmos isto marcaremos uma entrevista individual, momento em que você terá 55 minutos para contar sua história de vida. A entrevista será realizada em uma sala nas dependências do Centro de Serviços de Psicologia Aplicada – CSPA – da UFAM. Este encontro será gravado e o diálogo posteriormente será transcrito e analisado. Seu nome será mantido em segredo e você poderá interromper o processo a qualquer momento, além de ter acesso aos resultados das análises após a defesa da Dissertação de Mestrado. Além disso você deverá registrar diariamente, durante uma semana, o conteúdo dos seus sonhos na Tabela de Descrição e Interpretação fornecida pelo pesquisador.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade ou qualquer informação relacionada à sua privacidade não será divulgada, em que se tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador Flávio José Soares e com o prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza, pelos telefones e e-mails fornecidos, ou, poderá entrar em contato com a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), localizado no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da UFAM,

no endereço Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, CEP 69077-000, telefone fixo 3305-1181, ramal 2113.

Página 1/2

### **Consentimento Pós-Informação**

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da orientador

## APÊNDICE D - TERMO DE ANUÊNCIA DO CSPA



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Faculdade de Psicologia  
Centro de Serviços de Psicologia Aplicada



### TERMO DE ANUÊNCIA DO CSPA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com o atendimento psicológico, caso necessário, dos participantes da pesquisa intitulada **“Análise de discurso de posições subjetivas em relatos de sonhos de estudantes do ensino médio em distorção idade-série matriculados nas escolas públicas da cidade de Manaus”**, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Martins de Souza, a ser desenvolvido pelo mestrando Flávio José Soares, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio deste Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA).

Manaus, 18 de novembro de 2019.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Lidia Ferraz  
Coordenadora

CENTRO DE SERVIÇOS DE PSICOLOGIA APLICADA – CSPA  
Endereço eletrônico: [cspapsicologiaufamz@gmail.com](mailto:cspapsicologiaufamz@gmail.com) Telefone: 3305-1181 Ramal 2581

## APÊNDICE E - RELATO DA HISTÓRIA DE VIDA (A1)

Primeira parte: 07/11/2019

P = Pesquisador

A1 = Aluna do primeiro ano do ensino médio

01 P- Boa tarde A1... A1 é aluna da Escola Padre Luis Ruas, aluna do primeiro ano do ensino

02 P- médio... e ela aceitou participar da pesquisa que eu estou desenvolvendo no mestrado de

03 P- linguística da UFAM e aí eu vou pedir agora para ela/ para você que conte-me sua

04 P- história

05 A1- Sim... é: eu sou de/ vou contar primeiro eu nasci em 1974 né... a minha mãe é a... a

06 A1- minha mãe criou a gente sozinho sem marido/ teve uns marido ( ) assim/ nós somos

07 A1- seis: sete né... sete filhos/ só que hoje só têm cinco... né... por devido ter acontecido

08 A1- várias coisas por aí e::

09 P- Quando você diz várias coisas...

10 A1- Várias coisas/ o que eu quero dizer é/ teve um irmão meu que faleceu né/ mais eu vou

11 A1- chegar lá né ( ) no final eu lhe conto como é que foi... mais no começo a:: a mamãe

12 A1- criou a gente com muita dificuldade/ ela tinha que:/ ela: tinha que trabalhar, lavar

13 A1- roupa pra fora, fazer salgados, passar roupa pra fora pra sustentar a gente/ só que aí a

14 A1- gente que era mais velho/ que era eu e meu irmão/ o nome do meu irmão era... esse

15 A1- que faleceu é::: a gente tinha assim pouca diferença de idade assim mais ou menos três

16 A1- anos... então como a gente era mais velho a gente tinha que lutar pela sobrevivência...

17 P- No caso você é a segunda filha? [[Seu irmão que faleceu era o mais velho, na sequência

18 P- você e mais

19 A1- [[ Isso: sim, sim

20 P- E você nasceu onde?

21 A1- Eu sou de Manaus... de Manaus

21 P- Então essa história já começa aqui na cidade

22 A1- Eu sou da cidade de Manaus/ morei no coroadó/ nasci por lá/ quinze ano sai de lá/ aí a

23 A1- mamãe/ [[voltando de novo né/ aí a mamãe precisava sustentar a gente/ então eu tinha

24 A1- o que uns sete oito ano nove anos mais ou menos... aí tinha que trabalhar de que

25 A1- forma/ ela fazia salgados ( ) bastante coisa assim chamavam de restinho da feira... aí

26 A1- tinha uma feira ali no coroadó... que eu vendia/ todo mundo me conhece por ali...

27 A1- assim porque eu era criança né... aí saía vendendo por ali tudo/ aí só podia voltar para

- 28 A1- casa se tivesse vendido tudo... não podia voltar antes disso... aí saia vendendo tudinho
- 29 A1- naquelas bacia de alumínio/ eu lembro/ era IMENSA a bacia... aí:: só que: tipo
- 30 A1- assim... não era ruim não/ eu queria ajudar né... e: botava pra vender mesmo/ não tinha
- 31 A1- vergonha/ como eu nunca tive... se não/ não estaria aqui hoje... aí:: eu comecei a tra-
- 32 A1- ba-lhar cedo né... aí tem um porém a gente apanhava muito... muito mesmo... eu e
- 33 A1- meu irmão/ a gente apanhava muito/ era bastante castigado/ era bastante rígido... a
- 34 A1- gente não podia brincar... o nosso negócio era ajudar os que tinham... os menores
- 35 A1- também né... pra sobreviver/ então a mamãe passava roupa, fazia comida/ aí quando
- 36 A1- chegou um pouquinho mais velha/ eu fiquei mais velha ( ) onze, doze anos mais ou
- 37 A1- menos eu comecei ajudar a:: a assim nas casa alheia né... fazia arrumar... arrumar a
- 38 A1- casa::: fazer alguma coisa/ e nisso a gente foi pegando um dinheiro ( ) e tinha vezes
- 39 A1- que a gente não tinha o que come, porque nem toda vez a mamãe tinha o dinheiro para
- 40 A1- repor de novo/ pra comprar as coisas e nem toda vez tinha gente pra TA/ para lavar
- 41 A1- uma roupa, pra passar né: aí às vezes não tinha nada/ mamãe às vezes PI/ pedia
- 42 P- E eram só vocês?
- 43 A1- Só...
- 44 P- Sua mãe, você e seus irmãos
- 45 A1- A mamãe... a mamãe tinha uma dificuldade com home, parece ((rindo)) assim que
- 46 A1- quando ela arrumava um marido não dava certo/ ela apanhava... sabe a mamãe
- 47 A1- apanhou muito de marido... porque a minha irmã... ela é a terceira/ porque é assim
- 48 A1- veio meu irmão mais velho, aí vem eu e vem outra minha outra irmã também ( ) ela
- 49 A1- pegou então também bastante também:: sofrimento... então essa minha irmã... ela
- 50 A1- era... não lembro se eu posso dizer/ ela era pequenininha ainda nessa época tudinho/ aí
- 51 A1- a mamãe arrumou outro marido... aí ela arranjou um marido né depois que ela tinha
- 52 A1- esses três filhos/ porque eu sou dum pai, o meu irmão que morreu é dum pai e ela é
- 53 A1- dum pai... e não deram certo... aí ela arrumou esse marido que teve quatro filhos com
- 54 A1- ele... que é ( ) são três... desculpa são três/ aí o que acontece é:: ele batia muito nela,
- 55 A1- ele era daquele que morava cá mãe e foi morar com a mamãe e judiava muito da
- 56 A1- gente... qualquer coisa ele ficava dando cascudo eu lembro que ele tinha um anel que
- 57 A1- ele dava uns cascudos que subia:: os nós aí a gente:: era muito judiado por ele / e teve
- 58 A1- uma época também... que mamãe:: engravidou eu me lembro muito bem do último
- 59 A1- filho lá... ele bateu nela que ela tava grávida foi um quebra-quebra de coisa lá em casa
- 60 A1- / sempre teve muita briga... no meio da nossa criação aí tá passou uns anos tudinho /
- 61 A1- teve uma vez que a mamãe foi ter a última gestação dela/ ela foi ter a: a caçula / a

62 A1- última é a... aí quando ela foi para hospital tudinho/ a gente dormia numa rede que  
63 A1- tinha uma casa de madeira... aí era uma sala... um lugar ( ) no meio e a cozinha aí a  
64 A1- gente dormia na sala que tinha rede... aí eu seu que mamãe foi ter filho e a gente  
65 A1- estava dormindo lá/ aí eu senti:: uma vez ele me aparrando... passando a mão nas  
66 A1- minhas partes né... aí eu tinha medo dele né... essas coisas e me mexia ( )... tipo  
67 A1- assim/ para assustar mermo... aí ele fazia que estava jogando detefon/ aí eu fiquei com  
68 A1- medo de contar para a mamãe devido a gente apanhar muito né porque ( ) a gente  
69 A1- tinha era medo...

70 P- Qual a idade que você tinha?

71 A1- Eu tinha uns doze anos... eu tinha uns doze anos / aí eu falei pra minha ti::a... aí a  
72 A1- minha tia falou com a mamãe né... brigou com ela/ aí eu sei que teve uma briga  
73 A1- horrível:: terrível/ aí a mãe dele/ desse marido dela disse que eu era mentirosa que eu  
74 A1- não sei o quê/ aquele negócio todo... mas realmente aconteceu né... aí a mamãe se  
75 A1- separou dele... aí teve aquela separação aquelas coisas todas, só que, passou um bom  
76 A1- tempo mamãe voltou com ele... e foi minha ruína que eu apanhava muito

77 P- E foi só uma vez esse fato

78 A1- Sim... foi só uma vez que ele ( ) não chegou fazer mais não/ aí foi minha ruína, como  
79 A1- eu falei, batia muito... aí não só em mim como também no meu irmão mais velho/ teve  
80 A1- uma vez que a mamãe mandou meu irmão fazer um arroz ((risos)) e eu fritar i peixe...  
81 A1- aí meu irmão fez o arroz e queimou e eu fritei o peixe e eu queimei... a gente ainda  
82 A1- não tinha noção de fogo, panela... a gente fazia né tudinho mais... aí eu sei que::  
83 A1- quando ele foi comer ele começava a xingar “esse filho” só falava palavrão né “não  
84 A1- sabe fazer um arroz”/ ele me chamava de gata sem vergonha “não sabe fritar um  
85 A1- peixe/ não sei o quê”/ aí eu e meu irmão, como a gente era criança, ele olhava para  
86 A1- mim, eu olhava para ele e a gente começava a rir... ( ) sabe aquelas coisa de criança  
87 A1- ainda... aí a gente começava a rir/ tava achando engraçado que ele estava xingando...  
88 A1- aí sei lá pra gente mão era tão absurdo... a gente não gostava muito dele também... aí  
89 A1- ele “o que vocês estão rindo aí? Vocês não vão calar a boca não... vou já” aí eu fiquei  
90 A1- quieta e meu irmão também... só que teve uma hora que meu irmão olhou pra mim e  
91 A1- eu olhei pra ele/ ninguém aguentou e meu irmão deu uma risada forte e ele pegou um  
92 A1- tesado e foi lá perto da gente “que vocês estão rindo aí” aí ele fez uma lambada no  
93 A1- meu irmão que ficou a marca do tesado Atodinho assim na perna dele e eu claro né/  
94 A1- porque ia chegar em mim/ eu fiquei quieta não apanhei mais... meu irmão ficou com  
95 A1- aquela marca/ eu nunca esqueci né foi meio traumático naquele dia / a gente ficou com

- 96 A1- medo dele tacar é no pescoço da gente... aí tá/ tudo bem/ passou aí eu cheguei na
- 97 A1- adolescência já ( ) a mamãe se separou dele com um bom tempo porque não dava
- 98 A1- certo mesmo/ eles viviam brigando e a gente pedia a deus para ela se separasse dele
- 99 P- Pela segunda vez né...
- 100 A1- Isso
- 101 P- Só tem um ponto que você falou que os três primeiros filhos foram de pais diferentes
- 102 P- né...
- 103 A1- Ahã
- 104 P- E que depois ela arrumou essa pessoas e teve três ou quatro... porque aí você se
- 105 P- confundiu um pouco nessa hora/ ela teve três filhos com ele ou quatro?
- 106 A1- Não mais que conviveu só foi com esse quarto aí... porque os três:: ela morava com
- 107 A1- meu avô ainda... ela morava com meu avô quando ficou grávida do meu irmão... o
- 108 A1- que acontece/ meu avô enxotou/ meu avô disse pra ela “se você engravidar de novo/
- 109 A1- acontecesse alguma coisa” ele ia pegar e deixar ela por aí... aí a mamãe engravidou
- 110 A1- de mim... né ((10 min)) aí o vovô expulsou de casa... aí ela não sabia onde morar... aí
- 111 A1- foi morar no fundo do quintal de uma:: de uma senhora tudinho que era casa de
- 112 A1- papelão aí tinha aquele negócio da Sham ((não entendi muito bem)) que consegui
- 113 A1- terrenos/ eu sei que ela conseguiu um terreno através disso... depois foi ( ) aí eu sei
- 114 A1- que ela conseguiu a casa dela desse jeito...
- 115 P- E o seu pai chegou a morar com ela?
- 116 A1- Eu não conheço o meu pai... o meu pai:: ela me contou/ eu só sei por ela ter falado
- 117 A1- essas coisas... que ela trabalhava numa fábrica que se chamava Yalow que ficava
- 118 A1- aqui em Manaus e ele era um gerente... e ela engravidou dele porque eles estavam
- 119 A1- namorando tudinho aí... eu acho que foi só um rala e rola lá... aí ela engravidou... só
- 120 A1- que aí ele foi embora porque acho que ele é do Rio... ele mora no Rio de Janeiro meu
- 121 A1- pai é carioca... ela disse pra mim que ele foi embora e eles nunca mais se viram... ele
- 122 A1- não soube que ela ficou grávida de mim... então: tipo assim... eu não sei se ela
- 123 A1- tentou me botar pra fora né... perdeu lá/ ela deixou até hoje... cresci assim eu não sei
- 124 A1- quem é meu pai/ a minha irmã ela conhece o pai dela... o outro meu irmão também
- 125 A1- conhece... só eu que não conheço... não sei quem é meu pai/ não sei, nunca vi:: só um
- 126 A1- boato que ela falou para mim que ( ) e eu insisti para ela me falar mas ela nunca
- 127 A1- quis muita conversa... então eu deixei pra lá também porque não ia fazer mais
- 128 A1- diferença... então tá... aí:: eu fui cresci só trabalhando né...
- 129 P- Só para concluir... aí os outros quatro filhos foram desse marido que ela arrumou?



- 130 A1- Sim três, três... porque eu estava contando errado ( ) (( A1 pronuncia o nome dos  
131 A1- seus irmãos)) que são desse meu padrasto
- 132 P- Vocês são em seis?
- 133 A1- Não mas tinha o outro... seis/ morreu um logo no comecinho/ eram quatro mesmo
- 134 A1- porque essa:: que morreu era dele também tinha esquecido da o nome dela
- 135 A1- era... ela faleceu assim:: que nasceu/ poucos tempo/ por isso que a gente... e tipo
- 136 A1- assim eu tirei um pouco assim da mente/ não tivemos muito... é assim bebê ainda/
- 137 A1- morreu bem novinha
- 138 P- Certo... agora a gente pode voltar [A1 foi no parto mesmo]
- 139 A1- Falei quatro na coisa na, na, na ( ) porque eu sabia que eram quatro só que eu tinha
- 140 A1- esquecido quem tá vivo/ só são três dele... só que aí como eu lhe falei... eu fui
- 141 A1- crescendo a gente precisava trabalhar e a mamãe não deixava a gente estudar porque
- 142 A1- u, u, u, nosso:: dilema lá em casa era sobrevivência... os mais velhos tinham que
- 143 A1- ajudar os mais novos/ a gente precisava sustentar todo mundo/ então todo mundo
- 144 A1-tinha que trabalhar e a mamãe não deixava estudar porque era ( ) a gente vivia
- 145 A1- ocupado nisso... não tinha porque estudar, tinha que trabalhar para sobreviver... aí eu
- 146 A1- fui e crescendo fui sentindo essa vontade de estudar
- 147 P- E ela falava isso?
- 148 A1- A mamãe nunca matriculou a gente para estudar... eu que me matriculei já velha já...
- 149 A1- eu que corri atrás... tudo foi eu... na minha vida tudo que eu tenho foi eu... entendeu...
- 150 A1- então tá... aí passou uns tempos que eu já estava com uns doze treze anos eu sentindo
- 151 A1- maior vontade de estudar... e eu disse assim “eu queria estudar” aí eu trabalhava nas
- 152 A1- casa e as mulheres chegavam às vezes tarde... não tinha como eu estudar né... aí eu...
- 153 A1- teve uma época que eu fui me matricular lá naquele Cacilda Braule Pinto/ lá no
- 154 A1- Coroadó... aí eu me matriculei... eu fiz lá aquele acelerado/ tudo foi acelerado na
- 155 A1- minha vida... agora que eu estou estudando parado/ normal... assim ( ) porque o
- 156 A1- resto foi acelerado
- 157 P- E foi nessa época no início da adolescência que você tinha entre doze, treze
- 158 A1- foi/ me chamavam de burrona na sala... mas eu nunca/ tipo assim:: a minha vontade
- 159 A1- era maior que a minha vergonha
- 160 P- Você se alfabetizou a partir desta idade, ou você aprendeu a ler e a escrever antes?
- 161 A1- Eu... não... eu não aprendi a lê nada/ só quando eu fui fazer a primeira série lá no
- 162 A1- acelerar tudinho... esqueci agora o nome ( ) aí eu pra fazer o a/ eu fazia um a muito
- 163 A1- feio, era uma coisa horrível e aquelas crianças lá tudo rapidinho né/ escreviam bem/ e

164 A1- eu não sabia escrever nada, nem meu nome eu sabia fazer... nada porque a gente não  
165 A1- tinha contato com papel, não tinha contato com/ não tinha ninguém pra chegar e  
166 A1- dizer “olha precisa disso”/ foi a vontade mesmo/ eu olhava as pessoas lendo,  
167 A1- escrevendo e eu ficava mais como é que vocês consegue... a gente fica mei:::  
168 A1- ignorante mesmo das coisas/ não sabia... aí eu matriculei o meu irmão também... esse  
169 A1- que faleceu/ que ele também nunca estudou... ele não sabia escrever o nome dele... só  
170 A1- que ele não quis ir por vergonha/ a vergonha doeu mais nele... ne mim não doeu  
171 A1- tanto, doeu: mas não doeu tanto, mas ele desistiu/ não quis estudar/ eu matriculei e  
172 A1- ele não foi/ eu fui, eu continuei/ aí quando chegou uma certa: idade assim, mais ou  
173 A1- menos eu tinha o quê...dezesesseis, dezessete, dezoito anos... a mamãe arranhou um  
174 A1- trabalho numa casa que era no parque dez/ aí eu fui pra lá... eu tinha que cuidar dois  
175 A1- gêmeos/ e foi pra lá/ aí:: eu/ a mulher era boa tudinho, me prometeu que eu podia  
176 A1- estudar tudinho/ disser que não teria nenhum problema comigo... só que ela só  
177 A1- chegava tarde, não dava para mim estudar quando saia do colégio, ou quando ela  
178 A1- chegava em casa não dava pra mim estudar porque ela chegava depois das oito, oito  
179 A1- horas/ como é que vou pro colégio? Num dava... alguma vez eu ia, num ia, ia, num  
180 A1- ia, porque não dava tempo... aí eu... não deu mais parei/ passei um bom tempo, bom  
181 A1- tempo ((estalando os dedos)) aí fiquei/ aí fui morar com ela né, porque até então eu  
182 A1- morava com a mamãe e ia pra lá... só que aí eu chegava tarde na casa da mamãe  
183 A1- tudinho/ aí quando eu/ ela disse assim “olha acho melhor tu ir morar com ela logo,  
184 A1- pelo menos lá você não fica com esses negócio de vai e vem chegando tarde” mamãe  
185 A1- não queria que eu chegasse tarde... ( ) para certas coisas era aquela proteção  
186 A1- danada... podia ser/ tipo assim... ficar grávida ( ) isso e aquilo... ela não aceitava  
187 A1- essas coisas... aí eu passei a morar com a... passei um bom tempo com ela/ morei  
188 A1- acho: e que uns três anos com ela lá... aí quando eu quis sair de lá porque eu queria  
189 A1- estudar ela disse “não você não vai sair daqui não...porque eu já falei com a sua mãe/  
190 A1- o compromisso era aquele pá, pá, pá” aí eu disse eu preciso sair daqui eu não estou  
191 A1- estudando/ preciso aprender alguma coisa  
192 P- Qual a ideia que você tinha do estudo?  
193 A1- Eu... eu sempre queria estudar para mim ter uma profissão, ter um trabalho e eu  
194 A1- ganhar através daquele meus estudos, porque eu ouvia muita gente falar né que a  
195 A1- gente só era alguém na vida se estudasse né... e eu sempre botei na minha cabeça que  
196 A1- a gente mão é nada sem estudo... eu também quando... quando eu era assim  
197 A1- adolescente... eu queria poder/ no dia que eu tivesse uma família eu pude pelo menos

198 A1- lê alguma coisa pro meu filho, pra minha filha e:: eu não saber nada ia ser muito  
199 A1- difícil... aí eu sei que eu... sei que eu batalhei para estudar né... aí eu trabalhava  
200 A1- tudinho... Aí a mamãe arrumou outro/ ela separou desse marido né/ muitos anos  
201 A1- tudinho ((estalos de dedo)) ela arranjou um outro aí que ele já era casado... e ela já  
202 A1- tinha namorado com ele quando ela era ADOLESCENTE ela namorou com ele/ ele...  
203 A1- já é falecido ele... aí ela ficou com ele tipo assim:: sendo amante... entende/ aí ela  
204 A1- ficava encontrando com ele/ aquele negócio todo... aí eu sei que ele era também  
205 A1- daqueles violento também/ parece que ela tem um negócio de arranjar homem que só  
206 A1- queria maltratar ela ( ) e a gente tudinho com raiva dela porque não queria que ELA  
207 A1- ficasse com ele porque ele batia nela... tanto que eu sai da... porque teve um caso/  
208 A1- porque é sempre assim, eu recebia meu dinheiro eu tinha que deixar pra ela no final  
209 A1- do mês... quando eu recebia/ eu nunca deixei de ajudar a mamãe, eu trabalhava, por  
210 A1- mais que eu não tivesse morando lá/ mais aí eu pegava o dinheiro e ia deixar pra  
211 A1- mamãe/ nesse dia que eu fui deixar dinheiro pra mamãe... a mamãe não estava em  
212 A1- casa porque era de noite/ ela chegou era meia noite lá com a mamãe ((confuso)) aí eu  
213 A1- cheguei lá a mamãe não estava... aí os meninos tudo com medo de mi falar... que  
214 A1- tinha tido uma briga terrível, que ele ( ) foi porrada lá no quintal/ mamãe tinha um  
215 A1- monte de bambu essas coisas assim no quintal/ disse que ele pegou um bambu  
216 A1- desses/ disse que bateu nela que cortou, bandou a orelha dela aqui/ eu fiquei tão  
217 A1- revoltada... eu fiquei com muita raiva mesmo... aí eu gastei o dinheiro dela todinho  
218 A1- negócio de táxi procurando nos hospital onde que ela tava... aí quando eu voltei ele já  
219 A1- tava lá... aí eu fiquei com aquela ( ) ((A1 falou)) mamãe porque que a senhora ainda  
220 A1- está com esse homem que só faz a senhora sofrer... “eu não estou mais com ele não”  
221 A1- ((resposta da mãe de A1/ estalos de dedos)) e passou um bom tempo e ela voltou de  
222 A1- novo com ele... aí eu fiquei/ tipo assim... vou voltar pra casa porque o negócio tá  
223 A1- feio... aí eu disse pra mulher que ia sair de lá/ ela não quis... ela segurou minhas  
224 A1- roupa... ela não queria que eu saísse de lá “você não vai sair daqui” ((20min))... ela  
225 A1- tinha viajado para fortaleza e ela tinha trazido umas roupa pra mim pra ficar sendo  
226 A1- descontado no meu salário... aí eu só ia poder sair de lá quando eu pagasse toda  
227 A1- aquelas coisas dela lá... tudo que ela tinha trazido pra mim né... aí eu deixei minha  
228 A1- roupa lá e fui embora porque eu nunca fiz questão de coisas materiais/ de deus me  
229 A1- der beleza senão vou embora  
230 P- [[Você se sentia bem lá?]]

- 231 A1- [[Aí vim me embora de lá]] na casa dela... sim eu sempre fui muito honesta comigo
- 232 A1- mesmo... eu, eu fico num lugar se eu estiver bem ( ) acho que é por isso que até hoje
- 233 A1- eu cheguei aqui... porque tipo assim eu sempre fui honesta comigo ( ) pra mim ser
- 234 A1- honesta com as pessoas eu preciso ser honesta comigo... estão tipo assim, já não tava
- 235 A1- É:: já não tava dando pra mim estudar... desde aí já começou a ficar ruim/ só nisso
- 236 A1- aí... mas ela é uma ótima pessoa, eu amava as crianças dela, mas aquilo ali não é
- 237 A1- minha vida/ a vida dela ela tá seguindo ali, ela tá fazendo a vida dela/ e a minha tá
- 238 A1- onde/ eu pensei nisso... eu tinha que botar alguma coisa pra frente... que que eu
- 239 A1- precisava fazer se eu quisesse alguma coisa a mais eu precisava deixar aquilo ali
- 240 A1- porque a gente não pode ficar acomodada numa bolha/ se gente fica todo tempo
- 241 A1- naquilo ali a gente nunca tem outros horizontes, não tem outras coisas/ eu acho que::
- 242 A1- o pouco que eu já consegui, mas antes de eu fazer eu pensava... eu não ia fazendo as
- 243 A1- coisa de qualquer jeito, eu pensava antes óh/ eu quero estudar/ desse jeito que eu tô
- 244 A1- aqui tá bom mas não é isso que eu tô:, não é isso ainda que eu quero ficar... porque
- 245 A1- eu conheci a outra/ a mãe dela tinha uma moça lá... que ela teve um filho e estava
- 246 A1- morando com ela a muitos e muitos anos ((estalar de dedos)) o nome dela era:: a já
- 247 A1- tava/ já o que... ela tava com uns cinquenta e poucos anos trabalhando com a mãe
- 248 A1- dela lá/ ela queria fazer de mim a mesma PESSOA, aí eu... sem querer... eu me vi
- 249 A1- sendo aquela menina lá que... perdeu a vida dela todinha dentro daquela casa lá... lá
- 250 A1- no apartamento que fica ali na Constantino Nery/ que eu não estou lembrando agora
- 251 A1- o nome... então tipo assim eu via a... a minha vida igual a dela:: se eu continuasse ali/
- 252 A1- ela comprou uma CASA... que era minha patroa/ fez um quarto pra mim que eu ia
- 253 A1- morar lá com ela... mas aí/ foi nisso que eu ( ) que eu disse não eu não posso ficar
- 254 A1- aqui, ela é legal, ela é gente boa... eu acho que eu vou ser uma pessoa muito:: amarga
- 255 A1- ( ) se eu não correr atrás agora... e deixei... foi ruim foi, foi ruim... não foi bom
- 256 A1- porque a gente se apega as pessoas que a gente ama, se apega as pessoas que a gente
- 257 A1- quer bem não é verdade... mas eu precisava sair dali/ era eu que tinha que tomar
- 258 A1- atitude porque ela nunca ia querer me soltar dali... então eu sai... ( ) foi difícil, mas
- 259 A1- sai, consegui me despregar dela... aí voltei pra casa da mamãe... com esse
- 260 A1- planejamento de estudar, de fazer alguma coisa... aí quando
- 261 P- Isso você estava com quantos anos?
- 262 A1- Eu já estava com o quê, eu tinha vinte, vinte quatro ano, eu tinha vinte e quatro ano/
- 263 A1- só que aí não foi do jeito que eu pretendia
- 264 P- Você chegou a passar em torno de dez anos na casa da...?

265 A1- Não, eu não passei muito tempo não, porque como eu lhe falei depois da... que eu  
266 A1- fiquei morando lá um bom tempo eu fui trabalhar também na casa da dona...  
267 A1- trabalhei um bom tempo lá... aí a... era uma pessoa que:: que eu conheci ela através  
268 A1- de uma tia minha... que minha tia já trabalhava com ela lá fazendo comida essas  
269 A1- coisas toda/ aí ela queria uma pessoa para cuidar do filho dela/ ela trabalhava até  
270 A1- num banco que era banco... que era banco:: como que era o banco... nem existe mais  
271 A1- esse banco ( ) não tô mais lembrada do banco... sei que aí ela trabalhava tudinho e  
272 A1- eu fiquei morando um bom tempo lá... eu não me recordo assim o tempo, mais eu  
273 A1- fiquei um bom tempo, porque eu não ligava muito pro tempo assim e tal/ eu sabia  
274 A1- que: estamos envelhecendo né/ tinha que correr atrás de alguma coisa  
275 P- Mais só pra... pra estruturar/ esses seu primeiro contato com a escola, entre os doze,  
276 P- treze anos... aí depois você para devido ao trabalho e regressa já: adulta praticamente  
277 A1- Quando eu parei foi um tempo muito grande ( ) acho que foi dezesseis anos longe  
278 A1- da escola/ acho que eu tirei eu estava na quinta série... parei na quinta série  
279 P- Você conseguiu chegar até o quinto ano  
280 A1- É porque eu fiz o acelerado... acelerei né três, cinco anos, num sei quantos três,  
281 A1- quatro ano/ aí eu tirei um:: lá no Cacilda... eu tirei a quinta série lá  
283 P- Aí você já estava alfabetizada  
284 A1- Sim... aí de lá eu estudei lá num... ((estalo de dedos)) GM ali no final da beira rio...  
285 A1- só que lá eu não consegui estudar porq/ devido/ como eu lhe falei minha patroa  
286 A1- chegava tarde tudinho e não dava pra mim continuar lá/ eu tive vários, várias casas  
287 A1- que eu tive que trabalhar tudinho e a da... foi a que mais me segurou porque marcou  
288 A1- assim: devido o tempo/ ela queria que eu morasse ( ) praticamente ela queria viver a  
289 A1- vida dela e eu ficando ali só cuidando da vida dela... num dá/ eu sei que eu era boa  
290 A1- assistente pra ela mais num dava... aí tá eu... depois de lá: eu voltei pra casa da  
291 A1- mamãe no coroadado... foi depois não/ no coroadado... foi passei um bom tempo aí voltei  
292 A1- pra casa da MAMÃE... aí por causa dessas briga de marido essas coisas toda não deu  
293 A1- certo mim morar com a mamãe... aí foi aquelas coisas toda/ a mamãe: se juntou com  
294 A1- esse... com outro lá que eu não lembro o nome do home/ eu sei que a mamãe teve um  
295 A1- bocado de marido/ aí ela se separou de novo... aí foi aquele negócio ia e voltava com  
296 A1- marido... separava/ aí passou um bom tempo... eu me:: me ((a mãe disse para A1))  
297 A1- disse assim... “Tu tem que arrumar um trabalho pra poder:: ter uma casa, ter umas  
298 A1- coisas porque não dá pra você ficar morando aqui comigo não, eu já tenho um monte  
299 A1- de gente”/ porque ela queria ficar com o marido dela e eu já era mocin/ adolescente:

- 300 A1- já grande né/ e os marido dela como eu era bonitinha parece que ficava querendo::
- 301 A1- me achava meio/ eu não sei se era ciúme, eu não sei o que que era, ela não queria eu
- 302 A1- morando mais lá... aí eu fiquei um bom tempo/ teve uma briga do meu padrasto...
- 303 A1- terrível/ bateu nela tudinho/ aí eu fui morar num quarto alugado, sai de casa e fiquei
- 304 A1- morando no quarto alugado por uns bons anos ((estalos de dedos)) ( ) aí teve uma
- 305 A1- vez dessas aí... né que eu trabalhava e cheguei tarde
- 306 P- No próprio bairro isso
- 307 A1- Sim... é ali no coroadado próx/ eu vivi muito tempo no coroadado ali... muito tempo
- 308 A1- mesmo... aí eu sai dali já... eu não me recordo muito o tempo aí eu fui morar: eu me
- 309 A1- juntei com o:: o nome dele era... ( ) eu me juntei/ passei cinco anos com ele e
- 310 A1- ele não queria que eu trabalhasse... ele tinha tido uma mulher ele já tinha filhos e ele
- 311 A1- morava com:: ( ) só que aí começava com aquele negócio de beber... aí ele ficava
- 312 A1- com muito ciúmes de mim... era um ciúmes meio doentio... que: tipo assim se eu
- 313 A1- falasse qualquer coisa eu apanhava/ aí ele vivia/ me expulsava quando ele tava
- 314 A1- bêbado... entendeu, porque ele me encontrou morando no quarto alugado né... e tipo
- 315 A1- assim eu não morava com a mamãe... aí: ficava aquela bebedeira danada e todo final
- 316 A1- de semana... aí passou uns cinco anos eu com ele tudinho
- 317 P- Por que no caso quando você o conheceu você foi morar na casa dele, foi morar com
- 318 P- ele
- 319 A1- Fui morar com ele... foi porque eu sai do aluguel e fui morar com ele lá no Japiim...
- 320 P- aí eu passei cinco anos morando com ele
- 321 P- Já adulta
- 322 A1- Já adulta, tinha o que uns vinte e quatro, vinte e cinco anos por aí... vinte e quatro,
- 323 A1- não tinha menos/ eu acho que é essas coisa tudo que envolveu desde a minha infância
- 324 A1- eu não estou enganada bem... eu acho que foi até os vinte anos que eu tive uma
- 325 A1- confusão bem tremenda com esses negócio aí... vinte e três/ é uns vinte e três... que
- 326 A1- eu passei o quê... eu acho que foi logo assim que eu passei da... ficou um bom
- 327 A1- tempo... bom eu me juntei com ele aí depois disso eu vi que não dava certo porque
- 328 A1- ele tentou me bater e eu não queria viver a vida da mamãe... eu tinha muito a vida da
- 329 A1- mamãe na minha vida assim por ela ter apanhado muito de marido e eu não queria...
- 330 A1- aí... tentou me bater tudinho e jogou a chave em cima do telhado pra mim não pegar
- 331 A1- pra mim não sai... aí eu dei um jeito e sai/ quando eu sai eu nunca mais voltei... aí foi
- 332 A1- quando eu arranjei esses meu ,marido que eu estou hoje eu já estou vinte anos com
- 333 A1- ele... eu tô com quarenta e cinco anos.. ele tem: meu marido têm vinte e seis anos/

- 334 A1- então eu arranjei ele/ meu marido era militar... ((30 min)) trabalhava na/ ele era  
335 A1- soldado... da aeronáutica isso/ aí ele trabalhava eu trabalhava também do meu jeito  
336 A1- fazia isso fazia aquilo  
337 P- O que você fazia?  
338 A1- Ahã... eu, eu começava a fazer bolos, trabalhava com lanches essas coisas assim  
339 P- Quando você saiu da casa dele você foi pra onde?  
340 A1- Ah/ eu fui para o quarto alugado  
341 P- Voltou para o aluguel  
342 A1- Voltei pro aluguel/ não tinha casa né/ aí voltei pro aluguel passei não muito tempo  
343 A1- daí o dinheiro que:: eu pegava e ele pegava a gente ia pagando aluguel a gente ia  
344 A1- sobrevivendo  
345 P- Como que você conheceu:: seu marido?  
346 A1- Ele... a gente já se conhecia desde de criança ((entusiasmada)) é tipo assim eu  
347 A1- morava no bairro ele também... eu acho que:: deixa eu ver/ não tem ali a delegacia  
348 P- Sim  
349 A1- Bem de frente tem um comércio é: do Sr... não sei se o Sr. conhece... o nome dele/ aí  
350 A1- eu sei que é ali no coroadado bem de esquina tem um comércio grande... então ele me  
351 A1- conheceu/ o pai dele todo mundo na venda, na venda porque eu saía para vender né...  
352 A1- aí:: tipo assim foi crescendo/ a gente foi vendo né conhecia os vizinhos tudinho...  
353 A1- eram pessoas que eram do bairro ali e eu morava assim não muito distante num  
354 A1- bequinho que fica próximo aquele SPA do coroadado/ tem um bequinho ali/ a mamãe  
355 A1- tinha uma casinha bem na esquina... e nisso... eu cheguei a trabalhar nessa casa  
356 A1- também, eu cheguei a trabalhar, eu tinha o que uns quinze anos/ mamãe deixou eu  
357 A1- trabalhar lá/ a mulher tinha se separado tudinho e ele queria alguém que fizesse  
358 A1- comida né, porque ficava muito tempo no comércio não dava/ e nisso tudo bem, só  
359 A1- que aí, até aí não tinha nada, nada, nada, nem passava pela cabeça, só que quando eu  
360 A1- tinha me separado desse meu marido aí/ desse que eu passei um tempão com o né...  
361 A1- quando eu separei dele... eu via o filho dele ((do seu atual marido)) que eu já...  
362 A1- conhecia tudinho e deu aquele tcham, não sei se o Sr. sabe mais dá aquele/ tipo  
363 A1- assim/ aí começou marcar encontro tudinho aí a gente começou a namorar... aí  
364 A1- depois ele saiu da casa do pai dele... o pai dele não queria que ele, que ele saísse da  
365 A1- casa da mamãe, a mamãe não queria que eu: deixasse meu marido lá de uma vez/  
366 A1- queria que eu voltasse com ele... porque tipo assim ela via minha vida lá era bem  
367 A1- estabilizada nisso, ele me dava de tudo, a gente tinha tudo, tinha carro, tinha ( )

368 A1- piscina/era uma casinha bacana lá no, no Parque Dez/ lá no Japiim, só que aí como  
369 A1- lhe falei eu não vou ficar com uma pessoa que queira me espancar, que quer me  
370 A1- maltratar/ eu deixei... e ele me procurou MUITO pra voltar mas eu não voltei mais  
371 A1- sai porque coisas materiais não me segurou, nunca me segurou... eu só fico com uma  
372 A1- pessoa se eu achar que realmente aquilo ali/ eu tô bem/ se eu não tiver tchau... aí: a  
373 A1- mamãe:: como ela é/ a mamãe sempre ligou muito pra coisa material...pra mim ela só  
374 A1- queria “você vive bem, você tem que aguentar e não sei o quê” eu disse não mamãe  
375 A1- quem sabe o melhor pra mim sou eu não é a Sra... aí eu deixei e estou com vinte ano  
376 A1- com meu esposo, eu tenho um filho de dezoito ano porque eu nunca tinha feito filho  
377 A1- por aí, só tive com ele dois filhos... que esse meu filho de dezoito ano que vai fazer  
378 A1- dezenove agora em janeiro... eu fiquei com meu marido em dois mil e nove ((2009))  
379 A1- né... assim que eu deixei o como eu falei em 2009 eu fiquei com ele... não 1999  
380 P- Sim  
381 A1- 1999 e em 2001 eu tive meu filho e aí ele já tem 18 anos... desculpa porque às vezes  
382 A1- eu me confundo porque eu não me apego muito em data  
383 P- Mais ele já tem um filho... seu marido já tem um filho  
384 A1- Não, nenhum/ esse meu marido que eu estou hoje ele era solteiro ((anteriormente a  
385 A1- participante deu a entender que o seu atual marido já tinha um filho)) ele vivia  
386 A1- com o pai dele lá... ele era/ como lhe falei ele era soldado, ele era cabo essas coisa  
387 A1- assim... eu não gostava muito de militar porque eu achava tudo safado... vou  
388 A1- dizer a verdade/ ele vestia aquela farda/ quando ele estava com aquela farda eu não  
389 A1- andava perto dele porque pra mim:: eu... iria ser vista como aquelas meninas que  
390 A1- vivia/ eu não gostava muito/ aí eu sei que a gente ficou junto no quarto alugado por  
391 A1- um tempo/ eu fiquei grávida do meu filho... ( ) tinha o quê... eu tava com três  
392 A1- meses: eu morava no quarto alugado ainda/ aí a mamãe disse “minha filha você vai  
393 A1- morar comigo porque você vai ter essa criança/ não é bom você ficar no quarto  
394 A1- alugado” eu disse mãe... será se a gente consegue comprar QUALQUER:::  
395 A1- negocinho ( ) a gente fala assim/ pra mim enfiar dentro/ com o tempo eu vou  
396 A1- ajeitando/ quero só um terreno pequeno tudinho aí quan/ tem porque morar com a  
397 A1- Sra... eu nunca vou ter minhas coisas... ela disse “eu não sei só sair procurando” a  
398 A1- gente tinha R\$ 1.700,00 guardado, não era muito, mas... aí eu peguei e ela disse  
399 A1- assim “vamo procurar” e ele tava no quartel... aí eu minha mãe/ eu vendia esse  
400 A1- negócio de churrasco essas coisas e ela me ajudava, eu chamava ela e ela me  
401 A1- ajudava... aí eu mãe então embora procurar



402 P- Na rua mesmo

403 A1- Na rua... aí a gente saiu procurando, procurando, não achou, não tinha... aí quando

404 A1- chegou/ bora hoje, bora a tarde/ eu morava assim mais ou menos... eu moro no

405 A1- Zumbi, 403 A1- ali na parte do Zumbi ali perto do... aí eu morava no quarto alugado

406 A1- pra li/ eu disse mãe vamo atrás de encontrar alguma coisa “vamos” ((resposta da

407 A1- mãe))... a gente saiu andando, andando, andando aí tinha uma casinha de madeira

408 A1- pequenininha e tal, terreno pequeno... aí tinha um pontinho de venda, não foi nem a

409 A1- casa que me chamou atenção/ foi o negócio lá da taberninha... né/ eu já vi tipo assim

410 A1- sabe quando você enfeita na sua cabeça alguma coisa de um ponto que você sem/ eu

411 A1- queria um ponto pra mim trabalhar... que até então eu tinha que ir lá no coroadado

412 A1- vender na frente do comércio do meu sogro... eu queria um ponto pra mim trabalhar,

413 A1- porque eu seu trabalhar o que eu coisar eu ganho dinheiro... aí ela disse assim

414 A1- ((estalo de dedos)) “olha tá aqui a placa de venda e agora como é que a gente faz/

415 A1- tem alguém mandando aqui” aí tinha uma Sra. que estava responsável por essa casa...

416 A1- aí eu bati lá/ minha Sra. sabe me dizer como é que eu posso fazer para falar com a

417 A1- dona dessa casa... aí ela disse assim “ela me deixou responsável, mais ela mora aqui

418 A1- mesmo no Zumbi lá:: não sei o que pra cima” a Sra. pode me levar lá... aí ela disse

419 A1- assim “mais primeiro quanto é que está custando essa casa” ((provavelmente essa

420 A1- pergunta foi feita pela mãe de A1)) ela tá pedindo R\$ 2.000,00 e eu só tinha R\$

421 A1- 1.700,00... dois mil/ eu ia tentar vê se eu conversava com ela pra ela aceitar os R\$

422 A1- 700,00 e eu parcelar o restante... aí nisso eu fui lá falar com a mulher né/ sem falar

423 A1- com a mulher não tem condições... aí ela pegou e falou assim “mais eu posso lhe

424 A1- levar lá” e ela tinha me contado que passou um monte de gente lá e ela ((estalar de

425 A1- dedos)) não pode levar... e ela foi com a minha cara e me levou lá/ aí eu cheguei lá

426 A1- nessa residência/ a gente andou pra cacete/ ela disse que era pertinho/ andou, andou

427 A1- ((estalar de dedos)) aí tá/ cheguei lá a Sra. tava lá numa rede... aí eu oi boa tarde eu

428 A1- disse oi boa tarde/ era de tarde isso/ ela disse ((a dona da casa que estava à venda))

429 A1- “boa tarde”/ a Sra. está pedindo quanto naquela sua residência lá... ela disse “olha eu

430 A1- estou querendo R\$ 2.000,00”... pois é... será que tem como e Sra. deixar por R\$

431 A1- 1.700,00 ela disse “não” então me fale sua água tá paga, sua energia tá paga... ela

432 A1- disse “sim/ eu devo R\$ 500,00 de energia... pois é óh:: a Sra. deve R\$ 500,00 reais de

433 A1- energia/ se a Sra. concordar eu lhe dou os R\$ 1.700,00 e fico responsável por pagar

434 A1- a água, a água e a luz da sua residência... a gente fecha tudo... tudo no valor que a

435 A1- Sra. preferir/ o que a Sra. quer... pois a mulher aceitou/ quando ela aceitou eu disse

436 A1- graças a deus/ aí eu liguei pro meu esposo que ele tava no quartel eu disse olha  
437 A1- acabei e comprar uma casa/ você só vem aqui pra gente assinar alguma coisa/ pedir  
438 A1- pra ela assinar um papelzinho né... dizer que está passando pra gente tudinho... aí a  
439 A1- gente foi pegou o dinheiro passou pra ela: aí a gente pegamos a chave da casa e  
440 A1- fomos morar lá nesse lugar/ a casa não tinha nada fechada era só aquele vagão com  
441 A1- aquela coisinha velha  
442 P- Isso mais ou menos ali pelos anos dois mil ((2000))?  
441 A1- É: 2000... 2000 porque/ 2001 meu filho nasceu né e eu tava com três meses de  
442 A1- grávida e... eu/ minha força de vontade de ir atrás da casa é porque eu estava grávida  
443 A1- dele... e eu botei na cabeça que eu não queria ficar dentro da casa da mamãe... eu  
444 A1- precisava encontrar um lugar pra mim... é a necessidade do nosso organismo mesmo  
445 A1- que pede/ pelo menos pra mim... as coisas vem ASSIM:: eu tenho tipo um: um novo  
446 A1- sentido sabe aquela coisa que fica dizendo assim tem que fazer isso, tem que fazer  
447 A1- isso/ teimando ali até eu conseguir ((persistência)) então foi isso que aconteceu  
448 A1- comigo... eu sabia/ a gente sabe o que é certo e o que é errado... então você vai tomar  
449 A1- sua atitude ou vai deixar ignorar e eu resolvi não morar na casa da mamãe e ir atrás  
450 A1- de um lugar pra mim morar e hoje... eu tô no mesmo lugar né... aí passou o quê/ tive  
451 A1- meu filho lá/ casinha de alumínio... daqueles sol esquenta miolo né ( ) aí meu  
452 A1- marido saiu do, do tempo dele de quartel ele... ((40 min.)) passou o quê... seis anos  
453 A1- no quartel que ele fez os três anos de militar e depois fez/ passou pra cabo, fez  
454 A1- concurso passou pra cabo/ depois que terminou o tempo dele ele foi trabalhar numa  
455 A1- fábrica de:: fazer móveis ali no Japiim/ no Japiim? Petrópolis ali pra dentro... ele  
456 A1- fazia negócio de móvel pro pessoal lá e ele tinha que entregar no caminhãozinho/ no,  
457 A1- no carrinho/ entregava e levava o pessoal pra montar essas coisas assim... só que o  
458 A1- home era muito ruim de pagar... era daquele que se escondia na hora do pagamento/  
459 A1- quando chegava no dia 15 era para pagar aquela/ era uma mixaria era R\$ 120,00 eu  
460 A1- não mais quanto era... aí ele se escondia e o... bem novinho né... eu não podia  
461 A1- trabalhar ainda né/ eu ficava botando um comerciozinho... botava farinha, botava  
462 A1- goma, botava as coisas assim ( ) eu trabalhava assim/ mas às vezes não dava pra/ o  
463 A1- homem se escondia pra pagar tudinho... aí passou um tempo tudinho ele disse “não  
464 A1- vai dar pra eu ficar nesse emprego, eu preciso fazer num concurso público”... e  
465 A1- botava pra estudar porque ele sempre foi estudioso também... muito estudioso meu  
466 A1- marido... aí botava pra estudar a noite/ ficava/ saia do trabalho dele tudinho aí  
467 A1- chegava comprava aquela revista/ um monte de concurso ( ) lia livro e essas coisas

468 A1- toda/ aí ele fez vários concursos, ele fez um lá do:: do correio... fez dá/ um monte de  
469 A1- outros aí... aí ele fez da Petrobrás... aí passou um bom ((estalar de dedos)) tempo ele  
470 A1- já tava o quê... estava indo lá nesse velho/ ele tinha pegado as contas/ ele ((o  
471 A1- empregador)) se ele quisesse receber alguma coisa ele tinha que ir pra justiça pra ele  
472 A1- pode paga alguma coisa pra ele... né/ se não ele não ia pagar/ aí ele não botou o velho  
473 A1- na justiça/ ele pegou só o dinheiro que ele pegou das férias tudinho/ aí ele tava  
474 A1- determinado a trabalhar num caminhão... é:: tipo assim... fazer coisa/ ou trabalhar em  
475 A1- ônibus/ qualquer coisa assim/ aí ele tirou carteira eu disse assim ótimo/ só que você  
476 A1- pega esse dinheiro você tira sua carteira/ acho que é D se eu não estou enganada/ tu  
477 A1- tira sua carteira D e vai trabalhar de outras coisas... ele também queria fazer alguma  
478 A1- coisa na profissão porque a partir que ele saísse desse emprego ele ia ficar sem né/ aí  
479 A1- ele foi e pegou/ tirou a carteira dele tudinho com pouco tempo chega uma carta né  
480 A1- dizendo que ele foi aprovado na Petrobras... é concurso público... isso foi o nosso,  
481 A1- tipo assim o nosso tchan porque:: a gente tava ralando pra caramba pra alguma coisa  
482 A1- e daí pra frente... ele tinha que fazer os exames tudinho/ o meu marido graças a deus  
483 A1- ele deu um: pulo lá em cima né... daquele que a gente tava aqui em baixo né ele deu  
484 A1- um pulo lá em cima... aí meu filho né começou a ter as coisinhas dele... a gente com  
485 A1- o tempo comprou o outro terreno do lado... aí tá/ aí começamos a fazer um quarto,  
486 A1- depois fazer outro... a nossa cozinha ainda tá/ aí com o tempo a gente pagou pra fazer  
487 A1- consórcio pra tirar um/ foi primeiro uma moto, a gente teve uma moto... fiz cada  
488 A1- cavalice na moto ((risos, estalar de dedos)) cavalo de pau essas coisas toda, cavalo  
489 A1- de pau não dava muito certo que eu ia quebrar minha cara porque eu tirei a carteira  
490 A1- de moto ( ) eu dirijo moto e carro... aí tá... eu sei que:: a moto não vai dar certo... eu  
491 A1- vou morrer cedo se eu tiver nessa moto aí porque eu nunca me dei bem com moto...  
492 A1- aí eu ti/ tirei a carteira ((estalar de dedos)) de motorista B aí pronto eu amo dirigir/  
493 A1- minha paixão é: eu levo/ eu sou o UBER da casa... eu deixo filha no colégio, eu  
494 A1- deixo meu marido/ ele faz também aqui óh:: é porque a minha história é muita coisa  
495 A1- se eu for contar tudo em 50 minutos não dá  
496 P- O seu marido, o seu marido estuda também  
497 A1- Então... ele não queria mais/ terminou o segundo grau, passou no concurso público,  
498 A1- mais sabe eu acho que eu nunca me: acostumei a ficar parada então você vai fazer  
499 A1- uma faculdade... dizia pra ele... ((A1 fala de si imaginando que está falando do  
500 A1- marido)) aí ele queria fazer particular... ele queria fazer particular lá perto do::  
501 A1- hospital adventista ((estalar de dedos)) lá:: naquela/ é FUCAPI ele “eu vou lá testar

502 A1- meus conhecimentos” aí tá ele fez a prova lá e foi aprovado/ sério quanto é que é “é  
503 A1- setecentos e não sei o quê” é mesmo/ então tá bom/ tu vai primeiro fazer o ENEM se  
504 A1- tu passar no ENEM, se tu não passar no ENEM tu vai lá pra faculdade tá bem... então  
505 A1- primeiro você vai fazer o ENEM/ se tu passar pra UFAM... ((é como se ela estivesse  
506 A1- falando de si mesma ao falar de sei marido)) é tipo assim eu, eu acreditava nele  
507 A1- porque ele é inteligente... eu disse assim tu não passou lá então tu vai fazer a prova  
508 A1- do, do ENEM pra vê se tu vai se dar bem/ aí ele disse assim “eu não sou mais jovem,  
509 A1- isso aí não vai dá certo não” eu disse assim tu vai... um dia chegou/ no dia da prova  
510 A1- do ENEM ele não queria ir, parecia aqueles meninos emburrado... eu disse tu vai  
511 A1- entra no carro que eu vou te deixar lá ((fala com entusiasmo)) aí fui deixar ele/  
512 A1- parecia aquelas criança na porta do colégio... ele entrou fez a prova tudinho, aí  
513 A1- depois chegou no outro ele “não/ vô não” que era na segunda prova “eu não vou não”  
514 A1- tu vai, tu vai... pois ele fe/ ele não passou lá... passou tá aqui tá fazendo:: é:: ((estalar  
515 A1- de dedos)) geo, geo, geologia, ele tá fazendo geologia... eu disse tu tá vendo nem tu  
516 A1- acredita em ti/ sei que tu é capaz, eu sabia que tu é inteligente/ taí tá fazendo  
517 A1- geologia... ele trabalha e tá estudando  
518 P- E isso tem a ver com a profissão dele  
519 A1- Tem a ver com a profissão dele... então, então/ o meu/ tipo assim como eu não tive  
520 A1- estudo essas coisas assim eu queria que meu filho tivesse aquilo que eu não tive... e  
521 A1- sempre foquei negócio de estudo pra ele, não é negócio, não é negócio de vaidade  
522 A1- quando ele fez/ pagamos lá no SESI, ele estudou nove ano no SESI meu filho  
523 A1- aí passou/ acho três anos aqui no adventista porque a minha filha que eu tive a...  
524 A1- tive ela em 2010, ela têm nove anos hoje... aí eu tive ela que/ com três anos eu botei  
525 A1- o... na Escola/ ia fazer quatro a mesma coisa eu queria fazer com a... com quase  
526 A1- quatro anos eu já botei na escola só que aí eu fui lá no SESI e eles não aceitavam  
527 A1- com a idade dela só com cinco anos pra pegar lá/ voltei lá pro adventista e matriculei  
528 A1- ela lá... aí... pra num ficar pra lá e pra cá eu peguei o... e botei lá no adventista  
529 A1- também/ os dois, só que o... não se adaptou lá no adventista muito porque a... a  
530 A1- diretora de lá/ ela liga muito pro visual/ então porque ele gostava do cabelo dele  
531 A1- maiorzinho/ ela queria que cortasse igual:: social e ele não queria... só que ( ) então  
532 A1- ele passou a ter um pouquinho de rejeição de lá... aí ele pegou/ coloquei ele pra fazer  
533 A1- o cursozinho ali naquele provest ali na circular ele fez um concurso lá/ um  
534 A1- cursinho lá pra fazer a prova do IFAM... eu disse olha se você não se adaptou lá  
535 A1- então estuda pra você ir pra outro lugar... você só vai sair de lá quando você/ aí ele

536 A1- estudou, estudou, estudou e passou no IFAM... na prova do IFAM e:: ficou lá três

537 A1- anos ele fez um técnico de mecânica tudinho meu filho... aí esse ano ele está aqui na

538 A1- UFAM fazendo engenharia de materiais

539 P- Ele entrou agora?

540 A1- Ele entrou agora esse ano/ tá aqui... e é como eu tô lhe falando/ aí eu em 2010 eu

541 A1- estava estudando eu me matriculei, eu tava estudando lá: num:: 2010 foi/ antes da...

542 A1- aliás/ 2010: 2009 eu estava estudando/ só que eu fiquei grávida da... e era um

543 A1- pouquinho distante e eu ainda não tinha carro eu não tinha carro não tinha nada

544 A1- disso... aí eu ia pra escola de lotação, às vezes pegava moto taxi

545 P- Onde era a escola?

546 A1- Aqui no/ no Armando Mendes e também é Cacilda, como é que é o nome lá é

547 A1- Aristóteles, Aristóteles/ eu não tô lembrando o restante: só que é tipo assim lá eu não

549 A1- terminei porque eu fiquei grávida da... aí eu ia caindo da lotação e eu fiquei

550 A1- com medo de perder ela... porque até então eu queria ter engravidado mais uma vez

551 A1- ( ) foi com 6 anos que eu engravidei da... foi com 30 e alguma coisa/ foi com

552 A1- 31 né fiquei grávida... aí eu não queria perder ela/ eu já tinha o... já rapazinho...

553 A1- eu não queria né... eu não queria perder ela aí eu parei de estudar/ passei um tempão

554 A1- sem estudar/ aí quando foi: ano passado... eu resolvi me matricular de novo

555 P- Mas lá você concluiu a segunda etapa, o segundo... o fundamental II?

556 A1- Sim... sim

557 P- No caso até o 9º ano

558 A1- Eu tava lá no 6º ano/ acho que foi no 6º/ foi 5º, 6º e 7º... não foi 5º e 6º foi/ aí no 7º...

559 A1- no 7º ou foi no 8º que eu parei/ que eu tive que continuar aqui no: no:: no Pergentina/

560 A1- aí no Pergentina eu terminei/ até o 9º/ ensino fundamental né ((isso ocorreu no ano

561 A1- 2018)) no Pergentina/ ano passado/ eu terminei lá... aí de lá que eu tô agora no Padre

562 A1- Ruas né: estou tentando porque eu fui com um medo danado porque eu achei que era

563 A1- um monte de menininho novo e aí a gente... tem: medo né das coisas que a gente não

564 A1- conhece

565 P- Então no caso no ano passado você voltou...

566 A1- Eu estava no Pergentina/ eu terminei lá no Pergentina... aí eu estudei só um ano lá no

567 A1- Pergentina/ aí o resto/ o resto eu estudei lá no:: como eu lhe falei/ lá na:: Armando

568 A1- Mendes que: esse Aristóteles/não sei o que de Alencar/ eu não tô lembrando direito/

569 A1- eu sei que lá no: no: Armando Mendes... eu ia estudar lá no: no: Aristóteles como eu

570 A1- lhe falei, mas me jogaram pra lá/ aí eu tive que ir/ não queria parar né/ fui e fiquei

- 571 A1- estudando/ só que era muito distante/ tinha que pegar a moto ou lotação e era longe...
- 572 A1- aí eu sei que eu estudei lá e quando eu fiquei grávida... da ( ) eu parei... eu parei
- 573 A1- porque eu ia/ eu cai da lotação na hora que eu ia entrar/ que ia cheia tudinho/ aquelas
- 574 A1- coisas toda/ tava muito ruim... aí eu não fui ma/ também precisava ir e moto/ tinha
- 575 A1- medo do cara me derrubar... e aí eu desisti/ aí... ( ) eu vou querer estudar, eu querer
- 576 A1- estudar eu vou querer estudar/ como eu lhe falei fica um negócio na minha cabeça aí/
- 577 A1- preciso estudar, precisa voltar, precisa voltar/ aí eu voltei a estudar de novo... aí
- 578 A1- terminei lá... aí: muito feliz né porque hoje eu tô lá: no Padre Ruas... eu nunca me
- 579 A1- imaginei assim de verdade/ a gente aposta/vou fazer, mas a gente não sabe mesmo se
- 580 A1- a gente vai chegar... eu tô lá, mas eu tenho minhas dificuldades... muitas/ não vou lhe
- 581 A1- dizer que está facinho não... todo dia eu tenho assim aquelas coisa assim que eu não
- 582 A1- sei/ tem coisas que a gente precisa né de ajuda/ então eu/ graças a deus que eu tenho
- 583 A1- dois/ é:: que faz faculdade lá em casa que eu peço ajuda pra eles igual pros
- 584 A1- universitários ((risos)) eles que me dão uma ajuda se não eu tava lascada... aí o que a
- 585 A1- internet poder me ajudar eu também estou pesquisando: e nisso meu marido viaja ele
- 586 A1- trabalha no Urucu né... já tem:: 15 ano que ele tá no/ porque o... tinha o quê/
- 587 A1- 13/ 3 anos quando ele entrou na, na, na Petrobrás... então meu marido ele é, ele é
- 588 A1- supervisor/ trabalha na parte do aeroporto entendeu então ele passa 14 dias lá com 15
- 589 A1- ele volta aí passa vinte e um dia em casa/ estuda tudinho e volta de novo entendeu/
- 590 A1- então tipo assim às vezes tem viagem ele tem que viajar: a vida dele é mais corrida/
- 591 A1- e eu fico aqui com tudo né/ que eu tenho que cuidar dos meus filhos/ tenho que cuida
- 592 A1- da educação... tenho que cuidar deles é: que adolescente não é fácil/ meu filho
- 593 A1- graças a deus não tenho problema com ele, mas eu tenho que ficar sempre ali firme e
- 594 A1- forte dando a orientação certa... posso errar/ falo pra ele, converso bastante com
- 595 A1- ele... a minha filha tem 9 anos... e eu também trabalho com bolos, eu faço
- 596 A1- bolos, faço um monte dessas coisas aí... pra mim não ficar parada/ sempre têm uns
- 597 A1- pedidos pra cá, uns pedidos pra lá/ e eu
- 598 P- Você mesma faz e vende?
- 599 A1- Sou eu mesma/ faço, vendo ( ) aí/ daí tipo assim eu não posso trabalhar fora... não
- 600 A1- posso porque é eu que fico aqui em Manaus/ eu tenho que cuidar dos meninos... eu
- 601 A1- que levo pra faculdade, eu que acordo cedo/ aí eu tenho que tá cuidando e a noite
- 602 A1- quando meu esposo não está em Manaus eu tenho que chamar... e pago pra ficar
- 603 A1- com a minha filha... eu tô chamando uma moça aí, mas aí do jeito que eu deixava ela
- 604 A1- ficava lá/ tipo assim... não ligava muito pra ela/ peguei parei com a menina e botei a

605 A1- mamãe: aí de um tempo pra cá que a mamãe tá lá eu/ a gente vai conversando assim/  
606 A1- às vezes eu chego cedo, a gente fica conversando/ tipo umas conversas ((estalar de  
607 A1- dedos)) que fazia tempo que a gente não conversava né/ ela me falou que a vida dela  
608 A1- também foi difícil... ela falou pra mim que:: meu avô e minha avó/ que eles não tinha  
609 A1- nem o que comer, às vezes tomava/ comia/ como é que é/ abó/ abóbora de manhã,  
610 A1- abóbora no café, no almoço, na janta, às vezes não tinha nada ( ) o vovô pegava as  
611 A1- crianças/ espremia a cana no café assim, no chá pra dizer que vai adoçar porque não  
612 A1- tinha ( ) então a vida da mamãe já veio também com muita dificuldade... e porquê/  
613 A1- eu sei que eu tive uma vida de muito sacrifício... apanhava muito/ chegava/ a mamãe  
614 A1- batia tanto às vezes na gente/ que tudo pra ela era motivo de apanhar... quebrava um  
615 A1- copo apanhava, quebrava alguma coisa apanhava: então a gente apanhava e apanhava  
616 A1- MUITO/ não era pouco não/ que a mamãe uma vez me bateu com uma sola de sofá  
617 A1- que eu desmaiei/ era peia todo dia/ eu apanhava muito... meu irmão também/ mas eu  
618 A1- não condeno minha mãe não/ acho que ela tentou/ criar a gente do jeito que ela achou  
619 A1- que: era o certo/ e:: nunca deu: graças a deus conheço todos os meus irmãos, conheço  
620 A1- ela/ tem gente que não conhece né: então eu não condeno a minha mãe não... eu acho  
621 A1- que ela:: ela teve as dificuldades dela/ quem sou eu pra julgar né/ eu sofro por eu não  
622 A1- ter tido um estudo, por eu não ter... uma oportunidade maior/ eu tô com 46 ano  
623 A1- num posso correr atrás da minha/ do que eu perdi lá trás ((a fada é estrutural)) mais eu  
624 A1- não sei/ isso não é motivo pra mim não/ a gene morre e não leva nada mesmo/ mais o  
625 A1- que eu poder deixar de legado aqui eu vou deixando sabe... eu sou feliz assim  
626 P- E como é para você tá lá hoje/ você já falou um pouco né... estar lá na escola de novo  
627 A1- Quando eu entrei na escola é como eu lhe falei: eu fui com bastante medo/ é: a gente  
628 A1- tem medo do desconhecido né... as pessoas logo assusta a gente “olha... lá não vai ser  
629 A1- fácil/ moleza como é aqui não... lá você vai ser mais cobrada e não sei o quê lá” aí a  
630 A1- gente vai né/ medo de escrever, medo de onde tem vírgula, onde de tem acento/ essas  
631 A1- coisas, a gente fica com medo/ tem receio de muitas coisas de ser julgada... mas eu  
632 A1- nunca:: eu tenho mais eu enfrento/ é mais ou menos assim e com o tempo:: eu fui me  
633 A1- adaptando com o pessoas...né... a gente vai às vezes com preconceito né: que tem uns  
634 A1- preconceito/ negócio de droga, de violência... a gente vai com esses preconceito... sei  
635 A1- lá se... mais aí eu fui/ tá tudo bem, eu acho que eu arranjei mais amizade nessa, nessa  
636 A1- escola do que na que eu tava na Pergentina... ( ) tenho mais nome em mente que eu  
637 A1- conhecia na Pergentina/ por incrível que pareça eu me uni mais com eles ( )  
638 A1- do que no tempo passado, não que minha escola fosse ruim, não, jamais, foi ótimo/

- 639 A1- mas eu digo assim eu me entrosei com as pessoas que tão lá hoje do que no ano  
640 A1- passado/ eu achei muito interessante como é que as coisas... não é aquilo que a gente  
641 A1- pensa a imaginação às vezes vai longe né... e:: graças a deus tô indo né/ eu acho que  
642 A1- tem um caminho aí ano que vem... vou ver como que vai ser/ outro desafio que ainda  
643 A1- não veio né pra terminar o segundo/ como é o primeiro ano agora, segundo ano/  
644 A1- ano que vem... e eu tô:: tô: tentando aí né/ não penso em desistir: né eu não penso em  
645 A1- desistir, não penso em desistir em nem um momento/ nunca pensei porque como eu  
646 A1- lhe falei quando eu entrei lá eu fiquei com medo, assustada:: mais depois aí eu espero  
647 A1- que dê pra  
648 P- Mas o medo com relação ao estudo em si, ou com relação as pessoas  
649 A1- Ao estudo/ não/ nenhum tempo/ assim quando foi as pessoas/ assim a gente fica com  
650 A1- receio, como eu lhe falei, receio logo que eu cheguei lá... é: tipo assim, não sei como  
651 A1- é que era/ que falam do:: da violência né, das coisas disso, daquilo, falam sobre essas  
652 A1- coisas só que a gente vai com receio como é que vai ser/ os meninos são super  
653 A1- inteligentes ((estalar de dedos)) lá dentro e eu chegando velha lá/ um monte de  
654 A1- jovenzinho né no segundo grau: eu não tinha estudado normal o ano todo: eu fiz  
655 A1- só o acelerado como eu tô lhe falando, porque no acelerado eles não botam as coisas  
656 A1- tudo explicadinho:: eles vão pegando aqui e ali, ali e vai cortando ( ) mas tudo junto  
657 A1- né... e nem tudo a gente consegue ir rápido/ passa tudo rápido eles/ 15 minutos já tem  
658 A1- outra coisa 15 minutos outra coisa/ então lá na, na, na Padre Ruas... é tipo assim você  
659 A1- tem mais: tempo você pode absolver mais os assuntos... entendeu eles dão essa  
660 A1- chance... e a gente precisa disso ai porque se não a gente não aprende/ e eu parei na::  
661 A1- no segundo grau justamente pra não fazer aquele acelerado/ que tem parece que pra  
662 A1- tirar logo o diploma né/ só que o meu, meu, meu dilema não é tirar só o diploma é eu  
663 A1- ter conseguido absolver alguma coisa... nos estudos/ por isso que eu parei aí no  
664 A1- segundo grau porque eu não quero chegar:: só com o segundo grau/que adiante eu  
665 A1- chegar só com o segundo grau e [[eu não ter nada]]  
666 P- [[não ter uma base]]  
667 A1- se eu fiz um acelerado é porque eu fiz porque eu já tava muito, muito atrasada, muito  
668 A1- mesmo... mas eu já tô na glória/ eu digo eu tô chegando no pódio ( ) porque...  
669 A1- até então eu tava muito longe... num me via... eu achei que eu ia ficar igual a mamãe/  
670 A1- a mamãe parou na 4ª série e nunca mais estudou na vida dela... ela só se dedicou aos  
671 A1- filhos... só isso/ e eu não parei/ tenho dificuldade, tenho família, tenho isso... quando  
672 A1- a gente é mais velha: é mais folgada não só pela famí/ não só pelo nossos filho



- 673 A1- pelo marido, pelo pai/ OH, pela mãe/ pela minhas irmãs/ tem problema que acontece,
- 674 A1- entendeu/ então a gente às vezes: tem coisas que faz a gente ficar meio deprimida... a
- 675 A1- mamãe teve problema com pressão alta, muito alta esses dia/ logo no começo
- 676 A1- do meio do ano: eu só via eu passava a noite inteira dentro do hospital com a mamãe:
- 677 A1- a pressão dela chegou a 18/ até 20 um dia desses/ eu fiquei com medo de perder a
- 678 A1- mamãe/ então tem certas coisas que: acontece, mas isso aí
- 679 P- E você tem um vínculo forte com ela?
- 680 A1- Eu tenho, tem muita eu acho incrível que tudo que aconteceu: eu não tenho um ping
- 681 A1- de magoa da ( ) eu tenho lembrança que eu não tive amnésia...mas eu não tenho
- 682 A1- mágoa da minha mãe nem, nem um pinguinho/ pra dizer assim ah:: eu não vou dizer
- 683 A1- que a minha mãe:: é/ como é/ acertou em tudo né... mas tipo assim ela:: ela teve os
- 684 A1- motivos dela/ eu me foco nisso aí/ se eu for me focar nas coisas ruim: eu não consigo
- 685 A1- viver/ então eu preciso me focar nas coisas boa: que é pra mim poder andar... porque
- 686 A1- se eu for alimentar as coisas ruim dentro de mim... o que que eu vô cê... então eu não
- 687 A1- posso alimentar as coisas ruim/ tenho que alimentar uma coisa que eu vou passar...
- 688 A1- com meus filhos/ o meu amor maior da minha vida: eu amo minha filha e meu filho/
- 689 A1- eu sei lá eu pra mim os dois: eu nem boto marido no, no meio sabe porque a qualquer
- 690 A1- momento eu posso ser/ que ( ) sei não me iludo muito não... porque eu já peguei
- 691 A1- muito chifre com esse meu marido aí/ em 2007 eu me separei DELE, em 2007
- 692 A1- deve uma coisa aí/ que ele se encantou com uma moça aí que:: me abandonou/ fiquei
- 693 A1- com o... morando sozinha/ e eu trabalhei/ nunca deixei/ tinha lanche/ trabalhava a
- 694 A1- noite todinha no lanche que ele me dava R\$ 400, 00 e mandava eu assinar... dava R\$
- 695 A1- 400,00 e mandava eu assinar... pra dizer que estava me dando aqueles R\$ 400,00... e
- 696 A1- eu ó:: ((estalar de dedos)) nunca deixei a peteca cair ((metáfora)) entendeu... e dei/
- 697 A1- então/ tipo assim tem muitas coisinhas que ((estalar de dedos)) passa assim... não é
- 698 A1- bom você alimentar: o que passou eu boto pelo menos vai virando assim sabe/ o que
- 699 A1- não me acrescenta eu não trago comigo... então é melhor assim...
- 700 P- Tá certo... vamos, vamos encerrar
- 701 A1- Sim...
- 702 P- Por hora/ tudo bem
- 703 A1- Tudo bem
- 704 P- Gostaria de... assim falar mais alguma coisa: alguma ideia pro futuro/ daqui pra frente
- 705 A1- Ah: o meu fu/ o que eu pretendo para o meu futuro é ver meu filho formado né: e pra
- 706 A1- mim é como eu lhe falei/ terminar meu segundo grau e ter pelo menos um pouquinho

707 A1- de capacidade pra mim fazer alguma coisa mais com esse meu segundo grau aí/ eu  
708 A1- quero/ eu não sei se sou capaz:: eu não vejo eu numa faculdade ((formação reativa/  
709 A1- oposto do desejo)) porque eu tive muita dificuldade nos estudos... então eu não me  
710 A1- vejo/ mas se eu puder chegar: eu vou tentar dar uma de enxada como se diz/ eu vou  
711 A1- tá lá/ eu vou tenta/ eu só não sei se vou conseguir... e eu queria ser psicóloga...

712 P- Olha que legal

713 A1- ((risos)) De verdade eu sempre falei que queria ser psicóloga, mas aí eu não sei as

714 A1- dificuldades pra chegar lá: mas o meu sonho é esse: ser psicóloga... não sei se eu vou

715 A1- chegar lá... quem sabe um dia/ mas eu tô caminhando né/ a estrada tá aí...

716 P- É isso aí...

717 A1- É isso ((professor))

718 P- Vou passar aqui pra você a tabela, as fichas e eu vou pedir pra você tentar se lembrar

719 P- dos sonhos durante essa semana: aí na próxima quinta no mesmo horário então a gente

720 P- se encontra

721 A1- Tá bom

722 P- Hoje é segunda-feira, dia 18/11/2019... e esta será a segunda parte da entrevista com a:

723 P- que aceitou participar da pesquisa:: que está matriculada... no 1º ano do ( )

724 P- ensino médio na Escola Estadual Padre Luis Ruas: aí eu pergunto a você como foi essa

725 P- experiência de anotar os sonhos... se você conseguiu se lembrar

726 A1- Sim/foi uma experiência diferente né porque... quando eu comecei ( ) eu ainda não

727 A1- tinha parado para pensar, aí depois que eu comecei a anotar parece que aí veio/ veio

728 A1- as lembranças né... veio ajudando mais está relacionado a: ao meu dia a dia... prova

729 A1- do ENEM ( ) e também coisas da escola acho que está relacionado com as coisas que

730 A1- eu estou vivendo né/ acho que apareci mais que eu tenha percebido né: isso foi mais

731 A1- que eu tenha sonhado/ fora isso eu não tenho muita: recordação... acho que é devido

732 A1- tá:: tendo esse negócio de insônia tendo essa experiência né ( ) meio perturbado ( )

733 A1- arruma as coisas né/ aí tem que acordar... aí eu começo cedo sabe/ minha rotina é essa

734 A1- ( ) faço o que dá: mais ou menos assim minha rotina então tem vezes que eu durmo

735 A1- bem/ tem vezes que não/ quando eu durmo bem dá para sonhar alguma coisa/ quando

736 A1- eu não durmo bem eu acordo mais cedo/ não dá nem de... mal dá tempo de dormir

737 A1- né... então não dá muito/ para sonhar muita coisa/ mas a experiência está sendo

738 A1- legal...

739 P- E: teve algum que chamou mais a sua atenção:: que ficou mais vivo na sua memória

740 A1- Não: eu não tenho muito essas coisas não/ é:: tem umas coisinhas assim que não tem  
741 A1- muito haver né como: tem um aí que a minha irmã estava grávida/ ela já tem ( ) de  
742 A1- dezesseis anos: pra mim foi meio assustador ela ter ficado grávida né com uma filha  
743 A1- de dezesseis... ( ) tem algo emocional né no sonho.. por incrível que pareça eu  
744 A1- acordei:: justamente no meio chorando/ eu tenho esses negócios quando a emoção é  
745 A1- muito grande... uma vez ou outra eu acordo chorando não sei por que, mas eu tenho  
746 A1- isso... e/ eu/ deu pra perceber que eu choro já umas cinco vezes no sonho assim, mas  
747 A1- não dessa vez ( ) juro por deus/ mas não dessa vez... de acontecer essas coisas de eu  
748 A1- estar acordada assim emocionada... é uma experiência bem estranha né que gente fica  
749 A1- confusa de verdade/ é isso... mais alguma coisa ((silêncio))  
750 P- É: como a gente tinha falado né/ eu queria perguntar pra você se durante seu relato sua  
751 P- história de vida/ se tem algo que você... você se lembra, você não contou/ alguma  
752 P- coisa importante para você... nesse momento você...  
753 A1- Eu... eu/ assim eu num:: parei muito pra pensar a respeito porque eu vivo muito o  
754 A1- momento agora/ acontecendo isso e eu vivo aquele momento aí já tem muita coisa  
755 A1- acumulada e: não dá tempo de eu ficar pensando em outras coisas  
756 P- Entendo  
757 A1- Então tipo assim/ o que: o que eu contei naquele momento né que a gente estava  
758 A1- conversando aqui foi meu relato de vida né:: não foi tão fácil/ tive uma vida difícil/  
759 A1- mamãe criou a gente com muita dificuldade/ mas assim eu não culpo ela devido/ hoje  
760 A1- eu tenho 45 anos com uma experiência de... de vida ( ) mais tipo assim/ eu respeito  
761 A1- né porque lá  
762 P- Quando você diz que não a culpa/ já teve alguma vez... assim uma fase de você se  
763 P- revoltar  
764 A1- Não/ revoltar nunca/ eu nunca tive esse negócio de revoltar/ mas eu... eu... às vezes  
765 A1- a gente não pensa: si/ como é que eu posso dizer... eu não sei explicar/ eu, eu quero é  
766 A1- correr atrás daquilo que eu quero, eu não tenho tempo pra ficar... de briguinha sabe/  
767 A1- a mamãe fez isso comigo/ ficar jogando em cima dela sabe/ não ela fez isso comigo  
768 A1- então eu vou procurar outro jeito pra mim conseguir/ a mamãe nunca me matriculou  
769 A1- né/ e aí eu precisava me matricular, eu precisava correr atrás/ então eu corri atrás já  
770 A1- era mais já adolescente já, com 13, 15 anos: por aí/ eu fui fazer a primeira série  
771 A1- e os meninos me chamavam de burrona né porque eu não sabia escrever nem um A...  
772 A1- pra eu fazer a minha:: a minha ((assinatura)) era terrível... mas é tipo assim/ são uns  
773 A1- medos que eu tremia/ dava tudo que é: nervosismo, dor de barriga, tudo que era tipo

774 A1- de nervosismo... mais eu já estava habituada com os meninos/ então eu relevava... eu

775 A1- pensava que a minha vontade era maior do que qualquer tipo de vergonha... e fui

776 A1- vencendo... e fui vencendo

777 P- E quando as pessoas chamavam você desse [[ você se sentia dessa forma? ]]

778 A1- [[ De burrona]] Num:: eu me sentia ruim né, porque eu era criança/ era criança não/

779 A1- era adolescente e era um monte de criança assim/ porque era gente jovem... e eu uma

780 A1- cavalona no meio de um monte de menino, de criancinha, mas é como eu falei: se eu

781 A1- precisava/ a gente quando quer conquistar alguma coisa... a gente necessita de vencer

782 A1- qualquer obstáculo, porque as pedras aparecem, mas você precisa passar por elas... se

783 A1- cair outra você precisa passar por ela... então você não pode deixar seu medo/ eu falo

784 A1- pra mim mesmo se eu não conseguir ninguém vai conseguir por mim entende... então

785 A1- onde eu tô hoje dá onde eu vim: eu era pra ser nada entende: nada porque minha mãe

786 A1- era uma pessoa que foi:: lutava pela sobrevivência... então a gente cresceu: ajudando

787 A1- todos os irmãos para sobreviver, eu tinha que trabalhar, eu tinha que ajudar/ o meu

788 A1- irmão que faleceu... eu não contei a história do meu irmão/ meu irmão trabalhava lá

789 A1- no centro na frente do teatro Amazonas lavando carro, ele era flanelinha, ele ajudou a

790 A1- criar quase todas as crianças da mamãe... eu e ele... então a gente trabalhava ( ) cada

791 A1- um vendia uma coisa, a mamãe fazia cascalho, fazia:: um monte de coisa boa, fazia...

792 A1- canjinho/ a gente/ morava lá/ que era gigante/ maior do que eu... me chamavam/ eu

793 A1- vendia resto de aniversário porque tinha de tudo dentro da minha bacia/ eu só voltava

794 A1- pra casa quando não tinha/ não tinha nada: e mesmo assim a gente trabalhando

795 A1- com tudo isso a gente apanhava muito... a gente era muito maltratado/ eu apanhei

796 A1- muito, apanhava demais... chegou uma vez que a mamãe me bateu tanto que eu

797 A1- desmaiei no colo do sofá/ a gente morava numa casinha de madeira: e tinha um girau

798 A1- ela começou a me bater eu sei que eu caí: que eu nem consegui andar... eu sei que: eu

799 A1- sei que foi umas luta bem difícil

800 P- [[E o motivo? ]]

801 A1- [[Porque a gente não sabia o que a mamãe queira]] a mamãe era daquela que:: ela foi

802 A1- criada também com negócio de muita rigidez... às vezes ela deixava a gente de joelho

803 A1- no milho/ essas coisas assim: tudo era castigo entendeu/ tem que fazer isso/ a gente

804 A1- era criança e queria brincar... só que a gente não podia brincar

805 P- Com relação, com relação as brincadeiras... você se recorda de alguma brincadeira de

806 P- infância?

- 807 A1- Eu queria brincar/ que eu não tinha amigo né, era só eu e meu irmão mais velho/ a
- 808 A1- gente era muito amigo, ele faz uma falta danada/ mais... eu nem gosto de falar nele
- 809 A1- ((A1 começa a chorar)) porque ele foi meu... foi a única pessoa que me ajudou...
- 810 A1- tudinho/ muita coisa ele... porque a gente não teve infância e a gente precisava
- 811 A1- trabalhar para ajudar... ((choro)) então ele não teve também entendeu oportunidade...
- 812 A1- então quando o... então quando o... ele trabalhava lá no centro... aí ele trazia/ ele
- 813 A1- passava três dias sem vim em casa porque a mam/ ele fugia também, ele ia pra festa
- 814 A1- assim de lá né/ ele fugia aí a mamãe ia atrás dele... ((10 min)) aí batia muito nele por
- 815 A1- aí/ lá por lá no centro... e tinha meu avô ( ) eu prezo muito esse meu avô... então eu
- 816 A1- amava muito esse meu irmão que faleceu... ele trabalhava no teatro/ no:: antigo... é
- 817 A1- bem de frente ao cinema do lado do teatro Amazonas... aí meu avô trabalhava lá
- 818 A1- cuidando do:: do cinema fazendo limpeza e ele tinha um lugarzinho debaixo:: da
- 819 A1- escada assim que era o lugar dele morar... entendeu/ então lá tinha um...
- 820 A1- tapete, ele tinha uma caminha lá dele tudinho e às vezes ele pegava/ convidava a
- 821 A1- mamãe... pra levar a gente lá no cinema aí meu irmão trabalhando por lá tudinho ia lá
- 822 A1- um pouco aí, às vezes, é como eu falei né ia pra casa, às vezes ele fugia porque a
- 823 A1- mamãe/ e:: também ele tinha o quê: 15 anos, 16 anos/ aí: ele queria sair naquele
- 824 A1- tempo...
- 825 P- Qual é a diferença de idade entre ele e você?
- 826 A1- Eu sou de 74 e ele é de 71... ((1974 e 1971 respectivamente)) a diferença é de 3 anos
- 827 A1- né: pois é/ aí eu sei que então é:: a gente era muito unido mesmo, muito unido... tanto
- 828 A1- que quando a gente era adolescente, criança né/ que ele ainda não trabalhava lá no
- 829 A1- centro... aí a gente tinha que vender as coisas na rua, ele vendia tudo que a mamãe
- 830 A1- comprava pra ele assim pra ele tinha que vender/ ele apanhava mais do que eu pra
- 831 A1- dizer a verdade, ele era homem e mais assim esse negócio todo: aí ele saía pra vender
- 832 A1- as coisas por aí... aí às vezes ele pegava... num sei o que ele fazia, ele já era meio
- 833 A1- adolescente, ele ficava assim nessas casas de festa/ festa... aí ele começava a dançar e
- 834 A1- tomava as coisas dele e perdia as coisas de cima da bacia e ele ((risos)) chegava em
- 835 A1- casa sem as coisas e a mamãe lhe dava uma surra porque ele saiu pra vender
- 836 A1- não pra dançar... então é tipo assim ele não teve:: ele queria ter oportunidade mas ele
- 837 A1- não teve... então certas coisas ele fazia porque... a mamãe lavava roupa pra fora e a
- 838 A1- gente não tinha ( ) pegava a roupa de alguém... assim pegava se vestia e fugia pra ir
- 839 A1- pra/ de madrugada pras festas por lá pro centro/ a mamãe quando descobria quase
- 840 A1- matava ele de peia... porque isso não era o certo ( ) e ela queria que ele/ nunca iria

- 841 A1- fazer aquilo e ele mijou até os 15 anos assim ficava lá a noite/ dormia e fazia xixi: ele
- 842 A1- tinha muito problema com xixi ( ) e ele apanhava muito quando era pequeno porque
- 843 A1- a mamãe achava que ele estava errado toda vez tinha que lavar/ aí chegou uma época
- 844 A1- que a mamãe... a mamãe começou a trabalhar com o meu avô lá no centro pra tirar a
- 845 A1- gente da/ negócio de venda né aí ela me deixava em casa com meus irmãos/ quando
- 846 A1- ela me deixava em casa... ela fechava as portas tudinho com a trava do martelo/ todas
- 847 A1- as portas pra ninguém sair ( ) ninguém podia mexer aí quando ela chegava já era
- 848 A1- quase meia noite... porque tinha os horários do cinema tarde e ela tinha que pegar o
- 849 A1- último ônibus/ aí ela chegava em casa e eu, eu brincava com meus irmãos lá de casa
- 850 A1- que eram pequenos aí:: acabava dormindo igual e não limpava/ aí era peia, mamãe
- 851 A1- chegava na porta, quando eu escutava ela meter a chave, aquelas chavezinha que abre
- 852 A1- assim/ não sei se você conhece... não é aquelas chave normal/ é de abrir madeira... aí
- 853 A1- quando eu escutava aquele barulhinho trim, trim, nhéco, nhéco, acordava com um
- 854 A1- medo/ não dava pra arrumar não ((risos)) aí já era uma pisa... já sabia que ia apanhar,
- 855 A1- apanhava meia noite, aí nessa de apanhar ( ) mamãe jogava um monte de panela
- 856 A1- um monte de tapete... lá no quintal pra mim lavar... eu tinha 12 anos... a tinha um
- 857 A1- banheiro de madeira que era bem alto... era de concreto, mas as paredes eram todas
- 858 A1- de madeira... aí nisso ela jogava aquele monte de tapete, aqueles tapetes grandes/ eu
- 859 A1- era pequena para lavar um tapete daqueles, muita louça, muito isso e aquilo... aí eu
- 860 A1- tinha que lava: aí em vez de lavar às vezes eu caía no meio das coisas: eu acordava
- 861 A1- com peia... uma hora da manhã apanhando dentro do banheiro que as paredes do
- 862 A1- banheiro ainda fez assim BRÉÉÉCK as paredes quebrou ( ) de tanto que me bateu...
- 863 A1- era bem difícil... uma vez a mamãe me amarrou... ela me amarrou com o pé pá trás e
- 864 A1- a mão... todinho ( ) fez eu ficar todinho de joelho... aí era/ ali não tem o Reinaldo
- 865 A1- Thompson ((Escola Estadual situada no bairro onde A1 morou)) a gente morava bem
- 866 A1- de frente lá numa casinha bem estreitinha aquela casa lá era a única/ bem estreitinha::
- 867 A1- ela/ toda pequenininha ela/ só que hoje é de alvenaria na época era de madeira... a
- 868 A1- gente morava um:: mamãe/ já passei muita coisa naquela casa ((risos)) então é tipo
- 869 A1- assim eu NÃO gosto de tocar muito nesses assuntos né... mais a única coisa que me
- 870 A1- faz ficar assim:: é a falta do meu irmão... porque ele morreu com 34 anos... problema
- 871 A1- renal... ele teve problema de pressão muito alta, acho que devido ele não ter se
- 872 A1- alimentado direito, era mais novo, ficava trabalhando lá no centro não tinha horário
- 873 A1- pra comer, às vezes não queria gastar dinheiro e comia besteira...
- 874 P- Ele sempre trabalhou no centro?

- 875 A1- Sempre, ele morreu:: sempre trabalhou no centro... aí tentou se aposentar e não
- 876 A1- conseguiu/ aí tinha que fazer a dialise ( ) né/ que: fazer a coisa no sangue/
- 877 A1- uma vez que ele começou a passar muito, muito mal eu levei ele pro:: João Lúcio/ eu
- 878 A1- passei muitas noites com ele no João Lúcio... aí teve uma vez que::
- 879 P- Você já era casada nessa época?
- 880 A1- Sim... já era/ aí sai de casa/ bom de lá né e fui pra casa tomar um banho, descansar
- 882 A1- porque tava umas três noites já lá/ fui pra casa quando foi de madrugada me ligaram
- 883 A1- falando que ele estava passando muito mal e que talvez ele não ia passar daquela
- 884 A1- noite... eu me mandei pra né/ aí eu cheguei lá ele tava tremendo todinho, tremendo,
- 885 A1- temendo, tremendo, se batia todinho/ levei um cobertor porque ele tava com muito
- 886 A1- frio, porque a diálise ((hemodiálise)) quando você vai fazer a diálise... passa pelum
- 887 A1- líquido que é um soro lá que eles chamam, só que tem que tá morninho... porque tem
- 888 A1- tipo uma geladeira que eles botam mas não é/ pra ficar morninho pra poder passar
- 889 A1- no seu sangue é tipo o: o sangue:: normal/ não é gelado e quando a moça não fez isso
- 890 A1- o líquido passou no corpo dele congelando/ só ficou:: deu até um colapso lá/ eu
- 891 A1- perguntei você fez o que tinha que fazer? “ahã: eu fiz” ela não fez porque ele dorme/
- 892 A1- ela não fez: aí o que acontece ele estava sofrendo... aí: eu sei que eu falei pro médico
- 893 A1- dele né tudinho/ então/ ele me explicou que foi isso que aconteceu que a moça não...
- 894 A1- não colocou/ que era pra tá morninho/ como passa na máquina tudinho tem que vim
- 895 A1- aquele líquido com o sangue e já passar no corpo todinho pra limpar né os rins, mas
- 896 A1- tem que tá morninho/ ela não fez isso... aí devido isso ela estava lá espirando saindo
- 897 A1- coisa ( )
- 898 P- Cateter
- 899 A1- Isso... aí eu sei que ele tinha mudado naquele dia... e ele perdeu muito sangue, muito
- 900 A1- sangue/ eu fiquei apavorada: aí tá ele se recuperou disso aí... passou por essa/ beleza/
- 901 A1- tem até uma musiquinha que eu cantava sempre pra ele é uma música evangélica mas
- 902 A1- agora eu não consigo me lembrar... aí eu sei que passou tudinho isso aí/ aí ele foi pra
- 903 A1- casa/ ele era casado ele não morava comigo não/ ele morava com uma moça que
- 904 A1- chamava... ele vivia com ela ((estalar de dedos)) desde/ ele saiu de casa por causa/
- 905 A1- tipo assim como ele queria já arranjar mulher ele saiu da casa da
- 906 A1- mamãe e foi morar com a... mas a... era mais velha que ele/ era muito
- 907 A1- mais velha que ele/ aí ele entrou na adolescência ( ) de rapaz/ não namorou nem
- 908 A1- nada disso... aí ele ficava fugindo de vez em quando da... pra sair por aí e ela
- 909 A1- reclamava muito com a mamãe: e a mamãe não concordava dela ficar com ele...

- 910 A1- ela era mais velha do que ele... mais mesmo assim eles ficaram juntos tudinho/ aí ela
- 911 A1- teve uma filha dele... o nome dela é... e ela quase morre ela passou quase um
- 912 A1- ano no 22 de agosto porque ela teve uma infecção hospitalar... e ela/ porque ela tinha
- 913 A1- feito cesariana e ela era bem gorda bem gorda mesmo: então isso ajudou a complicar
- 914 A1- o caso dela, ela passou quase um ano no hospital ( ) ela passou por mim eu lembro
- 915 A1- muito bem
- 916 P- Você está se referindo a... ou
- 917 A1- A minha cunhada que é mulher do meu irmão... entendi
- 918 P- Tudo bem
- 919 A1- Aí depois disso:: ela passou 4 anos e voltou pra casa ainda tava um buraquinho pra
- 920 A1- fechar ainda ela continuou fazendo curativo tudinho/ hoje a... é uma moça/ que
- 921 A1- é filha do meu irmão/ aí a... teve problema de câncer... câncer no estômago...
- 922 A1- aí já não tinha mais jeito né é:: como é que se fala é:: disseram que ela não tinha mais
- 923 A1- jeito, desiludiram ela e ela chegou a falecer... e o meu irmão/ ele faleceu depo/antes
- 924 A1- dela, meu irmão faleceu antes dela/ problema também/ porque ele tinha que fazer três
- 925 A1- vezes hemodiálise... aí o que ele fazia... ele não, não ia no 3º dia/ dos 3 dias ele fazia
- 926 A1- só dois e nisso entra água e vai pro pulmão: aí ele tinha que correr pro hospital se não
- 927 A1- podia morrer afogado né/ aí chegava no desespero já dentro do hospital, aí teve uma
- 928 A1- vez dessas aí que ele... faltavam 3 dias para ele fazer a, a, a:: hemodiálise dele/ aí ele
- 929 A1- teve um problema lá de pressão muito alta... aí acabou dando aquele/ cortaram aqui
- 930 A1- nele né/ estava usando aquele coisinho pra limpar o ar tudinho e respirar por aquilo
- 931 A1- porque quando foram botar a incubação nele: a traqueia do pescoço dele ia fechando/
- 932 A1- fechou e ficou igual de criança/ então eles não poderiam mais fazer nada e ele teria
- 933 A1- que ficar usando só aquele aparelhinho ali: caso entupisse ele tinha que correr rápido
- 934 A1- pro hospital só que numa dessa não deu tempo dele chegar no hospital
- 935 P- E vocês continuaram próximos, mesmo com ele se casando e você também?
- 936 A1- Sim... nunca tive problema com meu irmão não... ele me amava e eu: e eu ele... onde
- 937 A1- ele ia/ às vezes ele tava lá no centro eu ia lá com ele... ele trabalhava mais a gente se
- 938 A1- via assim sabe ( ) ele não parava naquele centro ali... era o trabalho dele lá, então
- 939 A1- praticamente ele morava naquele centro ali/ todo mundo conhecia ele ali... então ele
- 940 A1- passou muitos anos trabalhando lá tudinho... e a mamãe... passou por um tempo mais
- 941 A1- difícil e eu passei a trabalhar mais ainda: dobrado pra ajudar né: fico analisando todo
- 942 A1- mundo quando o rapaz já tá tão grande né... ( ) criado aí/ a mamãe não tem mais
- 943 A1- saúde, ela vive com pressão alta: essa semana sexta-feira ela vai numa consulta... que



- 944 A1- a mamãe está tendo umas crises de pressão alta: e tem que fazer porque... meu irmão
- 945 A1- já faleceu com pressão alta, meu avô também/ aí fica meio complicado: aí fica meio
- 946 A1- complicado já/ quinta-feira agora ela tava melhor... então estou esperando aí que ela
- 947 A1- melhore mais ainda... nós estamos cuidando dela... então é assim que a gente vive um
- 948 A1- ajudando o outro
- 949 P- Hoje em dia ela mora com quem?
- 950 A1- Ela tem a casinha dela:: a casa dela mora ela e meu irmão: aquele lá dá um trabalho...
- 951 A1- eu tenho um irmão como eu lhe falei que eram 4 filhos né
- 952 P- Sim
- 953 A1- Têm três morreu uma aí tem o que é o único filho dele/ que apanhava só dele do meu
- 954 A1- padrasto... é: a: faleceu com cinco meses agora o tá com a mamãe ainda/ ele já tá::
- 955 A1- tá com 30 e poucos anos: não quer estudar, não quer nada da vida... só fica lá/ a gente
- 956 A1- já falou o que tinha que falar: não tem vontade de fazer nada/ ele puxou pro pai dele/
- 957 A1- o pai dele até:: já velho ele morreu ainda estava com a mãe dele/ então eu acho fazer
- 958 A1- do mesmo jeito, não tem jeito não/ agora minha irmã/ batalhadora pra caramba é o
- 959 A1- nome dela é tenho maior orgulho dela...aquela ali/ aquela dali acho que
- 960 A1- puxou um pouco pra mim... eu maior orgulho dela/ ela comprou apartamento, tá
- 961 A1- pagando casou: só que tá tendo um probleminha no casamento dela que não vai fazer
- 962 A1- nem/ não vai fazer nem um ano... ela comprou apartamento aqui perto do SESI/ atrás
- 963 A1- do SESI naqueles apartamentos/ ela comprou/ parece que ela vai pagar 30 anos esse
- 964 A1- apartamento: ela tá pagando todo ano... aí eu sei que esse rapaz que ela casou/ parece
- 965 A1- que ele é também/ depende muito demais da saia da mãe: aí ele não está conseguindo
- 966 A1- ficar longe da mãe... aí disse que a mãe dele está sofrendo está passando necessidade
- 967 A1- está passando isso e aquilo e ele não quer mais ficar aqui com a minha irmã, ele não
- 968 A1- quer/ voltar pra casa da mãe/ aí o que acontece é que:: tá uma confusão nessa vida
- 969 A1- dela aí, mas eu já disse pra ela não se desesperar não porque:: a gente não é obrigado
- 970 A1- a ficar com a alguém e ninguém é obrigado a ficar com a gente certo... então tem que
- 971 A1- deixar o mundo seguir... tenho fé em deus porque ela é concursada ela, ela trabalha lá
- 972 A1- no Getúlio Vargas/ concursada/ então:: ela tem um coração de ouro/ ela é tranquila,
- 973 A1- não é de estar em festa, de bebedeira, ela é evangélica/ tranquila... quem tá perdendo
- 974 A1- é ele... eu não vejo, eu não vejo ( ) que pudesse acontecer isso/ então... acho:: que ele
- 975 A1- não gostou da convivência que ela trabalha e ele NÃO TRABALHA: e ele é filho de
- 976 A1- pobre e se finge de rico né... aí o que acontece eu acho que ele se sentiu inferior a
- 976 A1- ela: não é isso porque a pessoa que não ganha aquele salário todo em mim isso nunca

- 977 A1- me doeu ((risos)) isso nunca me doeu graças a deus porque:: eu sempre me virei um  
978 A1- pouquinho ( ) pra mim nunca me doeu então:: a gente vai viver conforme manda a  
979 A1- lei de deus né... então a gente vive assim professor, é uma:: eu hoje em dia eu sou  
980 A1- muito feliz no que eu: estou conseguindo realizar... eu não estou dizendo/ felicidade  
981 A1- de casamento essas coisas assim/ eu estou dizendo que sou muito feliz aonde eu  
982 A1- cheguei, aonde eu posso chegar, eu tô conseguindo devagarinho da onde eu vim eu  
983 A1- era... era pra mim ser um nada... era pra mim ser uma ( ) nunca ( ) eu tenho dois  
984 A1- filhos, um está fazendo faculdade, a minha filha é super inteligente... só pega 8, 9, 10  
985 A1- nas coisa lá, lá/ não/ nem um 8 não pega é de 9 pra cima graças a deus e ela é muito  
986 A1- inteligente: ela pega as coisas muito rápido/ ela estuda aqui ((estalar de dedos)) já  
987 A1- sabe/ sabe ela é muito inteligente... e é o que eu falo tudo que tiver hoje pra mim eu  
988 A1- tô só/ sabe naquele quando você plantou e tá só colhendo... eu tô só colhendo hoje...  
989 A1- colhendo em quê: nos meus estudos que eu estou conseguindo alcançar, mas que eu  
990 A1- jamais pensaria que eu chegar, porque se eu não tivesse me enfiado naqueles estudo  
991 A1- logo no começo... eu não sabia nem escrever meu nome, eu não sabia nem escrever/  
992 A1- então tem muita coisa que eu:: eu estou dizendo pra mim mesma eu: sou muito feliz  
993 A1- já... e eu achava que minha vida é um parabéns pra mim/ entende então, tipo assim,  
994 A1- o que eu estou conseguindo realizar são: coisa que eu estou colhendo de coisas que  
995 A1- eu fiz lá trás... entendeu, eu não fiz prostituição, eu não:: eu não tive um monte de  
996 A1- filho, eu não:: não fui um mal exemplo pra minha família... então... eu tô colhendo  
997 A1- coisa boa
- 998 P- Só para eu entender uma questão na entrevista você tinha mencionado: aos 12 anos  
999 P- em média assim, por volta dos 12 anos você mesma se matriculou no colégio
- 1000 A1- Não... eu não tinha 12 eu acho que eu tinha mais:: bem mais que 12/ como eu falei  
1001 A1- eu não me fixei em data assim/ pensando bem eu acho que eu já tinha uns 15 anos/  
1002 A1- eu tenho que trazer o papel pra ver/ porque tudo eu fiz acelerado
- 1003 P- Tudo bem
- 1004 A1- ( ) Porque eu não tenho muita recordação da, da: idade certa/ eu já era já velhinha  
1005 A1- pra ficar estudando
- 1006 P- A minha pergunta é o seguinte como que foi a reação da sua mãe
- 1007 A1- A minha mãe nunca:: eu num: tipo assim... quando a mam/ ela sempre botou um  
1008 A1- pouquinho pra trás a mamãe... ela, ela dizia assim que é inseguro, que era perigoso  
1009 A1- andar pela rua/ porque tudo pra ela era proteger/ ela não queria/ aí também como é  
1010 A1- que a gente é virgem/ mulher principalmente ela ficava morrendo de medo da gente

- 1011 A1- engravidar... então a gente não, era eu que era a mais velha, a única lá que podia
- 1012 A1- perder alguma coisa era eu: ela me proibia de tudo de tudo... se eu sentasse na frente
- 1013 A1- da porta eu já tava me enxerindo pra macho que eu não podia ficar na porta... mas
- 1014 A1- jamais/ e eu não era feinha, eu já sou feinha, mas eu não era feinha quando eu era
- 1015 A1- mais nova, eu era bem bonitinha... então ela morria de medo ((30 min)) de coisas
- 1016 A1- assim de:: ( ) de ter filhos né/ porque ela tinha um monte de filho e não queria uma
- 1017 A1- filha com filho dentro da casa dela
- 1018 P- Você tinha vontade de sair pra ver/ conhecer alguém
- 1019 A1- Não conhecer alguém isso aí não me interessava muito sabe quando a gente é muito
- 1020 A1- presa a gente se interessa por outras coisas, a gente quer ter nossa roupa... entendeu,
- 1021 A1- a gente quer: tipo assim... que ajudar que ajudar em:: dentro de casa/ era isso que eu
- 1022 A1- tinha vontade ajudar a mamãe eu... queria estudar pra mim aprender/ é que nem eu
- 1023 A1- falei eu queria estudar pra mim ter um estudo, ter uma profissão: ser alguém na vida
- 1024 A1- só que eu não tive oportunidade... e eu sempre botei na minha cabeça que eu ia
- 1025 A1- estudar, eu ia estudar/ como eu só trabalhava, trabalha, trabalhava não dava
- 1026 P- E você acredita que para ser alguém é necessário ter estudo?
- 1027 A1- É: eu acho que é isso:: eu sempre achei bonito as pessoas que tem faculdade... então
- 1028 A1- eu vou falar uma coisa meio ignorante mais eu sempre gostei de ficar perto de gente
- 1029 A1- inteligente ((risos)) porque pra mim as pessoas que não haviam estudado não iam
- 1030 A1- me trazer nada que eu possa aprender... algumas coisas sim, outras não... eu sempre
- 1031 A1- queria assim/ porque se eu fosse pro lado daquelas pessoas que só quer viver ( ) só
- 1032 A1- quer viver em namorinho: e aquele negocinho eu não ia pra frente não e aí eu queria
- 1033 A1- ficar perto de gente que queria estudar... até hoje eu não gosto muito de gente que
- 1034 A1- fica e:: e:: lá e a gente estudando aqui/ aí os meninos ficam bi, bi, bi e não sei o quê,
- 1035 A1- não sei o quê/ se a gente tá aqui pra estudar vamos estudar... né... os meninos/ a
- 1036 A1- maioria aí só tá pra: passagem/ mas quando for ver já acabou o tempo/ o meu tempo
- 1037 A1- já tá passando já estou com 45 anos já não era pra mim tá no Ensino Médio era para
- 1038 A1- mim ser alguém na vida mas eu ainda não desisti não a vergonha ainda não me doeu
- 1039 A1- não... eu nunca:: eu nunca senti assim eu/ a vergonha me parou/ não, vergonha não
- 1040 A1- me parou não/ eu acho que ela não vai me parar tão cedo ((risos))
- 1041 P- Desse gostar de ficar perto de pessoas inteligentes:: tinha alguém que você se lembra:
- 1042 P- alguma referência/ pessoas que talvez você admirasse
- 1043 A1- Sim: eu sempre procurei ficar perto de pessoas inteligente é... tipo assim/ esse meu
- 1044 A1- marido ele é inteligente ele gosta de estudar né:: eu admirava ele gostava de estudar

- 1045 A1- eu acho que talvez foi isso que me cativou nele/ porque:: não é vagabundo/ sabe
- 1046 A1- aquelas pessoas que só quer viver: festinha: não quer saber de nada gosta de correr
- 1047 A1- atrás de alguma coisa... sabe... eu preferia/ eu botei na minha cabeça que eu preferia
- 1048 A1- conversar com pessoas que tivesse alguma coisa pra me passar... às vezes eu não
- 1049 A1- escolho: entendeu/ é natural aparece pessoas que a gente conversa ( ) então quando
- 1050 A1- eu convivia também nas casas por aí: a maioria das pessoas já tinham estudo... tinha
- 1051 A1- uma coisa: elevada... a gente ficava:: eu observava, eu escutava, ouvia... eu via a
- 1052 A1- pessoas ficar escrevendo/ achava tão bonito... que eu queria fazer isso: entendeu...
- 1053 A1- são coisas que:: a gente quer pra gente também: não/ não é inveja/ é uma conquista
- 1054 A1- também que a gente quer chega lá... quer ter alguma coisa pra... morrer pelo menos
- 1055 A1- inteligente/ eu sempre digo isso pra mim/ quero morrer inteligente ((risos)) um dia
- 1056 A1- eu morro inteligente/não sei pra quê/ mais um dia eu morro inteligente: então é mais
- 1057 A1- ou menos isso: às vezes é meio: infantil mais... eu não deixo a criança morrer dentro
- 1058 A1- de mim não sabe... eu sou adulta só por fora
- 1059 P- Entendo
- 1060 A1- Por dentro eu sou ainda aquela... graças a deus/ eu acho que eu sou aquela criança
- 1061 A1- que não se soltou quando era criança sabe... aí eu tô, eu tô, eu tô:: consegui criar o
- 1062 A1- meu filho/ meu filho é mó orgulho pra mim é a minha vida é a minha paixão, é meu
- 1063 A1- tudo ele... minha filha/ então tipo assim... eu não falo nem do marido né/ porque
- 1064 A1- marido ele pode me deixar a qualquer momento/ tem certas coisa que ele já me
- 1065 A1- decepcionou muito/ mas filho/ sei que aquele amor ali é de verdade: sabe aquilo/ eu
- 1066 A1- tenho certeza que meu filho me ama de verdade/então eu não tenho dúvida
- 1067 A1- nenhuma
- 1068 P- E você ache que a história deles é a história que você gostaria de ter tido/ ou de ter
- 1069 P- ainda?
- 1070 A1- A história de quê?
- 1071 P- Do seu filho por exemplo... você mencionou que ele faz engenharia né/ é uma história
- 1072 P- que você gostaria... de ter vivido/ ou você ainda
- 1073 A1- Gostaria...gostaria/ a história que eu quero pro meu filho assim/ que ele construa o
- 1074 A1- que ele tiver vontade/ eu nunca/ tipo assim/ você vai ter que fazer isso porque eu
- 1075 A1- tenho vontade que tu faça... eu acho isso egoísmo/o que eu quero é:: que... o que ele
- 1076 A1- tem vontade/ a vontade dele/ eu dei oportunidade/ eu dou oportunidade/ eu fiz
- 1077 A1- toda a estrutura dele pra ele chegar até aqui pra ele tá no nível dele/ então agora ele/
- 1078 A1- ele que segue o caminho dele... entendeu/ o único papel que eu posso fazer é dá

1079 A1- APOIO... aconselhar: o meu porque a gente quando tem filho a gente não vem com:  
1080 A1- com:: livrinho dizendo assim ó:: é assim, assim e assado pra fazer... não/ você vai/  
1081 A1- ninguém ensinou a criar/ como é que faz isso/ um nada/ eu que tive que me virar/  
1082 A1- então... se ele errar eu também erro: eu penso assim... então o que eu faço pro meu  
1083 A1- filho é ser digno, respeitar as pessoas, nunca perder a humildade/ isso é fundamental  
1084 A1- na vida/ ser uma pessoa sabe: por mais que você esteja lá em cima não perder ( )  
1085 A1- humildade não querer ser superior a qualquer pessoa porque eu digo pra ele que nós  
1086 A1- tudo vamos pra um buraco... então nós não levamos nada dessa vida... a única coisa  
1087 A1- que ele vai levar é a sabe o que ele aprendeu/ então eu digo pra ele: está sendo feliz/  
1088 A1- tá feliz... é isso que você quer pra você... pra mim não tem problema nenhum/ eu  
1089 A1- não:: não tenho esses negócio de dizer assim há:: tem que fazer assim:: assim...  
1090 A1- nós somos super amigos eu e meu filho/ de verdade... ( ) ele quando chega perto de  
1091 A1- mim já vai logo me beijando, me abraçando... é um negócio de estar me cheirando,  
1092 A1- de estar me abraçando: é só vendo ((risos)) é um negócio de menino danado/ parece  
1093 A1- mentira mas é verdade/ ele me ama de verdade meu filho é um:: toda hora ele  
1094 A1- acorda/ primeira coisa bom dia mãe: às vezes me pega e começa a dançar comigo já  
1095 A1- acorda de manhã super feliz/ ele gosta de descansar, ele gosta/ assim de escutar  
1096 A1- música ele também gosta/ ele tem o mesmo: o mesmo jeitinho que eu gosto... canta  
1097 A1- no banheiro/ então ele tem isso aí... sabe: ele num:: eu sou feliz/ a outra minha filha  
1098 A1- já não gosta de ouvir de música/ quando a gente começa escutar ela “abaixa isso aí”  
1099 A1- ela não/ ela puxou mais pro pai dela acho... agora o... eu tenho/ eu amo  
1100 A1- meus filhos, eu sou feliz... eu acho que deus já me deu tudo que::: eu tinha que ter  
1101 A1- nessa vida já ter vivido o que eu já passei lá na frente já era pra mim ( ) então: onde  
1102 A1- a gente chegou olha/ eu dirijo um carro/ aonde que uma pessoa que tava lá na  
1103 A1- miséria... ia conseguir ter alguma coisa/ ter minha casa... não é aluguel... e isso tipo  
1104 A1- assim, ninguém/ tudo foi com meu esforço... tudo que eu tenho hoje foi eu que corri  
1105 A1- atrás... mais quando eu digo correr atrás não é aquilo lá/ aquilo certinho/ foi  
1106 A1- acontecendo... a vida foi: se construindo e eu acho que aquele lá de cima nunca me  
1107 A1- abandonou... eu nunca tive um PAI: nessa terra/ mas aquele lá nunca me aban/ sabia  
1108 A1- que todas as minhas coisas eu agarrei nele... eu não sou evan/ eu não vivo na igreja,  
1109 A1- eu não sou evangélica/ mais eu tenho esse negócio dentro de mim, porque se não  
1110 A1- fosse deus eu não estaria aqui... porque muitas vezes eu já chorei muito... e ele tava  
1111 A1- ali, porque eu confiava nele

- 1112 P- E essa relação/ digamos... podemos chamar assim de uma espécie de espiritualidade/  
1113 P- mas sempre foi ((assim)), você sempre teve esse lado...  
1114 A1- Sempre foi... tipo assim... deixa eu falar/ quando eu era criança eu tentei me matar  
1115 A1- três vezes/eu tenho até umas marcas com a faca... eu tentei até me cortar ((risos)) eu  
1116 A1- tentei meio:: porque eu sofria muito né/ então era muito... porque não via sentido na  
1117 A1- vida ((40 min))  
1118 P- Mas como foi  
1119 A1- É porque: apanhava demais:: eu era muito sofrida quando era criança... então:: eu  
1120 achava que a mamãe não gostava de mim... entendeu  
1121 P- E o que levava você a pensar nisso?  
1122 A1- Porque a gente era grande/ mas era muito sofrido... a gente ficava muito de castigo  
1123 A1- ( ) então eu tentei me matar três vezes... teve uma que botei veneno de rato no café,  
1124 A1- mas não morri ((risos)) nem dor de barriga deu... então foram muitas coisas...  
1125 P- E a outra vez foi com uma faca  
1126 A1- Aí eu tentei cortar meu pulso: a outra eu tentei me:: enforcar: também não consegui/  
1127 A1- então são três vezes eu tentei, tentei não consegui... né... então... não tem coisa  
1128 A1- melhor que uma vida/ mas eu nunca pensei assim que eu ( ) não tenho recordação  
1129 A1- assim... tudo foi na fase de criança/ eu não tive infância/ eu não tive infância então...  
1130 A1- desde/ desde minha/ minha criação até a fase já que eu estava moça né... foi difícil/  
1131 A1- eu acho que eu estou respirando pra dizer a verdade agora ((o papel da escola na  
1132 A1- qualidade de vida e satisfação do sujeito)) AGORA mesmo depois de:: de 2010 pra  
1133 A1- cá eu comecei respirar um pouquinho... eu sei que não foi muito/ mais respirar um  
1134 A1- pouquinho/ o que eu digo assim: aquela vontade de realizar minhas coisas de novo/  
1135 A1- porque até então eu vivia ocupada... cuidando de filho...né/ eu me separei do meu  
1136 A1- marido/ foi muito difícil:: eu tinha só o... eu não tinha a: ainda/ tive  
1137 A1- ela em 2010... então:: eu tralhava/ eu tinha um lanche lá na minha casa/ eu sempre  
1138 A1- trabalhei, eu nunca desisti de trabalhar e eu sou muito comerciante ( ) aí então eu  
1139 A1- ficava noites e noites acordadas... eu tinha que fazer isso, fazer aquilo/ eu trabalhava  
1140 A1- no meu lanche eu vendia muito... muito mesmo... tem hora que eu nem conseguia  
1141 A1- dar conta/ aí então dava muita gente no meu lanche/ trabalhava a noite toda/ aí de  
1142 A1- manhã tinha que comprar as coisas de novo e meu marido não estava em casa como  
1143 A1- eu falei meu filho já tinha sete anos  
1144 P- Ele saio de casa...

- 1145 A1- Ele saio de casa por causa de uma mulher aí... aí:: ele me dava R\$ 400,00 reais/ não  
1146 A1- dava pra ajudar em casa/ ele dava R\$ 400,00 eu tinha que assinar um papelzinho... e  
1147 A1- dava pra ele e têm muitas coisas/ muitas mágoas eu tenho dele/ de lá pra cá depois  
1148 A1- disso foram várias e várias vezes até no ano passado já aconteceu então tinha muitas  
1149 A1- dessas coisas então eu não tenho mais aquele:: ele: ele vive/ a gente vive ((risos)) a  
1150 A1- gente vive... eu vivo pelos meus filhos e eu vi... como eu falei... eu quero conquistar  
1151 A1- ainda meus estudos  
1152 P- Essas decepções assim/ estão sempre relacionadas a outras pessoas, ou não  
1153 P- necessariamente?  
1154 A1-Essas decepções?  
1155 P- Essas decepções com o seu marido elas ocorrem devido a traição dele?  
1156 A1- Sim: né a primeira vez não já foram muitas/ eu digo que meu cabelo está um jardim  
1157 A1- ((risos)) tanta do chifre/ tá um jardim/ mas é:: eu já perdi as contas de quanto ele me  
1158 A1- traiu... entendeu/ eu já não tenho vontade de lutar de mais nada/ porque já/ lutei  
1159 A1- muito... e tipo assim/ coisas que a gente/ coisa ruim assim a gente cansa/ eu já não  
1160 A1- tenho mais aquela... pra mim tanto faz... ( ) eu não gosto de briga, eu sou uma  
1161 A1- pessoas muito adaptável: me adapto muito rápido então eu já: como eu falei ele  
1162 A1- eu já:: perdi a esperança então... quer sair sai/ fica/ se quer ficar fica... é mais ou  
1163 A1- menos assim  
1164 P- Mais isso lhe magoa, lhe traz uma certa mágoa?  
1165 A1- Eu já me magoei muito/ já chorei muito por causa dos filhos:: na primeira vez/  
1166 A1- porque:: quando eu fiquei com ele... quando a gente/ tipo assim: que viver a vida a  
1167 A1- dois/ mulher principalmente é pro resto da vida: pelo menos sempre pensei assim/  
1168 A1- é pro resto da vida é:: nunca pensei em trocar ele por outro homem então:: pro resto  
1169 A1- vida/ têm meus filhos/ especial mesmo... mas o que acontece... ele já me magoou  
1170 A1- muito, cheguei ajoelhar para que ele não fizesse aquilo de uma vez que a gente se  
1171 A1- separou em 2010: ele me humilhou “vai arrumar outro, vai embora, e não sei o quê”  
1172 A1- são coisas que eu não gosto de lembrar mas: a gente vai vivo né/ vai doer/ depois  
1173 A1- tudinho ele voltou pra casa/ aí demorou um pouquinho/ ano passado... ele foi numa  
1174 A1- festa lá no: na Petrobrás/ todas as festas que têm lá na Petrobrás mulher não pode ir/  
1175 A1- só eles... ele foi/ só que aí... voltou bêbado e quando ele voltou ele sem senha do  
1176 A1- celular e deixou lá em cima/ celular dele eu não pego porque ele não deixa de jeito  
1177 A1- nenhum:: aí tá/ ele deixou o celular aberto e eu abri/ eu abri e fui olhar aí olhei lá no  
1178 A1- WhatsApp dele... aí tava lá... ele conversando com uma moça lá... falando que ele

- 1179 A1- não foi pro encontro porque:: ele não conseguiu um Uber... naquele mesmo dia/ ele
- 1180 A1- não tinha conseguido o Uber que não sei o quê: não foi encontrá-la porque não tinha
- 1181 A1- o Uber/ então ( ) até então eu achei que não tinha mais nada/ que nada estava
- 1182 A1- acontecendo... e tava acontecendo comigo... tem muitas coisas que já não acredito
- 1183 A1- mais/ morre falando mas eu não acredito e: eu não sei/ se eu sou feliz/ se alguém me
- 1184 A1- perguntar se eu sou feliz... eu não sei dizer eu descobri um negócio dele/ assim acho
- 1185 A1- que estou adormecida... é só uma:: um anestesia e pronto e acabou ( ) é uma coisa
- 1186 A1- meio difícil
- 1187 P- Mas quase agora você falou... que era feliz... e que aquela criança que existe em você
- 1188 A1- Sim... exatamente/ o que eu tô conversando aqui agora/ eu digo assim em vista dos
- 1189 A1- estudos/ é que nem eu falei eu sou muito focada nisso que é com isso que eu venho
- 1190 A1- sonhando/ tô focada nesse negócio porque eu quero... eu quero terminar o segundo
- 1191 A1- grau e depois eu quero fazer um técnico porque eu não sei se vou conseguir fazer
- 1192 A1- uma faculdade: porque como... eu tive MUITAS coisas focadas ((troçadas?)) que eu
- 1193 A1- não consegui acompanhar ( ) eu acho que não vou ter capacidade de ir pra lá
- 1194 A1- ((Universidade)) mais eu acho que talvez dê pra eu fazer um técnico: mais primeiro
- 1195 A1- eu quero me encontrar com pessoa
- 1196 P- Você se sente um pouco insegura nessa relação... na relação com os estudos
- 1197 A1- Com relação à faculdade sim... é porque eu não me via/ eu também não me via no
- 1198 A1- segundo grau: não sei se eu vou conseguir, mais é como eu estou acabando de dizer
- 1199 A1- tudo pode acontecer né... eu vivo num Big Brother ((risos)) tudo pode acontecer/ eu
- 1200 A1- tô no caminho mas... o que vai acontecer pra lá só deu que sabe/ só que eu não
- 1201 A1- pretendo desistir dos meus estudos entendeu... faltam só dois anos para eu terminar/
- 1202 A1- eu já estou passada com certeza... eu tô passada minhas notas foram boas: ficou um
- 1203 A1- mi:: ( ) na nota de química, mais isso aí eu já:: com certeza recuperei já/ fiz um
- 1204 A1- negócio dele lá que a mamãe passou mal não deu para eu levar/ mas eu passei lá pro
- 1205 A1- WhatsApp dele e... outra coisa que ele quiser passar eu faço: então: eu já tô passada
- 1206 A1- nesse ano/ aí falta lutar pelo ano que vem e terminar no outro: eu não desisto não/só
- 1207 A1- se deus me parar
- 1208 P- Quando você fala que não se via no [[segundo ano]]
- 1209 A1- [[ Não me via não]]
- 1210 P- Eu me lembro também que você falou que: não se via como a sua mãe/ tendo muitos
- 1211 P- filhos/ [[tendo muitos maridos]]
- 1212 A1- [[Não]]



- 1213 P- E quando você: morava na casa daquela pessoa que você trabalhou você mencionou
- 1214 P- que também não se via como a empregada da mãe dela que era uma Sra. que havia 30
- 1215 P- anos que estava trabalhando com ela/ você se recorda disso?
- 1216 A1- Era lá no Parque Dez: com a...
- 1217 P- O que eu quero perguntar é se você não se via como a sua mãe, não se via como essa
- 1218 P- Sra. e não se via também como estudante do Ensino Médio como você se via?
- 1219 A1- ((silêncio)) Eu não entendi a pergunta
- 1220 P- É... como que você se via/ porque você falou assim eu não me via no Ensino Médio,
- 1221 P- eu não [[me via]]
- 1222 A1- [[exatamente]]
- 1223 P- Como que você se via então?
- 1224 A1- É tipo assim eu... eu vou no caminho só que eu não sei se vou chegar... entendeu/ é
- 1225 A1- tipo assim:: eu tava lá na casa da... eu via que eu não podia estudar
- 1226 A1- porque ela chegava tarde do trabalho dela tudinho aí... eu disse assim não eu tenho
- 1227 A1- que parar, eu tenho que sair daqui porque se não eu não vou conseguir porque eu
- 1228 A1- ficava o dia todinho lá... aí ela chegava a noite/ eu tinha que: ficar/ assim eu perdia
- 1229 A1- tudo... a minha vida tava parada, eu vivia ali parada/ ela conseguia construir a vida
- 1230 A1- dela e a minha? Eu tinha que ver a minha/ eu tinha que vê o que eu/ aí eu perguntei
- 1231 A1- pra ela se eu podia estudar ela disse que eu podia mas todo dia ela chegava tarde...
- 1232 A1- ela não me proibia né/ mas só chegava tarde/ uma vez dava, outra vez não dava
- 1233 A1- então: não dava pra mim estudar/ tanto que eu parei AÍ quando: eu comecei estudar
- 1234 A1- de novo foi... eu parei muitas vezes porque precisava sobreviver/ deixei de estudar
- 1235 A1- ( ) meu marido começou trabalhar também no Amazonas Shopping e ele pegada das
- 1236 A1- 2 ((duas)) da tarde até às 22 horas... então já não dava pra mim estudar entendeu...
- 1237 A1- aí... tudo era corrido pra mim/ tudo era pra sobreviver/ a minha mãe:: tipo assim
- 1238 A1- depois que eu tive aquela briga com meu padrasto/ mamãe me expulsou da casa... a
- 1239 A1- mamãe me expulsou porque teve uma briga muito terrível com meu padrasto ( )
- 1240 P- Teve um outro caso também que: não sei se é o mesmo... tentou se aproximar de você
- 1241 A1- Esse aí era o pai do meu outro irmão ( ) lá no Coroadó... então:: aí eu tive que me
- 1242 A1- afastar né/ nunca dormi em cama sempre dormi em rede aí a mamãe tinha ido pro
- 1243 A1- hospital né pra ter ( ) eu tô lembrada/ mais sei que ela estava no hospital... aí nisso...
- 1244 A1- ele fazia que estava jogando detefon/ aí eu... eu dormindo senti a mão na minha
- 1245 A1- calcinha... aí eu apavorada né me virei prum lado e pro outro e depois eu: tipo assim
- 1246 A1- eu tinha era medo dele... pra falar a verdade/porque apanhava muito né/ tinha medo

- 1247 A1- dele/ porque eu não podia reagir né/ fazer nada/ virava de um lado pro outro... pra
- 1248 A1- disfarçar/ aí ele fazia que estava jogando detefon né/ depois que eu dei uma mexida
- 1249 A1- boa assim ele saiu... só foi isso aí eu: com medo de falar pra mamãe ( ) uma semana
- 1250 A1- depois aí eu fui LÁ::: no cinema onde meu avô trabalhava... a nisso tava minha tia
- 1251 A1- ( ) aí... eu contei pra tia... mas eu pedi pelo amor de deus que ela não
- 1252 A1- falasse nada pra mamãe: porque eu já conhecia a mamãe... aí ela pegou e contou pra
- 1253 A1- ela... foi uma briga... aí eu sei que a mamãe foi mó briga com ele tudinho aí mandou
- 1254 A1- ele embora/ foram em... separaram... aí depois ela voltou/ depois de um tempo/
- 1255 A1- voltou de no/ há::: foi meu fim... eu apanhava DEMAIS/ ele tinha um anel grande no
- 1256 A1- dedo/ que me dava uns cascudos que minha cabeça vivia cheia de ( ) eu apanhava
- 1257 A1- muito... então::: era peia/ aí depois que voltou tudinho...porque a mamãe: era louca
- 1258 A1- por esse homem... a mamãe era muito apaixonada/ a mamãe fazia umas coisas que
- 1259 A1- não dava nem pra acreditar... ela era mui/ e apanhava dele também... era morta de
- 1260 A1- apaixonada eu lembro... eu deixei pra lá/ já num/ é tipo assim a gente até::: não tem
- 1261 A1- força sabe de lembrar essas coisas: a gente não tem amnésia que é tipo assim certas
- 1262 A1- coisas a gente vai deixando pra lá, mas quando a gente começa a lembrar vai
- 1263 A1- recordando das coisas E::: teve uma vez eu já mocinha já: eu trabalhava lá no Parque
- 1264 A1- Dez né/ aí meu patrão falou assim ( ) foi quando a mamãe arranhou esses meu
- 1265 A1- padrasto que ele quebrou a orelha dela/ que ela namorou na adolescência/ ele casou
- 1266 A1- e depois ela voltou com ele depois de muitos anos/ ele era casado eles ficaram nesse
- 1267 A1- negócio de vai ficando... aí ficou com ele, aí depois ele se separou da mulher/
- 1268 A1- muitos anos depois aqui no São José: aí ela viveu com ele/ ficou morando com ele...
- 1269 A1- aí ele JÁ veio doente, tinha problema de pressão muito alta, coração grande: ele
- 1270 A1- faleceu já este meu padrasto o nome dele é ((Orestes)) aí::: mas foi difícil eu briguei
- 1271 A1- muito com a mamãe de negócio com ele pra eles deixar mas eles não deixaram
- 1272 A1- então eu era sempre a::: a patinho feio que ficava ( ) porque eu::: não gostava que ela
- 1273 A1- apanhasse... é isso/ aí parece que era meio revoltado queria bater... é isso graças a
- 1274 A1- deus... hoje em dia já, eu tento não me meter em nada... hoje em dia ei estou tão, tão
- 1275 A1- macacada já que já nem... eu vivo anestesiada...eu busco meus objetivos e::: o que
- 1276 A1- tiver que vim venha
- 1277 P- Com relação ao objetivos... eu percebo que você é bastante cautelosa ((insegura)) até
- 1278 P- mesmo pra expressar né/ acho que você tem assim... coisas/ sonhos objetivos mais eu
- 1279 P- lhe vejo com o pé no chão, com um pouco de receio... se vai dar certo

- 1280 A1- Eu não vou mentir que não tenho medo das coisas que eu falei... eu tenho vontade/  
1281 A1- então eu vou lutar por aquilo ali... eu quero muito estudo então eu faço de tudo pra:  
1282 A1- o que eu não sei eu peço ajuda é mais ou menos assim: se eu não sei eu peço ajuda/  
1283 A1- eu não sou muito de uma vida de arrogância/ eu vivo uma vida de clareza/ pra mim  
1284 A1- o que tiver: as claras pra mim é melhor entendeu... então eu gosto de estudar eu... eu  
1285 A1- me sinto muito, muito em paz muito feliz, eu fico danada da vida quando tipo assim  
1286 A1- eu quero muito dominar a ( ) da matemática... essa é a matéria mais... eu apanho/  
1287 A1- não é fácil não matemática... ainda quando a professora chega com negócio de PA,  
1288 A1- PG e não sei o quê e: física e tudo isso aí/ mais a gente vai tentando o que mais  
1289 A1- eu tenho muita vontade de aprender e eu espero que eu consiga... sabe/ o:: medo  
1290 A1- pra mim:: não é o problema/ o negócio é eu querer aprender e não consegui às vezes  
1291 A1- eu converso com meu filho eu digo mô... me ensina fazer isso aqui que eu tô meio/  
1292 A1- só falta aprender/eu assisto muito vídeo  
1293 P- Você chama ele de:  
1294 A1- Amor...  
1295 P- Amor  
1296 A1- É... amor... amor isso/ amor você já vai sair/ eu só chamo ele assim... é desse jeito  
1297 A1- assim... amor, amor/ eu só chamo ele de amor na maioria das vezes/ então é mais ou  
1298 A1- menos assim eu tento...  
1299 P- E ele lhe chama de quê?  
1300 A1- De mãe... “mãe: mãe... eu tô” a gente tem uma relação muito forte mesmo... quando  
1301 A1- foi em 2013/ foi 2013 ou 2014: não em 2017 eu foi assaltada: é levaram meu carro  
1302 A1- fui pegar ele vinha no IFAM/ nesse dia eu fui pegar ele lá:: no IFAM só que quando  
1303 A1- eu cheguei próximo do IFAM ele falou pra mim que tava já dentro do ônibus: aí eu  
1304 A1- poxa filho mandei um monte de recado pra você e você não respondeu: pensei que  
1305 A1- você ia sair 2 horas... eram duas horas que ele ia sair naquele dia/ não... foi isso  
1306 A1- mesmo/ aí eu peguei e voltei/ fui me embora aí parei lá no atacadão/ fiquei naquela:  
1307 A1- numa área lá esperando/ aí depois deu problema eu mandei recado de novo pra ele:  
1308 A1- falei filho qualquer coisa eu já estou aqui na área do atacadão e eu vou lhe aguardar  
1309 A1- você salta aqui na parada eu lhe espero... aí ele pegou e falou “mãe eu tô no ônibus  
1310 A1- 500 e/ acho que é/ eu vou pelo coroadado e vou parar lá no T5/ a Sra. me espera lá” aí  
1311 A1- eu tá bem então/ aí eu peguei sai de lá da área do atacadão e fui lá pra bando do T5  
1312 A1- do lado... aí próximo daquele posto que tem ali... aí eu fiquei lá esperando dentro

- 1313 A1- carro/ não sei se você conhece ali/ não tem o terminal/não tem depois do T5 aquele
- 1314 A1- terminal
- 1315 P- Eu sei onde é o terminal, o posto de gasolina... estou me situando
- 1316 A1- Sim... aí depois disso aí eu fiquei lá: eu desliguei o carro, abri a janela pra/ janela
- 1317 A1- aberta pra circular o ar/ eu não ia ficar com o ar/ aí abri as janelas tudinho/ aí eu
- 1318 A1- comecei a enviar recado que eu já estava lá/ quando estou fazendo entra/ entra um
- 1319 A1- cara por trás do meu carro/ entrou atrás, abriu rápido a porta foi uma coisa muito
- 1320 A1- louca... eu disse assim meu deus... aí eu disse moço você está entrando errado/ ele
- 1321 A1- disse “aí tia você veio me pegar mais cedo” disfarçando porque tinha gente por lá
- 1322 A1- né... aí ele entrou no carro ( ) aí ele pegou a arma botou na minha cabeça e falou
- 1323 A1- “vai... dirige, dirige, dirige que isso é um assalto... bora, bora” e quem disse que eu
- 1324 A1- dirigia: um nervoso me dominou completamente me prendia mais que: não sei dizer
- 1325 A1- o quê/ aí eu... “bora, bora. Bora eu vou lhe dar um tiro” aquela cara “bora você não
- 1326 A1- vai não? bora... vai anda” eu menti pra ele que eu não podia sair porque eu estava
- 1327 A1- esperando minha irmã/ mas eu estava esperando meu filho... e eu com medo do meu
- 1328 A1- filho aparecer... entendeu/ porque se meu filho chega... e entra no carro/ deus me
- 1329 A1- livre-guarde/ aí pelo meu filho eu fui dirigindo mas eu fui dirigindo devagar/ eu não
- 1330 A1- fui muito rápido aí ele “acelera, eu vou buscar maconha ( )” aí minha vontade
- 1331 A1- foi de tacar o carro lá naquela mureta/ não tem a bola do São José ali/ aí tinha um
- 1332 A1- negócio ali aí deu vontade de lascar meu carro... mas aí eu pensei minha filha estava
- 1333 A1- no colégio e eu tinha que pegar ela 5 horas da tarde... meu marido não estava
- 1334 A1- chegando/ meu marido tinha viajado naquele dia: naquele dia ele tinha viajado de
- 1335 A1- manhã cedo/ então:: eu não podia fazer aquilo... então fui dirigindo devagar/ tinha
- 1336 A1- um caminhão atrás né aí eu dei uma:: freada “tu tá doída viu quer morrer mesmo
- 1337 A1- né” aí eu sei que ele veio pro banco da frente... aí “sai do carro, sai do carro” aí eu
- 1338 A1- estava descalça meu sapato ficou lá... tentei pegar minha bolsa ele não deixou... e
- 1339 A1- nisso eu sai aí o cara do caminhão saiu do carro viu que estava tendo alguma coisa
- 1340 A1- ( ) mas quando ele viu a arma que o cara apontou pra ele/ voltou imediatamente...
- 1341 A1- aí quando ele entrou no carro eu fiquei gritando no meio da rua falei que ele estava
- 1342 A1- roubando meu carro tudinho... aí a polícia apareceu depois de uns 5 minutos, 10
- 1343 A1- minutos ((estalar de dedos)) aí... em vez de eu ter pego alguma moto, alguma coisa
- 1344 A1- pra eu ir atrás logo pra onde ele tinha ido né... não... fiquei feito uma:: tonta lá
- 1345 A1- nomeio: aí eu sei que daí/ daí meu filho apareceu: tinha levado o carro, tinha levado
- 1346 A1- meu celular tudinho aí ele apareceu lá: ele tava dentro do carro da polícia/ eu liguei

- 1347 A1- pro... do telefone do guarda pro meu filho/ meu filho aca/ acabei de ser
- 1348 A1- roubada agora... aí ele ficou desesperado que caiu lá no meio de uma lama lá dentro
- 1349 A1- do terminal ficou todo sujo/ eu sei que foi terrível/ eu disse filho você vai lá em casa
- 1350 A1- e passa pra mim todos os dados que a gente sempre deixa alguma coisa no quadro lá
- 1351 A1- de emergência... aí eu disse vai lá pra mim ( ) que eu pago que eu tô sem celular...
- 1352 A1- aí tu liga conta tudo pra ele tudinho... só que aí não tinha rastreador/ nada disso a
- 1353 A1- gente perdeu o carro... uns três meses depois a ronda me ligou dizendo que tinha
- 1354 A1- encontrado o carro aí... com três pivetes dentro né que eles já tinham comprado de
- 1355 A1- um outro cara por R\$ 7.000,00 e nisso eu fui lá vê as fotos do cara, mas só que não
- 1356 A1- era ele/ realmente não era ele... os meninos que estavam no carro/ o cara que estava
- 1357 A1- no carro aparentava ter 30 anos e esses no mínimo tinham uns 17 ou 18 anos por
- 1358 A1- aí... não era/ e eu não podia acusar uma pessoa que não era... aí eu deixei pra lá/ e
- 1359 A1- como a gente pagava seguro/ pagava seguro só não tinha rastreador... a gente pegou
- 1360 A1- o dinheiro do seguro comprou outro carro e inteirou né/ porque não dava pra cobri...
- 1361 A1- é:: o valor/ aí a gente pagou e comprou outro carro... foi até esse que eu tenho agora
- 1362 A1- entendeu... então:: a minha experiência de vida é isso aí... então é isso
- 1363 P- Tá bom... então vou encerrar aqui/ que falar mais alguma coisa
- 1364 A1- Não... não sei se eu pude ajudar
- 1365 P- Sim... quero lhe agradecer pela/ pela participação, pela boa vontade de ter vindo aqui
- 1366 P- e ter contado um pouco da sua história e aí... eu tô encerrando aqui então a segunda
- 1367 P- parte da história de vida da









## APÊNDICE I - RELATO DA HISTÓRIA DE VIDA (A2)

Primeira Parte – 13/11/2019

P = Pesquisador

A2 = Aluno do terceiro ano do ensino médio

01 P- Eu estou aqui com o A2... ele está matriculado no 3º ano do ensino médio e também

02 P- é aluno da Escola Estadual Padre Luis Ruas: e vou pedir a ele que conte um pouco a sua

03 P- história

04 A2- Meu nome é A2... ( ) estudo na Escola Padre Luis Ruas/ cursando o

05 A2- 3º ano... vou falar um pouco da minha história/ infância é:: ((silêncio)) quando na

06 A2- infância eu tive um problema de uma doença... que/ qual eu não podia... respirar/ eu

07 A2- tinha um problema de coração grande e... então eu não tinha uma respiração boa para

08 A2- respirar então até pra mim:: entrar na escola eu... eu queria que era no... ali no colégio

09 A2- Tiradentes onde eu cursei o meu 1º até o 3º ano... aí então eu tive um problema muito

10 A2- grave... eu perdi a minha memória né/ perdi minha memória/ eu fiquei... sem estudar::

11 A2- trinta anos... então aí depois que eu... que eu aceitei Jesus também como ( ) da minha

12 A2- vida... que Deus me curou/ eu tive uma cura instantânea... só Deus me curou que eu

13 A2- tinha um problema de coração grande eu não podia respirar que eu tinha uma asma:

14 A2- muito grave né... então só que: impossibilitava de eu respirar de:: trabalhar até mesmo/

15 A2- não podia nem fazer muito esforço que sentia um cansaço... muito grande... resumindo

16 A2- eu... senti que eu tinha que estudar de novo/porque eu sabia/ até no 3º ano eu estudava

17 A2- eu tirava boas notas... tirava 10 em matemática/ em tudo eu tirava 10

18 P- Você é daqui de Manaus?

19 A2- Sou de Manaus...

20 P- E no caso você estudou até o 3º ano... fala um pouco mais dessa perda de memória

21 A2- Rapaz essa perda de memória aconteceu assim dia pra noite: porque eu sabia/ eu sabia

22 A2- fazer tudo: mas depois que eu perdi deu um branco total/ total mesmo que... perdi toda

23 A2- a inteligência que eu tinha a capacidade de escrever que eu fazia o 3º ano: eu sabia

24 A2- muita coisa... eu tinha um... um sonho que era ser administrador né/ fazer

25 A2- administração... eu queria ser juiz de direito já tinha esse sonho desde criança... mas

26 A2- infelizmente eu tive esse problema aí

27 P- Eram duas ideias [[administrador]]

28 A2- [[Administrador]] ou fazer direito/ pra ser juiz de direito

- 29 P- E os seus pais...fala um pouco desse ambiente familiar: da sua família... quantas pessoas
- 30 P- moravam na casa/ irmãos
- 31 A2- Na minha casa morava meu pai, minha mãe/ nós somo em 5 irmãos... que era eu/ o...
- 32 A2- era o mais velho, eu era o segundo... era a terceira... o quarto e o... o quinto que era o
- 33 A2- caçula...
- 34 P- Todos ainda...
- 35 A2- Estão vivos/ não só... meu pai já se foi
- 36 P- Mãe e pai
- 37 A2- Não... mamãe tá doente, ela também já perdeu a noção das coisas ela/ ela tem 85 anos/
- 38 A2- completou esse ano 85 anos né... então ela não tem noção da coisa... então terminando
- 39 A2- o ano agora de 2017... ela ainda andava com as pernas dela/ hoje em dia não/ hoje tem
- 40 A2- que carregar/ minha irmã: cuida dela/ dá banho, limpa, dá: alimentação dela, dá o que
- 41 A2- ela precisa mas... ela já esqueceu das coisas/ tá só esperando a hora... Deus levar ela...
- 43 A2- mas a gente tem cuidado dela/ tem ajudado ela... dando alimento né...não pode faltar...
- 44 A2- mas até então ela não tem marido, porque o marido dela/ ela casou mas ele teve que
- 45 A2- servir o exército/ ele teve que buscar um documento... lá fora/ lá num: na Bahia... aí
- 46 A2- numa confusão deram... uma facada nele... morreu... ela têm 3 filhas ((uma de suas
- 47 A2- irmãs?)) como ela não tem marido agora ela cuida da minha mãe: ela dá essa ajuda né
- 48 P- E quando você... quando você perdeu essa memória, você lembra se você foi ao médico,
- 49 P- se seus pais tentaram...
- 50 A2- Foi/meu pai/ eu fui ao médico: até então não resolveu nada não porque eu não cheguei
- 51 A2- a tomar remédio... mas eu só voltei:: a minha memória só voltou assim não: toda... eu
- 52 A2- esqueci muita coisa... e aos poucos eu aceitei Jesus/ Jesus fez essa obra na minha vida
- 53 A2- me curou do coração né que eu tinha um problema muito grande de coração/ e coração
- 54 A2- grande e asma, aquela asma que:: puxava mesmo muito ( ) mas aí/ depois disso aí eu
- 55 A2- senti vontade de estudar... aí eu voltei pro colégio fiz o 3º, passei pro 4º né/ quarto ano
- 56 P- Em que época mais ou menos
- 57 A2- Isso aí é em 86
- 58 P- Quanto tempo você ficou fora da escola
- 59 A2- 30 anos... de lá prá cá
- 60 P- Você nasceu em qual ano
- 61 A2- Eu sou de 68 tenho 51 anos... aí: fiz aquele supletivo/ segundo grau que tinha: cheguei
- 62 A2- no quarto ano... aí depois eu parei e voltei de novo... eu arrumei um trabalho e... e eu
- 63 A2- tinha perdido a memória... porque não sabia quase escrever direito né os conteúdos já

- 64 A2- num: então por isso é... eu tive necessidade de voltar pro colégio pra mim estudar né/  
65 A2- porque às vezes ( ) eu fui no DB de auxiliar de estoque então tem que mexer, conferir  
66 A2- mercadoria e às vezes eu sentia que não conseguia lê correto lia errado então eu senti  
67 A2- vontade de voltar de novo estudar... que é pra mim alcançar meu objetivos né: que é  
68 A2- terminar o ensino médio/ o fundamental... vou pro ensino médio/ talvez eu...  
69 A2- fazer superior né  
70 P- Certo  
71 A2- Aí foi uma batalha... com muita dificuldade eu consegui... aí consegui um emprego/  
72 A2- passei nos testes todinho foi no tapajós ( ) aí eu não tinha informática básica... e por  
73 A2- isso eu não fiquei na empresa... aí eu estava sem estudar eu voltei o que que eu fiz: fui  
74 A2- fazer o fundamental o EJA naquele Belchimol que fica ali perto da circular ( )  
75 P- Mas isso depois do: assim vamos tentar estabelecer uma linearidade por exemplo como  
76 P- foi a sua adolescência?  
77 A2- Bom minha adolescência/ eu não reclamo da minha adolescência porque eu aproveitei  
78 A2- minha adolescência né  
79 P- De que forma?  
80 A2- Brincando ((risos)) fazendo as coisas e aproveitei minha adolescência todinha/ não  
81 A2- fiz nada... não me meti em drogas... nem bebedice esses negócios, porque também não  
82 A2- bebo: graças a Deus né porque meu pai e minha mãe me davam muito conselho/ nesse  
83 A2- tempo era eu e outro irmão mais velho... então quando eles saíam já deixavam a  
84 A2- responsabilidade pra nós cuidar da casa/ fazer o que tinha que fazer e esperar até eles  
85 A2- chegarem/ que eles iam trabalhar/ quando eles voltavam né...  
86 P- E nesse tempo a escola:: ela/ você não pensava em voltar?  
87 A2- Nesse tempo da infância eu...  
88 P- Da adolescência ((não deveria ter corrigido este ato falho do participante))  
89 A2- Da adolescência eu não estava na escola ainda... fazia ((silêncio)) estudava particular...  
90 A2- que ele pagou particular né... ((10:00 min)) antes de: eu começar estudar ( ) igual...  
91 A2- uma/ como que é... reforço/ pra poder/ porque a gente/ não fizemos alfabetização né...  
92 A2- pagava para ter esse reforço pra nós: aí quando eu entrei no colégio: aí fui aprendendo  
93 A2- as coisas, passei pro 1º, passei pro 2º... aí pro 3º  
94 P- Mas com qual idade você entrou no colégio?  
95 A2- Eu tinha 9 anos  
96 P- Com 9 anos você entrou na::  
97 A2- No colégio... perto do colégio Tiradentes lá no Petrópolis

98 P- Então você tinha 9 anos... e o seu irmão também?

99 A2- Ele já era mais velho/ ele já tinha uns:: 12

100 P- E ele estudava?

101 A2- Estudava também fazia mesmo do lado que era nós dois/ SÓ que ele não concluiu né:

102 A2- ele também parou: na 5ª série daqui da minha família só quem tá chegando no Ensino

103 A2- Médio sou eu: depois das coisas resolvi ( ) pra poder... aprender e dar um futuro pro

104 A2- meus filhos... ((o sentido do estudo com uma forma de se ter uma vida mais

105 A2- confortável)) educação, porque sem emprego ninguém é ninguém

106 P- Então você entrou com os 9 e estudou até os 12 anos... não precisa ser exato/ mais ou

107 P- menos com 12 anos você teve a perda da [[memória]]

108 A2- [[A perda da memória]] total... eu fiquei assim sem noção das coisas: entendeu...

109 A2- porque aí eu queria ir pro colégio

110 P- Mas você lembra um pouco hoje em dia dessa/ dessa fase?

111 A2- Eu me lembro... porque aí eu queria ir pro colégio e chegava no colégio e ficava sem

112 A2- fazer nada... então aí a:: diretora conversou com os professores, chamaram meu pais,

113 A2- conversaram lá... eles me lavaram no médico mas eu não tive eu parei total disso aí...

114 A2- não voltei mais estudar não/ nunca mais... e já pulou ((silêncio)) 86/ com 17 anos que

115 A2- eu:: fui pro exército né/ naquele tempo no exército e não passei também/ quer dizer

116 A2- eu passei ((esquecimento n. 2)) mas num: num fiz o exército porque... naquele tempo

117 A2- as coisas eram muito pesada no exército... eu até falei com o Sargento/ o Sargento

118 A2- falou “rapaz fala com o capitão” falei com o capitão e contei minha situação que eu

119 A2- estava trabalhando também e precisava ajudar minha mãe né

120 P- Você trabalhava com o quê?

121 A2- Eu trabalhava de: estiva na importadora DB... é carga e descarga

122 P- Na adolescência isso...

123 A2- Na adolescência/ aí... depois de um tempo eu precisei voltar a estudar né... depois do

124 A2- exército já com 17, 18, 20... com 25 anos... aí que eu fui voltar a estudar, fui fazer o

125 A2- fundamental... consegui com muito sacrifício: terminei... aí eu não entrei no Ensino

126 A2- Médio né/ e até então porque... com 20 eu casei né: conheci minha esposa, eu casei,

127 A2- tive... 5 filhos... que é o... ( ):: ( )... ( )... ( ) e

128 A2- ( )... aí o ( ) estudou e teve problema também/ negócio da

129 A2- linguagem também né/ que é meu filho teve esse problema aí

130 P- Quem?

- 131 A2- O... ( ) que era o mais velho teve um tumor na cabeça... o médico deu...
- 132 A2- ((silêncio)) 15 horas assim de vida pra ele... aí como a gente fez/ como a gente é
- 133 A2- evangélico eu e minha esposa... que ( ) já tinha operado um milagre na nossa vida
- 134 A2- né... vá pra casa pegue ele e vá pra casa... ela pegou ele e foi pra casa/ ela tinha muita
- 135 A2- fé em Deus né... pois o tumor na cabeça dele estourou... e ela puxou aquela secreção
- 136 A2- foi para o hospital falar com o doutor... aí lá fizeram aquela limpeza tudinho/ só que
- 137 A2- ele também perdeu metade da memória dele... mas não toda/ e até então ele ganhou
- 138 A2- outra benção também porque:: ele nunca fez mecânica nem nada: e sabia montar... de
- 139 A2- mecânica de moto, de carro, ele sabia montar uma moto todinha... sem estudar... aí...
- 140 A2- isso foi uma benção também né: aí ele também estava no 9º ano/ no 8º para ir pro 9º
- 141 A2- ano... ele/ veio acontecer esse problema aí com ele... dele perder ( ) ele não estudou
- 142 A2- mais daí
- 143 P- E os outros filhos/ são 5 homens né?
- 144 A2- É:: ( ) concluiu o estudo dele mas antes disso deixa eu lhe falar...minha::
- 145 A2- esposa teve uma doença ela estava com cisto no ovário
- 146 P- Como você conheceu ela?
- 147 A2- Minha esposa eu conheci em casa/ eu ficava em casa aí:: minha mãe com meu pai
- 148 A2- tinha: uma coisa assim de:: ( ) criança para ajeitar o pessoal ( ) que às vezes está
- 149 A2- dopado ou ( ) mexer com isso... então ele botava no lugar né ((parece-me que o pai
- 150 A2- de A2 ajudava as pessoas que sentiam dor))
- 151 P- Tanto a sua mãe como o seu pai
- 152 A2- Não só o meu pai...
- 153 P- Mais ele rezava também?
- 154 A2- Rezava também... aí... essa moça que foi lá/ sentia dor no pé/ aí um dia ela levou a
- 155 A2- minha esposa a ((Cléo)) que era amiga dela... aí eu conheci ela assim que lá em casa
- 156 A2- tinha uma mangueira e ela “o Sr. pode tirar uma manga lá” daí cortei o dedo ela... daí
- 157 A2- começou/ eu conheci ela aí desse jeito... daí fui na casa dos pais dela/ conhecer o pais
- 158 A2- dela pedi ela em namoro/ casemo, tivemos nossos filhos... aí começou a luta né...
- 159 P- Vocês estão juntos até hoje?
- 160 A2- Não ela já se foi... sou viúvo a 6 anos... ela teve uma doença/ ela teve um cisto no
- 161 A2- ovário e uma pedra na... no rins... essa pedra doía muito né... aí ela... foi lá no médico
- 162 A2- fazer exame tudo... aí o médico... ((a fala de A2 é intercotada )) tava tratando
- 163 A2- o início do relato)) dela de repente do dia pra noite ela pegou uma anemia:
- 164 A2- muito forte/ ela era forte pesava cento e pouco, ficou só pele e osso... então ela estava

165 A2- sendo cuidada ali no:: perto da: da arena ali naquele hospital... Sec Secon((FSECON  
166 A2- Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas)) não o outro lá  
167 A2- perto do Secon é o Tropical o Dr. Estava dando remédio pra ela cuidar da anemia  
168 A2- pra poder fazer essa cirurgia pra tirar o cisto e a pedra dos rins: enquanto isso ela não  
169 A2- podia eram 7 semanas: eu levava ela tomava remédio tudo: quando chegou na quarta  
170 A2- semana nós chegamos em casa às 6 horas... ela começou a provocar/ provocar... falou  
171 A2- “me leva no médico” eu disse não vou te levar hoje não/ vou te levar amanhã/ vou te  
172 A2- levar no sábado... a irmã dela ligou e perguntou “como é que está a...” rapaz ela  
173 A2- tá provocando... “não quer levar ela no hospital pra ela tomar remédio de novo” eu  
174 A2- disse não vou levar ela amanhã ela disse “não vem aqui logo eu pego o carro” peguei  
175 A2- e levei ela no João Lúcio... chegou no João Lúcio fizeram exame tudinho de novo  
176 A2- deu a pedra nos rins e também o: cisto no ovário né/ pedra nos rins e cisto no ovário  
177 A2- ((presença do outro – com o minúsculo no discurso do sujeito)) e essa anemia aí eu  
178 A2- cheguei e perguntei pra Dra. Dra. A Sra. vai operar ela? “Ela disse não: vou cuidar da  
179 A2- anemia dela e vou ( ) da mulher no 28 de agosto” aí chegou dois doutores desses  
180 A2- antigão/ desses velhão: perguntou “o que que ela tem?” “ela disse olha tá com: pedra  
181 A2- nos rins: e cisto no ovário e: uma anemia: anemia” “Tá bom bota ela aqui que eu vou  
182 A2- ver aqui” ((disseram os médicos)) botou lá mexeram no ultrassom/ aparelhos lá... aí  
183 A2- eles disse assim: “a gente dá um corte bem aqui e outro assim igual um L... tá” aí a  
184 A2- Dra. disse “olha ela está com uma anemia profunda” uma anemia profunda como  
185 A2- é que vai aguentar uma cirurgia... aí “bora prepara lá uma bolsa de sangue pra ela”  
186 A2- como ela também queria ficar boa né tirar isso logo... ela foi... mas aí eu já que ela...  
187 A2- já estava indo embora sabe... eu cuidei dela ATÉ o último dia de... devida  
188 A2- dela/ antes dela entrar para a cirurgia... aí eu vi que as pálpebras dela/ uma já havia  
189 A2- fechado ( ) estava fechando aí... quando foi umas 6 horas que foram legar ela pra  
190 A2- cirurgia/ me despedi dela ( ) eu não posso fazer nada é tudo Deus::  
191 P- Qual a idade que ela tinha?  
192 A2- 45... ela é da mesma idade/ ela e eu/ de 68 também só que:: eu fazia em:: dia 01/10 e  
193 A2- ela fazia no dia 24/01/ era a mesma idade mesma coisa... e aí quando foi/ eu fiquei lá  
194 A2- do lado de fora aí quando o médico chegou já era outro médico eu disse aí Dr. você  
195 A2- fez a operação? “pois é eu tirei o ovário o cisto” eu disse e a pedra nos rins? Ele disse  
196 A2- “não estamos esperando o corpo: reagir. pra poder tirar a pedra” mas se já não partiu  
197 A2- por que não já tiraram logo? Ele disse “não tem que esperar o corpo reagir” aí tava  
198 A2- lá no canto lá; dele... mas que nada já tinham matado ela... ( ) depois ele me chamou

199 A2- e disse “olha tem outra coisa eu tirei o pâncreas dela” não tinha nada haver os órgãos  
200 A2- dela estavam tudo bom... o problema era a anemia que era muito forte...prejudicou  
201 A2- muito ela e esse negócio aí não tava muito não ( ) maligno/ aí depois ele me chamou  
202 A2- de novo e...“o tecido dela furou” aí deu hemorragia dentro lá/ na hora com certeza  
203 A2- eles mexeram e cortaram tudo lá... ela veio a óbito... aí fui pra lá... aí tava num quarto  
204 A2- assim cercado coberto: aí só fazia dá aquele soprão na máquina lá né aí ela inchava...  
205 A2- aí foi tentar tirar o pâncreas pra ver como é que tá... mas aí tocou a campainha direto  
206 A2- cortou ( ) escorreu tudo pra cima ( ) sobrevivência ( ) mas quando chegaram ela já  
207 A2- estava morta... aí foram colocar o nome sabe onde o cara colocou nos seios:: aí eu  
208 A2- fiquei assim: aí eu fui lá o Sr. não trabalhava aqui no Petrópolis de: quando eu estava  
209 A2- parado eu trabalhava de:: serviços gerais/ fazendo limpeza, capinando, lavando  
210 A2- calçada, podando árvore... eu e ela  
211 P- Vocês trabalhavam juntos?  
212 A2- Trabalhávamos juntos... aí... depois disso eu cheguei com... muito patrão meu aí que  
213 A2- hoje é: advogado né ( ) eu cheguei lá com ele e disse Sr.... minha esposa  
214 A2- morreu assim, assim contei pra ele/ aí ele... como ela tava com A:: anemia ela não  
215 A2- tinha que fazer uma operação... então a outra Dra. disse que não ia operar ela mas  
216 A2- os médicos foram fazer a operação assim mesmo e mataram a minha esposa, tiraram  
217 A2- o pâncreas, furaram o intestino... ( ) entrar com::: na delegacia... fazer o: B/ B.O. e:  
218 A2- e processar o hospital e o médico: e o Estado e o médico... por causa disso... porque  
219 A2- não era pra ter acontecido isso: mas aí eu já tinha enterrado né: falei com meus filhos  
220 A2- meus filhos conhecem ele... entrega na mão de Deus porque Deus é maior: porque  
221 A2- esse pessoal tem dinheiro e fica... por isso  
222 P- E como foi essa/ essa perda pra você?  
223 A2- Rapaz essa perda foi muito... ( ) eu só peço a deu que ela é minha companheira, a  
224 A2- gente batalhava junto...os filhos também eram agarrados com ela... ( )  
225 A2- também perdeu aula por causa disso ele ficou sem estudar acho que uns... 10 anos...  
226 A2- ele era muito agarrado/ nesse tempo acho que ele tinha uns 13,14 anos... isso foi de  
227 A2- 2013 ((falecimento de sua esposa))... aí ele não queria mais estudar/ perderam aula/  
228 A2- esse outro que era um rapaz estudioso... fazia no colégio estudava sempre com  
229 A2- ela/ ela rindo cuidava dele/ ficou com ele desde pequeno... nenhum, meus filhos até  
230 A2- hoje não mexe com drogas não bebe... são tudo direitinho GRAÇAS A DEUS a ela e  
231 A2- eu que a gente que botou no mundo: então eu saia pra igreja com ela a noite... aí uma  
232 A2- vez ele estudando ele precisou estudar... no Maria Teixeira Góes

233 P- O...

234 A2- Não...

235 P- seu filho... ele é o caçula?

236 A2- Não caçula é o... ele é depois do segundo... ele tava [[fazendo]]

237 P- [[Como assim depois do segundo]]?

238 A2- É porque eu... não depois do primeiro/ ele era o segundo, depois do primeiro

239 P- Certo

240 A2- Ele era o segundo... aí estava fazendo já a 8ª série/ começou agora/ ele queria entrar

241 A2- no IFAM né... ele fazia curso lá pra fazer:: pedagogia... aí ele foi lá com ela/ aí o cara

242 A2- falou assim “ó: aqui não entra qualquer um não: o cara tem que estudar muito” aí ele

243 A2- ficou ass/ meio triste: aí a mãe dele como ela tinha muita fé em Deus ela disse “você

244 A2- quer estudar aqui” ele disse “eu quero mãe” ela começou orar com ele em casa aí foi/

245 A2- aí nesse dia ele foi estudar: aí veio do IFAM... abriu lá umas portas pros alunos fazer

246 A2- uma prova e estudar lá/ aí ele veio aqui pro Maria Teixeira Góes/ 7 vagas/ das sete

247 A2- vagas só ele que... ((silêncio)) foi abençoado por Deus...

248 P- E ele fez o curso

249 A2- Fez/ fez a prova só ele que passou... então ele terminou lá o Ensino Médio...fez lá e

250 A2- tava fazendo pedagogia/ CUIDAVA da secretaria que era tudo bagunçado lá ( ) ele

251 A2- ajustou tudinho... aí então chegou o reitor né/ queria... o cara que manda lá dentro/

252 A2- queria até fazer o:: posto de reitor que ele era pró-reitor que... Rio de Janeiro deixava

253 A2- ele cuidando de tudo lá... até dos cursos que vinha, às vezes ia um pessoal lá com os

254 A2- professor/ não sabiam de nada e ele já sabia de todos os cursos tudinho porque ele

255 A2- tinha acesso lá no:: centro né/ então ele interagiu com todos/ era ( ) esse meu filho/

256 A2- até hoje... aí como eu tava procurando ( ) eu comecei trabalhar e ele tava querendo

257 A2- fazer odontologia... ele entrou/ fez a prova passou aí fomos lá ( ) só que tinha que

258 A2- comprar a farda tudinho né, farda, sapato tudinho... bancar também a: passagem aí eu

259 A2- quando eu tinha muito serviço e... o pessoal começava a tomar dinheiro do pessoal

260 A2- né... cancela conta/ emprestar dinheiro

261 P- Como era essa época que você tinha muito serviço?

262 A2- Que aqui... serviço eles não davam pra qualquer um sabe... eles só me davam porque

263 A2- o meu serviço e da minha esposa era bem feito... então o pessoal gostava muito/ não

264 A2- tinha outro aqui pra fazer esse serviço e ERA um/ um atrás do outro a gente

265 A2- saía de um canto e ia pro outro entendeu/ então eu ganhava bem/ eu faturava às vezes

266 A2- até R\$ 2.000,00 por mês: dependendo do serviço/ até mesmo de pintura o rapaz/ o Sr.



- 267 A2- que trabalha com imobiliária... contratou uma empresa com um pessoal
- 268 A2- que fazia japonês lá naquele conjunto dali do: do distrito/ esqueci o nome... aí foram
- 269 A2- pintar lá/ a empresa/ tinta toda escorrida/ ele tava vendo eu pintar ele disse “ei você
- 270 A2- não sabe pintar não: estou com um apartamento para pintar faz duas semanas foi uma
- 271 A2- empresa lá deixaram tudo escorrido” fica feio a tinta assim escorrido: rapaz eu sei eu
- 272 A2- topo/ foi eu e ela... que ela é formada em arte também... ((30 min)) sabia
- 273 A2- fazer muita coisa... aí... eram 75 m<sup>2</sup> metemo ( ) tudinho, lixemo e fizemos a pintura
- 274 A2- lá/ pro japonês lá/ pra ele... uma semana ele vendeu o apartamento nas janelas, nas
- 275 A2- portas ela pintava... então eu agradeço muito a Deus por essas coisas que ele me deu
- 276 P- Você mencionou que ela era formada em artes? ((Imaginário))
- 278 A2- Era: arte... é... fazia aquele coisa também... esqueci/ ela fazia maquete entendeu/ até
- 279 A2- então quando ela começou também no: vou falar um pouquinho dela/ no Belchimol
- 280 A2- também estava agarrada no estudo dela/ aí terminou o ensino médio/ fundamental/
- 281 A2- inclusive ela terminou o terceiro também no Padre Ruas... então lá no Belchimol era
- 282 A2- muito... carente lá que no/ você sabe se a escola não vai pra frente não vem auxílio
- 283 A2- né... então nesse tempo ela fez uma maquete pro... do gás de Coari... todinho aquele
- 284 A2- negócio todinho ela sabia fazer a maquete... teve reportagem e tudo lá ele foram
- 285 A2- primeiro nela... aí... convidaram ela pra ir com o pessoal lá no Coari/ pra ver lá né...
- 286 A2- daí outro/ pediu outra maquete pra ela...já outro pediu pra fazer aquela base da
- 287 A2- aeronáutica da: não sei do que lá... ela também ficou em 1º lugar/ o pessoal agradecia
- 288 A2- muito ela... com isso lá no Ma/ Padre Luis Ruas também... ela fez a base naval, fez
- 289 A2- aquela... aqueles moinhos da Holanda né aqueles moinhos aqueles negócios lá ela fez
- 290 A2- uma maquete tirou o 1º lugar ela terminou o 3º ano aí no Padre
- 291 A2- Luis Ruas... ela ia fazer DIREITO: ela queria ser advogada mas aí já veio esse::
- 292 A2- acontecer esse: contratempo aí/ essa doença/ ela...
- 293 P- E hoje vocês moram próximo à escola?
- 294 A2- Moro... moro ali perto do Maria Teixeira Góes... da rua ali onde era lá eu moro mais
- 295 A2- ali na frente assim uns 500 m
- 296 P- E quem... você e quem mora nessa casa?
- 297 A2- Agora mora eu o ( ) e o outro meu filho... ( ) dos três dois ( )
- 298 A2- tá casado e o outro é que ( ) faz faculdade ele saiu com o outro meu filho mora lá
- 299 A2- perto da faculdade né/ perto ali do Barcelona ali...
- 300 P- Qual faculdade?

301 A2- Dom Bosco... ele fez lá/ deixa eu ir lá de volta com ele de novo... aí eu não paguei lá

302 A2- a roupa dele todinha da faculdade de odontologia/ porque ia ser odontologia e fez

303 A2- também lá... odontologia não...

304 P- Odontologia?

305 A2- É... ontologia e professor é o quê? Pedagogia: ele tava nas duas faculdades... lá que é

306 A2- contramão né... de lá do:: da Torquato pra ele vim pra cá/ essa daí fica perto de casa

307 A2- mas nesse tempo quando eu tava com muito serviço/ comprei a farda todinha, pagava

308 A2- a passagem dele/ já tava com um mês já/ primeiro período: aí depois caiu o serviço...

309 A2- de primeiro começou a apertar aí aquela/ começaram a meter a mão no dinheiro do

310 A2- pessoas e a tirar...

311 P- Quando exatamente que você percebeu que os serviços começaram a:: a diminuir?

312 A2- Rapaz já em 2017... já caiu muito o serviço... não tinha mais o que fazer/ eu disse pra

313 A2- ele ó... fecha lá... e fica na: pedagogia até dar um jeito ali perto de casa dá pra ti ir/ é

314 A2- perto/ e ele foi perto/ até que trancou/ a UNIP direto pra ele ligando pra ele voltar pra

315 A2- terminar/ não tem condições... aí ele foi pra: pro Dom Bosco/ aí a pedagogia fez

316 A2- tudinho/ naquele tempo também não tinha computador, não tinha nada/ só celular...

317 A2- estava desempregado: ele chegava em casa com cada bolo de papel de trabalho desse

318 A2- tamanho para ele fazer tudo no celular... mais ele foi um vencedor que ele conseguiu

319 A2- ((educação – vencedor))... passo/ já terminou esse ano/ outro/ ano passado

320 A2- ele terminou, já concluiu, estagiou pela:: na:: SEMED né com a faculdade/ a SEMED

321 A2- a faculdade lá... faltava um ano pra ele terminar/ estagiou como professor também

322 A2- lá no colégio lá/aí ele tinha um salariozinho né... até terminar/ quando terminou... ele

323 A2- saio do emprego/ aí eu acho que agora ele tá fazendo também: é superior:: é superior

324 A2- é:: pós-graduação... é?

325 P- é? ((devolvi a pergunta))

326 A2- Pois é ele tá fazendo isso aí também/ só que a faculdade lá queria pegar ele pra

327 A2- faculdade... porque ele: de tudo que fazia: ENEM ele passava em tudo isso/ só não

328 A2- passou... naquele público lá...Estado como é:: concurso público ((A2 solicita que eu

329 A2- complemente seu raciocínio)) / ele ajudou as amigas dele tudinho passar e ele não

330 A2- passou por causa de 1 ponto: ( ) mas tá bom... fez lá terminou... pedagogia: aí ele tá

331 A2- vendo o mestrado dele... mas ele: é um garoto também que faz tudo sabe... puxou pra

332 A2- mãe dele também... fazia maquete também esses negócios ((trecho repleto de pausa

333 A2- entre as palavras))

- 334 P- Deixa eu lhe dizer... você mencionou sua relação com religião... você pode falar
- 335 P- um pouquinho/ qual religião/ quando que você...
- 336 A2- Deixa eu começar lá:: do: depois que Deus me curou da... desse coração grande e da
- 337 A2- alma que eu tinha... aí teve/ eu era magrinho não tinha perna/ era bem magrinho: bem
- 338 A2- magrinho... agora que eu já estou assim, engordei ganhei peso... aí eu tive meus
- 339 A2- filhos... aí tive o... é o terceiro:: quando ele era pequeno/ eu morei alugado... ( )
- 340 A2- moramos alugado um ano/ só que nessa casa a mulher queria vender a casa... aí ela
- 341 A2- nunca vendeu porque:: os que moravam... lá: num limpavam era ( ) todo tempo sujo
- 342 A2- aí... não conseguia vender/ aí:: no tempo que a gente morava lá... a mulher cuidava
- 343 A2- de tudo: limpava quintal... limpava até lá a casa da mulher lá... quando foi com dois
- 344 A2- meses ( ) aí:: eu trabalhava no DB ((supermercado de Manaus)) de auxiliar de
- 345 A2- estoque, tinha pegado uma promoção de serviços gerais para auxiliar de estoque...
- 346 A2- tava com um ano e sete meses
- 347 P- Mais só pra eu entender... você comprou a casa ou outra pessoa comprou a casa?
- 348 A2- Não: outra pessoa comprou
- 349 P- Comprou a casa que você [[morava alugado]]
- 350 A2- [[É...É agente morava alugado]] a gente não sabia/ aí a mulher chegou, eu estava
- 351 A2- trabalhando/ demorei cheguei era umas meia noite né/ ENTÃO nós morava em cima
- 352 A2- era dois andar e tinha um janelão assim que ia até em baixo:: ( ) a mulher disse que
- 353 A2- ela orou pra Deus pediu pra Deus deixasse uma casa pra nós que a gente ia sair dali...
- 354 A2- aí pra resumi/ aí entrou o:: o recursos humanos ( ) acho que em 93: entrou o recursos
- 355 A2- humanos/ então o que a empresa fez/ DB deu a conta da empresa toda pra pegar pelo
- 356 A2- recurso... eu tinha 1 ano e sete meses/ nesse tempo era no cruzeiro ainda... minha
- 357 A2- indenização nesse dia eu peguei 13.500,00 de indenização... aí então minha esposa/
- 358 A2- ela já tinha... achado uma casa aí apareceu um/ que ela trabalha lá com ele ( ) um Sr.
- 359 A2- no Japiim ele disse “eu tenho uma casa na Colônia Antônio Aleixo... ali perto das
- 360 A2- favelas” ficava de frente pra/ era ( ) 70cm de frente por 100 de fundo/ era igual um
- 361 A2- sítio... a casa ela media/ era uma casa ((40 min)) velhinha/ ela media... 6m de
- 363 A2- comprimento e 5... 6 e 2m de largura ( ) 2m de largura só... velhinha/ naquele tempo
- 364 A2- era 100 mil: mais eu tinha 13 mil/ naquele tempo o cruzeiro valia muito: eu podia ter
- 365 A2- comprado uma casa/ eu ia comprar no São José/ tinha no São José/ tava naquele
- 366 A2- tempo... confusão de:: invasão esses negócios e... disse rapaz vamos sair daqui que
- 367 A2- isso não vai dar certo não... aí comprei ( ) “rapaz eu quero 100 mil” eu estava com

- 368 A2- dinheiro toma comprei peguei o recibo... e fomos pra lá... até então/ aí chegemo lá e
- 369 A2- limpamo tudinho
- 370 P- E essa casa é a que você está até hoje?
- 371 A2- Não: essa casa eu já troquei/ porque lá eu fiz um casarão lá com o dinheiro que eu
- 372 A2- tinha... inclusive o cara que morava lá... o cara tinha morrido
- 373 P- Onde foi a casa [[que você comprou?]]
- 374 A2- [[Na Colônia Antônio Aleixo ]] Colônia Antônio Aleixo/ perto da Sovel... que era
- 375 A2- fábrica de plástico lá de papelão... aí o boato que corria lá nesse terreno que era cheio
- 376 A2- de buraco no terreno e o pessoal botando dinheiro... do cara que tinha morrido deixou
- 377 A2- um dinheiro aí/ eu chamei meu pai/ meu pai nesse tempo meu pai ainda estava vivo
- 378 A2- ele: meu pai era bombeiro carpinteiro de tudo ele sabia fazer: pra me ajudar pra fazer
- 379 A2- a casa/ comprei o material todinho
- 380 P- E ele tinha concluído os estudos seu pai?
- 381 A2- Tinha... terminou/ ele era:: delegado de Apuá ((imaginário?)) depois que ele veio pra
- 382 A2- Manaus ( ) conheceu minha mãe aí... ele terminou o estudo dele/ minha mãe não/
- 383 A2- minha mãe nunca estudou/ até então que ela era índia né... minha mãe era índia...
- 384 P- Você sabe qual a etnia?
- 385 A2- Não, não... isso eu não sei não
- 386 P- De qual: de qual município ela é?
- 387 A2- Ela era de Itaquatiara... é Itaquatiara... o pai dela que era meu avô/ ainda conheci meu
- 388 A2- avô/ do meu pai não: da parte dela eu conheci/ o pai dela era índio mesmo... meu pai
- 389 A2- já era descendente de: português, turco e italiano... ele era ( ) pois então/ aí... quando
- 390 A2- eu comprei... essa casa aí:: tinha ( ) dois aí nasceu o... ( )
- 391 A2- tava com: 1 ano... então ele andando por lá ele comeu aquele barrinho de lá... e esse
- 392 A2- barro... causou uma doença no fígado... e desceu o fígado dele... então... nesses dias/
- 393 A2- naquele tempo na ambulância não podia entrar dois porque tinha que ir só um... aí ela
- 394 A2- levou ele pro hospital/ chegou lá no hospital... ela ia 2 dias mas aí quando ela viu...
- 395 A2- uma criança morrendo em cima... da maca, da pedra lá... ela ficou com medo/ tanto
- 396 A2- que ela estava sem comer... e o médico disse “olha não deixa ela sair daqui... pra ela
- 397 A2- ficar aqui” lembrei o que ele ia fazer/ ia fazer uma cirurgia nele lá/ ele tava muito ( )
- 398 A2- era novinho ainda né: o fígado já estava estragado... aí o que que ela fez ela orou
- 399 A2- pra Deus aí trocou a segurança desse hospital: é lá no SECON/ trocou a segurança/
- 400 A2- então 8 horas da noite a: o:: o segurança chegou com ela “licença Sra. você já comeu
- 401 A2- alguma coisa” ela disse “não, eu nem almocei” “então tu deite pra lá: dorme e depois

- 402 A2- volta” ela se mandou pra casa ela tinha muita fé em Deus... nesse...
- 403 A2- tempo a gente:: congregava na universal lá no Armando Mendes
- 404 P- Você passou a frequentar a religião através dela?
- 405 A2- Através da minha... através da minha cunhada... nesse tempo eu tava numa... quando
- 406 A2- eu sai do DB/ que eu comprei a casa lá/ eu peguei meu irmão que ele trabalhava
- 407 A2- na ( ) que era na Itambé de leite...então ele me chamou “você não quer trabalhar
- 408 A2- tem uma vaga pra ti eu vou: vou... pro supermercado” ele trabalhava de promotor... e
- 409 A2- eu tá bom/ fui... e: eu tava lá na ( ) lá aí saiu um promotor lá porque fizeram...
- 410 A2- naquele tempo na americana/ que a... ( ) lançou... o negócio de uma ficha verde...
- 411 A2- quem tirasse a verde ia embora que tirasse a vermelha ia ser revistado... então o
- 412 A2- funcionário lá/ tinha uns 6, 5 anos lá... aí o cara achou de pegar umas latas nesse dia
- 413 A2- do: de chocolate, daquele doce de leite e tal... ele não sabia que... tinham feito isso lá/
- 414 A2- quando foi ele tirou a vermelha e foi revistar/ pegaram: ligaram pra empresa aí então
- 415 A2- pegou a conta/ até então o chefe nem: deu justa causa pra ele... ele ainda pagou e
- 416 A2- mandou ele embora/ aí eu vim trabalhar de: de repositor... promotor né... aí eu
- 417 A2- trabalhava fazendo rota de supermercado tudinho/ nesse tempo pra ti vê que eu tava
- 418 A2- trabalhando e você sabe que sem/ sem: sempre TEM:: gente que: tem inveja do
- 419 A2- camarada né/ aqui acolá que o cara trabalha mais outro trabalha menos/ escora né... e
- 420 A2- ganha ((risos)) e ganha o mesmo tanto que o outro ganha sem fazer nada... aí eu tava/
- 421 A2- fui tomar uma merenda lá:: em cima da americana tem um lanche lá... aí eu tomei um
- 422 A2- suco lá ( ) por causa desse suco deu o mal de ( ) sabe
- 423 P- Não... pode repetir
- 424 A2- Foi através desse suco eu peguei o:: uma doença que é... que é igual o mal de ( ) aí
- 425 A2- fura minha gengiva/ eu sentia muita dor... mas só que no... não aparecia assim/ mas o
- 426 A2- buraco... aí eu fiquei em casa nesse tempo/ perdi o emprego também por isso que era
- 427 A2- muita dor de dente inflamado... aqui ficava cheio de buraco ( ) de um lado pro outro,
- 428 A2- um lado pro outro/ aí eu/ que a min/ minha esposa fugiu lá do hospital/ no outro dia
- 430 A2- no domingo minha cunhada chegou lá
- 431 A2- P- Como assim ela fugiu?
- 432 A2- Ela fugiu porque o médico não queria que ela saísse... ele queria... fazer a cirurgia/
- 433 A2- parir o menino como ela viu: um sendo morto lá em cima da pedra aproveitou
- 434 A2- a troca de segurança e o segurança perguntou se ela tinha almoçado/ comido alguma
- 435 A2- coisa ela disse que não/ “então vá lá fora merenda e volte” ela foi atraves/ o intervalo
- 436 A2- que trocou o segurança/ ela fugiu veio embora pra casa veio chegar em casa 1 da

- 437 A2- madrugada... de sábado pra domingo... aí domingo apareceu a: irmã dela que é minha
- 438 A2- cunhada... que ela tava congregando na universal no Armando Mendes... aí ela
- 439 A2- convidou ela e ela foi e eu fiquei lá em casa tava todo lascado
- 440 P- E seu filho ((Marco Antônio)) também...
- 441 A2- Não ele já foi... porque ela:: a fé dela em Deus pra ele ser curado né... ele foi e tava
- 442 A2- naquela/ o Sr. já ouviu falar naquela campanha rosa de Saron/ Jesus é a rosa de Saron
- 443 A2- tal/ você lê a bíblia...
- 444 P- Não me recordo/ não, não me recordo
- 445 A2- Pois é... sempre tem essa campanha da rosa de Saron/ ela foi... ela fez essa
- 446 A2- campanha... resultado Deus curou esse menino/ hoje ele tá com:: Ele deve tá com
- 447 A2- uns: anos ele completou agora/ ele completa dia 13 de outubro: tá trabalhando: tinha
- 448 A2- deixado uns currículos: orei pra Deus/ Deus abençoou/ deixei na empresa gradiente
- 449 A2- e quando foi uma se/ na mesma semana: com 3 dias a empresa chamou ele/ ele tá lá...
- 450 A2- até hoje trabalhando lá... aí... Deus curou ele... do fígado/ ficou novinho o fígado dele
- 451 A2- de novo... então a gente só tem que agradecer a Deus por isso né... fé da mãe dele/
- 452 A2- porque ela era uma mulher de fé e orava muito sabe... pelos filhos ela dava a vida
- 453 A2- dela... quando foi no outro dia na segunda eu fui também/ já tinha curado o menino
- 454 A2- ( ) aí na igreja sempre tem a santa , tem o sangue do cordeiro de vez em quando ( )
- 455 A2- o corpo de cristo ((50 min)) sangue né... então foi instantâneo isso aí... eu curei/ com
- 456 A2- fé eu fui curado... aí voltou tudo ao normal minha/ meus dentes, sumiu o buraco
- 457 A2- fundo mas buraco feio mesmo e eu agradeço a Deus por isso/ daí então começamos
- 458 A2- frequentar a igreja, aceitar Jesus né... ela também/ começou fazer a obra de Deus
- 459 A2- também... a realizar... ajudar na obra
- 460 P- E você frequenta ainda hoje?
- 461 A2- Até hoje/ só que eu não estou na Universal, estou na Internacional da Graça lá na
- 462 A2- circular
- 463 P- Quanto tempo já/ assim muitos anos?
- 464 A2- Já: tô com uns 35 anos por aí em média: eu não deixo Jesus por nada/ ele já fez muita
- 465 A2- glória ( ) naquele tempo Jesus fazia: milagre/ a questão aí é a fé:/ A FÉ/ SE VOCÊ
- 466 A2- tem fé: você: tem um milagre instantâneo até mesmo se for na hora Deus opera um
- 467 A2- milagre e ele te cura... o que é a fé/ a fé ( ) alma morta né... e se não tiver alma, se
- 468 A2- não tiver fé também... não adiante nada/ por isso que tem que ter fé por ( ) algo
- 469 A2- especial de Deus... aí vem outro problema... aí veio esse meu filho também o...
- 470 A2- deu tumor na cabeça... Deus curou também/o médico deu 15 horas de

- 471 A2- vida pra ele/ pegue ele e vá pra sua casa: quando estourar:: pois é ela chegou em casa
- 472 A2- falou com Deus/ ela orava mesmo: buscava a crença de Deus: estourou... ele
- 473 A2- deitado no colo dela... aí saio escorrendo aí ela pegou o pano limpou levou ele lá pro
- 474 A2- hospital/ chegou lá limparam tudinho não aconteceu nada: mas ele perdeu: a: ( )
- 475 A2- memória dele: 50%... mais já teve outro dom que Deus deu de montar moto né... às
- 476 A2- vezes o pessoal chegava pra ele/ ajeitava bicicleta/ então o pessoal chamava/ às vezes
- 477 A2- o cara fazia/ comprava a moto na caixa ((nunca li nada a respeito de motos serem
- 478 A2- vendidas na caixa)) aí tem que montar né aí chegava lá com ele “ei... tal”
- 479 A2- eles paravam lá e:: montava a moto todinha/ sem fazer curo
- 480 P- E hoje ele trabalha com isso?
- 481 A2- É: ele trabalha com isso aí... ( ) ele nunca quis trabalhar prozoto... aí ele faz também
- 482 A2- metalúrgica com o tio dele que tem uma metalúrgica lá no Japiim... aí quando chama
- 483 A2- ele pra fazer trabalho grande ele: aí ele já vai... agora esse tempo agora ele tá fazendo
- 484 A2- um trabalho lá de metalurgia: quando pinta daqui ele vai se virando ( ) esse foi o:: o
- 485 A2- terceiro milagre outro milagre antes disso: vou contar logo dos meus filhos depois eu
- 486 A2- conto da minha esposa... é...
- 487 P- O primeiro milagre qual foi?
- 488 A2- Foi da minha esposa: ela teve câncer/ nesse tempo lá na Colônia né... ela secou ficou
- 489 A2- só pele e osso não podia nem levantar... e eu trabalhava/ os dois terrenos ainda eram
- 490 A2- ( ) até que chegou uma vizinha do lado que ajudava/ dava comida pra ela que ela era
- 491 A2- cardíaca/ e eu tinha que trabalhar, eu não estava ao lado mais eu ia na igreja... pegava
- 492 A2- óleo ungido, pegava alguma roupa dela pra levar pra Deus né... aí um dia/ ela tinha
- 493 A2- muita fé em Deus/ aí um dia ela “passou um bisco aí” eu não vi nenhum avião: aí eu:
- 494 A2- eu comprei um radinho né... um radinho pra ela ficar escutando/ sempre tem uns
- 495 A2- testemunhos, tem uns milagres... pra ficar escutando lá: os louvor... aí ela escutando
- 496 A2- ela disse que:: tinha um bisco que vinha/ que tinha acontecido um problema no avião
- 497 A2- lá que ele tinha que pousar aqui em Manaus... era pra ele/ pra abastecer o avião e ele
- 498 A2- ir na catedral... aí nesse dia ela disse que orou lá em casa mesmo e Deus operou ela...
- 499 A2- instantâneo/ é a fé pro Sr. vê...
- 500 A2- P- O segundo milagre foi?
- 501 A2- Do... o dela foi o 1º mas o dela foi... só Jesus mesmo porque... eu:: pensei que ela ia
- 502 A2- morrer ali: ali sabe... mas é:: Deus curou ela/ ela... levantou... ficou forte...
- 503 A2- eu só tenho que agradecer Deus por isso: porque Deus/ rapaz... fez milagre na nossa

- 504 A2- vida ( ) porque tudo em 1º lugar eu coloco Deus na frente porque sem Deus ninguém
- 505 A2- é nada... e Deus estando na frente tudo se resolve...
- 506 P- E hoje você está com 51 anos/ você é de 68/ 1968
- 507 A2- É:
- 508 P- O que você espera daqui pra frente: o que que você deseja/o que que você pretende
- 509 A2- Em 1º lugar é nunca deixar Deus/ estar na presença de Deus terminar meus estudos...
- 510 A2- porque eu tô com esse problema aqui RENAL né/ eu tenho um problema renal que
- 511 A2- esse tempo agora eu estava com gordura no fígado... então doeu muito não podia me
- 512 A2- abaixar, nem trabalhar/ fiquei paralisado em casa uns dias lá... até quando estava no
- 513 A2- colégio dava uma dor eu pedia pra mim sair e vinha embora/ ia até o João Lúcio
- 514 A2- tomar injeção né... pra poder ir pra casa... aí agravou isso aí estava no 3º grau de
- 515 A2- gordura/ tava ruim mesmo sabe... no começo é uma coisa/ mais no 3º grau já é: meio
- 516 A2- ruim... você tá mais pra morre do que pra viver/ mesmo assim eu tomava muito
- 517 A2- antibiótico né... ( ) 2.500ml... para poder aguentar a dor e ir pra aula né... é assim eu
- 518 A2- não falto/ eu não gosto de faltar... às vezes não tem aula e eu fico meio triste também
- 519 A2- né: porque a gente sai aí chega lá não tem aula...
- 520 P- É frequente isso?
- 521 A2- É... Aí eu fiquei lá na cama não podia nem me levantar de tanta dor... alguém tinha
- 522 A2- que me puxar... que era dor que:: aí eu fui no médico... que agravou muito/ fui no
- 523 A2- médico pra vê o médico “vou fazer um exame aqui... você vai fazer dois ultrassom:
- 524 A2- uma renal e uma abdominal” eu tá bom: e era pelo ((Sherev/ Sherev)) o cara morre e
- 525 A2- nunca chega o dia ((não tenho certeza se Sherev se escreve desta maneira))... Aí esse
- 526 A2- meu patrão aqui/ que é o seu ((Zé)) que é dono de cima... ele se juntaram os dois e
- 527 A2- pagaram o ultrassom pra mim/ me deram dinheiro/ como ela trabalha na... ( )
- 528 A2- enfermeira ele me deu o encaminhamento de lá/ outra amiga dela lá na Constantino
- 529 A2- Nery no laboratório que é especialista em ultrassom/ trabalha só com isso um casal/
- 530 A2- e ele é o médico e ela fica na recepção/ eu fui á me cobraram R\$100,00... não tem
- 531 A2- problema não dei/ AÍ... cheguei lá fui fazer o ultrassom... deitei lá na maca lá e... que
- 532 A2- era só renal e abdominal/ aí: ele foi tão bom que ele fez total no meu corpo/ total... no
- 533 A2- fígado ( ) passou pra cá pro... pro rim esquerdo tinha uma pedra de 3,3 é:: 6 mais 2
- 534 A2- cm e um nódulo e mais um cisto... como é que eu saber/ se eu não fosse ver esse
- 535 A2- negócio aqui eu não ia saber que tenho isso aqui... aí... mas também eles nunca
- 536 A2- falaram... ele me deu o laudo todinho... a ainda me cobrou só R\$ 50,00... aí eu fui
- 537 A2- embora... aí fui fazer outro exame que era também no neurologista/ neurologista... a



538 A2- mulher marcou/ marcou errado/ marcou com o dermatologista e mandou eu lá pra  
539 A2- compensa e eu atrás lá da compensa andando naquele solzão quente/ já tava com dor/  
540 A2- perguntando rapaz ninguém conhece isso aqui não até que encontrei o fio de Deus...  
541 P- E isso:: essas consultas pelo SUS/ hospitais públicos?  
542 A2- É... aí eu encontrei lá o filho de Deus lá disse rapaz “rapaz o Sr. atravessa isso aqui a  
543 A2- ponta da prefeitura da compensa ali né/ da beira rio lá... “atravessa lá entre no beco/  
544 A2- sobe lá/ vira pra li que é lá: no buraco escondido isso” tá bom eu fui... cheguei lá ( )  
545 A2- onde é que fica esse hospital aqui/ esse laboratório... ela disse “estou indo pra lá/ fica  
546 A2- lá em cima bora” aí eu dei a papelada lá aí o cara disse “seu lugar é lá atrás” ( ) aí  
547 A2- cheguei lá com a atendente e disse ei tá errado isso aqui/ isso aqui tá é: urologista que  
548 A2- era pra eu vir/ marcaram pra:: como é que eu falei ainda agora... ((riso))  
549 A2- dermatologista... “aqui não tem dermatologista” eu estava andando o dia todinho sem  
550 A2- comer né aí eu disse pra ela/ aí ela pegou daqui o seu exame pá, pá e... o Sr. tem esse  
551 A2- exame pra fazer/ deixa eu marcar Sr. ela já marcou outro exame que era de sangue,  
552 A2- fezes e urina né: marcou lá pro centro aí eu fui atrás no outro dia/ achei ( ) aí peguei  
553 A2- o laudo lá só que deu ausência de tudo... só o fígado 3 grau:: a pedra no rins esquerda  
554 A2- que é grande nódulo mais o cisto: aí estou esperando para fazer outra consulta aí/ até  
555 A2- hoje porque quando a Sr. foi ver lá só tinha... esse médico, esse neurologista só daqui  
556 A2- a 6, 8 mês... só por outro ano/ como é que eu vou... que que eu fiz: peguei com Deus  
557 A2- ( ) fui fazer remédio caseiro/ folha de algodão roxo/ aquele... pó de ( ) alguma  
558 A2- coisa/inflamação, intoxicação e:: trajiru... tomei um de cada ((medicina popular))  
559 P- E quem indicou pra você esses remédios?  
560 A2- Foi o pessoal lá perto de casa mesmo/ aqui no conjunto no: falaram que era bom pra  
561 A2- tirar infecção né... o outro dizia que era bom pra pedra nos rins... eu me peguei com  
562 A2- isso aí/ mas tanto tempo... Deus abençoou aqui que antes eu não dobrava ((parece-me  
563 A2- que toca o braço neste momento)) porque muito daquelas coisas são boas/ são anti-  
564 A2- inflamatório mas se você for tomando demais ela dá infecção também né: mas como  
565 A2- eu tava tão ruim... não aconteceu nada/ eu melhorei muito porque eu não conseguia  
566 A2- nem respirar/ meu estômago/ o rins quando ele inchava... meu estômago ficava com  
567 A2- ar... nem as calças tava dando/ meu peso é 55kg... eu tava com 82kg e mais um  
568 A2- quebrado... agora não já não podia andar: respirar/ respirar eu mal respirava ((mas se  
569 A2- fosse pelo médico?)) não melhorava não... agora eu vou tomar outro... que me  
570 A2- indicaram/ que era:: pegar um abacaxi cortar ele e tirar/ tirar só a carne que tem  
571 A2- aquele talo no meio né... descascar ele tirar aquela carne cortar tudinho colocar no

- 572 A2- liquidificador com uma coca-cola que é: pra... quebrar essa pedra... na hora que eu
- 573 A2- for urinar ela vai sair/ porque eu não posso fazer força... outro dia eu peguei um peso
- 574 A2- assim... um saco pra levantar... parece que as tripas aqui desempolou/ parece que
- 575 A2- arriaram tudo sabe/ eu soltei/ não posso pegar alguma coisa com peso por isso... até
- 576 A2- então tem trabalho na minha área porque eu sou: trabalho de: de promotor, estoquista
- 577 A2- de pressional/ nunca me pegaram e nem vão por causa disso/ aí eu não posso chegar
- 578 A2- doente pegar um pesozinho na empresa e: como é que vai ser
- 579 P- Tá certo
- 580 A2- Aí por isso tá... mas eu tô... tô querendo fazer esse remédio aí porque tem que fazer
- 581 A2- três vez pra tomar pra... expelir essa pedra aí
- 583 P- Muito bem/ a gente vai encerrar essa primeira parte da sua história de vida e aí eu: vou
- 584 A2- passar esse material pra você que a:: a tabela da descrição e interpretação dos sonhos
- 585 A2- NÃO/ per aí, per aí... tá e veio o... depois da cura da mãe dele/ do câncer
- 586 A2- que Deus curou: antes do tumor na cabeça/ o... do fígado né... e: a vez do... ele tinha
- 587 A2- 9 anos... ele veio a óbito... ele bateu a cabeça dentro: do coiso lá...daqueles esgoto
- 588 A2- grande que colocam no meio da rua que é para botar no esgoto... de cimento/ bateu
- 589 A2- a cabeça dele... ( ) aí um outro rapaz veio e relou um e ((palma)) bateu... aí bateu a
- 590 A2- cabeça dele e fez um corte muito grande... então ele veio a óbito também... aí Deus
- 591 A2- operou do lado também da vida dele... trouxe ele de vida depois que: tá dentro do
- 592 A2- caixão:: Deus operou um milagre também na vida dele
- 593 P- Mas ele chegou a ir pra dentro de um caixão/ não?
- 594 A2- Chegou porque: naquele tempo os caixão eram roxo né... a gente tava lá já em casa lá
- 595 A2- tudinho era meia noite... só que aí a mãe dele se desesperou e começou a orar... pediu
- 596 A2- pra Deus pra devolver a alma dele de volta... e Deus operou o milagre... aí ele se
- 597 A2- levantou com fome... aí demo água pra ele/ comida... hoje em dia ele está dentro da
- 598 A2- faculdade
- 599 P- Quantos anos ele tinha?
- 600 A2- 9 anos...
- 601 P- E isso/ isso aconteceu dessa maneira mesmo... ele levantou do: do caixão
- 602 A2- Depois que a mãe dele orou pra Deus ((o volume da voz de A2 está um pouco baixo
- 603 A2- nessa resposta)) porque ela era muito agarrada/ ela gosta muito desses filhos ela dava
- 604 A2- a vida por esses filhos então como ela tinha muita intimidade com Deus ela orava ela
- 605 A2- buscava ( ) pedi perdão pelos pecados... então você conversando com Deus/ Deus
- 606 A2- opera milagre na sua vida: e até hoje/ está fazendo faculdade e estão aí meus filhos e

607 A2- esse... do: do... do fígado né pequenininho/ tem 1 ano isso aí/ agora  
608 A2- com quinze anos ele teve também outro problema... ele estava lá em casa aí ele saiu  
609 A2- pra jogar uma bola no sol quente: quando ele voltou ele voltou com uma dor aqui...  
610 A2- uma dor... uma dor e doía, doía, doía/ ele gritava, gritava, gritava e nós “o que  
611 A2- isso”? Aí começou inchar aqui sabe/ isso papeira/ que a papeira dá sempre dá aqui...  
612 A2- mas inchou assim... aqui assim no pescoço dele... ela levou pro médico lá/ tomaram  
613 A2- remédio voltou pra casa e continuou com a dor e: começou a gritar a noite todinha  
614 A2- loró, loró... aí pegou uma folha de:: de/ daquela couve, pegou passou uma manteiga  
615 A2- botou em cima aqui... pra vê se tirava aquela roxidão né... daí a/ rapaz sei que:: ele  
616 A2- começou a gritar e berrar, berrar... aí na madrugada ela orando pra Deus... pois furou  
617 A2- aquela/ aquilo furou... quando furou isso aqui: buraco ela passou uma: um negócio lá  
618 A2- é::: aquela pomada assim... sempre orando aí botou uma folha de couve lá/ pois furou  
619 A2- aquele buraco/ como é que/ furou aquele BURACO: rapaz... parece que veio assim...  
620 A2- escorrendo aquele negócio parece um aço: veio comendo ali, comendo, comendo pra  
621 A2- abrir o buracão... ficou feio/ um buracão que foi crescendo... ficou assim tamanho de  
622 A2- uma laranja... aí tinha um ( ) na colônia/ bota levar lá pro ( ) o pessoal ficou assim  
623 A2- até meio com medo né: que que eles fizeram o médico olhou tudo: muito gases jogou  
624 A2- dentro lá do buraco pá tampar e veio aqui pro João Lúcio/ aqui no João Lúcio: aí  
625 A2- começou... a peregrinação lá... era uma bactéria que ele pegou... tem uma bactéria aí  
626 A2- que dá que ela come/ ela come, ela corrói tudo até degolar o camarada só quer matar/  
627 A2- aí não tem cura pra essa bactéria... aí ele/ mãe dele tava lá cuidando dele: aí eu: eu fui  
628 A2- lá levar umas roupas... até que o médico ele é muito legal/ quem via era eu e a mãe  
629 A2- dele que estava lá... porque botaram gases/ aquele ( ) colava/ como colava abria,  
630 A2- arrancava aquela carne assim já tava meia podre né então rapaz... outra bactéria ( )  
631 A2- então o pessoal tudo ali no João Lúcio às vezes, vem todo mundo em cima porque de  
632 A2- longe já dava pra vê aquele buracão igual ( ) enxergava lá dentro e ele era  
633 A2- MAGRINHO... aí um dia ela orando pra Deus:: entrou: um rapaz lá disse assim “eu  
634 A2- vim aqui trazer uma... palavra de um cervo aqui ((do céu aqui))” aí ele foi lá com  
635 A2- ele/ viu ele e disse assim o rapaz disse assim olha Deus mandou te dizer que hoje ele  
636 A2- fecha sua cota... e ele vai te curar aí ele... aí ele... aí ele ouviu né: aí ele disse assim  
637 A2- “Sr. se é tu mesmo/ se é Deus se Deus tá aí através desse homem: que ele vá e volte e  
638 A2- venha dizer com quantos dias eu vou sair daqui” pois o ra/ o camarada voltou lá de  
639 A2- novo pra dizer que com três dias você vai sair daqui... aí mãe dele foi em casa e o::  
640 A2- médico pegou ele levou lá pro... corredor lá onde que fazia a cirurgia naquela porta

641 A2- lá ( ) lá não tinha como pegar anestesia né/ o buraco estava grande/ aí o cara chegou  
642 A2- assim e começou a arrancar/ rapaz ele gritou tanto, gritou tanto esse meu filho que:  
643 A2- meu coração quase sai pela boca sabe/ aí ele chamou a atenção de todo mundo ali...  
644 A2- rapaz nesse dia... eles puxaram porque o buraco ficou imenso mesmo... estava  
645 A2- esperando também ele morrer... mas Deus é bom/ Deus curou ele/ mas sabe o que foi  
646 A2- mais ( ) disse aí... porque não tinha carne pra botar lá... naquele buraco... e Deus fez  
647 A2- crescer a carne de dentro pra fora transbordou e fechou... os médicos ficaram de boca  
648 A2- aberta por isso/ ele vê que Deus é bom por causa da fé em Deus  
649 P- Tem toda uma: uma história né/ uma narrativa que: na sua vida muitos fatos teve a  
650 P- intervenção divina  
651 A2- Então por isso eu não deixo Deus por nada/ até hoje eu ( ) aí foi esse milagre também  
652 A2- do nascimento do... que ele viveu de novo... mais esse daí/ camarada  
653 A2- pra crescer uma carne de dentro pra fora: só Deus mesmo viu... porque isso aí o que é  
654 A2- que tinha que fazer... é cortar a carne dele pra botar... mas não nasceu a carne/ nasceu  
655 A2- que transbordou aquele buracão ficou assim ó:: até/ chegou até um pouquinho mais  
656 A2- fora né... aí voltamos lá no hospital e o médico ajustou tudinho/ aí ele tem só a cicatriz  
657 A2- aqui no pescoço/ só que a gente bateu foto/ mas só que aí: ele... com receio rasgou  
658 A2- tudo e a máquina também ele quebrou... a gente tinha batido foto daquilo lá  
659 P- Tá certo...  
660 A2- Aí ele tem só aqui é/ o coiso outro/ você já quer ir embora ((risos))  
661 P- Não é: a gente/ a gente vai encerrar hoje por causa de uma questão de horário daqui da  
662 P- sala... certo então eu vou só parar aqui  
663 P- Eu estou aqui com: o... para dar continuidade ao relato da sua história de vida...  
664 P- segunda parte/ e aí eu começo perguntando né/ como foi a experiência de: de ter que  
665 P- anotar os sonhos durante essa semana  
666 A2- Bom pra mim foi um:: um fato de ( ) lembranças que aconteceram/ que aconteceu na  
667 A2- minha vida né, na família: porque nesse dia eu dormi: aí eu tava cansado ( )  
668 A2- que eu tenho o sono bom né/ graças a Deus eu durmo/ bom... nesse dia eu estava  
669 A2- tão cansado que eu dormi rapaz/ aí: quando eu acordei eu me esqueci de tudo quando  
670 A2- eu acordei de manhã... aí eu disse pelo amor de Deus é feriado/ eu falei até com meu  
671 A2- filho o... né/ ele disse “rapaz hoje é feriado” eu disse poxa vida já não vai  
672 A2- ter aula hoje né... aí... depois disso eu me lembrei que... não era feriado né/ porque  
673 A2- estamos hein/ era sete de setembro/ não tá em/ vim recordar que a gente não tá em  
674 A2- setembro/ estamos em novembro né... aí... eu tive um sono tão pesado que eu sonhei

- 675 A2- que era a independência e era feriado... aí eu fiquei meio/ meio até zangado né...
- 676 A2- porque rapaz a aula está tudo meio que pingado
- 677 P- Mas quando isso... ontem? ((dia 20/11 foi uma quarta-feira e foi feriado))
- 678 A2- Não ontem não: foi... foi quarta né... foi segunda-feira... aí eu já sonhei outro/ outro
- 679 A2- sonho que eu tinha sonhado que queria ter colocado mais coisa/ eu sonhei depois já
- 680 A2- agora na terça-feira né: só que eu não lembro dele/ devia ter... anotado logo mas...
- 681 P- Mas você se lembra de [[alguma coisa]]
- 682 A2- [[Não, não, não]] queria até me lembrar que era pra ver se eu retorna/ voltava a
- 683 A2- memória né do que eu sonhei... mais foi um conteúdo bom... mas num/não vem na
- 684 A2- memória então...mas esse que eu sonhei de sete de setembro que eu sonhei/ eu me
- 685 A2- lembrei né porque: não foi um sonho comprido/ foi: só um pouco né/ pequeno sonho
- 686 A2- mas... ficou acho que até por causa disso aí do 7 de setembro... 11 de setembro que
- 687 A2- representa a queda lá dos prédios dos Estados Unidos/ aquele fato lá né... aquele
- 688 A2- relato... aí fui lembrar até no dia que minha esposa faleceu aí eu... isso aí ficou na
- 689 A2- memória gravado
- 690 P- E qual foi/ qual foi o dia que sua esposa faleceu?
- 691 A2- 11 de setembro... foi no dia que caiu lá nos Estados Unidos... que atacaram com o
- 692 A2- avião com a bomba não sei: eu fiquei lá ela teve... ela tinha um cisto no ovário e uma
- 693 A2- pedra na vesícula e então doía muito essa pedra nela então no médico para se tratar
- 694 A2- pra ver o que era bateu o ultrassom e disse que era um cisto no ovário e uma pedra na
- 695 A2- vesícula no entanto isso aí: não tinha nada de grave/ ela foi se tratar/ quando ela foi:
- 696 A2- tentar marcar o exame... a cirurgia e ela pegou uma anemia, uma anemia que: aguda
- 697 A2- que foi tão grande a anemia que do dia pra noite ela... emagreceu muito sabe ficou só
- 698 A2- pele e osso: aí eu levei ela lá pro:: pro tropical... lá perto do SECON/ por ali perto da
- 699 A2- arena da Amazônia/ aí ela fez o exame lá tudinho/ bateu ultrassom/ uma tomografia
- 700 A2- também... aí o médico olhou e deu um cisto no ovário, pedra nos rins e essa anemia
- 701 A2- profunda/ só que ela não podia ser operada: que ela tava muito fraca, debilitada e tem
- 702 A2- que: que se cuidar é:: fazer: tomar: um remédio lá que era ele deu 12 semanas pra
- 703 A2- ela: pra vê se recuperava a anemia pra vê se dava pra marcar a cirurgia... da/ do cisto
- 704 A2- do ovário e da pedra nos rins... mas aí infelizmente gente tava com: 4 semana/ aí
- 705 A2- chegamos em casa ela:: começou a provocar os remédios/ a gente tinha passado do
- 706 A2- dia inteiro lá ela tomando o remédio dela que foi ( ) aí chegamos era umas 5 horas...
- 707 A2- aí eu fiz um abacaxi/ que ela queria um abacaxi pra ela tomar/ fiz lá pra ela um suco
- 708 A2- pra ela tomar... aí depois ela começou a provocar, provocar, provocar:: aí perguntou

709 A2- “me leva lá no medico” aí eu disse não vou te levar hoje não que era na sexta né: vou  
710 A2- te levar no sábado/ Aí a irmã ligou essa hora, ligou essa hora porque ela tinha um  
711 A2- carro... aí: ela perguntou “como é que tá a...” tá bem só que ela tá provocando  
712 A2- “tu não qué levar ela no médico pra tomar remédio no ( )” eu disse / ela disse “vem”  
713 A2- ela ouviu né/ é ((Conceição)) o nome da irmã dela “vem que eu quero ir” tá bom ela  
714 A2- veio era umas 8 horas da noite/ me arrumei/ arrumei ela e fomos pro João Lúcio...  
715 A2- chegou no João Lúcio que que ela foi fazer: foi levada pra fazer outro exames né pra  
716 A2- vê o que é que ela tinha... aí eu falei/ dei o:: que ela tinha um cisto no ovário, uma  
717 A2- pedra nos rins e essa anemia que ela tinha pego de repente do dia pra noite ela: secou  
718 A2- ficou magra debilitada... muito magra mesmo que ela era forte... morena até bonita...  
719 A2- mas ela ficou só pele e osso então/ levava ela e fizemos o exame todinho... deu a  
720 A2- mesma coisa que deu lá no tropical cisto no ovário, pedra nos rins e esse anemia né/  
721 A2- que veio depois... aí o que que a Dra. fez/ ó ( ) a Sra. vai operar Dra.? “Não a gente  
722 A2- vai cuidar da anemia dela... e vou transferir ela lá pro: 28 que é da mulher né/ pra ela  
723 A2- ser tratada lá: depois que ia vê se marcava a cirurgia dela... aí então chegou dois  
724 A2- Senhorzão acho que é aqueles médicos ali do João Lúcio que já... manda lá em tudo  
725 A2- nem sei que é aqueles caras/ aí olhou pra ela, olhou pra Dra. e perguntou “o que que  
726 A2- ela tem”? “ela tá com uma pedra no rins e cisto no ovário anemia anemia profunda”  
727 A2- ele disse “bota ela aqui em cima” da maca lá:: que tem o raio-x né... o: ultrassom/ ele  
728 A2- pegou mandou ela passar o: gel nela... e pegou a coisa e ele disse “tá...” ele disse bem  
729 A2- assim “a gente dá um cortezinho bem aqui e outro aqui assim igual um L” sabe um  
730 A2- corte assim e outro assim.... aí ele... “leva ela pra tomar uma bolsa de sangue” poxa  
731 A2- mulher eram 12 semanas que o médico passou lá pá: pra poder se reestabelecer voltar  
732 A2- né/ se recuperar... as forças dela acabar com a anemia ele já queria fazer uma cirurgia  
733 A2- sem ter acabar com a anemia dela/ ele já queria fazer uma cirurgia... sem ter acabado  
734 A2- com a anemia dela/ fraca, debilitada como é que ela ia aguentar... que lá só toma uma  
735 A2- sopazinha, um soro que ela tava tomando: então me peguei muito com deu né/ orava  
736 A2- com ela... lendo a bíblia puis na mão dela porque... ela é tudo né/ já tinha: tá com o  
737 A2- que... 27 anos de casado com ela... é uma vida né... então aí eu:: aí eu disse mas Dr.  
738 A2- ela tá com uma anemia profunda/ “não”... e ela também queria se livrar dessa pedra  
739 A2- também né/ o problema dela era tirar essa pedra porque era uma dor desgraçada essa  
740 A2- pedra no rins/ no rim na vesícula... doía direto mais aí ela foi ( ) colocou a bolsa/  
741 A2- nesse dia eu vi assim... quando deu umas seis horas... limpei ela, troquei de roupa/

742 A2- troquei a roupa dela todinho aí a moça veio aplicou remédio botou a bolsa de sangue/  
743 A2- tomou porque a cirurgia dela ia ser meia noite  
746 P- E ela: ela falava alguma coisa... ela falava com você?  
747 A2- Conversava né/ só falava tomara cuidado/ que eu não abandonasse meus filhos né...  
748 A2- aí: que eu não deixasse eles por nada... mas ela já sabia/ ela disse que: “eu vou entrar  
749 A2- ali... mas não vou voltar mais” ela falava que ela ia morrer/ eu dei/ deixa disso nós  
750 A2- vamos viver 100 ANOS ((10 min)) mas ela: ela tinha fé em Deus que ela  
751 A2- não era ruim, ela já tinha lutado na vida dela ( ) tinha curado de um câncer também  
752 A2- que quase ela morria também ficou só pele e osso/ Deus curou ela... aí o problema aí  
753 A2- foi essa anemia que foi muito profundo demais né: e acabou com ela e a cirurgia foi:  
754 A2- foi uma cirurgia feita assim em cima da hora: que deu no que deu na morte dela/ mas  
755 A2- eu já vi que antes de ela ir pra lá a gente levemo tudinho mas eu já vi que: ela deitava  
756 A2- assim/ os olhos dela direito ( ) então já vinha fechando sabe... ela já tava indo aos  
757 A2- poucos/ já vinha fechando/ o outro estava normal/ mas via que quando ela abria os  
758 A2- olhos já vinha aquela nata/ já vinha fechando a pupila dela... eu me pequei com Deus  
759 A2- mesmo ali ( ) aí chegou a hora dela ir né/ eu me despedi dela/ aí fizeram a cirurgia  
760 A2- com ela... eu disse pra ela ó:: daqui a dois dias agora: a gente não pode fazer nada/ só  
761 A2- Deus que tem o poder pois ela dá a vida e dá a morte dá a vida e tira a vida só ele que  
762 A2- tem esse poder né pra isso... eu me despedi dela, peguei ela... ela foi/ eu foi esperar lá  
763 A2- fora... aí... comecei a horar lá com minhas cunhadas, com meus filhos ( ) oração lá  
764 A2- pela vida dela... aí passou esse dia no outro dia eu fui lá... quando eu cheguei lá... já  
765 A2- tinha feito a cirurgia/ já não era o médico que operou, já era outro médico né... aí o  
766 A2- med/ disse “doutor: você já fez a cirurgia dela”? “Já” E aí tiraram a pedra na vesícula  
767 A2- “NÃO:: a gente tiremo... o útero e o cisto, tiramos o útero dela direito com o cisto/ já  
768 A2- tudo né” aí depois me chamou e disse “olha ainda tem mais uma coisa viu nós tiremo  
769 A2- o pâncreas dela” e:: por que o pâncreas/ era só isso aí que ela tinha/ tava tudo bom...  
770 A2- fiquei assim: aí o médico disse “ainda tem mais uma coisa... é: o intestino dela furou  
771 A2- aí deu hemorragia generalizada” ele matou a mulher... furou o intestino já era/ já tá  
772 A2- fraca aí depois ele eu disse cadê ela? “tá lá dentro eles estão esperando o corpo reagir  
773 A2- pra poder a gente pode fazer a cirurgia nela da pedra na vesícula”... mas eu quero ver  
774 A2- ela “tá bom” aí me levaram lá/ tava... que eles sempre fazem um pano assim né de  
775 A2- massagem... estava só ela lá/ agora tiraram ela da sala de cirurgia... um monte de:: de  
776 A2- ar/ de ar né/ aquele negócio lá que eu esqueço o nome/ era soro era coisa/ tudo seco  
777 A2- não tinha nada cheio e só a ( ) dando aquela pressão dando pressão igual tá enchendo

- 778 A2- sabe... aí ela: inchada ( ) eu vi que ali ela já tava morta aquilo dali/ não sei que eu fui
- 779 A2- fazer/ eu digo eu vou ver como é que tá... debaixo dela né... fui pegar a capazona pra
- 780 A2- levantar... na hora que tava só eu né: aí quando eu peguei disparou o alarme lá doído
- 781 A2- póm, póm, póm/ correndo todo mundo lá pra cima: eu sai: não deu pra mim: aí/ mais
- 782 A2- ela já: ela tava morta/ aí o que que eles fizeram: enrolaram lá, enrolaram... esperaram
- 783 A2- entrar os acadêmicos pra fazer exame nela... no: eles estavam ( ) no corpo dela/ tava
- 784 A2- já limpo já/ não deu pra eu fazer mais nada eu/ os acadêmicos que estavam fazendo
- 785 A2- estudo nela entendeu... pra saber né/ até então eu não sabia mas quem me falou foi o
- 786 A2- guarda/ ele disse “ ó: sua esposa morreu e: eles estão segurando aí por causa que tem
- 787 A2- um monte de acadêmico aí que vão fazer estudo tudinho lá nela”
- 788 P- Então no caso você soube que sua esposa havia morrido pelo guarda: não pelo médico:
- 789 P- como foi?
- 790 A2- Pelo guarda... porque:: ele me chamou e disse “ó: sua esposa ela tinha falecido já de
- 791 A2- ontem pra terça na cirurgia” porque: ele furou o intestino né porque cortou ( ) porque
- 792 A2- faz uma cirurgia que abre/ porque abriram ela/ já dava pra tirar tudo a pedra o rins a::
- 793 A2- da vesícula o cisto ( ) o cisto tiraram o útero todo/ não tiraram só o cisto dela direito:
- 794 A2- e o cisto ficou/ tiraram o pâncreas e o siri/ a pele do: da vesícula tinha ficado aí: tava
- 795 A2- negando que/ a talvez já tinham até tirado isso né/ eles estavam alegando que o corpo
- 796 A2- precisava reagir pra poder voltar/ mas ela já tava morta... todo dia ( ) os médicos
- 797 A2- estavam... fazendo estudo nela né/ só que eles não podia...
- 798 P- E: de certa forma... você, os seus filhos/ como vocês reagiram à época? A essa perda?
- 799 A2- Foi uma perda muito grande pra nó porque a gente: era tudo/ a gente era uma família
- 800 A2- que era todo mundo unido... ela educou esses meninos desde pequeno: então esses
- 801 A2- meninos tinham uma coisa tudo que/ se eles saiam pra rua/ acontecesse alguma coisa/
- 802 A2- aquilo tudo eles chagavam lá com ele e: e participavam sabe/ se acontecesse alguma,
- 803 A2- alguma coisa que eles fizeram de errado/ chegavam e participavam com ela/ então
- 804 A2- ela educou eles tanto que até hoje cresceram nunca se envolveram com droga, com
- 805 A2- bebida né... tão aí estudando: só o... que ficou ele era o caçula/ nesse tempo
- 806 A2- ele tava nos: 14 para os 15 anos: ele parou o estudo também porque foi uma perda
- 807 A2- muito grande né... e pra MIM TAMBÉM porque se no meio da noite a gente acordar:
- 808 A2- minha companheira não está ali do nosso lado... porque a gente era assim/ a gente se
- 809 A2- ajudava muito eu e ela/ tudo a gente fazia junto, saía pro canto pra resolver era junto,
- 810 A2- onde a gente foi a gente tava junto/ todo tempo... fez muita falta nessa época pra nós
- 811 A2- ( ) bom que eu tô na igreja: vou buscar em Deus porque em 1º lugar é Deus na nossa



- 812 A2- via e depois vem família e trabalho né... que família depois de Deus ((Deus acima de  
813 A2- tudo/ até esse ponto A2 detalhou a doença e o falecimento de sua esposa )) é tudo...  
814 A2- então: aí eu tá: aí eu voltei estudar né... eu já não consegui nem escrever mais direito:  
815 A2- estava perdendo... de escrever as coisas certas né, os conteúdos  
816 P- Você voltou estudar após a::  
817 A2- A morte dela: que passou ma/ passou assim uns 2 anos: aí eu fui fazer um curso que/  
818 A2- auxiliar de estoque que era lá no tapajós ( ) que estava pegando gente lá/ aí eu fui/  
819 A2- naquele tempo ainda era aquelas contas de:: somar/ dividir né, de português... antes  
820 A2- disso aí eu guardei muita coisa de português né: pouco antes de eu perder a memória  
821 A2- sabe: e no trabalho também eu tinha muito conhecimento desse trabalho de: logística  
822 A2- tinha, conferente, promotor e estoquista porque ( ) eu trabalhei muito em depósito  
823 A2- sabe: no tempo de estiva o trabalho mais puxado era isso aí... aí eu cheguei lá/ fiz lá a  
824 A2- prova/ fiquei mais coisa foi por causa da redação... ele queria:: 15 linha de redação...  
825 A2- aí: deu/ me pegando com Deus vou fazer: as contas eu fiz/ respondi lá/ deu tudo certo  
826 A2- eu acertei tudinho... aí vem a red/ redação fiquei lá pensando pensando, pensando... é  
827 A2- se não me engano parece que era história de vida essa redação/falar da sua vida sabe:  
828 A2- eu pedi ajuda de Deus/ entendimento/ pedi a Deus entendimento para mim: escrever/  
829 A2- então de 15 eu fiz 21 linha e eu PASSEI/ ((20 min)) só que:: nesse tempo... se...  
830 A2- pegar as mercadorias, fazer ( ) conferir: tudo era na caneta/ chegava lá contava,  
831 A2- colocava na caneta e entregava pra secretária a secretária já resolvia: mas hoje em dia  
832 A2- não é tudo no computador né... aí você tem que saber informática e também quanta  
833 A2- mercadoria tem, quanta você vai pegar lá e dar baixa/ quantidade que você pegou e o  
834 A2- que ficou lá/ deixar tudo no computador lá/ eu não: não tinha informática por isso eu  
835 A2- não fiquei lá “o Sr. tem informática” não “então” não fiquei aí foi quando eu voltei a  
836 A2- estudar fui lá no SESI/ vê se consegui uma vaga no SESI toda vez que chegava lá pô:  
837 A2- a fila estava lá do outro lado/ nunca que consegui nas quatro vez que eu fui/ digo vou  
838 A2- lá no Belchimol ali perto do: onde é o shopping de novo ((dificuldade com as novas  
839 A2- tecnologias/ relato sobre a volta aos estudos))  
840 P- Onde você foi primeiro?  
841 A2- No SESI/ então fui pegando lá da quinta/ depois fui pro fundamental pra terminar o  
842 A2- 9º/ quase também lá eu não consegui porque era muita gente né/ a maioria do pessoal  
843 A2- morava perto/ chegava mais cedo e como eu fazia os bicos aí não dava pra eu chegar  
844 A2- em cima da ho/ às vezes eu chegava na hora mas já tinha fila grande/ quando eu  
845 A2- chegava lá perto aí... encerrava/ aí eu não consegui aí eu foi lá no Belchimol ali onde

- 846 A2- fizeram o shopping/ aquele shoppinzinho: baixinho lá né: o Belchimol é desse lado...
- 847 A2- aí eu peguei lá: a vaga lá... consegui... aí me matriculei e fui comecei.... mas foi bem
- 848 A2- difícil também né...
- 849 P- Isso em que ano mais ou menos?
- 850 A2- Rapaz isso aí foi... acho que em 15 por aí assim 17... não perai nós estamos em 2109
- 851 A2- né ((Pêcheux – a presença do outro no discurso?)) 19, 18, 17 eu já tô no: 3º ano né...
- 852 A2- então eu tenho 16... é:: do 15/ do 14 pro 15 aí... 2104 isso aí/ por aí/ 2014 que eu fiz o: 853 A2- fundamental né
- 854 P- Sei: e você começou lá em que ano [[qual série]]
- 855 A2- [[Pois É::]] POIS É na quinta/ fazer a quinta/ depois pegar a quinta, a sexta né/
- 856 A2- e naquele tempo o rapaz já tinha mudado o negócio já né: aí já ( ) pegava a sexta né/
- 857 A2- inclui isso aí tudinho ( ) até o 9º ano
- 858 P- Então você terminou lá o 9º ano?
- 859 A2- Terminei lá...9º ano... fiz tudinho... até então tinha também a de ciência/ a professora
- 860 A2- de ciências: aí eu chegava lá na hora de fazer o trabalho dele ficava olhando/ porque
- 861 A2- eu não sabia nada de inglês: eu via todo mundo lá escrevendo/ eu ficava muito
- 863 A2- aperrado né... mais aperrado mesmo/ digo meu Deus como é que eu vou fazer/ me
- 864 A2- pegando com Deus/ mas Deus é bom/mas rapaz eu agradeço por tudo na minha vida
- 865 A2- porque sem ele... ninguém é nada: aí eu pedi sabedoria de Deus fui pra igreja/ deu me
- 866 A2- ajude pra eu poder entender isso aí/ e qual era o questionário lá que ele passou/ valia
- 867 A2- 10 pontos: ele fez/ depois ele veio explicar/ deu exemplo/ ele queria:: assim pra... era
- 868 A2- o:: o avô né/ avó aí vem o pai a mãe, o tio a tia... aí/ e a última era o filho, chega no
- 869 A2- filho/ depois do tio a tia é o filho né... não ainda vem o pai e o filho... aí eu olhando,
- 870 A2- olhando ele me falou lá: “vou dá o exemplo aqui” eu disse tá/ quando ele deu o
- 871 A2- exemplo caiu a filha/ aí na hora eu peguei e já fui pá, pá, pá ( ) tudinho sabe/ aí ELE
- 872 A2- DEU O EXEMPLO LÁ DO DELE eu já distorci colocando lá no meu... aí foi nessa
- 873 A2- hora que me caiu a ficha e eu peguei...
- 874 P- Qual disciplina era mesmo?
- 875 A2- Era de inglês... aí eu fiquei lá em casa aí quando abriram era/ rapaz veio, veio aí
- 876 A2- quando foi 2 horas da madrugada caiu a ficha e eu entendi e eu fiz, fiz ( ) daí eu
- 877 A2- comecei a escrever/ fiz tudinho/ cheguei lá... peguei 10 pontos nesse dia eu fiquei
- 878 A2- muito feliz... mais é só assim né... com muita dificuldade que a gente vence mas a
- 879 A2- gente/ a gente tendo fé... a gente alcança nossa vitória né
- 880 P- E de lá pra cá você não parou mais?

- 881 A2- Não ( ) no 1º ano/ aí vim aqui pro Padre Ruas né: aí já peguei o... também
- 882 A2- porque o... entrou lá/ ele concluiu também/ por causa que ele tinha parado
- 883 A2- né
- 884 P- Lá no Belchimol
- 885 A2- Lá no Belchimol também
- 886 P- Com você/ ele ia com você?
- 887 A2- Não já estudava de tarde e eu já estudava a noite: aí ele estudou também/ terminou:
- 888 A2- aí eu vim pra conseguir a vaga pra mim e pra ele né... porque meu foco era mais/ era
- 889 A2- pra ele que tá novo né/ de repente eu posso morrer de repente/ mas aí já ele fica::
- 890 A2- preparado aí né para esse mundo... pelo menos tendo um estudo/ ele já sabe o que ele
- 891 A2- quer para vida dele... aí... mas no 1º ano/ no 1º ano eu estudei na:: no 1º ano dois na
- 892 A2- sala 7... acho que é na sete e ele estudou naquela última lá:: de trás lá/ 1º ano... aí eu
- 893 A2- passe ele passou no 2º ano nós estudemo junto, no 3º ano também/ então tudo que a
- 894 A2- gente faz lá pra gente/ se ajudava em casa... a gente pesquisava/ ENTÃO no 1º ano
- 895 A2- rapaz eu ainda sabia muita coisa eu peguei lá do fundamental lá: então todo trabalho
- 896 A2- que eu fiz: nada eu peguei internet até então que:: eu já passei pro 3º bimestre mas as
- 897 A2- média já está com o 4º garantido que eu peguei tanta da nota que sobrou ((risos)) vou
- 898 A2- terminar o QUARTO SEM: me preocupar né/ mas eu estudava, eu ia porque tem que
- 899 A2- ir né, eu nunca gostei de faltar... e eu sempre estudei: só vivia fazendo minhas coisa
- 900 A2- tudinho/ fazendo química tudo lá... às vezes eu até ajudo os meninas lá né ( ) aquela
- 901 A2- ( ) às vezes ( ) ela não queriam nem escrever/ então eu não posso
- 902 A2- fazer nada minha irmã você não quer estudar... até então que ela sempre estudou no
- 903 A2- colégio né/no 2º ano né não estudou mais... não tava ali pra estudar/ tava ali mas pra
- 904 A2- bagunçar com os outros
- 905 P- E essa/ a dificuldade que você falou que tinha no: começo né/ que inclusive... aí você
- 906 P- teve uma espécie de um insight que Deus te ajudou e aí... hoje em dia você se vê com
- 907 P- muita dificuldade também ou hoje em dia você acha que é mais fácil?
- 908 A2- Eu tô com dificuldade porque... no primeiro ano fiz meu conteúdo todinho/ buscava
- 909 A2- nos livros e no segundo/ no primeiro ano era muito conteúdo/ já no 2º e no 3º já não
- 910 A2- tem/ não tem quase nada/ principalmente no 3º quase não teve aula né... era pingado/
- 911 A2- no 2º ainda teve/ mas no 3º era muito era muito conteúdo de 10, 20 laudas de folha
- 912 A2- pra escrever... ((Ato falho: não era no 3º ano que A2 tinha muito trabalho/ ou era?))
- 913 A2- português tudo história esse negócio todo aí: então eu fiz isso aí tudinho sem precisar
- 914 A2- de internet: buscar/ colar eu sabia tudinho/ estudava mesmo aprendia muita coisa

915 A2- sabe... no segundo já tive mais dificuldade/ comecei... esquecer porque às vezes eu  
916 A2- trabalhava né no pesado ia fazer esses bicos e pegava muito sol quente às vezes eu  
917 A2- chegava cansado/ eu não ia chegar lá suado né, cansado e atrasado mais eu ia: até do  
918 A2- sábado eu ia não faltava não... o pessoal faltava mas eu ia... aí... depois apareceu essa  
919 A2- dor aqui em mim... aí eu só vim saber depois que eu fui fazer exame que tem essa  
920 A2- pedra no rins aqui: não é só a pedra/ acho que tem um nódulo, um tumor não sei/ será  
921 A2- que esse médico não vai falar nada né... uma patroa minha me falou que ela é:  
922 A2- enfermeira: então ela conhece ( ) sabe o que é né/ então tava doendo aqui eu fui no  
923 A2- médico/ você sabe o que o médico passou pra mim: era aquele:: como é o nome...  
924 A2- buscopan... tem dois remédios ainda tá lá... que que eu fiz/ ela disse pra mim “você tá  
925 A2- com gordura no fígado de 3º grau” 3º grau eu ficava deitado na cama/ às vezes eu ia  
926 A2- pro colégio ( ) tomei um anti-inflamatório vou me aguentar lá/ mas quando doía  
927 A2- às vezes eu saía de lá já mancando, às vezes eu até pedia pro pessoal deixa aí que eu  
938 A2- tô ( )  
929 P- E o que é mesmo que você tem?  
930 A2- Tava com gordura no fígado 3º grau uma pedra no rins o rim esquerdo mais um cisto  
931 A2- e um: acho que é um tumor... aí não dá de fazer cirurgia né/ que tá... esperando o  
932 A2- médico aí: que é o urologista aí só ia ter de 6 a 8 meses aí já dá pro: outro ano né ( )  
933 A2- aí eu vou acabar de fazer esse meu serviço que é de bico agendado/ porque eu não  
934 A2- posso trabalhar/ até então eu fui pegar um peso assim em casa: você já viu como os  
935 A2- caras pegam aquelas pedras brita/ aquelas grandona... pois eu peguei um peso rapaz  
936 A2- parece que arreou tudinho/ desembolou aqui sabe/ acho que/ então não posso pegar  
937 A2- peso então: não posso pegar nenhum trabalho: que tem um pesozinho assim... 10 Kg  
938 A2- já: já mexe AQUI... aí então já não dá pra fazer mais nada/ adormece tudo já incha/  
939 A2- inchava os rins, meu estômago ficava in-cha-dão:: mais tarde precisava aqui “ó o Sr.  
940 A2- toma” é chá caseiro da folha do algodão roxo que é pra infecção... o crajiru que é pra  
941 A2- inflamação né e o palmibé ((não tenho certeza se a grafia palmibé está correta)) que é  
942 A2- pra inflamação também mais ele limpa tudo/ faz limpeza tudinho... então tomei essa  
943 A2- palmibé um monte de vez, tomei: o: crajiru também a folha do algodão roxo/ então  
944 A2- acabou-se não podia mais nada/ não podia me abaixar não pudei fazer nada... então  
945 A2- doía muito ficava dia e noite com dor, dor, travado/ aí eu fui me deitar os meninos  
946 A2- tinham que me puxar pra eu levantar... porque não dava é muita dor/ é só o que eu fiz  
947 A2- foi ir pra igreja e confiar em Deus que Deus ia me CURAR mas tudo que eu faço/  
948 A2- chá tudo/ mas em primeiro lugar Deus/ peço a Deus colocar a unção dele de cura...

- 949 A2- inflamatório se eu tiver que tomar/ tomo que não venha me causar nada no estômago
- 950 A2- né... pra poder...
- 951 P- E hoje você tá melhor com esses [[remédios que você tomou?]]
- 952 A2- [[Tomei/ tô]] chá caseiro, benção pra Deus: que Deus é tudo né... daqui eu não senti
- 953 A2- mais:: só sinto aqui agora: que o: as pedras é uma pedra grande de 3... , 3 cm mais 6,
- 954 A2- não sei o quê lá não é uma pedrinha porque quando é pedrinha tá no rins é pequena...
- 955 A2- já toma remédio ela sai logo né... aí eu tinha que tomar um remédio mas eu tinha que
- 956 A2- passar até ( ) que é pra mim quebrar ela né... que eu pegar 3 abacaxi e 3 coca-cola/
- 957 A2- no: dia seguido né... cortar o abacaxi tirar a casca, tirar aqui assim: aí o abacaxi tem
- 958 A2- aquele talo no meio né/ tirar /não pegar naquele talo tirar só: a carne... aí corta coloca
- 959 A2- no liquidificador bate dá uns 4 copos ali toma 3 dias seguidos pode esperar ( ) ainda
- 960 A2- tá sentindo dor... urina que já é a bicha que tá saindo... porque eu vi gente/ mostrou
- 961 A2- gente que já fez isso e... e tirou né porque...
- 962 P- E você fez?
- 963 A2- Ainda não fui ainda não... tomar esse remédio porque se for pra mim fazer/ tem uns
- 964 A2- serviços aí e eu estudo aí não dá pra mim/ mas eu vou fazer esses dias agora porque
- 965 A2- eu vou ficar em casa que é pra: ajeitar lá pra fazer o L ((o corte feito na sua esposa
- 966 A2- também tinha forma de um L)) aí vou aproveitar esses dias que eu vou ficar lá pra
- 967 A2- tomar né: porque é 3 dias seguidos
- 968 P- Mas você... você falou que não podia trabalhar mas: você tra-balha?
- 969 A2- É:: meu trabalho que eu faço é agendado é... só varro folha/ nem as folhas tudinho/
- 970 A2- outro dia cheguei fui fazer um trabalho pro pessoal lá em Petrópolis né: esses pessoal
- 971 A2- lá: que eles que pagaram o ultrassom pra mim sabe ( ) trabalha no Alfredo da Matta/
- 972 A2- enfermeira/ então ela ligou pra uma amiga dela lá na Constantino Nery que o marido
- 973 A2- dessa amiga ele é médico só: de: ultrassonografia/ ele é especialista nisso se formou
- 974 A2- pra isso: então ela lá: coisou lá/ ele cobrou cem reais que ela contou minha situação e
- 975 A2- tal/ cem reais ... então a gente ( ) que era pra mim fazer... uma tomografia/
- 976 A2- ultrassonografia do abdômen e dos rins/ ele fez total: ele fez tudinho e me mostrou
- 977 A2- tudinho lá e tal... e me cobrou só cinquenta
- 978 P- Certo: mas assim deixa eu fazer a pergunta/ pra você sobreviver/ você sobrevive dessa
- 979 P- renda dos trabalhos que você faz ou... você é aposentado?
- 980 A2- Não... sou não/ainda tô com 51: tô desempregado desde 2009
- 981 P- E você procura emprego

- 982 A2- Procuo eu já meti muito currículo aí pra mim pro... até esse meu filho que
- 983 A2- está trabalhando agora tá com 6 mês: que é o... que só mora nós 3 lá em
- 984 A2- casa... aí ele queria/ bota teu ( ) boto mesmo/ ele tá comprando o material, comprou
- 985 A2- tijolo, foi ali comprou cimento já: aí fizemos lá o alicerce/ ferro... aí falta só o outro
- 986 A2- colega meu/ amigo meu que é o: pedreiro lá que eu fui atrás dele/ que domingo é pra
- 987 A2- ele vim aí pra olhar... já pra dá uma força pra mim/ porque não é pra sair muito caro
- 988 A2- no: ele ganha salário seco né... aí
- 989 P- Como assim um sala/?
- 990 A2- Seco... seco é aquele mínimo só
- 991 P- O seu filho... e é ele que coloca as coisas dentro de casa
- 992 A2- É: é porque eu tava: não teve aquele negócio da minha mulher/ ainda quando ela tava
- 993 A2- viva: da casa/ eu morava na Colônia Antônio Aleixo... na Colônia Antônio Aleixo
- 994 A2- você sabe que era: tinha discriminação por causa do pessoal que era: tinha doença lá/
- 995 A2- dos leproso né então todo mundo que morava lá julgava que todo mundo era leproso
- 996 A2- mas nem é: aí eu: tava desempregado/ eu trabalhei na TNT/ eu sai... aí o pessoal ( )
- 997 A2- minha mãe mora aqui no Petrópolis perto do Itamar... que que eu fiz deu o endereço
- 998 A2- dela né... se eu fosse dá o endereço de lá não ia conseguir... aí passou um tempo fui
- 999 A2- pra cá: aí cheguei em casa a empresa ligou pra cá pra minha mãe ela disse ó: que é
- 1000 A2- pra mim aparecer lá com o documento e tal: trabalhar: só que ela “mas ele não mora
- 1001 A2- aqui/ mora no Antônio Aleixo” aí queimou né/ ela não sabia
- 1002 P- E não te pegaram por causa disso
- 1003 A2- Isso:: porque eles não aceitam quem é de lá: empresa nenhuma: a gente é conhecido
- 1004 A2- como leproso mas nem todo mundo é né... e olha que eu andei ali/ tem muito nas
- 1005 A2- casas desse pessoal tem muita gente bacana/ tem muita gente de ( ) que era
- 1006 A2- empresário ali era gerente da TV lar lá na Colônia que a gente: eu e minha esposa
- 1007 A2- ajudemo/ trabalhamo lá, ajudamo lá eles... mas graças a Deus nunca pegamo doença
- 1008 A2- nem nada porque isso aí... só acontece quando tem que acontecer né por algum
- 1009 A2- motivo: aí eu... que que eu fiz... viemos pra cá/ essa casa aqui no Zumbi: ela morava
- 1010 A2- aqui: aí ela tinha um filho que morava lá na Colônia Antônio Aleixo/ ela passou
- 1011 A2- lá e gostou da nossa casa também nossa casa era 12X70 de frente/ de frente pro rio:
- 1012 A2- 100 de fundo era um sítio grandão... de tudo tinha ( ) era 6m assim de comprimento
- 1013 A2- e 2m de largura/ era pequeno velhinha velhinha... mas aí como eu tinha pegado uma
- 1014 A2- indenização boa no DB/ quando eu comprei comprei por 6 mil reais... cruzeiro né/
- 1015 A2- valia muito... então eu meu pai era pedreiro/ ainda tava vivo nesse tempo/ aí eu

- 1016 A2- comprei o material lá a gente levantemo fizemos um casarão lá: fiz uma varandona  
1017 A2- assim grandona que às vezes até os vizinhos se reúnem lá pra almoçar, deitar na  
1018 A2- varanda, ficar dormindo ((risos))... sempre a gente era assim eu e minha esposa  
1019 A2- sempre ajudemo alguém né/ quem precisasse de alguma coisa a gente ajudava... o  
1020 A2- pessoal precisava ali de ajuda ela corria ajudava o pessoal... no que ela po-di-a né  
1021 A2- porque às vezes não dava não dava... mas aí troquemo nossa casa assim eu indo pra  
1022 A2- lá e ela vindo pra cá por causa do serviço  
1023 P- No caso você foi pro Zumbi e a Sra. que tinha um filho que morava na Colônia  
1024 P- Antônio Aleixo foi pra lá  
1025 A2- foi pra minha casa lá que eu troquei com a dela  
1026 P- Tá certo  
1027 A2- Aí chegemo nesse dia RAPAZ tivemos um prejuízo tão grande... deu uma chuva/  
1028 A2- rapaz alagou tudo era água por dentro do telhado da mulher... molho/ perdi muita  
1029 A2- coisa lá mas...  
1030 P- E o que motivou você a fazer essa troca?  
1031 A2- Emprego... e:: era muito longe lá: e eu cansei de vim de pé de lá da Colônia pro  
1032 A2- Petrópolis/ atrás de trabalho e às vezes encontrava até corpos no chão... morto né...  
1033 A2- uma vinha andando tinha um lá enforcado 6 da manhã... sempre eu saia porque eu  
1034 A2- gostava mesmo de andar: e andando ali/ matavam muita gente lá que era mato nesse  
1035 A2- tempo/ era muita mata lá... isso aí é em 93 pra 94... aí eu cheguei lá/ assim  
1036 A2- ia passando e o camarada lá/ o cara tá bêbado essa hora até roubaram ele/ eu falei  
1037 A2- assim: mas que nada eu cheguei lá tava com dois tiros assim na cabeça, nas costas/  
1038 A2- os caras deram assim perto né que aí a bala não vaza fica assim... quando eu vi fui  
1039 A2- me embora segui meu caminho/ fui andando pra lá mas sempre era assim matavam  
1040 A2- muita gente ali... roubavam carro desmontavam ali mesmo/ uma vez uma família...  
1042 A2- metralharam uma família todinha lá dentro também nessa matas aí da Colônia: mais  
1043 A2- graças a Deus nunca me aconteceu nada nem comigo nem com minha família até  
1044 A2- então porque nesse tempo não existia a Universal porque eu sou da Internacional da  
1045 A2- Graça agora né... ( ) e a minha esposa ia lá para igreja de manhã era tão bom que  
1046 A2- aparecia lá taxista pra levar ela e trazer... e quando eu ia com ela os taxistas não  
1047 A2- aparecia: eu digo isso é: coisa de Deus mesmo rapaz: mais... quando eu/ às vezes a  
1048 A2- gente tinha culto a gente tinha que ir à noite... a gente ia de pé naquela estrada ali/  
1049 A2- não tem aquela outra estrada que corta dentro antes daquele retorno lá que desce  
1050 A2- por baixo da ponte lá ( ) a gente anda ali que sai no Armando Mendes... a gente ia

- 1051 A2- cedo 5 hora quando vinha 9 horas da noite a gente vinha com dois bebês no carinho
- 1052 A2- empurrando naquela escuridão a gente ia embora... nunca aconteceu nada graças a
- 1053 A2- Deus/ por isso que é bom a gente ( ) Deus porque às vezes/ ali é escuro porque o
- 1054 A2- pessoal não pode parar ali né/ às vezes de vez em quando parava um assim “bora
- 1055 A2- entra aí” montava dentro do carro já/ a gente/ a gente ia andando pra casa nunca
- 1056 A2- aconteceu nada a nem com nós nem com nossos filhos: só teve esses problemas que
- 1057 A2- aconteceu né: de adoecer: mas Deus curou tudinho... ainda tô aqui até hoje... então é
- 1058 A2- uma glória de Jesus
- 1059 P- Sr. A2 tem algo que o sr. sente fala?
- 1060 A2- Minha esposa né... porque até eu não consegui/ pra conseguir outra mulher assim...
- 1061 A2- MEU FOCO É O QUÊ estudar... que eu tô desempregado me qualificar arrumar um
- 1062 A2- emprego, um trabalho... e o meu filho também que ele possa terminar/ um já tá na
- 1063 A2- faculdade o... também já tem uma opção certa ele quer fazer/ engenheiro
- 1064 A2- civil né ( ) ele tá estudando já fez a prova da UEA já fez o Enem... até então ele
- 1065 A2- queria ser/ queria ser sargento do exército ale pagou/ o irmão dele pagou lá pra ele
- 1066 A2- fazer o curso... aí aconteceu um fato que ele disse que lá no: ( ) na Bahia não sei
- 1067 A2- onde um sargento lá não aceitava os deficientes... que ele tem a deficiência na mão
- 1068 A2- dele né: até então ele tinha também só que era no pé ele não andava/ só se arrastava/
- 1069 A2- mas também a mãe dele muita fé orando fez a campanha aí ( ) naquele tempo até o
- 1070 A2- prefeito que era o:: ((João Alfredo)) com a mulher dele tinham um associação ali no
- 1071 A2- Vieira Alves: sempre ajudava alguém com as botas.t.. com um ranho e tal/ e via até
- 1072 A2- a mulher dele até: arrumou uma bota pro... pra não arrastar muito o pé
- 1073 A2- né... Deus currou ele... hoje o pé dele tá... deficiência só na mão... joga bola, anda
- 1074 A2- direito... mas: MAS eu pego mais assim é com meus filhos entendeu porque eu já tô
- 1075 A2- com 50 anos com esses problemas de repente eu... parta daqui né: eles já estão
- 1076 A2- encaminhados entendeu e pra deixar eles encaminhados eu tô: outro dia eu tava
- 1077 A2- também/ águas do Amazonas veio cortar minha água aí tava dando vinte e quatro
- 1078 A2- mil... porque no dia em que minha esposa: que ele chegou lá que ele ( ) na casa: aí
- 1079 A2- então tinha lá só/ tinha o nome da mulher né: o que ela fez ela passou... todas as
- 1080 A2- dívidas da mulher pro nome dela e pagou cem reais... e foi lá ajeitar/ quando foi lá
- 1081 A2- ajeitar: aí já aconteceu esses problemas com ela... assim eu deixei de mão também
- 1082 A2- né... não resolvi mais nada aí trocou dessa água/ pra essa outra água/ Manaus
- 1083 A2- ambiental/ água de Manaus... aí foram lá cortar a água ‘rapaz vou cortar sua água/
- 1084 A2- vinte e quatro mil” e fora as multas de setecentos e não sei quanto: vai lá cortar... “e



1085 A2- você não vai lá” vou lá/ corte aí... “rapaz então o Sr. vai lá”... tá bom... que que eu  
1086 A2- fiz: fui logo correr lá pra Deus né: fui pra igreja orei tudinho/ pedi pra Deus/ eu não  
1087 A2- posso pagar/ o Sr. vai na minha frente resolver essa causa pra mim... porque eu não  
1088 A2- tenho condições de pagar isso daqui/ vinte e quatro mil/ e sabe que esses caras eles  
1089 A2- não to/ querem nem saber... o cara faz se não... eu disse até que luz nem tanto se  
1090 A2- cortar né mas a água você tem que tomar banho fazer suas necessidades lavar roupa  
1091 A2- sua higiene né: é mais... faz mais falta isso aí... aí eu fui lá levei o papel tudinho/  
1092 A2- atestado de óbito da minha esposa/ documento da casa tudinho aí cheguei lá/ Deus  
1093 A2- colocou uma moça lá tão legal que ela perguntou assim pra mim “poxa toda vez que  
1094 A2- você vem aqui/ vem só comigo” que sempre troca né/ quando perde a senha vai pra  
1095 A2- outro canto: eu disse é: Deus que amparou esse momento aí ela: “tá bom” ela pegou  
1096 A2- lá/ eu contei minha situação todinha/ assim, assim pra ela/ só que O:: eu não posso  
1097 A2- pagar estou desempregado/ tô com problema urinário: tenho uma pedra aqui: fígado  
1098 A2- com gordura/ gordura no fígado... aí ela disse “tá bom/ daqui seus documentos  
1099 A2- todinho/ dá as papeladas aqui” e foi lá com: chefe lá dentro... aí ela chegou lá  
1100 A2- conversou lá com ele explicou tudinho... olha o que que ele fez: descontou sessenta  
1101 A2- por cento... aí caiu pra oito mil reis/ até então que Deus é bom que ele também tirou  
1102 A2- todas as multas: não ficou nenhuma multa... aí parcelou em oitocentos e vinte/ cento  
1103 A2- e vinte vezes e eu pagando sessenta e cinco reais: fora o: que eu: o meu consumo de  
1104 A2- água né/ que ela parcela até enterrar os oito mil... até que eu comecei a fechar as  
1105 A2- torneiras tudo que tem um tanque enche lá... aí veio a primeira parcela/ aí tinha um  
1106 A2- parcela pendente que não deu pra... incluir/ então essa parcela vai chegar aí quando  
1107 A2- chegou deu trinta e nove/ aí como eu já tinha feito um bico/ eu vou fazendo uns  
1108 A2- biquinhos eu vou ajuntando: NÃO gasto: meu filho que bota lá/ então eu vou/ gasto  
1109 A2- meio assim só quando fica só eu e o... antes dele chegar já: vou lá pego o  
1110 A2- pão né... pra gente comer tomar café ir pro colégio/ quando a gente chegar merendar  
1111 A2- e janta... só isso aí: mais deu trinta e nove e meio a parcela/ aí eu cheguei lá: paguei/  
1112 A2- veio a segunda deu cento e quarenta já estava com dinheiro paguei agora essa agora  
1113 A2- aqui tá atrasada porque não deu pra mim ajuntar eu tô só com cem reais lá em casa:  
1114 A2- aí fata: dei cento e sessenta e quatro/ mas já tenho: um serviço pra mim fazer no  
1115 A2- sábado agora... até então já mandaram pra mim no celular né “ó vai fazer... ó: como  
1116 A2- é que eu posso lhe ajudar” aí eu falei lá tal... acho que segunda-feira eu já quito/ eu  
1117 A2- tava com doente/ tava meio doente e tal não deu pra... quitar essa parcela aí “tá bom  
1118 A2- eu espero” ( ) tá bom né... com a casa lá... e o trabalho dele é:: terceirizado/

- 1119 A2- terceirizado é de vez em quando sai né/ ele disse que já saiu muita gente mas ele
- 1120 A2- graças a Deus que... ele já vai até subir num cargozinho lá que ele passou um cargo
- 1121 A2- pra ele mas: mas não querem aumentar o salário entendeu/ eu digo mas tem que
- 1122 A2- aumentar mas é: ele já tentou pedir já 'eu trabalho faço coisa que não eram pra fazer
- 1123 A2- mas tem nego ((50 min)) lá que fica só escorado" eu digo não se preocupe com isso
- 1124 A2- não porque tem gente observado faça a sua parte, faz o seu trabalho
- 1125 P- E ele: ele terminou/ o seu filho o ensino médio?
- 1126 A2- Esse daí não/ ele terminou o fundamental e ele ia fazer a prova né/ essa prova aí pra
- 1127 A2- concluir o ensino médio né... só que agora ele tá trabalhando direto ( ) o...
- 1128 A2- vai puxar ele pra fazer as coisas/ que ele vai pagar curso pro... e vai fazer
- 1129 A2- também pra ele né: porque já era pra ele ter começado aí e já estar terminando junto
- 1130 A2- com a gente também porque ele terminou junto com o... né... o:: fundamental
- 1131 A2- pra ir pro ensino médio... graças a Deus que eu entreguei meus currículos/
- 1132 A2- entreguei pra ele/ o dele também a empresa chamou ele/ ele foi lá: Deus abençoou...
- 1133 A2- então é assim meu foco é: meus filhos né... EU:: se eu for ali/ eu tenho muito
- 1134 A2- conhecimento ali naquele Petrópolis/ vários pessoas/ tem muita gente ali muito
- 1136 A2- bacana que me ajuda em tudo né/ a hora que eu preciso às veze nem trabalho vou lá
- 1137 A2- manda entrar, manda almoçar toma aqui vinte pra sua passagem/ às vezes me dá até
- 1138 A2- cinquenta... não cobram nada... eu peguei pra terminar isso aí/ pra terminar meu
- 1139 A2- estudo/ me qualificar também terminar esse negócio aqui... para que eu possa
- 1140 A2- trabalhar porque minha área é conferência, promotor, estoquista de depósito eu já
- 1141 A2- conheço isso aí tudinho sabe de depósito isso aí
- 1142 P- E você pretende voltar a ter um emprego?
- 1143 A2- É:: aí eu tive agora na... na avon que fica ali perto da Intec que fica ali no coroadó/
- 1144 A2- descendo ali aquele prédio depois do posto de gasolina né aquilo ali é da avon então
- 1145 A2- estava pegando gente lá eu fui lá: era auxiliar de estoque: eu tenho na carteira tudo
- 1146 A2- mas não pegou porque eles queriam o certificado de logística... aí tem isso agora
- 1147 A2- também então eu quero terminar e fazer a faculdade de logística entendeu/ dois ano
- 1148 A2- né... que é pra mim pode/ porque eu gosto desse serviço aí sabe eu gosto: de fazer e
- 1149 A2- eu me dou bem... por isso que eu queria voltar a ativa né até mesmo por causa da
- 1150 A2- aposentadoria porque eu vou querer me aposentar daqui a pouco... chega não tem
- 1151 A2- nem o: tempo todo...
- 1152 P- Entendo... e você já viu alguma faculdade alguma coisa?

- 1153 A2- Ó: naquele dia fomos lá: na UNIP né... mais ali também fica muito contra mão pra  
1154 A2- nós/ do Zumbi ir pra Torquato né é muito ruim... mas o... ele quer o::  
1155 A2- engenheiro civil/ só que aí se ele for pra engenharia civil só que aí ( ) ali tem uma::  
1156 A2- engenharia mecânica então é tudo a mês é tudo ali/ os professores foram legal ainda  
1157 A2- deram conselho pra ele olha é assim, assim/ faz coisa... você entra na UEA depois  
1158 A2- pode vim: pra UFAM: ele disse “olha no começo é assim eu fui passei” hoje em dia  
1159 A2- ele é professor... ela já tem o salário dele ( ) o ônibus já queria sair né... foi embora  
1160 A2- pra cá era nove horas da noite/ mais sabemos tudinho ali... mas o pessoal foram  
1161 A2- bacana lá ( ) todo/ nesse tempo agora é bom que as faculdade eles abrem porta né/  
1162 A2- deixa o pessoal ir que é: pra... pra vê conhecer os:: onde é... se qualificar né... pois é  
1163 A2- ele queria ir/ mas ele também/ engenharia mecânica mas eu quero isso aqui... tem  
1164 A2- logística/ faz logística pega o certificado... e aí no terceiro ano né: e o fundamental  
1165 A2- que já vai fazer o superior né... fazendo logística né... aí é bom aí fica... eu/ ajudar  
1167 A2- meus filhos... a mãe dele pediu até hoje... E EU vou pra igreja ( ) da igreja vou pra  
1168 A2- casa/ da casa vou pro colégio do colégio pra casa só isso aí mesmo e eles também  
1169 A2- vão pra igreja e ficam lá em casa... só sai assim mesmo se for pra comprar alguma  
1170 A2- coisa... não sou de estar assim na rua/ nunca fui graças a Deus... é isso aí  
1171 P- Tá certo/ Sr. A2 eu vou encerrar aqui então/ agradeço a sua participação  
1172 A2- Obrigado... eu é que agradeço poder lhe ajudar né...





**APÊNDICE L - TABELA DE DESCRIÇÃO-INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (A2C)**

Data_18 / 11 / 2019__	Sim	Não	Sim Não	Observações
Você teve uma “boa” noite de sono?	X			
Você sonhou?	X			
Você se lembra do conteúdo desse Sonho?				
Havia pessoas conhecidas no sonho?		X		
Você reconhece os lugares onde esteve no sonho?		X		
Você já sonhou com esse conteúdo outras vezes?		X		
Existe algo nesse sonho que você não consegue lembrar?		X		
Esse sonho pode ser associado a algum acontecimento da sua vida?	X			
<b>Descrição (Conte seu sonho)</b>				
<p><b>Esse sonho: a um projeto de vida nesse sonho qui eu sonhem eu pedia a Deus qui ele mindece condições pra mim poder construir a minha casa é qui esse sonho vinhesi sirealizar 2018, só agora vai ser realizar naminha vida em 2019 U meu filho: Deus abriu uma porta de emprego para ele toda vez qui ele recebe ele ajuntava udinhero guardava no cofri ele ta com cinco mese empregado foi quando eli mindeu o dinheiro nas minha mão eu comprei tijôlo, areia, xeixo, e cimento eu fiquei tão feliz qui eu já comecei a construir a minha casa em nome Du Senhor Jesus esse sonho ser rellizou na minha vida.</b></p>				
<b>Interpretação (O que lhe ocorre em relação a esse sonho?)</b>				

## ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
1. Indicação dos falantes	os falantes devem ser indicados em linha, com letras ou alguma sigla convencional	H28 M33 Doc. Inf.
2. Pausas	...	não... isso é besteira...
3. Ênfase	MAIÚSCULAS	ela comprou um OSSO
4. Alongamento de vogal	: (pequeno) :: (médio) ::: (grande)	eu não tô querendo é dizer que... é: ou eu fico até:: o: tempo todo
5. Silabação	-	do-minadora
6. Interrogação	?	ela é contra a mulher machista... sabia?
7. Segmentos incompreensíveis ou ininteligíveis	( ) (ininteligível)	bora gente... tenho aula... ( ) daqui
8. Truncamento de palavras ou desvio sintático	/	eu... pre/ pretendo comprar
9. Comentário do transcritor	(( ))	M.H... é ((rindo))
10. Citações	“ ”	“mai Jandira eu vô dizê a Anja agora que ela vai apanhá a profissão de madrinha agora mermo”
11. Superposição de vozes	[	H28. é... existe... [você ( ) do homem... M33. [pera aí... você acha... pera aí... pera aí
12. Simultaneidade de vozes	[[	M33. [[mas eu garanto que muita coisa H28. [[eu acho eu acho é a autoridade
13. Ortografia		Tô, tá, vô, ahã, mhn